



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I
Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade

IVANDILSON MIRANDA SILVA

**“ LA CALLE, LA PLAZA, LA PALABRA”: EDUCAÇÃO POPULAR,
CONTEMPORANEIDADE E EXPERIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DAS MADRES
DE LA PLAZA DE MAYO**

Salvador, BA.

2020

IVANDILSON MIRANDA SILVA

**“ LA CALLE, LA PLAZA, LA PALABRA”: EDUCAÇÃO POPULAR,
CONTEMPORANEIDADE E EXPERIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DAS MADRES
DE LA PLAZA DE MAYO**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, do Departamento de Educação- Campus I, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para a tese de doutoramento sob orientação do professor Doutor Luciano Costa Santos.

Salvador, BA.

2020

IVANDILSON MIRANDA SILVA

**“ LA CALLE, LA PLAZA, LA PALABRA”: EDUCAÇÃO POPULAR,
CONTEMPORANEIDADE E EXPERIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DAS MADRES
DE LA PLAZA DE MAYO**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, do Departamento de Educação - Campus I, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para a tese de doutoramento.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Doutor Luciano Costa Santos – Orientador
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Carlos Eduardo Rebuá
Universidade Federal da Paraíba - Coorientador

Professora Dra. Stella Rodrigues dos Santos
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antônio Dias Nascimento
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Elizeu Clementino Souza
Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Tattiana Tessye Freitas da Silva
Faculdade Pitágoras de Eunápolis

Salvador, BA.

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

5586"

Silva, Ivandilson Miranda

"LA CALLE, LA PLAZA, LA PALABRA": EDUCAÇÃO POPULAR,
CONTEMPORANEIDADE E EXPERIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DAS

MADRES DE LA PLAZA DE MAYO / Ivandilson Miranda Silva. — Salvador, 2020.

267 fls.

Orientador(a): Luciano Costa Costa.

Inclui Referências

Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e

Contemporaneidade - PPGEDUC, Câmpus I. 2020.

Folha de Aprovação

Ivandilson Miranda Silva

“La Calle, La Plaza, La Palabra”: Educação Popular, Contemporaneidade E Experiência da Universidade das Madres de la Plaza De Mayo

FOLHA DE APROVAÇÃO

LA CALLE, LA PLAZA, LA PALABRA: EDUCAÇÃO POPULAR,
CONTEMPORANEIDADE E EXPERIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DAS MADRES
DE LA PLAZA DE MAYO

IVANDILSON MIRANDA SILVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e
Contemporaneidade - PPGEDUC, em 13 de julho de 2020, como requisito parcial
para obtenção do grau de Doutora em Educação e Contemporaneidade pela
Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Luciano Costa Santos
Prof. Dr. Luciano Costa Santos
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil

20.0001
Prof. Dr. Carlos Eduardo Zaleski Rebus
Universidade Federal da Paraíba - UFPA
Doutorado em Educação
Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil

Tatiana Tessa Freitas de Silva
Profa. Dra. Tatiana Tessa Freitas de Silva
Faculdade Pitágoras de Macelô - PITÁGORAS
Doutorado em Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil

Antonio Dias Nascimento
Prof. Dr. Antonio Dias Nascimento
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Sociologia
The University of Liverpool, LIVERPOOL, Inglaterra

Elizeu Clementino de Souza
Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Stella Rodrigues dos Santos
Profa. Dra. Stella Rodrigues dos Santos
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Doutorado em Educação (Psicologia da Educação)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Brasil

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos que se foram e estão o tempo todo presentes na memória:

- Minha mãe Dona Edna Miranda, que sempre se orgulhou da minha opção pelos estudos;
- Dona Maria Edina (mãe de consideração), com quem aprendi muito sobre fé na vida, fé no que virá.
- Professor Gey Espinheira, meu mestre e de uma geração, que foi grande inspiração para pensar sobre Universidade Popular. Obrigado por tudo.
- Aos filhos/as das Madres de Plaza de Mayo, que foram torturados e desaparecidos durante a ditadura civil-militar (1976-1983) na Argentina. Suas Madres honram suas histórias.
- Às mães/madres que se foram de todas/os amigas/os, elas nunca estão ausentes, vocês sabem disso!

AGRADECIMENTOS 1

Banca Examinadora: A sua composição foi extremamente necessária para este momento histórico.

Antônio Dias é um dos maiores especialistas em Educação Popular desse país. Sua experiência com os movimentos sociais e com a luta por democracia e educação pública gratuita e de qualidade, é respeitável pelo seu tempo de vida dedicado a essas bandeiras. Tê-lo na banca é mais que é um privilégio e um presente, seus conselhos e palavras sobre o texto foram de grande importância. Você habita a ordem do “sagrado acadêmico”, é uma categoria para além dos cânones; esse sagrado demonstra a transcendência da sua história na Universidade e na sociedade. Obrigado, mestre Dias.

A presença de Carlos Eduardo Rebuá vai além do seu trabalho sobre a Escola Florestan Fernandes e a Universidade das Madres de Plaza de Mayo. Quando convidado para participar da banca, Rebuá, de forma gentil e empática, aceita o convite e estabelece uma relação de solidariedade acadêmica, sempre respondendo questões e oferecendo apoio para pesquisa. Rebuá, a convite do meu orientador, torna-se coorientador e será um parceiro nesse processo. Intelectual preocupado e comprometido com a luta por outro mundo possível, se alimenta, sobretudo, do marxismo de Antônio Gramsci e Walter Benjamin. Muito obrigado, meu coorientador; seu gesto de acolhimento do meu trabalho demonstra toda sua grandeza acadêmica e humana, que nos faz acreditar numa universidade mais aberta, democrática, que partilha, além de teorias, valores e histórias de vidas de gente da gente. Agradeço de coração toda sua contribuição para este trabalho e guardarei gratidão por tudo que fez.

Elizeu Clementino é dos grandes nomes da Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia. Pesquisador de produção robusta, está sempre em movimento, sempre com um artigo, um livro, um congresso, um simpósio, sempre com muita ocupação acadêmica. Acompanhá-lo é difícil, seu tempo é o “pra ontem”. Quando este mestre demonstra interesse pelo meu trabalho e diz que queria estar em minha banca, tive dois sentimentos: o primeiro, de preocupação e o segundo, de satisfação. A preocupação foi diminuindo com o tempo, pois Elizeu abraçou a pesquisa e apresentou várias dicas para que o texto pudesse avançar, a satisfação aumentou quando esse mestre disse que foi às lágrimas quando estava lendo o trabalho para a segunda qualificação. Quando lembro daquele momento, fico muito emocionado. Mestre Elizeu, valeu a pena tê-lo na banca. O meu obrigado é cheio de gratidão.

Stella Rodrigues não é uma pessoa comum, é um evento lúdico-acadêmico-crítico-barroco, não peçam para explicar, apenas sintam isso na relação com ela. Quando do primeiro contato com essa mulher, na Especialização em Educação nesta Universidade, fiquei impactado com seu desempenho em sala de aula, sua memória, suas posições firmes e sua paixão pela Universidade Pública. Stella foi responsável por minha ida à Universidade Federal da Bahia para fazer mestrado e, em seguida, foi uma das primeiras a saber sobre o meu tema de pesquisa para o doutorado, numa reunião do grupo de estudos Pensamento e Contemporaneidade. Por isso, considero “Stelinha”, a forma carinhosa como Luciano Santos (orientador) a chama, uma mãe intelectual, pois teve e tem papel importantíssimo na minha formação. Tenho mais uma mãe na Bahia e não poderia faltar mãe na banca de defesa. Stella representa todas essas Madres e a força que elas carregam, e a humanidade que imprimem em

nós. Stella, mãe Stella, obrigado. Você também habita a ordem do “sagrado acadêmico”, o conjunto da sua obra é transcendente.

Tattiana Tessye, chega praticamente no apagar das luzes, quando recebo a informação da secretaria do nosso Programa de Pós-Graduação que teria que inserir mais um integrante externo na banca. Diante da notícia, não hesitei e logo comuniquei ao orientador Luciano Santos que aprovou a indicação. Tessye é uma presença afetiva nesse momento, pois tenho uma grande admiração pela sua práxis pedagógica que pude conhecer quando da sua atuação como professora na Faculdade Unime Salvador, o ambiente que fez de mim um professor universitário. Tessye foi uma referência para a minha docência nos cursos de Serviço Social e Pedagogia e tê-la na banca, avaliando o trabalho sobre as Madres de la Plaza de Mayo é uma honra e uma satisfação imensa. Temos uma mulher, mãe e intelectual comprometida com uma educação transformadora, insurgente e isso qualifica e aumenta o peso humano- ético desta defesa. Thaty, como costumo chamar e escrever, quero te agradecer por aceitar o convite e te agradecer por ter a oportunidade de vivenciar esse momento crucial da minha existência acadêmica, também, com você. Obrigado! Obrigado! Obrigado!

Luciano Santos, meu orientador, mestre, amigo, “humano, demasiadamente humano”, tenho a honra de ser orientado por essa pessoa impressionante. Todos (colegas do doutorado e do mestrado, e professores) dizem que fui iluminado por Deus por ser escolhido por Luciano para orientação. Agradeço todos os dias por essa oportunidade e pela sensibilidade de Luciano pela pesquisa. Embarcamos juntos nessa caminhada para conhecer a história das Madres de Plaza de Mayo e da Universidade Popular, e o mestre sempre com muita paciência e postura democrática sugeria leituras e análises sobre os temas discutidos. Luciano é um ser da partilha de saberes, do acolhimento do outro, do respeito às escolhas, ser de uma força espiritual enorme, e essa força torna sua presença harmoniosa na universidade e nos diversos espaços em que atua. Luciano é um patrimônio da nossa pós-graduação e sua orientação foi um momento de muito aprendizado e ganho intelectual e, sobretudo, humano. Obrigado, amigo mestre, continuaremos na luta por uma Filosofia Latino-Americana da libertação, por uma Educação e Universidade cada vez mais populares, por um Brasil profundo, por relações de gentileza que geram mais gentileza, que é a característica principal da sua ação quando encontra as pessoas. Seu abraço forte, seu olho no olho, sua escuta, são gestos da mais alta relevância para quem está imerso numa pesquisa acadêmica. Ubuntu, Gracias, Axé.

AGRADECIMENTOS 2

Agradeço essas páginas aos familiares, amigos, colegas professores, estudantes, acadêmicos e o público, que acompanham minha história:

- 1- À Associação das Madres de Plaza de Mayo, pelo acolhimento e gentileza por cederem um tempo importante das suas vidas para entrevista. Obrigado, Hebe de Bonafini, Presidenta da Associação, a conversa contigo durante mais de 1 hora é um marco histórico para mim, pois estive diante de uma das mulheres mais importantes e guerreiras da América Latina e do mundo. Foi um dos momentos mais emocionantes da pesquisa de campo. Obrigado, Sofia (secretária da Associação), pela atenção e por mediar a entrevista com Hebe. Obrigado, Paz (colaboradora da Associação), pela entrevista, suas informações foram relevantes para o trabalho. Obrigado, Madres.
- 2- À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pelo apoio material à pesquisa. Sem esse apoio, teria imensas dificuldades para realizar o trabalho de campo e chegar ao término da investigação. Muito obrigado, FAPESB.
- 3- Aos familiares, minha esposa Carla Maria, incansável, que esteve o tempo todo acompanhando meus escritos e não “arredava o pé” da sala enquanto eu não terminava os trabalhos diários da Tese. Muito obrigado por esse cuidado e atenção. Aos meus filhos Ian Kamal, Iuri Kalil, que faziam uma boa bagunça, mesmo na hora da escrita, e a Monã e seu filho Toninho, que estão sempre presentes.
- 4- À dona Maria (minha sogra) e dona Lourdes (melhor amiga da minha mãe), que são as minhas mães da Bahia, citadas na Tese com muita honra. As senhoras engrandecem o termo MÃE.
- 5- Obrigado aos estudantes e integrantes do Centro de Estudantes do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo. Obrigado, Adrian Dubinsky (Secretário de Relações Internacionais), que contribuiu sobremaneira com sua entrevista para a pesquisa, sua experiência como ex-aluno e hoje historiador foi muito significativa. Obrigado, Gastón Catroppi (Presidente do Centro de Estudantes), você foi de muita importância para que pudesse fazer as entrevistas na Associação das Madres, sem a sua mediação teria muitas dificuldades; obrigado por toda sua disponibilidade, por seu relato sobre o Instituto, por sua luta por dias melhores na Argentina. Você será um grande profissional na área de Trabalho Social. Valeu Hermanos, somos América Latina.
- 6- Aos colegas da turma de Doutorado 2016 (Antônio Neto, Iêda Rodrigues Balogh, Ivete Maria, Laís Reis, Maria Dalva Macedo, Maria Rita Santos, Marcus Ávila, Mille Caroline Fernandes, Eliana Menezes, Graziela Nink, Luciene Lessa, Marcos Paim, Michael Daian, Rita de Cássia Magalhães, Sara Menezes Reis, Aline de Oliveira Costa, Cristina Kavalkievicz, José Lúcio Muniz, Lilian Almeida dos Santos, Lúcia Pedreira, Mary Lucia Galvão, Silvia Letícia (Miguxa), Walter Von Czekus, Alicio Rodrigues, Danton Farias, Gerusa Pinheiro, Kátia Soane Araújo. Muito obrigado por conhecer vocês e fazer parte dessa honrosa turma.
- 7- Ao amigo José Eduardo Ferreira Santos, que sempre foi um referencial para mim e outros amigos, sua dedicação aos estudos nos estimulou e sua ajuda foi fundamental para minha entrada neste programa de pós-graduação. Nunca vou esquecer esse gesto. Muito obrigado.
- 8- Aos amigos com quem sempre conversava sobre a Tese, entre eles: a) Hamilton Queiróz, que tem uma história muito parecida comigo na pós-graduação, desde a

Especialização estamos juntos. Muito obrigado, amigo, por todo nosso esforço e diversos encontros e reuniões para estudar, estamos chegando aonde queríamos; b) Dourival Neto, que superou vários obstáculos para concluir o mestrado neste programa. Você é guerreiro, Dori, admiro sua luta; C) Moisés Batista, que desde a Pastoral de Juventude, passando pelo movimento estudantil da Universidade Católica e pelo curso pré-vestibular comunitário, estamos juntos e lutando por qualificação acadêmica. Muito obrigado por tudo, amigo, somos resistência; d) Andreane, pelas trocas de informações sobre sua pesquisa e a minha. Chegamos lá!; e) José Edmilson, companheiro de Pastoral de Juventude, com quem conversei sobre a relação do pensamento de Paulo Freire e Enrique Dussel. Abraços, Missinho.

- 9- Aos professores doutores Eduardo José Fernandes Nunes, Edite Faria e a turma da disciplina Educação Popular e Movimentos Sociais (Deja, Sales e Zorah [Amores feitos no grupo], Monalisa, Maria Maranhão, Paulo Souza, Geruza Che, Josias, Maria José, Gilberto, Rosa): aprendi muito com vocês e com todas as experiências das aulas, inclusive o caruru.
- 10- Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (Delcele Mascarenhas Queiroz, Gilmário Moreira Brito, Lívia Alessandra Fialho da Costa, Marcos Luciano Lopes Messeder, Mary Valda Souza Sales): o apoio de vocês nos fóruns, nas conversas espontâneas, foi fundamental para pensar melhor as questões da pesquisa. Obrigado.
- 11- Aos pacientes e prestativos trabalhadores da Secretaria do PPGEUDUC, Aline, Sônia e Betson, a atenção de vocês trazia tranquilidade para meu trabalho. Vocês são incríveis.
- 12- Ao grupo de Estudos Pensamento e Contemporaneidade (na pessoa da professora e orientadora do programa Sueli Ribeiro Mota Souza, que contribui muito com suas observações nas reuniões do grupo e nos acolhe com tanta amorosidade), aos integrantes do grupo (Laércio, Webert, Alexsandro, Gilcélia, Suelen, Marta, Joelson, Tati, Roberto, Silvia Velloso, Marcelo, Manuel, Yuri, Pétala Oliveira, Nivaldo, Sueli Lago, Bernardo, Lucas).
- 13- À Banda Periferia 1996 (Daniel Guitar Men, Fabio Batera, Clerisvan e Clérison Barbosa, Ronaldo Ceará e Antônio Sandro), companheiros que, além da banda, têm uma história comigo no movimento estudantil, no Partido dos Trabalhadores e no Grupo Resistência, incansáveis lutadores por uma sociedade mais justa.
- 14- Ao Grupo Resistência, ex-Grupo Geração Jovem 1987: Telma, Joelma Gal e Ana Vitória, essas meninas são referência em minha vida e a mãe delas (dona Maria Helena); Carlos (nosso primo do Rio de Janeiro), Liliane Pereira (a melhor advogada do campo que conheço, irmã de luta e fé), Daniela Palmeira (filha de dona Lourdes e afilhada da minha mãe dona Edna- mães da Bahia), mulher forte e guerreira.
- 15- Ao Grupo do Mestrado da UFBa 2010 (Ronan, Pedro, Fayga, Larissa, Egberto Palma, Gilmário, Renata, Ivana, Roberta, Mariana, Rodrigo, Nane, Lucas, Anina, Leonardo, Cecilia, Sarah, Lilian, Fernanda e Fernandinha, Xicco, Andrea).
- 16- A Francisco Lima, Bruno, Edvaldo, André e ao saudoso Alex Tilinho (Integrantes da Sociedade Recreativa SINDCDB).
- 17- Aos Amigos César Batista, Juliana Ribeiro e Sonora, que está chegando com muita luz e energia.
- 18- Aos amigos Renata (Natica, enfermeira da mais alta qualidade), Manu, Lucca e Paulinha (médica do povo), Lita (Angelita), Danilo, Vânia Leal, Evandro, Denilson, Eloá, Pota (Genivaldo), Genilson Miranda (Sinho) sempre presente nas horas que precisamos.

- 19- Ao Grupo Amigos Para Sempre, ex-núcleo Itapagipe da Força Socialista-PT 1991 (Daniel Bispo, Valtércio, Waléria, Cláudio Araújo, Wellington, Augusto Marvin, Rosimeire, Clarinha e João, Patrícia, Vânia Rita, Aline Rodrigues, Erivelton Nonato, Nildo).
- 20- Ao Grupo Melhores da Bahia, ex-Juventude do PT 1991 (Daniel Alem, Sandro Augusto, Jorge Macêdo, Juvenal de Carvalho, Carla Patrícia, Adilson Bela, Jean Otávio, Luiz e Nildão, Mônica Macêdo, Alex, Jonas, Marcos André, Jônei Cerqueira, Cristiane, Maurício Punk, Daniela, Andrea Ribeiro, Sandra Gama, Aristides, Maristela, Patrocínio, Márcia Vaquer e Marcinha, Luís Antônio [Papa], Gilson Moura, Fabiana Pacheco, Alessandro, Ari Ferreira, Hilton Coelho, Denílson, Eva Bulcão, Marivaldo, Fabiano, Adriana [Tiquinha], Raimundão).
- 21- Ao Grupo Bagunça Social (Tatiana Tessye [Elegância], Patrícia Vergasta [obrigado por tudo], Carla Castro [alegria], Evandro Livramento [seriedade], Wilmara Falcão [vontade de viver], Nilda Castro [solidariedade], Liana Arantes [é show!], Shirley Barbosa [ética]).
- 22- Ao Grupo Construir OUTROS500- movimento estudantil Universidade Católica 1999 (Valdeluce, Joceval, Alessandra, Jomário, Anderson Luís, Lilian, Flaviane, Fábio, Rosa Nonato, Samir, Tiago, Ângelo, Cláudia, Elton, Daniela, Toni, Iamara, Tarcísio, Paulo, Edemir, Alane, Gilcilene, Daniele, Aiane).
- 23- Aos amigos antes, durante e depois do Colégio Delta e da Unime Salvador (Maurício Castro, Luciana, Tati Reis, Hildete, Vera Eça, Jussara Ciuffo, Luciélma e Jeane, Carol e Helena, Celinha, Vânia Hermínia, Alan, Negreiros, Fabio Francês, Cláudia Conceição, Alane, Eduardo, Tiago César, Joaquim, Valdineide Baraúna, Sandra, Conceição Lopes, Cristina Hireche, Clélia [*in memoriam*], Zuleide, Vera Deccó, Thereza Olívia, Larissa Mega, Susã Lira e Isa Amado, Jefferson, Carla Cid, Bárbara Cabral, Luís Castro, Giuliano Galindo, Abigail, Leila [*in memoriam*], Jucélia, Roque Sanches, Airá Manuel, Gal Moura, Alice Porto, Constantino, Juliana Andrade, Juliana Martins, Orlando, Márcio Dórea, Maria Luiza, Gabriela, Cleyse e Júlio ABS, João, Dilma, Maria, Giliard, Paulo, Daniela Simões, Ednaldo, Igor, Jorge, Piauí).
- 24- Ao Grupo Comunidade Universitária, 2001 (Michele, Jackson, Ricardo Cabeça e Ricardo do Carmo, Márcio, Bira, Maria Carina, Elisângela, Luís Russo, Peterson, Jader, Grimaldo Zachariádhés, Carlos, Ivan Fortunato, Cristiane, Claudia, Marcos Santana, Eliene, Anna Kaufman, Soninha, Rosângela, Ana Maria, Antônio Profeta, Ivanildes Santana, Ivonise, Sandra, Itaylson, Nélia, Dona Vani, Padre Clóvis).
- 25- Ao Grupo de Barra de Jacuípe (Luís, Caroline, Bella, Joca, Neto, Luciano, Cica, Cristiano, Laércio e toda turma).
- 26- Aos amigos poetas (Marcos Venícios, Josué Ramiro, Sérgio Bahialista, Vanessa do Carmo).
- 27- Aos amigos do Grupo Geração Jovem e da Pastoral de Juventude do Meio Popular (PJMP), Iranildo, Frank, Gilberto, Jailton Aleluia, Raimundo, Adriano, Antônio, Fortunato, Gilcilene e Dinanci Barbosa, Cleonil, Xanda, Elisângela, Eufrásio, Nide, Conceição, Gilmara, Joseane, Luciano Palmeira, Claudio, Mário Sérgio, Sandra Bispo, Iracy).
- 28- Aos Irmãos Alexandre, Ivanildo, Márcio, Jonas e em especial: Tomas Bastos, que foi fundamental na minha criação, trabalhando muito e mantendo a casa. Obrigado aos sobrinhos Igor, Alana, Aline, Emanuel, Paulinho e à guerreira Vitória.
- 29- Ao casal brasileiro/argentino Cléa e Horácio. Obrigado pela atenção de vocês na noite de sábado em Buenos Aires. Gracias.
- 30- Aos alunos e alunas de todos os colégios, cursos e do Ensino Superior, com quem tive a honra de conviver. Obrigado.

**Todo homem [ser humano-grifo meu] precisa de uma mãe¹
[ZECA VELOSO, 2018]**

**Quando mama sai de casa
Seus filhos se olodunzam, rola o maior jazz
Mama tem calo nos pés
Mama precisa de paz
Mama não quer brincar mais
Filhinho dá um tempo, é tanto contratempo
No ritmo de vida de Mama
Mama África
A minha mãe é mãe solteira
[CHICO CÉSAR, 1995]**

**De todo o amor que eu tenho
Metade foi tu que me deu
Salvando minh'alma da vida
Sorrindo e fazendo o meu eu
Salve, salve essa nega
Que axé ela tem
Te carrego no colo e te dou minha mão
Minha vida depende só do teu encanto
O fardo pesado que levas
Deságua na força que tens
Teu lar é no reino divino
Limpinho cheirando alecrim
[MARIA GADÚ, 2009]**

**Ser mãe é desdobrar fibra por fibra os corações dos filhos
Seja feliz, seja feliz
[TORQUATO NETO/ CAETANO VELOSO, 2005]**

**Desde o dia em que eu perdi minha mãe
Eu me perdi de mim também
Perdi no mundo o que era o mundo meu
– minha mãe [NANDO REIS, 2009]**

**Deus é Mãe
E todas as ciências femininas
[PEDRO LUIZ/ELZA SOARES, 2018]**

**Minha mãe me deu a vida
E sempre ela me dará a vida
[CÉSAR LACERDA/JORGE MAUTNER, 2018]**

¹ . Ver carta ao amigo em apêndices.

A história de todos os países que floresceram e se desenvolveram e a história da sua cultura é, hoje, a história das suas universidades.
[Anísio Teixeira]

Num país como o Brasil, manter a esperança viva é em si um ato revolucionário.
[Paulo Freire]

A sapiência só pode ser encontrada nas experiências.
[Mãe Stella de Oxóssi]

RESUMO

SILVA, Ivandilson Miranda. **“La Calle, La Plaza, La Palabra”: Educação Popular, Contemporaneidade e Experiência da Universidade das Madres De La Plaza de Mayo.** Tese [Doutorado em Educação e Contemporaneidade] – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Departamento de Educação – Campus I, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 2020.

Esta tese estuda a Universidade das Madres de la Plaza de Mayo como prática de educação popular na contemporaneidade na América Latina. Nossa pesquisa se preocupou em entender a lógica político/epistêmica de organização dessa instituição. É importante destacar que, do ponto de vista do objetivo geral, buscou-se conhecer a experiência da Universidade das Madres de la Plaza de Mayo, que completa vinte anos em 2020, estabelecendo uma conexão de sentidos dessa práxis educativa com o conceito de educação popular na contemporaneidade. Por isso, a pergunta de partida da pesquisa é a seguinte: Em que sentido a Universidade das Madres de la Plaza de Mayo se constitui como uma iniciativa de educação popular na contemporaneidade? A pesquisa se utiliza do método fenomenológico e da entrevista narrativa como um dispositivo de produção e análise de dados para a pesquisa, produzida a partir das idas à Associação das Madres de Mayo, no mês de janeiro de 2019, em Buenos Aires, para conhecer a Associação e o trabalho realizado na Universidade Popular (hoje Instituto Universitário Nacional de Derechos Humanos Madres de Plaza de Mayo). A fenomenologia privilegia a descrição do sentido das coisas e não a explicação do fato. Aquilo que é percebido constitui um conjunto de intencionalidades significativas que possuímos das coisas, dos fenômenos. A Entrevista Narrativa se caracteriza por aprofundar aspectos específicos das histórias de vida do entrevistado, o qual remonta, a partir das suas memórias, aos acontecimentos fundamentais de sua história. A narrativa, sendo pensada como dispositivo de produção de dados/corpus para o método fenomenológico, nos direciona para a experiência, que será um conceito de grande importância para pensar a relação Fenomenologia e Entrevista Narrativa. A narração é uma experiência humana que se consolida através do relato, da lembrança que reconstrói um passado, uma particularidade. Faz-se necessário a discussão do conceito de experiência, pois não se compreende fenomenológica e narrativamente sem considerar a necessária relevância da experiência das pessoas. A experiência das universidades populares tem se constituído como possibilidade/realidade ante o processo do não (re) conhecimento e/ou legitimação do acesso da maioria da população pobre ao conhecimento científico/filosófico/social em suas dizibilidades contemporâneas. A expectativa com os resultados da pesquisa é que, a partir do cruzamento da experiência da Universidade Popular das Madres com as ideias de Paulo Freire e Enrique Dussel, possamos pensar/agir na perspectiva de uma educação libertadora que alimente possibilidades de se buscar um “outro mundo”.

Palavras-chave: Madres de Plaza de Mayo; Experiência; Universidade Popular; Educação Popular.

ABSTRACT

SILVA, Ivandilson Miranda. **“La Calle, La Plaza, La Palabra”: Popular Education, Contemporary and Experience of the University of Madres De La Plaza de Mayo.** Thesis [Doctorate in Education and Contemporary] - Postgraduate Program in Education and Contemporary, Department of Education - Campus I, State University of Bahia (UNEB), 2020.

This thesis studies the University of the Madres de la Plaza de Mayo as a practice of popular education in contemporary Latin America. Our research was concerned with understanding the political/epistemic logic of organization of this institution, it is important to highlight that, from the point of view of the general objective, we sought to know the experience of the University of the Madres de la Plaza de Mayo that celebrates twenty years in 2020, establishing a connection of meanings of this educational practice with the concept of popular education in contemporaneity. Therefore, the starting question of the research is the following: In what sense is the University of Madres de la Plaza de Mayo constituted as an initiative of popular education in the contemporary world? The research uses the phenomenological method and the narrative interview as a device of production and data analysis for the research, produced from the trips to the Association of the Madres de Mayo, in January 2019, in Buenos Aires, to get to know the association and the work carried out at the Universidad Popular (today Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos Madres de Plaza de Mayo). The phenomenology privileges the description of the meaning of things and not the explanation of the fact. What is perceived constitutes a set of significant intentionalities that we have of things, of phenomena. The Narrative Interview is characterized by deepening specific aspects of the interviewee's life stories, which go back, from his memories, to the fundamental events of his history. The Narrative, being thought of as a device for producing data/corpus for the phenomenological method, directs us to the experience that will be a concept of great importance for thinking about the Phenomenology and Narrative Interview relationship. Narrative is a human experience that is consolidated through the narration, the memory that reconstructs a past, a particularity. It is necessary to discuss the concept of experience because it is not understood phenomenologically and narratively without considering the necessary relevance of people's experience. The experience of popular universities has been constituted as a possibility/reality in the face of the process of (re)knowledge and/or legitimization of the access of the majority of the poor population to scientific/philosophical/social knowledge in their contemporary sayibilities. The expectation with the results of the research is that from the crossing of the experience of the Universidad Popular das Madres and the ideas of Paulo Freire and Enrique Dussel, we can think/act in a perspective of a liberating education that feeds possibilities of searching for "another world".

Keywords: Madres de Plaza de Mayo; Experience; Popular University; Popular Education.

RESUMEN

SILVA, Ivandilson Miranda. **"La Calle, La Plaza, La Palabra": Educación Popular, Contemporánea y Experiencia de la Universidad de Madres De La Plaza de Mayo.** Tesis [Doctorado en Educación y Contemporáneo] - Programa de posgrado en Educación y Contemporáneo, Departamento de Educación - Campus I, Universidad Estatal de Bahía (UNEB), 2020.

Esta tesis estudia la Universidad de las Madres de la Plaza de Mayo como una práctica de educación popular en la América Latina contemporánea. Nuestra investigación se preocupó por comprender la lógica político-epistémica de organización de esta institución, es importante destacar que, desde el punto de vista del objetivo general, buscamos conocer la experiencia de la Universidad de las Madres de la Plaza de Mayo que cumple veinte años en 2020, estableciendo una conexión de significados de esta práctica educativa con el concepto de educación popular en la contemporaneidad. Por lo tanto, la pregunta inicial de la investigación es la siguiente: ¿En qué sentido se constituye la Universidad de las Madres de la Plaza de Mayo como una iniciativa de educación popular en el mundo contemporáneo? La investigación utiliza el método fenomenológico y la entrevista narrativa como dispositivo de producción y análisis de datos para la investigación, producida a partir de los viajes a la Asociación de Madres de Mayo, en enero de 2019, en Buenos Aires, para conocer la asociación y el trabajo realizado en la Universidad Popular (hoy Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos Madres de Plaza de Mayo). La fenomenología privilegia la descripción del significado de las cosas y no la explicación del hecho. Lo que se percibe constituye un conjunto de intencionalidades significativas que tenemos de las cosas, de los fenómenos. Entrevista Narrativa se caracteriza por profundizar en aspectos específicos de las historias de vida del entrevistado, que se remontan, desde sus recuerdos, a los acontecimientos fundamentales de su historia. La Narrativa, al ser pensada como un dispositivo de producción de datos/corpóreos para el método fenomenológico, nos dirige a la experiencia que será un concepto de gran importancia para pensar en la relación entre la Fenomenología y la Entrevista Narrativa. La narración es una experiencia humana que se consolida a través de la narración, la memoria que reconstruye un pasado, una particularidad. Es necesario discutir el concepto de experiencia porque no se entiende fenomenológica y narrativamente sin considerar la necesaria relevancia de la experiencia de las personas. La experiencia de las universidades populares se ha constituido en una posibilidad/realidad ante el proceso de (re)conocimiento y/o legitimación del acceso de la mayoría de la población pobre al conocimiento científico/filosófico/social en sus sayabilidades contemporáneas. La expectativa con los resultados de la investigación es que a partir del cruce de la experiencia de la Universidad Popular das Madres y las ideas de Paulo Freire y Enrique Dussel, podamos pensar/actuar en una perspectiva de una educación liberadora que alimente las posibilidades de búsqueda de "otro mundo".

Palabras clave: Madres de Plaza de Mayo; Experiencia, Universidad Popular, Educación Popular.

TABELAS

Tabela 1	134
Tabela 2	173
Tabela 3	240

FIGURAS E FOTOS

Figura 1	73
Figura 2	119
Figura 3	129
Figura 4	133
Foto 1	110
Foto 2	126
Foto 3	135
Foto 4	152
Foto 5	158
Foto 6	160
Foto 7	161
Foto 8	163
Foto 9	164
Foto 10	167
Foto 11	171
Foto 12	182
Foto 13	189
Foto 14	191
Foto 15	194
Foto 16	196
Foto 17	258
Foto 18	259
Foto 19	260

Foto 20	261
Foto 21	262
Foto 22	263
Foto 23	264
Foto 24	265
Foto 25	266
Foto 26	267

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
Antes das Madres de La Plaza de Mayo, as mães da Bahia e as lutas no movimento social: Memorial do mundo da vida	21
A contribuição do trabalho para o programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	30
A pergunta norteadora e os objetivos da pesquisa	32
A Fenomenologia e o Método	34
A Entrevista Narrativa	37
O Conceito de Experiência	41
O Espaço Empírico	51
A Revisão de Literatura e o Estado da Arte	53
Um pouco de Práxis e Hegemonia em Vázquez e Gramsci	56
Os Capítulos	59
1.EDUCAÇÃO POPULAR E CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS	61
1.1.A educação popular, redemocratização e as mudanças desse período	64
1.2.Educação popular e o Brasil despedaçado: os impactos da crise política	71
1.2.1 A prisão do ex-presidente Lula e a greve dos caminhoneiros, o momento mais agudo da crise política no Brasil	77
1.2.2. A eleição presidencial, a derrota do campo democrático e o avanço da extrema direita	82
1.3.Educação popular e os movimentos sociais na atualidade	88
2.A EDUCAÇÃO, O POPULAR E A LIBERTAÇÃO: O PENSAMENTO LATINO-AMERICANO EM DIÁLOGO	95
2.1. As Bases do Pensamento Filosófico Latino-Americano: Breve histórico	95
2.2. Enrique Dussel e a Filosofia da libertação: O Pensar Criador dos Povos Latino-Americanos	110
2.2.1. Dussel, a cultura popular, o povo e o populismo	111
2.2.2. Filosofia latino-americana: A política e a libertação	114
2.2.3. A Ética da Libertação: A filosofia e “O-Outro”	116
2.3. Paulo Freire e a Pedagogia do Oprimido: Educação Popular como forma de libertação	119
2.3.1. Paulo Freire: Educação Popular e Transformação Social	120

2.3.2. A Pedagogia do Oprimido cinco décadas depois: A pauta da libertação ainda persiste	122
3. AS MADRES DE PLAZA DE MAYO: DIREITOS HUMANOS E RESISTÊNCIA COMO MARCAS DA LUTA	126
3.1. Antecedentes históricos: Do Peronismo à ditadura de 1976-83	127
3.2. As Madres e a Plaza de Mayo: Pelos hijos e pela democracia	135
3.3. O fim da ditadura e os novos desafios das Madres	146
4. UNIVERSIDADE POPULAR DAS MADRES DE PLAZA DE MAYO: UM RECORTE ENTRE 2000-2015	153
4.1. Da Universidade Moderna aos desafios contemporâneos	153
4.2. Universidade Popular: Conceituando e Conhecendo Experiências	157
4.3. A Universidade Popular das Madres: Surge o Saber da Luta	171
5. A UNIVERSIDADE DAS MADRES E SUA MUDANÇA PARA INSTITUTO UNIVERSITÁRIO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS	182
5.1. O Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos: Princípios, objetivos e estrutura político-pedagógica	183
5.2. A Universidade das Madres e as razões da transição para Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres De Plaza de Mayo (IUNMa)	187
5.3. A apropriação do Instituto das Madres pelo governo Macri: O fim ou o começo de uma outra história?	197
(In)Conclusões: A urgência das Universidades Populares no Brasil	205
(In)Conclusões II: Perspectivas Brasil/Argentina	210
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	214
DISCOGRAFIA	238
FILMOGRAFIA	239
APÊNDICE	240
APÊNDICE 1: TABELA ESTADO DA ARTE	240
APÊNDICE 2: QUESTIONÁRIOS DAS ENTREVISTAS [AMPM E IUNMa]	249
APÊNDICE 3: CARTA AO AMIGO	250
ANEXOS	251
ANEXO 1: DECRETO DE FUNDAÇÃO DA UPMPM	251

ANEXO 2: DECRETO DE FUNDAÇÃO DO IUNMA [INSTITUTO UNIEVRSITARIO NACIONAL DE DERECHOS HUMANOS “MADRES DE PLAZA DE MAYO	254
ANEXO 3: CARTA CONVITE REDE INTERNACIONAL DAS PERIFERIAS	256
ANEXO 4: FOTOS	258

INTRODUÇÃO

Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a. Paulo Freire (1978, p.1)

Esta tese estuda a Universidade das Madres de la Plaza de Mayo como prática de educação popular na contemporaneidade na América Latina e, sobretudo, visa demonstrar, a partir dessa instituição, a importância do conhecimento/saber em suas diversidades e práticas sociais como ciência produzida. A experiência das universidades populares tem se constituído como possibilidade/realidade ante o processo do não (re) conhecimento e/ou legitimação do acesso da maioria da população pobre ao conhecimento científico/filosófico/social em suas dizibilidades contemporâneas.

Tendo as perspectivas de práticas pedagógicas descolonizadoras no Sul e da educação popular, na Argentina, as Madres de Plaza de la Mayo² consolidaram, em 2000, a Universidade Popular das Madres como instrumento de construção de cidadania e de ciência enquanto conhecimentos e práticas sociais decoloniais³, anti-imperialista, cujas iniciativas se articularam na direção do estabelecimento das universidades populares, com o propósito de vincular a teoria e a prática como ferramentas sociais de/para os setores populares argentinos.

A construção dessa instituição de Ensino Superior voltada para os movimentos populares que estão fora das benesses do sistema capitalista, sobretudo do neoliberalismo, dialoga com as perspectivas teóricas-metodológicas dos debates sobre as epistemologias do Sul, as pedagogias descoloniais afrodiaspóricas e o campo da formação descolonizadora Sul-Sul enquanto saber democrático e diversificado, abrangendo uma “ecologia de saberes” que percebe o conhecimento como uma atividade de intervenção na realidade social, cultural, ambiental, política e humana, situada em determinado espaço.

² Em junho de 2015, ainda no governo da Presidenta Cristina Kirchner, a Universidade Popular das Madres de la Mayo se transformou no Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo, criado a partir da lei 26.995. O Instituto depende administrativa e economicamente do Ministério da Justiça e Direitos Humanos, e por sua característica, a oferta acadêmica se estrutura na área de formação profissional, investigação, produção e extensão no campo das ciências humanas e sociais com orientação em direitos humanos, e tem como princípio substancial a formação acadêmica integral em um todo harmônico com o regime democrático e republicano da República Argentina.

³ Para Benzaquen, “A ideia de propor uma ciência descolonial surge de um grupo de latino americanos que verificam algumas ‘falhas’ na teoria pós-colonial. O que parece uma simples alteração de prefixo, acarreta uma nova significação. O ‘pós’ pressupõe um depois de algo, o ‘des’ significa um desejo de pôr fim a colonização que acabou enquanto relação política, mas não enquanto relação social e que é parte constituinte da modernidade.” (cit.p.04).

A Universidade, no século XXI, ainda reforça/traz o ranço de produções de conhecimentos especializados, de produções culturais universais e conhecimentos instrumentais a serviço da formação de mão de obra qualificada por meio do tripé: Ensino, Pesquisa e Extensão. Contudo, as demandas sociais, em suas diversidades e interculturalidades, desmitificaram a colonialidade do saber, de reprodução de conhecimentos e significações das culturas europeias e norte-americana, como uma sedução de acesso ao poder e conhecimento como regulação. (QUIJANO, 1992; SANTOS, 2002)

A concepção da Universidade das Madres de la Plaza de Mayo possibilita uma universidade das ideias socioculturais, para além da formação de mão de obra qualificada e conhecimentos instrumentais. Diante desse contexto, as universidades populares constituem ações ancoradas na perspectiva de um “outro mundo”, de um outro *modus* de saber e de viver na interculturalidade de conhecimentos horizontais, que não são separados da prática social e política. Nessa pesquisa, que se preocupa em entender a lógica político/epistêmica de organização dessa instituição, é importante destacar que, do ponto de vista do objetivo geral, buscou-se conhecer a experiência da Universidade das Madres, estabelecendo uma relação entre a práxis educativa dessa iniciativa e o conceito de educação popular na contemporaneidade.

Antes das Madres de La Plaza de Mayo, as mães da Bahia e as lutas no movimento social: Memorial do mundo da vida⁴

Alagados, “favela da maré”, canta a banda Paralamas do Sucesso (1986). Essa área, conhecida como a primeira ocupação em cima d’água da América Latina, surge em Salvador, Bahia, no final da década de 1940. A principal característica desse tipo de moradia são as palafitas. Para Espinheira (2006, p.58):

A morada em palafita construída sobre a maré na Baía de Todos os Santos consiste em um artifício habitacional de utilização inadequada do espaço aquático, que flagra nitidamente a precariedade da política habitacional do Estado da Bahia; explicita, por outro lado, a pobreza extrema de parte da população operária de Salvador.

Em meio a essa pobreza extrema dos Alagados, no ano de 1973, precisamente dezembro, nascia este que escreve esta tese sobre Universidade Popular, sobre as Madres de

⁴. O conceito de “mundo da vida” (*Lebenswelt*), surge no pensamento de Edmund Husserl com o sentido de mundo da experiência. Para Missaggia (2018, p.193), “O mundo da vida, portanto, diz respeito ainda à vida partilhada com outros sujeitos, na qual todos atuam como pertencentes a um mundo comum.”

Plaza de Mayo, sobre luta por democracia, por educação de qualidade e crítica, por Filosofia da Libertação⁵, por pedagogia da esperança, no sentido pensado por Enrique Dussel (1977) e Paulo Freire (1992), respectivamente.

Filho de Dona Edna (a primeira mãe), popularmente conhecida como professora ou delegada, mulher forte, que chega em Alagados nos anos 1960 com os seus dois primeiros filhos (Jonas e Tomas), fruto do primeiro casamento. Praticamente abandonada pelo primeiro esposo, tem que criar os filhos e, nessa trajetória, trabalha num chafariz que distribuía água potável para a população local e ainda, mesmo tendo estudado até a 4ª série do ensino fundamental, ensina as crianças a ler e escrever e, também, faz leitura em voz alta de jornais para os adultos que não eram alfabetizados. Dona Edna parte para o segundo relacionamento e, mais uma vez, engravida (de Alexandro), e será abandonada novamente pelo seu parceiro. Terá um terceiro relacionamento, do qual resulta o meu nascimento e do caçula Ivanildo.

Meu Pai Cícero era muito jovem na época – tinha apenas 17 anos quando eu nasci –, e minha mãe já passava dos trinta anos de idade. Logo após a vinda do caçula, eles se separam. Aos 22 anos, numa noite de 24 de dezembro de 1978, véspera de Natal, quando trabalhava como vigilante, Cícero foi surpreendido num assalto e acabou sendo brutalmente assassinado. Perco o pai aos 5 anos de idade e a mãe será o maior referencial da minha formação. Essa mãe forte, com cinco filhos, acolhe por adoção o menino Márcio que será o meu quinto irmão. Agora tem que se responsabilizar por seis filhos e vai à luta, pois mãe não abandona nunca a sua cria.

Essa mulher guerreira viveu até 2005 e seu legado é importante, pois mostra a força da mulher. Talvez isso explique o porquê de ter escolhido o tema Madres de Plaza de Mayo como tese de doutoramento. Essa é primeira mãe da Bahia, aquela que me trouxe à vida e me lançou no mundo.

A segunda mãe é outra “Edna”, ou melhor: Maria Edina, mulher de grande espiritualidade, que conheci através da luta do movimento estudantil secundarista na década de 1990. Maria Edina é mãe de um grande companheiro de luta (Erivelton Nonato), hoje doutor em Letras e professor da Universidade do Estado da Bahia.

Frequentando a casa desse grande amigo, conheço a força espiritual dessa mulher generosa, que sempre foi muito atenciosa comigo e uma referência para o reestabelecimento

⁵. “Saber teórico que, nascido na América Latina, busca articular-se à práxis da libertação dos oprimidos. A partir de um recorte histórico, mostra que a busca pelo conhecimento é preocupação sempre presente na Filosofia, chegando aos dias de hoje, pautado pela Filosofia da Libertação no continente latino-americano, mas atrelado à superação de todas as opressões, engajado na construção do humano, contribuindo na construção de processos educacionais libertadores.” (SEZYSHTA, 2011, p. 1).

da minha relação com a fé, uma fé na vida, na força ética das pessoas, fé de que estamos no mundo para fazer algo que seja benéfico para o próprio mundo, para a pessoa humana, para a natureza, para o “Bem Viver”⁶, para que tenhamos Deus como transformação existencial da essência do eu e do outro. Essa experiência profunda demarcou minha espiritualidade, e Maria Edina contribui como uma espécie de bússola para a consolidação dessa relação com o sagrado, com o mistério da vida. Infelizmente, em junho de 2017, perdemos essa mulher, mãe, mas sua lembrança é presente.

A terceira mãe é Dona Lourdes, a amiga mais próxima da minha mãe primeira. Essa mulher extraordinária, mesmo tendo seus filhos para dar conta, sempre acolheu os filhos de dona Edna com muito carinho e amor. De Dona Lourdes pude aprender a ter paciência, tranquilidade, a pensar que, mesmo a vida com tanta confusão, tantos caminhos e possibilidades, é preciso ter calma para encontrar o melhor atalho. Fui buscando esses atalhos e sabia que Dona Lourdes, de uma forma ou de outra, sempre tinha conhecimento do que estava fazendo.

Essa grande mãe foi fundamental nos primeiros anos de minha vida, pois passava muito tempo em sua casa com seus filhos, grandes amigos que tenho ainda hoje e fui fortemente influenciado por suas palavras e ensinamentos. Um deles foi fundamental: o de que temos (nós da classe trabalhadora) que vencer na vida, temos que lutar o tempo todo para conquistar um espaço na sociedade com dignidade. O que digo é que nós estamos vencendo, e esse doutorado é fruto dessa vitória. Dona Lourdes é mais uma mãe referência em minha vida.

A quarta mãe é Dona Maria, minha sogra, mulher extraordinária, pela sua bondade, pela sua solidariedade com as pessoas. Dona Maria tem como grande característica acolher o outro, amar o outro, fazendo justiça ao preceito bíblico (João 13,34-35): “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Mulher guerreira, também terá que criar suas filhas sem o apoio do esposo, que some logo após o nascimento da segunda filha, Carla, minha esposa; cumpre firmemente seu papel de mãe, que, aliás, como tantas mulheres brasileiras, também supre a ausência do pai.

Essas mulheres são exemplos para todos, pois não desistem da sua missão de educar os filhos e ainda fazem um duplo papel. No Brasil e no mundo, temos diversas “Marias” que mantém a família, mesmo enfrentando as dificuldades do processo. Essa quarta mãe é mais

⁶. O Bem Viver é uma filosofia de vida que abre as portas para a construção de um projeto emancipador. Um projeto que, ao haver somado histórias de lutas, de resistência e de propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências locais, às quais deverão somar-se contribuições provenientes de diversas latitudes, posiciona-se como ponto de partida para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis. (ACOSTA, 2016, p.40)

um exemplo de que as mulheres são seres de uma grandeza para além do imaginável, são pessoas de outra dimensão, a dimensão do impossível, do improvável, do amor verdadeiro que acolhe sem esperar recompensas. A palavra “mãe”, por essa experiência quádrupla, me remete ao plano da excepcionalidade, do humano no sentido mais pleno da palavra.

Assim, também, as mães contribuíram, de uma forma ou de outra, para que pudesse sair das palafitas para a universidade, sobretudo para a universidade pública e para um doutorado, que não é algo fácil, como sabem tantos outros que, como eu, fizeram esse percurso cheio de desafios e intempéries.

A luta diária e a crença de que é possível tornar sonho em realidade, promovem a ação de milhares de pessoas que nascem nas periferias do Brasil, para a concretização de suas aspirações, de suas utopias, de seus projetos de vida. Ainda é preciso sonhar, não se pode matar o sonho de uma vida melhor na consciência do povo: “sonho que se sonha junto, é realidade”, como anuncia Raul Seixas (1974), de forma provocadora, em sua canção.

Sonhando, então, fui “Tocando em Frente”⁷ as manhãs, as tardes, noites e dias de lutas por sobrevivência, nos primeiros anos de vida, e me engajando em movimentos sociais para poder pensar criticamente o mundo. Aos quinze anos, em 1987, ingresso no grupo Geração Jovem da Igreja Católica Nossa Senhora dos Alagados, a famosa igreja que foi inaugurada pelo Papa João Paulo II. Neste período, pude conhecer a Teologia da Libertação⁸, que apresenta um conjunto de novas ideias para a ação do cristão no mundo e, sobretudo, na América Latina. É a partir da Teologia da Libertação que começo a participar das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), ainda no final dos anos 80 do século XX. Começo, então, a fazer composições para os festivais de música da Pastoral da Juventude, e esse ambiente político-religioso-cultural foi importante para a formação crítica de muitos jovens da década de 1990.

Essas experiências vão contribuir de forma decisiva para minha formação e militância, pois a influência de pessoas religiosas em minha vida, como Leonardo Boff, Frei Betto, Dom Hélder Câmara, Irmã Dulce, Irmã Gisele, Padres Bernardo (Paróquia de Alagados), Clóvis (Paróquia de São Jorge) e Joaquim Kamau (Paróquia de Plataforma e fundador da Pastoral Afro em Salvador), será fundamental para pensar o agir no mundo numa perspectiva mais ética. A Igreja Católica em sua dimensão progressista constitui a primeira influência da minha prática existencial e intelectual.

⁷. Música de Almir Sater e Renato Teixeira (CD AO VIVO -1992).

⁸. “A Teologia da Libertação é um movimento sócio eclesial que surgiu dentro da Igreja Católica na década de 1960 e que, por meio de uma análise crítica da realidade social, buscou auxiliar a população pobre e oprimida na luta por direitos.” (CAMILO, 2011, p.1)

No início dos anos 1990, vem a experiência com o movimento estudantil secundarista no Colégio Estadual Presidente Costa e Silva. Infelizmente, a Ditadura Militar (1964-1985) criou várias escolas com nomes de ditadores e acabei estudando em uma dessas. Fui convidado para participar das reuniões que fundariam o Grêmio Estudantil desse colégio. Particpei da primeira gestão (1991/1992) como secretário de esportes, e essa atribuição política foi importante para entender o que era uma entidade estudantil e suas possibilidades de luta, inclusive na pasta de esportes. Na segunda gestão (1992/1993), fui secretário de organização e também fiz parte da direção da União Municipal dos Estudantes Secundarista (UMES).

Era época do Fora Collor, movimento que resultou no impeachment desse presidente, instaurando-se em seguida uma aliança política entre PSDB, PFL (atual Democratas) e PMDB, a qual governaria o país até o início do século XXI, com um receituário neoliberal que promove as privatizações, sobretudo, do setor de comunicação, dos bancos estaduais, da Vale do Rio Doce, assim como a quebra do monopólio estatal do petróleo e a aprovação da emenda da reeleição, que renova o mandato de Fernando Henrique Cardoso de 1998 até 2002. Nesse momento (em 1991), conheço militantes do Partido dos Trabalhadores (PT) que atuavam na juventude do PT e, como era de praxe na época, fui chamado para participar das reuniões do partido e de um processo de debates para possível filiação. Nesta fase do Partido dos Trabalhadores, ainda tínhamos as correntes de pensamento que defendiam caminhos para o Socialismo, cada grupo com a sua perspectiva. A tendência que conheci ou chegou primeiro a mim, foi a Força Socialista, grupo de pensamento marxista/leninista⁹ que atuava no Partido dos Trabalhadores no campo revolucionário, pois o debate sobre reforma e/ou revolução era intenso naquele momento inicial do partido.

Na perspectiva reformista, discutiam-se as transformações graduais no sistema do capital, sem rupturas em direção ao Socialismo; na via revolucionária, apresentava-se uma proposta de ruptura radical com o modo de produção capitalista. Segundo Rocha (1999, p. 38):

A única revolução social possível com a transformação das relações de produção e de poder é a derrota decisiva da burguesia, a refundação do Estado sob a primazia e a direção dos trabalhadores, o fim do capitalismo

⁹. As organizações de pensamento marxista/leninista que atuavam no Partido dos Trabalhadores (PT), apresentavam a tese de formação de uma “Vanguarda Revolucionária”, a “Ditadura do Proletariado” e o “Centralismo Democrático” como características preponderante. São exemplos de organizações desse período que atuavam dentro do PT, na década de 1980: A Organização Comunista Marxista Leninista – Política Operária (OCML - PO), conhecida como Nova Polop; O Partido Revolucionário Comunista (PRC); e O Movimento Comunista Revolucionário (MCR), que deu origem à Força Socialista em 1989.

nos segmentos chaves da economia e o início da transição socialista. Tal é a questão decisiva e incontornável que desafia os pioneiros sociais.

Essa discussão em torno das possibilidades para a construção do Socialismo animava muitos militantes, sobretudo, a juventude, que, agora, percebe-se que era a última juventude do século XX, pois estávamos entrando num “novo começo de era”, como canta Lulu Santos (1982). A juventude da década de 1990 era um grupo social de transição, que sairia de um século e entraria em outro com responsabilidades de encarar as questões emergentes nesse período, algumas das quais estamos abordando nesse trabalho, como: educação popular, movimentos sociais, universidade, democracia, resistência ao neoliberalismo, um outro mundo possível.

Após a entrada no Partido dos Trabalhadores e a participação no movimento secundarista, entre 1994 e 1996, tive uma experiência como funcionário do Sindicato dos Músicos do Estado da Bahia. Dentro dessa estrutura, pude perceber o quanto a instituição sindical no Brasil estava carcomida por interesses individuais e não coletivos. O sindicato se transformou numa espécie de espaço apropriado por grupos de interesses que respondiam a partidos políticos de esquerda, mas a prática feria as entranhas de uma teoria que pensava um sindicalismo de classe, representante dos trabalhadores. Essa constatação apontava para um futuro desafiador para os setores progressistas da sociedade, pois o sindicalismo já se apresentava como um problema político a ser enfrentado por aqueles que defendiam uma sociedade menos desigual. A questão é que esse problema persiste até hoje e, cada vez mais, o sindicato se enfraquece diante de um neoliberalismo que abocanha as conquistas da classe trabalhadora, a exemplo da “Temerária” Reforma Trabalhista.

Em 1996, entro na Universidade Católica de Salvador para estudar Filosofia, curso que tinha muita vontade de conhecer. Todos deveriam em algum momento da vida estudar Filosofia, pois é um saber que, embora pareça sem utilidade para os que estão inseridos na sociedade de consumo, tem um sentido decisivo para os que, para além do viés utilitarista, estão comprometidos com o pensamento crítico e transformador.

Na Universidade Católica, após dois anos (1996-1998) militando na juventude do Partido dos Trabalhadores e não tendo condições para atuar no movimento universitário, aceitei o desafio de participar da chapa “Filosofar é Preciso” para as eleições do Centro Acadêmico, e fomos vitoriosos. Começava, neste momento, a militância no movimento estudantil universitário. Em 1999, formamos um grupo com vários centros acadêmicos e ganhamos as eleições para o Diretório Central dos Estudantes (DCE), com a chapa “Construir,

Outros 500”¹⁰. Foram dois anos intensos de luta e aprendizado, até a saída da universidade em 2000.

Ainda na década de 1990, precisamente em 1996, em conjunto com alguns amigos (Clerisvan, Paulo, Ronaldo Ceará, Ivanildo e Laudelino), formamos a Banda Periferia que teve o papel de reunir jovens da região dos Alagados que queriam fazer música e participar do ambiente cultural da cidade. A Banda Periferia tinha um repertório marcado por músicas de crítica social e passou por várias mudanças. Nos anos 2000, com nova composição (Antônio Sandro, Clerisvan, Fabio, Daniel, Cleriston, Paulinha, Vanessa, Jonathan, Laudelino, Ronaldo Ceará), a banda continua seu processo criativo e faz apresentações públicas na cidade do Salvador, e manda seu recado sobre as problemáticas político-sociais que tanto incomodam a vida em comunidades. Hoje, a Banda Periferia tenta promover alguns ensaios e encontros e mantém em sua formação os integrantes: Fabio (Bateria), Clerisvan (Contrabaixo), Daniel (Guitarra), Sandro (Voz e violão) e Ivandilson (Violão).

Uma das composições mais marcantes da Banda é a música América, feita a partir da crítica aos efeitos do Plano Real (1994), e que tem o seguinte trecho:

Não sei o que falar da América, da América do Sul,
O povo todo massacrado, lesado e roubado,
Não sei o que falar da África, África do Sul,
Que foi invadida pela Europa,
Que impôs o seu jeito, matou muito negro
E a fome venceu
Não sei o que falar do povo brasileiro,
Vivendo em miséria, morando em favela,
O pesadelo real.
O que você vai fazer? (Antônio Sandro, Ivandilson Miranda, 2000)

Em 2001, com a conclusão da graduação, tendo que adentrar o mercado de trabalho, início a carreira docente que, até então, só tinha sido exercida através de estágio remunerado, em 1997 no Colégio Luís Tarquínio e, em 1999, no Colégio Leonor Calmon (hoje colégio militar). Passei por algumas escolas e colégios particulares nesse período, até chegar em 2004 na Faculdade Delta, hoje Unime Salvador. Trabalhei inicialmente nos cursos de Administração, Contábeis e Psicologia; atualmente, pertenço ao quadro de professores dos cursos de Serviço Social e Pedagogia. Ainda não ingressei no serviço público.

Ainda em 2001, deixo a militância do Partido dos Trabalhadores por questões ideológicas, pois percebia que o partido não era mais uma alternativa para a transformação

¹⁰. Faziam parte desse grupo político na Universidade Católica do Salvador: (Tarcísio (Economia), Samir (Ed. Física), Anderson Luís, Elton Carlos, Toni, Iamara Andrade, Vanessa, Fabio, Edemir (História) Valdeluce, Rosa Nonato, Gilcilene, Aiane, as Danieles (Serviço Social), Lilian, Flaviane, Angelo, Claudia (Pedagogia), Moisés Batista, Daniel, Joceval, Jomário, Josué, Paulo (Filosofia), Mona (Direito), Dourival Neto (Música).

social no formato revolucionário, como defendia. A tese da reforma foi se agigantando e, em 2002, o partido consolida uma aliança com setores da burguesia, com a dobradinha PT-PL, Lula presidente e José Alencar, vice. Além dessa composição e da possibilidade de atração do PMDB e outros partidos de direita, o PT, através de Lula, apresenta a Carta aos Brasileiros, uma espécie de declaração para os setores do mercado de que o governo petista não tocaria em questões que produzissem alguma celeuma entre capital e trabalho, entre classe trabalhadora e burguesia. O governo petista tentaria fazer um grande pacto para a governabilidade, e esta seria positiva para ambos os setores, até certo momento.

Segundo Mesquita, Nery e Oliveira (2007, p.14), na carta aos brasileiros:

Lula se comprometia claramente – em resposta aos temores difundidos – a dar ênfase à questão econômica, a desenvolver uma gestão fiscal “responsável”, a priorizar o “controle da inflação”, a “respeitar os contratos” nacionais e internacionais, a promover a “produção” e incentivar as “exportações” em busca de ampliação do “mercado internacional”. Para muitos atores e analistas a Carta representava, também, um “recado” para as tendências mais à esquerda, dentro e fora do PT, de que o governo Lula não realizaria transformações substanciais no modelo econômico.

A saída do Partido dos Trabalhadores e o final da Graduação trouxeram algumas reflexões importantes, que me impulsionaram a tomar decisões e iniciar novos caminhos acadêmicos. Era necessário investir no aperfeiçoamento intelectual e profissional, aspecto que me conduziu a ingressar no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que oferecia o curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior. É preciso destacar nesse curso o papel da professora Stella Rodrigues, como provocadora de um debate sobre a universidade e a importância da docência. Stella foi uma grande referência acadêmica neste momento da pós-graduação.

Após concluir o curso de especialização na UNEB em 2003, ingressei na pós-graduação da Universidade Federal como aluno especial das disciplinas Teoria Pós-Moderna I e II e Sociologia das Emoções, ministradas pelo saudoso professor Gey Espinheira. Estas disciplinas, além de ampliar meus conhecimentos a respeito dos temas em questão, influenciaram decisivamente os rumos da minha formação acadêmica, fazendo com que eu me definisse pelos estudos em Sociologia das Emoções no Mestrado em Cultura e Sociedade na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Ainda na perspectiva da Educação Popular, fui um dos criadores, em 2001, do Cursinho Pré-Vestibular Comunidade Universitária¹¹, localizado na comunidade São Jorge,

¹¹. Essa iniciativa de Educação Popular foi criada com a colaboração dos amigos do grupo jovem da igreja Católica da década de 1990, de ativistas do movimento Social e moradores da comunidade de Alagados. Entre

no Jardim Cruzeiro, Cidade Baixa. O curso, com o tempo, transformou-se numa Associação Cultural, Educacional e Ambiental Comunidade Universitária. Esta instituição contribuiu para aprovação de cinquenta e dois jovens dos bairros de Jardim Cruzeiro, Uruguai e Massaranduba (no passado, conhecido como Alagados). Esses jovens foram aprovados em diversos cursos nas universidades públicas e particulares, como: Pedagogia na UFBA, Serviço Social na UCSal, Psicologia na FTC, Direito na UFBA, Administração na UNEB, História na UCSal, Biologia na UFBA, Pedagogia na Olga Mettig e cursos técnicos no IFBA. Os estudantes que passavam nas universidades particulares tinham acesso aos créditos e bolsas como FIES e ProUni. É no trabalho nessa instituição que surge o debate sobre a criação da Universidade Popular, a partir do modelo argentino das Madres da Plaza de Mayo. Nesse projeto de educação popular, exercia as atividades de coordenador administrativo e professor de Atualidades. O projeto findou suas atividades em 2009.

O ingresso na Pós-Graduação (*stricto sensu*) marca o início de mais um capítulo da minha história acadêmica. Ele aconteceu no ano de 2010, pois tinha passado muito tempo envolvido com o trabalho do projeto Comunidade Universitária. Participei da seleção do mestrado, com o anteprojeto intitulado “A Cultura Amorosa no Século XXI: Estudo Sobre Livros de Autoajuda Como Manuais de Conquista e Relacionamentos”.

A entrada no mestrado foi uma experiência extremamente prazerosa e estimulante, como se eu tivesse sido aprovado em um novo vestibular, porém muito mais exigente e rigoroso: era o prenúncio de um tempo em que enfrentaria vários desafios e, por isso, deveria ter disciplina, determinação e disposição para estudar. A partir daí, passei a vivenciar, de maneira mais efetiva, as atividades acadêmicas e, além disso, participei do cotidiano universitário apresentando trabalhos nas sessões de comunicação em diferentes encontros, seminários e eventos desta natureza. Estes trabalhos, elaborados por mim e orientados pelo Professor Doutor Igor Rossoni, resultaram em diferentes atividades acadêmicas e colaboraram significativamente com a minha formação acadêmica e profissional.

Após o mestrado, reencontro integrantes do projeto Comunidade Universitária e renovamos a discussão sobre a Universidade Popular. Em fevereiro de 2014, criamos um grupo de trabalho, localizado no SOFIA Centro de Estudos, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, que discute a construção da primeira Universidade Popular do Brasil, com as características da Universidade das Madres de la Plaza de Mayo, na Argentina. O grupo de

essas pessoas podemos destacar Joelma Vitória, Telma Vitória, Antônio Sandro, Paula Regina, Moisés Batista, Grimaldo Zachariádes, Jackson Ferreira, Ricardo do Carmo, Ricardo Cabeção, Liliane Ferreira, Marcos Santana, Padre Clóvis, Mirian, Ivan Fortunato, Peterson

trabalho realiza um grande debate em agosto com o tema: Universidade e Saberes Populares, conduzido pelo professor Doutor Luciano Costa Santos da Universidade do Estado da Bahia, que, no futuro, seria meu orientador neste doutorado. Após esse acontecimento, as reuniões do grupo prosseguem até sua desmobilização, em 2015.

As reflexões sobre a universidade popular foram retomadas no grupo de estudos Pensamento e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que resulta na minha inserção no doutorado desta Universidade. A partir daí, até este momento, o estudo sobre a Universidade Popular das Madres de la Plaza de Mayo torna-se o objetivo principal da minha vida acadêmica.

A militância nos movimentos sociais, eclesiais de base e no partido político, a influência das mães da Bahia em minha formação, a sociologia das emoções, consolidam um caminho até as lutas das Madres de Mayo, até a ideia e práxis de Universidade Popular. Esse é o meu memorial do mundo da vida.

A contribuição do trabalho para o programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Sobre o trabalho da Experiência da Universidade Popular das Madres de la Plaza de Mayo e sua contribuição para o programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e, sobretudo, para a linha de pesquisa 1(Processos Civilizatórios), vejamos algumas questões:

1- A análise sobre educação popular na contemporaneidade, por apresentar novas possibilidades de outra educação, inclusive no nível superior, que tem vivido um processo de sucateamento por parte dos governos latino americanos. A abertura para o capital estrangeiro, que tem investido fortemente na compra de faculdades e universidades privadas de capital local, redimensionou o cenário do ensino superior na América Latina, principalmente na América do Sul. O ensino privado ganhou forças e recursos públicos, através de financiamentos e créditos educativos. Essa ação acabou atraindo muitos estudantes para as instituições de ensino privado e, ao mesmo tempo, essa política enfraquece as Universidades Públicas, que carecem de verbas para manter suas atividades e sua estrutura, principalmente nesse atual momento político de corte de verbas para os investimentos públicos.

2- É preciso entender essa conjuntura desfavorável para os movimentos sociais e a educação popular e contribuir com uma “teoria da Práxis” para que essa ideia de Universidade Popular se mantenha firme, inclusive na Argentina, que tem sofrido com as políticas neoliberais do governo Macri. Mas, a vitória de Alberto Fernandez para a Presidência da República, em outubro de 2019, possibilita um cenário mais interessante para a educação nesse país.

3- A partir desse entendimento, de como essa Universidade de caráter popular pôde se manter viva, as lições desse processo contribuirão para fomentar a discussão sobre a criação de Universidades Populares, no Brasil e na América do Sul. Esse modelo de Universidade, também contribui para o debate sobre que educação queremos para o século XXI. Tal debate interessa sobretudo à Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e nossa Linha de Pesquisa, que trabalha as dimensões do processo civilizatório local e global.

4- A Universidade Popular de la Plaza de Mayo, hoje Instituto Nacional de Direitos Humanos Madres de La Plaza de Mayo, é uma chama de esperança para aqueles que acreditam na produção de conhecimento livre, democrático e comprometido com os direitos humanos. A expectativa com os resultados da pesquisa é que, a partir do cruzamento da experiência da Universidade Popular com as ideias de Paulo Freire e Enrique Dussel, possamos pensar/agir numa educação libertadora que alimente possibilidades de se pensar num “outro mundo”.

5- Portanto, os benefícios deste trabalho para a Universidade do Estado da Bahia são: conhecer uma experiência de educação popular que pode ser ampliada para outras nacionalidades; entender que a construção de outra universidade é possível; dialogar com outro país e perceber as diferenças entre os modelos de educação brasileiro e argentino, estabelecendo relação de cooperação e intercâmbio entre a Associação das Madres de La Plaza de Mayo, o Instituto Nacional de Direitos Humanos Madres de La Plaza de Mayo, a Universidade do Estado da Bahia e, também, os movimentos sociais ligados à educação. Entre Brasil e Argentina. Pode ser o começo de uma “revolução”. Espero que sim!

A pergunta norteadora e os objetivos da pesquisa

A pesquisa científica é uma construção sistemática que produz conhecimentos atualizados sobre determinado problema/fenômeno investigado. Nesse sentido, a pergunta de partida, ou norteadora, ou de pesquisa é fundamental para iniciar o processo de definição do tipo de trabalho empírico de análise de coleta de dados que será realizado.

Ao me propor pesquisar a Universidade Popular das Madres de la Plaza de Mayo, tinha vontade de saber e conhecer essa organização, esse movimento social responsável pela criação de um espaço de conhecimento importante para pensar a insurgência do popular no século XXI. Por isso, apresento a seguinte questão da pesquisa: Em que sentido a Universidade das Madres de la Plaza de Mayo se constitui como iniciativa de educação popular na contemporaneidade? Entendendo educação popular como valorização dos saberes do povo, educação voltada para a participação da comunidade. Essa educação possibilita uma leitura crítica da realidade.

Neste século 21, a Educação Popular é compreendida como o regime alicerçado na soberania popular, na justiça social e no respeito integral aos direitos humanos, e seu reconhecimento é urgente para a ampliação e a concretização dos direitos. Ganha centralidade, pois ela retoma sua direção ao pleno desenvolvimento humano, respeitando, reconhecendo os grupos socialmente excluídos e, com eles, reassumindo a luta histórica por um projeto emancipador anticapitalista; neste contexto, novas bandeiras são incorporadas, como a defesa socioambiental. (PINI,2012, p.03)

É essa perspectiva de educação popular que foi estudada e conhecida. A experiência da Universidade Popular das Mães de Plaza de Mayo, hoje Instituto Universitário Nacional, nos trouxe um sentido de acolhimento, de maternidade que acolhe seus filhos e mantém firme a luta por direitos humanos e democracia na América Latina. O grande sentido dessa universidade é o amor incondicional pelos filhos que se transforma em luta que gera novos filhos para a própria luta por outra sociedade.

O objetivo geral do trabalho buscou conhecer a experiência da Universidade das Madres de la Plaza de Mayo, estabelecendo uma conexão de sentidos dessa práxis educativa com o conceito de educação popular na contemporaneidade. Essa experiência foi realizada e percebemos que é viável, do ponto de vista contemporâneo, a construção de Universidades Populares que façam a relação entre o conhecimento historicamente produzido nas universidades formais de origem europeia, e o conhecimento historicamente produzido nas

comunidades, nas periferias, solo onde habita o popular, onde nasce uma cultura de certa forma insurgente.

Do ponto de vista dos objetivos específicos, a pesquisa discute o conceito de Universidade e Universidade Popular; o seu papel social como protagonista de mudanças políticas, sociais, científicas e culturais na contemporaneidade; e, também, estabelece um diálogo entre os conceitos de educação popular e libertação, assim como debate sobre o pensamento latino-americano e a contemporaneidade, na perspectiva de perceber como essas ideias contribuem para o entendimento do projeto de Universidade Popular das Madres de la Plaza de Mayo. Em suma, trata-se de discutir o conceito de universidade e Universidade Popular, seu protagonismo e seu diálogo com os conceitos de educação popular e a ideia de libertação na contemporaneidade.

Nesse sentido, essa pesquisa ganha uma perspectiva de insubordinação, por aliar questões que podem provocar outro fazer acadêmico, uma concepção e práxis universitárias voltadas para interesses do popular, dos povos que vivem, em muitos casos, à margem das políticas de Estado. O encontro desses saberes, do saber científico/filosófico que se impôs por força da colonização europeia, e do saber que resistiu por força das lutas e movimentos culturais populares, dos Quilombos, dos Malês, dos Búzios, da resistência indígena dos Tamoios, de Canudos, do Cangaço, da Revolta da Chibata, da força de Anita Garibaldi, Maria Quitéria, Luíza Mahin, Maria Felipa, Joana Angélica, Chiquinha Gonzaga, do surgimento do samba com Jonga, Tia Ciata, Xisto Bahia, João da Baiana, Riachão, Assis Valente, Cartola, Adoniran Barbosa, Clementina de Jesus, Jovelina Pérola Negra, Ivone Lara, Clara Nunes, Beth Carvalho, Paulinho da Viola, Monarco e a Velha Guarda da Portela, Martinho da Vila, Arlindo Cruz, Alcione, Roberto Mendes, Nelson Rufino, Edil Pacheco, Zeca Pagodinho, Fundo de Quintal, Bezerra da Silva e a turma mais recente do Samba, com a invenção do forró de seu Luiz Gonzaga, Dominginhos, Genival Lacerda, Cremilda, a criatividade de Jackson do Pandeiro e a Tropicália de Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tom Zé, Hélio Oiticica, o Ilê Aiyê, Olodum, o Manguebeat, a força do Baiana System, das Ganhadeiras de Itapoan, o Teatro Experimental do Negro de Abdias do Nascimento, a literatura de Ariano Suassuna, Jorge Amado, a poesia de João Cabral de Melo Neto, Patativa do Assaré, a persistência da literatura de Cordel, do repente de Bule-Bule, o Teatro do Oprimido com Augusto Boal, a dança poética de Antônio da Nóbrega, passando pelos Círculos de Cultura e tantos outros movimentos populares de resistência. É esse popular que insiste em continuar e precisa ser abraçado, é essa experiência que pode ser chamada de Universidade Popular ou Universidade dos Saberes e Experiências Populares.

A Fenomenologia e o Método

Para Minayo (2002, p.16), metodologia significa “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Nesse sentido, a metodologia visa estabelecer uma relação de complementaridade entre teoria e prática.

A metodologia desta pesquisa adotou procedimentos teóricos e técnicos para que seus objetivos sejam atingidos. Tais procedimentos formam o método científico, e este é o conjunto de processos ou operações mentais que se deve empregar na investigação. O método científico utilizado nesta investigação é o fenomenológico¹², que tem como base compreender o sentido dos fenômenos da existência a partir da experiência vivida das pessoas.

Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente o seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é expressão segunda. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 3).

A fenomenologia¹³ privilegia a descrição do sentido das coisas e não a explicação do fato. Aquilo que é percebido constitui um conjunto de sensações e visões que possuímos das coisas, dos fenômenos. A consciência é intencional, pois sempre se dirige a um objeto. A intencionalidade, então, sugere que a consciência só existe como consciência de algo, de alguma coisa.

Quando percebemos um objeto, não temos apenas um fluxo de perfis, uma série de impressões; em e por meio deles todos temos um e o mesmo objeto dado para nós, e a identidade do objeto é intencionada, é dada. (SOKOLOWSKI, 2004, p. 29)

A fenomenologia proposta por Husserl consiste em ir às coisas mesmas, na investigação de um fenômeno. Portanto, o método fenomenológico viabiliza, para o pesquisador, o horizonte para o desenvolvimento de uma análise compreensiva no campo das ciências humanas e, sobretudo, no campo da educação contemporânea, pois, ao contrário do objetivismo das ciências naturais, a fenomenologia reflete sobre o significado do mundo e, principalmente, sobre o que fazer neste mundo.

12. O movimento fenomenológico foi iniciado entre o fim do século XIX e início do século XX. O filósofo e matemático Edmund Husserl (1859-1938) é o precursor da fenomenologia. Husserl foi profundamente influenciado pelo seu mestre Franz Brentano (1838-1917), de cujas aulas ele conservou a noção de intencionalidade, que será um conceito essencial para a fenomenologia.

13. “A fenomenologia pretende ser “ciência das essências” e não de dados de fato. A fenomenologia, a partir do seu aparecimento, tomou rumos diferentes, mas enquanto movimento filosófico, ela começa com Edmund Husserl que, dando um novo sentido ao termo, já utilizado por Kant e Hegel, formula o método fenomenológico, criando um movimento que influenciou grande parte da filosofia no século XX.” (LIMA, 2014, p.11)

Para Husserl (2002, p.60), aqueles que têm formação nas ciências da natureza ¹⁴ julgam, de forma evidentemente lógica, que “todos os fatores puramente subjetivos devem ser excluídos” e que apenas o método das ciências naturais pode determinar objetivamente o que figura “nos modos subjetivos da representação”.

Corroborando essa visão da importância da análise fenomenológica e da necessidade de um olhar sobre o mundo, contrário à matematização da vida, Dartigues (2008, p. 67) afirma que “as ciências da natureza nada têm a dizer, já que elas, por método, tratam apenas dos corpos e excluem a subjetividade. ”

O próprio Dartigues (2008, p.71) ressalta, também, que não se pode, na análise fenomenológica, “renunciar à objetividade científica, mas reintegrar o mundo da ciência ao mundo da vida. ” É preciso fortalecer essa relação entre mundo da ciência e mundo da vida, mundo cotidiano, das coisas que vivemos e fazemos, para sair do objetivismo puro.

Por outro lado, não somente a ciência fala deste mundo, mas o próprio cientista fala neste mundo. Sem dúvida, pode-se observar de início que o cientista não é só cientista: ele tem uma vida de família, ouve música, joga golfe, tem opiniões políticas, convicções religiosas etc. Mas no próprio exercício de seu trabalho científico, ele não abandona o mundo da vida. (DARTIGUES, 2008, p.72)

Para Pesce e Abreu (2013, p.23), a pesquisa de caráter fenomenológico visa “empreender investigações acerca de fenômenos humanos”, em que “o vivido e a experiência” são elementos chave.

As pesquisas desenvolvidas com base na Fenomenologia estão especialmente preocupadas com a análise dos relatos e as descrições dos sujeitos que vivenciaram o fenômeno em tela. A Fenomenologia questiona a premissa positivista de que o pesquisador deve buscar a neutralidade, salientando que tal premissa não considera as crenças e os valores presentes nos pensamentos e nas ações do investigador. (PESCE e ABREU, 2013, p.23)

O cientista, o pesquisador está inserido no mundo das coisas cotidianas e não abandona esse mundo no exercício da sua investigação, no contato com sua pesquisa, pois seu universo de experiências, valores, linguagem etc., importa na construção de um conhecimento que não se propõe absoluto e que garanta a liberdade criativa do sujeito.

Um passo fundamental e primeiro para a garantia da reflexão fenomenológica é a suspensão de noções preconcebidas, anteriores à experiência vivida, o que inclui preconceitos do senso comum, representações teóricas e mesmo a suposição de um “mundo externo”

14. A proposta fenomenológica de Husserl se estrutura a partir do contexto influenciado pelas ciências naturais, onde o darwinismo e o método científico positivista do século XIX tinham grande audiência na Europa.

independente da consciência. Para Husserl (2006), a realidade “objetiva” deve ser posta entre parênteses (o que o autor denomina *epoché*¹⁵), e esse momento é denominado de redução fenomenológica.

Colocamos fora de ação a tese geral inerente à essência da orientação natural, colocamos entre parênteses tudo o que é por ela abrangido no aspecto ôntico, isto é, tudo o que está constantemente “para nós aí”, “a nosso dispor”, e que continuará sempre aí como “efetividade” para a consciência, mesmo quando nos aprouver colocá-la entre parênteses (HUSSERL, 2006, p. 81).

A redução fenomenológica, de acordo com Sadala (2004), é o recurso imprescindível que garante a descrição efetiva do fenômeno, tal como este se dá na consciência. A redução, dessa maneira, coloca em evidência a intencionalidade da consciência aberta para o mundo vivido, “purificando” o fenômeno de elementos acidentais da experiência subjetiva, de modo a fazê-lo vir à luz em sua estrutura invariável de sentido, ou seja, em sua “essência”.

O método fenomenológico se propõe a pensar uma outra relação entre sujeito e objeto, que rompe com o modelo generalista e universalizante da ciência e sua maneira de produzir pesquisa. A fim de rever essa relação, Lima (2014) afirma que:

na tentativa de superar a dicotomia sujeito-objeto, Merleau-Ponty afirma que o homem é essencialmente corpo-consciência-do-mundo, o corpo é mundo e alma simultaneamente, o corpo do homem não é nem pura coisa nem a pura ideia, ele integra misteriosamente o percebido e o ato de perceber, o em si e o para si, pois está no mundo e é para o mundo; põe-nos em contato com o mundo e ao mesmo tempo é o modo segundo o qual nos revela ao mundo. (LIMA, 2014, p.114)

A fenomenologia não separa homem de mundo, sujeito de objeto, pesquisador de pesquisado, pois, de acordo com Batista (2012, p.120), o sujeito “só aparece na medida em que se relaciona com o objeto.”

A partir da escolha do método fenomenológico, a perspectiva de análise da pesquisa é compreensiva. Segundo Mendes Júnior e Ferreira (2010, p.32), “o conhecimento torna-se compreensivo na medida em que compreende em si, a partir da capacidade do sujeito”; esse processo é dinâmico e, ao mesmo tempo, circular.

A análise compreensiva reforça a ideia de uma construção epistêmica focada no olhar interessado do pesquisador, na sua perspectiva cultural, como bem frisa Weber (2005), sobre o caráter de um determinado evento.

¹⁵. “A *epoché* advoga a ideia de que a compreensão do fenômeno não emana dos fundamentos teóricos preconcebidos pelo investigador sobre o fenômeno estudado; ao contrário, deve emergir da compreensão do pesquisador, conforme está imergindo no fenômeno observado.” (PESCE e ABREU, 2013, p.23),

Um evento não é algo que lhe seja “objetivamente” inerente. Pelo contrário, ele está condicionado pela orientação de nosso interesse de conhecimento, e essa orientação define-se conforme o significado cultural que atribuímos ao evento em questão em cada caso particular. (WEBER, 2005, p. 79)

A análise compreensiva contribui, sobremaneira, para essa atribuição de significados a partir da subjetividade, da orientação e do interesse do pesquisador. Dessa forma, Mendes Júnior e Ferreira (2010) sugerem que a análise compreensiva exige o exercício de faculdades valiosas que são específicas do ser humano, como a capacidade de refletir, sonhar, ponderar, o que, em boa medida, tem sido questionado pela ciência através dos métodos empregados na produção do conhecimento.

A Entrevista Narrativa

Sobre os procedimentos e dispositivos teóricos/práticos desta pesquisa, elencamos os momentos da pesquisa bibliográfica e empírica. Do ponto de vista bibliográfico, o trabalho é elaborado a partir da leitura de material já publicado, constituído principalmente de livros, bem como de consultas nos acervos das bibliotecas (públicas, particulares e de universidades), consultas de artigos de periódicos e, atualmente, de material disponibilizado na Internet.

Para a organização dessas leituras, foi necessário o levantamento do Estado da Arte, catalogando as principais dissertações, teses, artigos e livros que se relacionam com os descritores¹⁶ pesquisados, essenciais para a construção da tese.

A pesquisa se utiliza do método fenomenológico e da entrevista narrativa¹⁷ como um dispositivo de produção e análise de dados para a pesquisa, produzida a partir das idas à Associação das Madres de Mayo, no mês de janeiro de 2019, em Buenos Aires, para conhecer a associação e o trabalho realizado na Universidade Popular (hoje Instituto Universitário Nacional de Derechos Humanos Madres de Plaza de Mayo).

Com esse esforço metodológico, apresentamos, através dos dados recolhidos por meio dos procedimentos de investigação (entrevistas, observações, análise documental), a experiência da Universidade Popular.

¹⁶. Os descritores serão apresentados nas páginas seguintes, na sequência do texto.

¹⁷. Fritz Schütze (nascido em 1944), sociólogo alemão, contribui para o desenvolvimento da Sociologia Interpretativa e estabelece as bases da Fenomenologia Social, que centra sua ação no mundo da vida (Lebenswelt) e valoriza a interpretação das experiências cotidianas. Nos anos 1970, desenvolveu um método de geração e análise de dados narrativos nas ciências sociais, denominado Entrevista Narrativa, que tem como característica a exploração de relatos que o entrevistado narra, sem a interrupção do entrevistador.

Para fazer frente e responder a essas questões, portanto, foram entrevistados 4 (quatro) sujeitos da pesquisa diretamente envolvidos com a universidade popular, entre eles duas integrantes da Associação das Madres de Plaza de Mayo, um egresso e um estudante do atual Instituto Nacional de Direitos Humanos (antiga universidade), que narraram suas experiências.

A Entrevista Narrativa se caracteriza por aprofundar aspectos específicos das histórias de vida do entrevistado, o qual remonta, a partir das suas memórias, aos acontecimentos fundamentais de sua história. Para Benjamin (1994, p.205), a narrativa “é uma forma artesanal de comunicação. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”.

As narrativas revelam um mundo específico (o mundo da pessoa-informante) e, ao mesmo tempo, um mundo histórico e coletivo. Sua implementação no trabalho de pesquisa vai além de uma pauta essencialmente metodológica e técnica.

A discussão sobre narrativas vai, contudo, muito além de seu emprego como método de investigação. A narrativa como uma forma discursiva, narrativas como história, e narrativas como histórias de vida e histórias societais, foram abordadas por teóricos culturais e literários, linguísticos, filósofos da história, psicólogos e antropólogos. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2015, p. 90)

A entrevista narrativa possibilita o rompimento com o processo rígido, fechado, típico das entrevistas estruturadas e até, em algumas situações, das entrevistas semiestruturadas. A condução de uma entrevista narrativa permite a revelação de histórias de vida, que, a partir das falas discursivas, se apresentam como objetos de análise.

Nesse sentido:

As narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana. (Ibidem, p. 91)

A entrevista narrativa, ao valorizar o ato de contar histórias (em forma de relato) como um tipo de discurso importante para expressar eventos relevantes da existência, além de reconstruir uma memória com uma narração consistente, reconstrói a própria experiência humana. Tais experiências relatadas e vividas são essenciais para compreender os contextos em que essas histórias de vida (biografias) foram desenvolvidas, pois, para Jovchelovitch e

Bauer (Ibid., p. 108), “narrativas são uma sucessão de eventos ou episódios que abrangem atores, ações, contextos e espaços temporais. ”

Para Souza e Oliveira (2016, p. 190), a entrevista narrativa possibilita a conexão dos pesquisadores, com a oportunidade de:

contar história dos/nos cotidianos dos sujeitos sociais, no ir e vir que se funda na necessidade de comunicação da vida. No entanto, os eixos ou perguntas utilizadas/estruturadas devem estar de acordo com as especificidades de cada grupo ou sujeito participante/colaborador, articulando-os com o objeto, os objetivos e as questões da pesquisa.

A utilização da Entrevista Narrativa para produzir dados e informações que alicerçam a pesquisa, deve relacionar, de acordo com Jovchelovitch e Bauer (2015), as histórias de vida e os contextos sócio históricos. Por isso, a investigação sobre a Universidade das Madres de Plaza de Mayo leva em consideração as histórias dessas mães, mulheres, militantes, suas narrativas de vida e, sobretudo, seu contexto pessoal, político, cultural, existencial e a contribuição da luta das Madres para o fortalecimento dos laços humanos na Argentina durante e pós Ditadura Civil-Militar (1976-1983), assim como o impacto do trabalho das Madres para a educação popular no ensino superior.

Numa perspectiva de compreensão da história das Madres de Plaza de Mayo, a partir das narrativas, Souza (2014, p.41) considera que “entrevistar vincula-se a dimensões heurísticas, pois implica colocar-se a ouvir histórias narradas”.

A entrevista oportuniza, assim, disposições que:

abrem muitas possibilidades de sentido, formação, compreensão e marcas biográficas da vida entre entrevistador e entrevistado, frente a partilha de experiências de vida e de percursos biográficos vinculados a projetos de pesquisa ou a práticas de formação. (SOUZA, 2014, p.42)

Essas marcas biográficas, e a possibilidade de partilha de experiências, comprometem entrevistador e entrevistado, e essa relação ética permite que o processo narrativo das entrevistas e todo registro textualizado seja devidamente autorizado pelos entrevistados, pois tudo que é gravado e anotado tem que ter a devida aprovação do narrador. É fundamental ter esse compromisso ético com o desenvolvimento da pesquisa científica.

Sobre a relação entre Fenomenologia e Entrevista Narrativa, Weller e Zardo (2013, p.133) afirmam que:

a fenomenologia social de Alfred Schütz representa um importante aporte para o estudo de narrativas, na medida em que instiga o pesquisador a desvelar o sentido que o ator atribui ao seu próprio ato. Este tipo de interpretação mantém relação intrínseca com a subjetividade do ser humano e corresponde a elementos de sua situação biográfica, de seu contexto de vida.

O estudo das narrativas em perspectiva fenomenológica, tem a capacidade de provocar o desvelamento da subjetividade, suscitando a atribuição de sentidos que contemplam o contexto social do narrador, pois, para Dutra (2002), o narrador não “informa” sobre a sua experiência, mas conta sobre ela”, faz-nos participar da sua história e, ao mesmo tempo, reconstruir os sentidos dessa própria história.

A narrativa, de acordo com Dutra (Ibid., p. 374), se legitima como “expressão de uma dimensão fenomenológica e existencial”, pois sugere uma relação de intersubjetividade que se abre para os valores, afetos, transcendendo o esquema mundo-personagem em que as pessoas estão inseridas. A narrativa ou melhor dizendo, a pesquisa narrativa se compreende numa intencionalidade que se compromete com interpretação dos relatos humanos que estão além de qualquer orientação quantificável ou fechada de pesquisa.

A narrativa, sendo pensada como dispositivo de produção de dados/*corpus* para o método fenomenológico, nos direciona para a experiência que será um conceito de grande importância para pensar a relação Fenomenologia e Entrevista Narrativa. A narração é uma experiência humana que se consolida através do relato, da lembrança que reconstrói um passado, uma particularidade.

Segundo Contreras (2016) os “relatos de experiência” indica uma maneira especial de ver, elaborar e expressar a experiência como narração, mas (também) percebendo a intenção narrativa como proposta de pesquisa, pois:

no pretende tan sólo contar relatos sobre lo vivido, sino que quiere hacer, del relatar, una experiencia, esto es, un modo de dar forma a lo vivido para prestarle atención a las cuestiones que, a través del narrar, se nos desvelan como aquellas que requieren detenimiento, desarrollo, exploración, investigación; no sólo para comprender algo de ellas, sino para que nos afecten de un modo existencial. (CONTRERAS, 2016, p.16)¹⁸

Para Benjamin (1994), as narrativas focalizam as experiências humanas, pois contando histórias, lembramo-nos dessas experiências e encontramos um sentido para esses relatos. 1994). A experiência é o conceito que abordaremos a seguir.

¹⁸ . Não se destina apenas a contar histórias sobre o que foi vivido, mas quer fazer, contar, uma experiência, isto é, uma maneira de moldando a experiência para prestar atenção as questões que, através da narração, somos desvendar como aqueles que requerem atenção, desenvolvimento, exploração, pesquisa; não apenas para entender algo sobre eles, mas para que eles nos afetem de maneira existencial. (CONTRERAS, 2016, p.16)

O Conceito de Experiência

Tendo como aporte metodológico a fenomenologia e a entrevista narrativa para a compreensão da realidade pesquisada, faz-se necessário a discussão do conceito de experiência, pois não se compreende fenomenológica e narrativamente sem considerar a necessária relevância da experiência das pessoas.

El estudio de la experiencia y sus múltiples sentidos trae aparejada la posibilidad de romper con dicotomías, como teoría/práctica o sujeto/objeto, quizá las más relevantes tanto en el campo educativo como en otros de carácter social. También va más allá de la concepción de conocimiento como el producto de la investigación (REYES, p.886,2014)¹⁹

O termo “experiência”, de acordo com os estudos de Jay (2009), tem na sua etimologia uma história extensa e, ao mesmo tempo, complexa, marcada por transformações. Na sua obra “Cantos de experiencia. Variaciones modernas sobre un tema universal”, o autor discute o conceito de experiência, desde Montaigne a Benjamin, de Bacon a Foucault, buscando apresentar as concepções mais influentes sobre um termo enraizado nas mais diversas culturas, com significados diversos e opostos.

Para Jay (Ibid., p.26), o termo “experiência” tem origem latina e nos remete às ideias de “juízo, prova ou experimento”, mas também indica outra ideia, de “saída de um perigo”. A palavra inglesa “*empirical*” tem como antecedentes o grego e o latim “*empeiria*”, que denota “observação empírica” oposta à teoria, razão, especulação.

Jay (Ibid., p. 27) aponta que é importante termos atenção especial para os termos *Erlebnis* e *Erfahrung*, equivalentes de “experiência” em alemão. A palavra “*Erlebnis*” contém, na sua raiz, o termo “*Leben*” (vida), e pode ser traduzida como “experiência vivida” ou “vivência”, ou seja; uma experiência pessoal, imediata e pré-reflexiva.

Em sentido contrário, a palavra “*Erfahrung*”, segundo Jay (Ibid., p.27), “se associa a veces con las impresiones sensoriales producidas por el mundo exterior, o con juicios cognitivos acerca de ellas”²⁰. *Erfahrung* aponta, ainda, para a experiência baseada em um processo de aprendizagem no qual diferentes momentos são integrados em um todo narrativo ou significativo; para Jay (Ibid., p.27): “la experiencia acumulativa es capaz de producir un

¹⁹ . O estudo da experiência e seus múltiplos sentidos traz a possibilidade romper com dicotomias, como teoria / prática ou sujeito / objeto, talvez o mais relevante, tanto no campo educacional quanto em outros de caráter social, também vai além da concepção de conhecimento como o produto da investigação. (REYES, p.886,2014)

²⁰ . “Às vezes é associada às impressões sensoriais produzidas pelo mundo exterior ou a julgamentos cognitivos sobre elas.” (JAY, 2009, p.27)

tipo de sabiduría que solamente se alcanza al final del viaje”²¹. Quanto mais tempo de vida, mais experiência.

Jorge Larrosa Bondía (2002), em seu interessante texto intitulado “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, afirma que é costumeiro se relacionar educação a ciência e a técnica, outras vezes a teoria e prática, e que a relação entre educação e ciência produz sujeitos técnicos, com base numa “perspectiva positivista”. Ao mesmo tempo, para Larrosa (2002, p. 20), como a par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica”, essa relação contribui para uma educação política.

Larrosa (2002) vai além desse debate entre ciência e técnica, lógica positivista ou teoria/prática e pensamento crítico, e propõe a educação como experiência:

O que vou lhes propor aqui é que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir da par experiência/sentido. (Ibidem, p. 20)

A partir dessa proposição, Larrosa (2002) apresenta o significado das palavras “experiência” e “sentido” em seus distintos contextos. Por acreditar no poder das palavras, afirma que este é tão grande que determina nosso pensar, pois, segundo ele, pensamos com palavras e não com pensamentos.

Com base nisso, Larrosa (Ibid., p.21) argumenta que o papel do pensar:

Não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras.

Nós, seres humanos, aprendemos a utilizar a palavra como linguagem, como possibilidade de comunicação entre pessoas. Na medida em que usamos a palavra e damos sentido ao que é e ao que nos acontece, somos seres que vivem e existem com a palavra.

De acordo com Larrosa (2002), a palavra “experiência”, do ponto de vista etimológico, significa aquilo que nos “passa” (em espanhol) e o que nos “acontece” (em português); mas, para o autor, “experiência” não pode ser apenas isso, pois “a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (p.21).

Larrosa (2002) elenca, então, quatro questões para demonstrar que, atualmente, a experiência é cada vez mais difícil, havendo uma crescente pobreza de experiência.

²¹ . “Experiência acumulada é capaz de produzir um tipo de sabedoria que só é alcançada no final da jornada.” (Ibid.)

A primeira questão é o excesso de informação. Para o autor, informação não é experiência. Informação acaba se constituindo como um fator que impossibilita a realização da própria experiência, por isso é preciso rigorosamente distingui-las.

E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (Ibidem., p.21-22)

A segunda questão que impossibilita a experiência é a opinião. É preciso ter “aquela velha opinião formada sobre tudo”, como questiona Raul Seixas (1973) em “Metamorfose Ambulante”. A ostensiva exigência de exibir uma opinião pessoal e crítica a respeito de tudo, transformou-se num problema, pois, para Larrosa (2002), quando não se tem opinião sobre algo, a pessoa precisa criar uma. Ter opinião é essencial num mundo de muitas informações. O excesso de opinião proporciona o afastamento da experiência.

A terceira questão que prejudica a experiência é a falta de tempo. Obcecado por novidades, o sujeito se estimula por coisas efêmeras, numa espécie de “tudo ao mesmo tempo agora”²² e, como tudo é muito rápido e não podemos parar, essas efemeridades não se inscrevem na memória por falta de tempo. A experiência não acontece e adquire um formato de mercadoria, ou seja, na atual sociedade, tempo é mercadoria.

Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo. E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece. (Ibidem, p.23)

Sem tempo ou sem experimentar o tempo, segundo Larrosa (2002), o sujeito não aprende, não conhece e nada acontece. O tempo atual é sem experiência, pois a vivência, nesse contexto efêmero, é instantânea, pontual, fragmentada e sem memória.

A quarta questão que se posiciona de forma contrária à experiência, é o excesso de trabalho. De acordo com Larrosa, é preciso distinguir experiência e trabalho:

²². Sexto álbum da banda brasileira de rock Titãs, lançado em 1991.

Por isso estou muito interessado em distinguir entre experiência e trabalho e, além disso, em criticar qualquer contagem de créditos para a experiência, qualquer conversão da experiência em créditos, em mercadoria, em valor de troca. Minha tese não é somente porque a experiência não tem nada a ver com o trabalho, mas, ainda mais fortemente, que o trabalho, essa modalidade de relação com as pessoas, com as palavras e com as coisas que chamamos trabalho, é também inimiga mortal da experiência. (Ibidem, p.23)

O sujeito está sempre desejando fazer algo, desenvolvendo atividade, na correria das atualizações, acreditando que pode conformar o mundo a partir da sua vontade e de seu poder. Mas, a experiência sugere parar, pensar, olhar, sentir, ouvir. Em suma, é preciso desacelerar para dar espaço e tempo à experiência.

Para Larrosa (Ibid., p.24), o sujeito da experiência, que “não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer”, é “como uma superfície sensível” que produz afetos e efeitos, deixa marcas. “O sujeito da experiência é um espaço onde têm lugar os acontecimentos.” Este sujeito da experiência, “de uma passividade feita de paixão”, é composto de paciência, marcado pela receptividade e por uma “abertura essencial”. O sujeito da experiência é exposição.

Larrosa (Ibid., p.25), ao apresentar a origem da palavra “experiência”, que vem do latim *experiri*, “provar” (“experimentar”), nos revela o radical *periri*, que se encontra também em *periculum*, “perigo”. Assim como Jay (2009), que nos mostra a relação entre experiência e perigo, o autor dimensiona o termo experiência a partir da ideia de travessia e perigo.

Larrosa (2002) descreve o saber da experiência como um saber que se dá na relação entre conhecimento e vida humana, não pensando esses termos numa perspectiva moderna, ou seja, conhecimento como mercadoria e vida como satisfação das necessidades.

Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (Ibidem, p.27)

Essa relação entre conhecimento e vida, para Larrosa (2002), se projeta na dimensão singular, no conhecimento que a pessoa adquire com suas experiências, a partir das suas necessidades. Por isso, o saber da experiência, por ser particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal, não é neutro. A experiência não é experimento ou método objetivo, nem mesmo um caminho previsível, mas abertura, possibilidade.

José Contreras Domingo, professor do Departamento de Educação da Universidade de Barcelona, que trabalha a noção de saber da experiência, afirma que o termo “experiência”,

geralmente, se refere a tudo que é experimentado na prática; e a expressão “conhecimento da experiência” significa acúmulo de conhecimentos práticos, formas de saber o que fazer em situações específicas. (CONTRERAS, 2013, p. 129)

No entanto, ao propor o uso dessas noções, segundo Contreras (2013), pretende-se ir além dessa significação, transcender esse sentido que está vinculado à polaridade teoria-prática. É preciso, portanto, ampliar o sentido do termo experiência, abrindo possibilidades para outros significados, distintos daqueles nos quais habitualmente utilizamos essas noções.

Si entendemos la experiencia como el acontecimiento novedoso que requiere ser pensado para preguntarse por su sentido; si la entendemos como aquello que nos ocurre, que nos deja huella, que tiene un efecto personal; si la entendemos como aquello que hay bajo lo vivido, de tal manera que ha ido labrando una forma de ser y estar ante las situaciones, una consciencia de lo significativo de aquello vivido; si entendemos la experiencia bajo estas formas, esto es como algo que en ocasiones se tiene, pero también como algo que se hace, es decir, que requiere una cierta disposición de ánimo para preguntarse y pensar aquello vivido, podemos captar algo de la naturaleza de un modo no indiferente de estar en el mundo y de vivir; un modo que no simplemente deja que las cosas pasen, sino que está unido al modo de pensarse ante aquello que nos pasa. (CONTRERAS, 2013, p. 129).²³

Entender a experiência numa perspectiva aberta a outros modos de pensamento, fortalece o entendimento do que é vivido, do que acontece conosco. Segundo Contreras (2013), o conhecimento da experiência é dialético, pois é um conhecimento do vivido e, ao mesmo tempo, acaba fornecendo orientação para a ação, por ser um conhecimento que nasce e se renova. O saber da experiência, como conhecimento pedagógico (Contreras, 2013) ou como alicerce da pesquisa, demonstra qualidades substanciais para a produção dos saberes.

Contreras (2013) afirma que o saber da experiência é, também, um conhecimento que não só pergunta sobre o outro, mas reflete sobre si mesmo em relação a esse outro, pois é um conhecimento que compreende dimensões subjetivas, pessoais, com as próprias histórias que nos constituem como sujeitos e de onde vivemos, pensamos, agimos.

O saber da experiência, então, se refere à relação do pensamento com o mistério do outro, e aceita a surpresa do outro. Conhecimento e saber da experiência como perspectiva de alteridade, de encontro com outros mundos, outras sensibilidades.

²³. “Se entendemos a experiência como um acontecimento novo que precisa ser pensado para se perguntar sobre seu significado; Se nós entendê-lo como o que acontece conosco, que nos deixa pegada, que tem um efeito pessoal; Se entendê-lo como o que está o vivido, de tal forma que tem sido cultivando um modo de ser e estar diante das situações, uma consciência da coisa significativa do que viveu; Se entendemos a experiência nessas formas, isso é como algo que às vezes tem, mas também como algo que é feito, ou seja, que requer uma certa disposição da mente para perguntar e pensar sobre aquilo que é vivido, podemos capturar algo da natureza de uma forma não Indiferente ao estar no mundo e viver; uma maneira que não deixa apenas as coisas acontecerem, mas está ligada à forma como pensamos sobre o que acontece conosco.” (CONTRERAS, 2013, p. 129).

La experiencia siempre está ligada al saber (al saber de la experiencia, aquel que se introduce en el desarrollo de las cosas para significarlo, o para problematizarlo, o para iluminarlo), de la misma manera que la sabiduría, como nos anunciaba María Zambrano, está vinculada al vivir. (CONTRERAS, 2013, p.05)²⁴

A experiência se vincula ao saber e, também, ao viver. Nessa percepção, o viver é vivido de uma forma em que a memória seja relatora, narradora dessa vivência, tornando a existência uma experiência genuína. Nesse sentido, a experiência, em Walter Benjamin²⁵, é genuína por excelência, pois é vivência que, através do relato, da narração, se transforma em saber ou sabedoria a ser partilhada, passada de geração em geração. Então, a narrativa é parte integrante fundamental desse processo. (REBUÁ, 2015)

Na fábula de Esopo²⁶ “O Velho Vinhateiro”, apresentada por Benjamin, o conceito de experiência se produz a partir de um exemplo, de uma espécie de lição para que os filhos encontrem o verdadeiro tesouro, no trabalho:

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. (BENJAMIN, 1994, p.114)

A fábula narrada expressa a sabedoria contida na experiência de que a felicidade não está no ouro, mas no trabalho, pois este se traduz em práticas e ações diárias que constroem a nossa identidade, nosso ser, nosso existir. Com efeito, somos reconhecidos e identificados pelo que fazemos na sociedade, e o trabalho e seus frutos contribuem para isso. O trabalho, então, faz daquilo que é vivenciado diariamente, uma experiência.

A experiência do trabalho do pai, que é passada para os filhos através do relato, torna-se uma espécie de legado que será transmitido para outras gerações. Sendo assim, a vivência do pai é passageira, temporal, enquanto a experiência, por essa característica de transmissão histórica entre gerações, ganha um caráter atemporal.

²⁴. A experiência está sempre ligada ao conhecimento (ao conhecimento da experiência, aquele que entra no desenvolvimento das coisas para significá-la, ou problematizá-la ou iluminá-la), da mesma maneira que a sabedoria, como María Zambrano anunciou: Está ligado à vida. (CONTRERAS, 2013, p.05).

²⁵. Walter Benjamin (1892 — 1940) alemão, crítico literário, tradutor, filósofo que integra a Escola de Frankfurt, entre suas obras conhecidas, temos: A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica (1936), Teses Sobre o Conceito de História (1940). Os textos importantes para esse trabalho abordam o conceito de experiência, discutidos em Experiência e pobreza (1933) e O contador de histórias (1936).

²⁶. Esopo (séc. VI a.C) foi um fabulista grego, que teria vivido na época da idade antiga. Nasceu provavelmente na região de Trácia, onde hoje se localiza a Turquia. A Esopo foi atribuída a criação do gênero fábula.

Essa narrativa nos remete à perspectiva mítica, em consonância com o exemplo do texto de “Experiência e Pobreza”:

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da idade, nos provérbios; em termos mais prolixos e com maior loquacidade, nos contos; por vezes através de histórias de países distantes, à lareira, para filhos e netos. (IBIDEM, p. 114)

Essa dimensão mítica, própria da fábula, promove uma reflexão moral sobre o trabalho. De fato, uma das grandes características da narrativa mítica é o aspecto moralizante das suas histórias. No caso da narrativa em foco, foi procurando o tesouro (ouro) que os filhos do velho vinhateiro encontraram trabalho e perceberam, com a experiência, a importância do trabalho digno, sendo tal “dignidade” a nota moral do relato.

Outra importante questão, apontada por Carlos Eduardo Rebuá (2019)²⁷, é que a narrativa como herança dos vivos proporciona um sentido de continuidade, pois os que ficam podem dividir essa experiência com outras pessoas, e vão dando sentido à vida.

Penso que aqui vale uma aproximação com a questão geracional das Madres. Há um sentido de continuidade em nuestros hijos nos parieron. A narrativa desempenha um papel de herança dos vivos, assim como de experiência dividida, na figura dos que narram e dos que "continuam" este movimento de contar. (REBUÁ, 2019)

Essa observação articula de modo preciso a questão da experiência com a história das Madres de Plaza de Mayo, daí a necessidade de citá-la no trabalho.

Benjamin (1994, p.115) alerta para o fato de que a vida na sociedade moderna, dominada pela técnica e avanço crescente da industrialização e produção em massa no século XX, é pobre de experiência: “Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”.

Essa denúncia aponta um futuro de “progresso” científico e dominação da natureza, e nos mostra outro perigo: o de que a humanidade, envaidecida pela técnica, seja tragada por um tropel de guerras e conflitos, a ponto de, para Benjamin (1994), paralisar-se numa experiência de choque, na qual os sujeitos envolvidos perderiam a capacidade de narrar os eventos ocorridos:

numa geração que entre, 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado, silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. (IBIDEM, p.115)

²⁷ Em recente entrevista através de e-mail.

As guerras mundiais da primeira metade do século XX, atentam contra a experiência, pois os fatos ocorridos, as lembranças, já não são dignos de relatos, mas de esquecimento, e matam a memória. É triste que esse futuro, anunciador do avanço, tenha dado lugar ao caos, à morte, a lembranças intocadas, que não podem ser relatadas.

Entramos no século XX comprometendo a realização da experiência. Isso irá trazer sérios problemas para a humanidade, entres os quais a perda da memória, o não reconhecimento e desvinculação com o passado. No Brasil do século XXI, isso é sintomático, pois se admite atualmente, em muitos círculos familiares, religiosos, educacionais, a ideia de que não houve Ditadura Militar no país entre 1964-1985, ou que, se esse processo existiu, foi uma ditadura “branda”, leve. Precisamos, neste momento, de bons contadores de histórias, de bons narradores, sob pena de se continuar arruinando qualquer possibilidade de experiência.

No texto “O Narrador”, Benjamin (1994) toma como base a obra do escritor russo Nikolai Leskov (1831-1895) para explicar a natureza da arte narrativa, e discutir o processo de desaparecimento/extinção do “sujeito” narrador, pois:

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável! a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1994, p.197-198)

Segundo Rebuá (2015, p. 318), esse processo de intercâmbio da experiência na contemporaneidade é tão difícil e fragilizado, pois “as condições para esta transmissão estão cada vez mais escassas na sociedade capitalista de nossa época”. Esse ideal de progresso e domínio de tudo ou quase tudo pelo uso racionalizante da ciência e da técnica, sempre a serviço do capital, compromete a transmissão fiel e verdadeira da experiência.

Benjamin (1994) defende que as melhores narrativas escritas, e que não se distinguem tanto da realidade, são aquelas histórias orais que os narradores anônimos nos contam. Em seu texto, os narradores são divididos em dois grupos: o dos camponeses sedentários, que fincam morada em seu país; e os narradores marinheiros, que são comerciantes e contam suas aventuras. Houve uma associação/interpenetração entre esses saberes, o saber do trabalhador da terra e o saber dos viajantes, dos lugares distantes: “Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. Cada uma delas conservou, no decorrer dos séculos, suas características próprias.” (BENJAMIN, 1994, p.199).

Um aspecto preocupante para nosso autor, no texto “O Narrador”, é sobre a crise do conceito de sabedoria, que corre um sério risco de desaparecimento, pois a “arte de narrar”,

trabalho do narrador, está ameaçada porque a sabedoria definha e pode se extinguir. O primeiro sinal desse processo que mataria a narrativa, comprometendo a sabedoria, seria o surgimento do romance na era moderna. Para Benjamin (1994), o romance está ligado ao livro e diretamente vinculado ao surgimento da imprensa e da produção em massa dos exemplares; isso inviabiliza a narrativa, a oralidade, pois a leitura, na maioria das vezes, é uma atividade solitária e não coletiva, como no caso da narrativa.

A evolução da informação é outra grande ameaça para a narrativa, pois provoca uma crise no próprio romance: “Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. ” (BENJAMIN, 1994, p.203). A informação trabalha com o imediatismo dos fatos, que chegam explicados, mastigados e não promovem o pensar, o imaginar, a livre capacidade de fazer sua interpretação, que é aberta; a informação depende do agora, da notícia nova, do tempo cronometrado e factual. Em contrapartida, o tempo da narrativa é tempo do extraordinário e do miraculoso.

A queda na cotação da narrativa não foi para Benjamin algo abrupto, tampouco “isolado”, ou seja, sem o florescimento de outras formas de comunicação que concorreram, desigual e combinadamente (na epopeia, por exemplo, onde não há uma indiferenciação entre narrativa e romance), com a narrativa, tendo destaque para o romance – filho da Idade Moderna - e a informação – filha da Idade Contemporânea -, formas de comunicação que, diferentemente da narrativa, não têm na experiência sua fonte fundamental. (REBUÁ, 2015, p.321)

Walter Benjamin (1994), em “O Narrador”, aponta o processo de extinção da narrativa, e isso compromete a experiência. O mundo da “indústria cultural”²⁸ é bem observado por Theodor Adorno (1903-1969)²⁹ e Max Horkheimer (1895-1973)³⁰, que realizaram, à semelhança do próprio Benjamin, uma crítica ferrenha à imposição cultural e ao sistema capitalista, tendo como base o marxismo, sem transformá-lo em doutrina. Tais pensadores pertencem à mesma matriz epistemológica da Escola de Frankfurt, fundada em 1924 na Universidade de Frankfurt, Alemanha. Esses teóricos e outros, do porte de Jürgen Habermas (1929), Herbert Marcuse (1898-1979) e Erich Fromm (1900-1980), desenvolveram

²⁸ . O termo “indústria cultural” foi utilizado por Adorno, e Horkheimer, na obra *Dialética do esclarecimento* em 1947, em Amsterdã. A indústria cultural se refere ao processo em série de produtos iguais e que se associa ao termo cultura, pois os bens “culturais” são fabricados em meio ao sistema e disseminados para as massas a fim de uma standardização social.

²⁹ . Theodor Adorno foi considerado um importante sociólogo, filósofo e musicólogo por desenvolver grandes pensamentos acerca da razão e de sua busca incessante pela superação do status quo na tentativa de alcançar a emancipação dos indivíduos. É um dos expoentes da chamada Escola de Frankfurt.

³⁰ . Horkheimer foi um filósofo e sociólogo alemão, famoso por seu trabalho em teoria crítica como membro da “Escola de Frankfurt” de pesquisa social.

estudos dentro de uma perspectiva de orientação marxista, que ficou conhecida como Teoria Crítica, contrapondo-se à Teoria Tradicional e à razão instrumental.

Esse mundo instantâneo, imediatista, que transforma tudo em consumo, criticado pelos teóricos da Escola de Frankfurt, não deixa espaço para o narrador, que

figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos não para alguns casos como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é conta-la inteira. (BENJAMIN, 1994, p.221)

É preciso que o ouvinte se apodere da narrativa para que o mesmo possa reproduzi-la. Nesse sentido, a memória é fundamental, a mais épica de todas as faculdades, a musa do gênero épico entre os gregos, que cria a possibilidade de transmissão da narrativa de uma geração para outra e, portanto, liga-se intrinsecamente à experiência:

Em Benjamin memória e experiência estão intimamente vinculados, porque mantém entre si uma relação de interdependência: só é possível reviver, restabelecer experiências passadas através da memória (fixando-as, retendo-as, reconhecendo-as, evocando-as), que só se “fixa” através da experiência, no sentido da *Erfahrung* e não da *Erlebnis* – sem vínculos com o passado, efêmera, desconexa, isolada –, tônica do cotidiano que vivenciamos. Um mundo sem experiências partilháveis, fragmentado, “mudo”, nortado pela efemeridade do instantâneo, não precisa da memória, pois não há o que ser revivido. Se perece a experiência perece também a memória e, por conseguinte, a tradição. (REBUÁ, 2015, p.324)

A narrativa precisa sobreviver para que possamos ter contato com a experiência, para que possamos ter memória, vínculos necessários com o passado e compromissos com o presente e com o futuro. Em tempos de desenvolvimento crescente da informação e das tecnologias, as pessoas estão cada vez menos propensas ao diálogo entre si e com seus pares. A não construção de oportunidades de diálogos que potencializem a narrativa, fomenta sujeitos contemporâneos solitários e, sobretudo, carentes de experiência e de vida.

Pensar a experiência nessas quatro dimensões, a partir dos pensamentos de Martin Jay (2009), Jorge Larossa Bondía (2002) José Contreras Domingos (2013) e Walter Benjamin (1994), contribui significativamente para conhecer o campo de pesquisa numa condição responsável, respeitável, aberta para o saber do outro e refletindo sobre a nossa condição de “conhecente”, ou seja; aquele que conhece, e que conhece, sobretudo, através da experiência.

O Espaço Empírico

Sobre o espaço empírico estudado, tem como base a história das Madres de Plaza de Mayo na Argentina, mulheres que se organizaram politicamente, em 1977, para buscar notícias sobre o paradeiro de seus filhos que eram presos políticos, e consolidaram, no início do século XXI, a Universidade Popular das Madres como instrumento de construção de cidadania, tendo como grande princípio dessa iniciativa o conhecimento que possibilite compreender a realidade e lutar por direitos humanos. Essa é a tarefa original da Universidade Popular das Mães na Argentina, fundada em 2000.

Sobre a Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo, seu propósito é articular a teoria e a prática, gerar ferramentas para a sociedade, abrir um espaço para que os setores populares possam participar e criar formas de construção política.

A UPMPM é fundamentalmente uma universidade de luta e de resistência que objetiva contribuir para a formação do pensamento crítico, latino-americano, engajado em um profundo compromisso político de transformação da realidade, como assinalam as próprias Madres na apresentação da universidade em sua página oficial. (REBUÁ, 2015, p.15)

A Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo constitui sua ação comprometida com o tripé ensino-pesquisa-extensão. Os cursos apresentados pela Universidade Popular seguem a lógica dos seus princípios éticos e de realização da cidadania. A universidade, segundo Rebuá (2014), começa com poucos cursos e, em seguida, oferece cursos de graduação como Direito, Licenciaturas em História e Trabalho Social, cursos de formação (Capitalismo e Direitos Humanos, Cooperativismo, Jornalismo Investigativo, Psicologia Social, etc.) e também realiza seminários anuais (Leitura metodológica do Capital, Literatura e Política, Ecologia e Capitalismo, etc.) e oficinas (Pintura, Fotografia, Narrativa, etc.).

A UPMPM se oferece como um espaço alternativo, crítico ao “poder oficial”, representando uma “*contraoferta*” tanto às universidades privadas quanto às universidades públicas argentinas. Esta universidade, criada pelo movimento social de maior referência daquele país, propõe um tipo de conhecimento que se baseia na experiência, sobretudo por ter surgido justamente da experiência de sofrimento daquelas mulheres durante a ditadura, sendo a memória o nexo entre filhos e mães, que com o passar dos anos, não quiseram mais “enterrá-los” a fim de poder manter seus sonhos “vivos”. (REBUÁ, 2014, p.6)

Percebe-se que, na construção da Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo, houve um cuidado com o que Boaventura Sousa Santos, em “Epistemologias do Sul”, chama

de “ecologia de saberes”, que propõe: o conhecimento “como intervenção no real – não o conhecimento como representação do real – é a medida do realismo” (SANTOS, 2010, p. 57).

A Universidade Popular das Madres é uma possibilidade contemporânea de pensarmos em novos caminhos para a educação e, principalmente, para a qualificação das lutas dos movimentos sociais no Cone Sul.

A pesquisa sobre a Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo e sua contribuição para a educação popular, na contemporaneidade, é desafiadora. Pois, entendendo educação popular na perspectiva de Freire e Nogueira (2005, p.19), “como um esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica”, essa pesquisa apresenta possibilidades de uma outra educação, sobretudo no nível superior, que tem vivido um processo de sucateamento por parte dos governos latino americanos.

A abertura para o capital estrangeiro, que tem investido fortemente na compra de faculdades e universidades privadas de capital local, redimensionou o cenário do ensino superior na América Latina, principalmente na América do Sul. O ensino privado ganhou forças e recursos públicos, através de financiamentos e créditos educativos. Essa ação acabou atraindo muitos estudantes para as instituições de ensino privado e, ao mesmo tempo, essa política enfraquece as Universidades Públicas, que carecem de verbas para manter suas atividades e sua estrutura.

O grande desafio da pesquisa é entender a contribuição da Universidade Popular das Madres de Mayo para o fortalecimento da concepção e prática de educação popular no ensino superior, que recentemente, na Argentina, sofreu com as políticas neoliberais do governo do presidente Mauricio Macri. Este promoveu, inclusive, uma perseguição à Associação das Madres da Plaza de Mayo desde os primeiros dias do seu mandato, conduzindo intervenções na direção do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres da Plaza de Mayo, que carrega o legado da Universidade Popular. Com esse processo de intervenção, pretende-se desconstruir a importância histórica das Madres, para o próprio Instituto e para a educação na Argentina. Felizmente Mauricio Macri foi derrotado nas últimas eleições presidenciais (em outubro de 2019) para Alberto Fernández e o povo argentino aguarda dias melhores.

O importante é saber qual o tipo de influência que as Madres de Maio ainda têm no Instituto hoje, pois, desde 2015, a universidade, transformada em instituto, passa a ser um organismo público, controlado pelo Ministério da Justiça e Direitos Humanos, organismo do Estado Argentino que, a partir de 2018, promove uma intervenção no Instituto, modificando

sua reitoria, tentando anular qualquer tipo de influência das Madres na instituição que fora criada por sua própria luta.

Essa Universidade de caráter popular se mantém viva, embora sofra atualmente um dilema interno decorrente da intervenção do Estado. As lições de tal processo podem contribuir para fomentar a discussão sobre universidades populares no Brasil e na América do Sul. Esse modelo de Universidade, também, contribui para o debate sobre que educação queremos para o século XXI, que universidade pode produzir respostas para a contemporaneidade, sob o ponto de vista dos subalternizados, dos oprimidos, da classe trabalhadora, dos mais pobres que vivem em péssimas condições de trabalho, amontoados nas periferias, subúrbios, favelas, e vivem em situações subumanas no campo.

A Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo é uma chama de esperança para aqueles que acreditam na produção de conhecimento livre, democrático e comprometido com os direitos humanos. A expectativa desta pesquisa é de que a Universidade Popular, consoante as ideias de Paulo Freire de se provocar um outro mundo, se consolide como alternativa viável de uma educação libertadora. Nesse sentido, é preciso ponderar que:

Se o discurso do acadêmico soa alto e dominante sobre o falar popular, esse discurso congela-se em conceito, congela-se em inteligência, faz com que esta adormeça no interior de frases feitas. Desaparece a ênfase na luta, entendida como curiosidade interrogadora e crítica de ordem. Permanecerão somente os pacotes de frases feitas. (FREIRE E NOGUEIRA, 2005, p.30)

O diálogo entre o conhecimento classicamente reconhecido e a educação popular deve ser feito da forma mais respeitosa possível, sob pena de congelamento da fala do povo e das suas experiências. Essa percepção é necessária.

A Revisão de Literatura e o Estado da Arte

Sobre a revisão de literatura da tese, temos um conjunto de textos que foi apresentado no projeto de pesquisa e consultado, sendo que outras obras foram agregadas a esta revisão, pois o processo de leituras é dinâmico e muita literatura aparece e nos surpreende no caminho da pesquisa. Nos trabalhos de investigação científica bibliográfica com os seguintes descritores foram fundamentais: Educação, Educação Popular e Emancipação, Contemporaneidade, Cultura e Cultura Popular, Universidade e Universidade Popular.

Nessa perspectiva, as obras de Paulo Freire foram basilares para a pesquisa. Os textos *Pedagogia do Oprimido*, *Educação Como Prática da Liberdade*¹(1987), (2015), *Pedagogia da Esperança* (2009), *Ação Cultural Para Liberdade* (1984) e *Política e Educação* (2001) nos

convocam para a possibilidade de pensar uma educação emancipatória forjada na prática de educação popular, na fé na pessoa humana e na esperança mobilizadora. “Só o poder que nasça da liberdade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos.” (FREIRE, 2015, p.41).

O texto de Carlos Rodrigues Brandão, *O que é Método Paulo Freire* (1985) e a obra de Adriano Nogueira e Paulo Freire *Que Fazer: Teoria e Prática em Educação Popular* (2005), possibilitaram entender os meandros da educação popular: “Está aqui um ponto muito próprio à educação popular: o conhecimento do mundo é também feito através das práticas do mundo.” (FREIRE e NOGUEIRA, 2005, p.20)

Nas abordagens sobre Contemporaneidade, Cultura e Cultura Popular foram produtivas as imersões nas leituras do artigo: *O Pensamento Fecundo*, de Luciano Costa Santos (2013), *Modernidade Líquida* (2001) e *Mal Estar da Pós-modernidade* (1998), de Bauman; *A Condição Pós-Moderna*, de Lyotard (2003); *Os Tempos Hipermodernos*, de Lipovetsky e Sébastien Charles (2004); *Por Uma Outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal*, de Milton Santos (2003), obra de importância particular para pensar o contemporâneo.

Fala-se, igualmente, com insistência, na morte do Estado, mas o que estamos vendo é seu fortalecimento para atender aos reclamos da finança e de outros grandes interesses internacionais, em detrimento dos cuidados com as populações cuja vida se torna mais difícil. (SANTOS, 2003, p.19)

Nas referências sobre Universidade e Universidade Popular, destacam-se os textos de Boaventura Sousa Santos, *A Universidade do Século XXI: Por Uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade* (2010) e *Da Ideia de Universidade à Universidade de Ideias*, texto do livro *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade* (2013); *Epistemologias do Sul*, de Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2010); os textos de Silvio Claudio Souza, *O Pensamento-Ação de Darcy Ribeiro e a Universidade Brasileira: Repensando a Universidade Necessária* (2012); Anísio Teixeira e a *Construção da Universidade Brasileira*, de Bertolleti e Azevedo (2010); *A Universidade Necessária*, de Darcy Ribeiro (1975); o trabalho de pesquisa de Teresa Basile: *La Universidad Popular de las Madres de Plaza de Mayo: emergencia de nuevas prácticas en cultura y poder en la Argentina de la posdictadura*; a análise de Valdemar Sguissardi em *Universidade Brasileira no Século XXI - Desafios do Presente* (2009); o texto de Carlos Eduardo Rebuá : *DA PRAÇA AO SOLO: UM NOVO CHÃO PARA A UNIVERSIDADE* As experiências das universidades populares de Madres de Plaza de Mayo [UPMPM] e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra [ENFF] em tempos de crise neoliberal na América Latina [2000-2010] (2015).

Basile (2002) pondera sobre a Universidade Popular das Mães de Maio que:

Nesta Universidade é proposto como principal tarefa o desenvolvimento de uma educação voltada para a transformação social. Quais são as implicações desse ensino? Envolve primeiro a formação de uma perspectiva crítica do status quo e, conseqüentemente, a possibilidade de lutar por uma sociedade melhor. (BASILE, 2002, p.03)

A pesquisa do Estado da Arte nos apresentou dissertações, teses e artigos que são disponibilizados nos sites das universidades centros de pesquisas e revistas científicas, os quais dimensionam o que tem sido produzido sobre os temas que se aproximam da nossa pesquisa. Essa consulta ampliou as possibilidades de diálogo com outros pesquisadores e outras instituições.

Mas o que há de diferente entre um estado da arte e uma revisão bibliográfica ou mapeamentos? Como as revisões bibliográficas e os mapeamentos, os estados da arte se propõem a levantar a produção científica realizada em determinados espaços geográfico e temporal, mas, vão além. Também buscam identificar os elementos ainda silenciados, as questões não respondidas, as possíveis contribuições das pesquisas com a elaboração de políticas públicas e com solução de problemas concretos. (CORDEIRO, 2015, p.20)

O estado da arte é uma espécie de bússola, de direcionamento da pesquisa, pois nos faz compreender como as produções estão ordenadas e isso possibilita a compreensão de categorias conceituais que se estruturam ao longo do desenvolvimento das inserções epistêmicas dos pesquisadores. O estado da arte amplia horizontes de análises e pode agrupar trabalhos de um mesmo campo teórico-prático, isso contribui para a organização das pesquisas.

Os trabalhos pesquisados³¹ são do período de 2005 a 2017, e a análise foi feita de acordo com três grupos temáticos: o tema 1- Educação Popular e Movimentos Sociais; o tema 2- Universidade e Universidade Popular; e o tema 3- Madres de Plaza de Mayo e Educação.

Sobre os trabalhos pesquisados, temos: quatorze (14) são dissertações de mestrado de programas de pós-graduação em educação de diversas universidades públicas brasileiras; sete (7) são teses de doutorado de programas de pós-graduação de universidades brasileiras; sete (7) são artigos de grupos de trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED); vinte e nove (29) são artigos de revistas vinculadas aos programas de pós-graduação das universidades brasileiras; três (3) dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGeduc), da Universidade do Estado da

³¹ . O quadro com levantamento dos trabalhos encontrados, entre teses, dissertações e artigos encontra-se nos anexos deste trabalho.

Bahia (Uneb); um (1) ebook Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura); anais eletrônicos, apenas um (1).

As plataformas pesquisadas foram: a) Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD); b) Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (USP); c) Repositório Digital da Biblioteca Unisinos; d) Scielo Brasil; e) Scielo Portugal; f) Unesco; g) Anped (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação); h) Acervo Paulo Freire; i) Banco de Teses e Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGeduc), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb); j) Clacso (Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais); l) Banco de Teses da Capes.

Esses trabalhos sobre educação popular, universidade, universidade popular e Mães de Maio, são sinalizadores que demonstram como o tema vem sendo pesquisado e discutido nas pós-graduações em educação no Brasil. A abordagem bibliográfica da educação popular se amplia, a teoria se aprofunda e, também, as pesquisas de campo, baseadas em experiências fundamentais para se continuar pensando que é possível uma educação com valores democráticos e que abrace os saberes locais, apesar do crescimento de um cenário difícil para os que acreditam na construção do conhecimento libertário.

Essas pesquisas serão citadas e discutidas ao longo de todo o percurso desta tese, considerando os capítulos que orientam a leitura e a análise dos diversos momentos do texto.

Um pouco de Práxis e Hegemonia em Vázquez e Gramsci

Esta tese é perpassada, também, por esses dois conceitos e, por isso, não poderia deixar de discuti-los, mesmo que de forma rápida, mais resumida ou objetiva. Sabemos que a Filosofia da Práxis foi proposta por Marx e aprofundada por vários autores marxistas, entre eles: Vázquez e Gramsci.

Nas Teses II e XI sobre Feuerbach, MARX (2007, p. 537-538) afirma que:

II- O problema de se ao pensamento humano corresponde uma verdade objetiva não é um problema da teoria, e sim um problema prático. É na prática que o homem tem que demonstrar a verdade, isto é, a realidade, e a força, o caráter terreno de seu pensamento. O debate sobre a realidade ou a irrealidade de um pensamento isolado da prática é um problema puramente escolástico.

XI- Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de forma diferente; trata-se, porém, de modificá-lo.

A prática é o critério da verdade, quilos e quilos de teoria não se sustentam isolados da prática, é preciso deixar de ficar preso à interpretação do mundo, para transformá-lo. Essa discussão em torno da práxis, provocada por Marx, será desenvolvida por seus estudiosos e, segundo Vázquez (2011, p. 109):

A relação entre teoria e práxis é para Marx teórica e prática; prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, molda a atividade do homem, particularmente a atividade revolucionária; teórica, na medida em que esta relação é consciente.

A relação entre teoria e prática é fundamental para fazer a práxis, para torná-la consciente e revolucionária. Para Marx (2007), a produção de ideias está intrinsecamente ligada à atividade material, pois deve-se considerar que a vida é que determina a consciência.

De acordo com Vázquez (2011), a práxis ocupa o lugar central na filosofia como elemento do processo de sua transformação e, para chegarmos a uma concepção verdadeira da práxis, precisamos compreender e superar a perspectiva histórico-filosófica, por seu caráter idealista.

A práxis é uma atividade consciente, reflexiva, intencional e transformadora; para Vázquez (2011, p.194), “toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis”. Nessa percepção, a práxis é atividade conscientemente orientada, ou seja, não é apenas uma atividade de transformação das coisas da natureza, da tecnologia, mas tem um sentido de transformação do próprio ser humano que, na relação com o mundo, com a natureza, transforma a si mesmo.

Outra questão importante, discutida por Vázquez (2011, p. 216), é que o conhecimento não é simples contemplação, o conhecimento só existe na prática: “nesse sentido uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação.”

O conhecimento verdadeiro, se é que essa é a palavra, necessita da relação entre teoria e prática, numa perspectiva de materialidade do saber, pois “O objeto do conhecimento é produto da atividade humana, e como tal, não como mero objeto de contemplação, é conhecido pelo homem.” (VÁZQUEZ, 2011 p. 143).

O filósofo marxista italiano Antônio Gramsci, afirma que o conceito de práxis passa a ser entendido como histórico, como o fazer-se da própria história; nesse processo, é fundamental a ação humana como interferência no mundo, na realidade. A filosofia busca

uma relação profunda com a prática, a filosofia da práxis estabelece este objetivo de estar ligada organicamente à vida prática, vida comum.

A filosofia da práxis não busca manter os “simples” na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior. Se ela afirma a exigência do contato entre os intelectuais e os simples, não é para limitar a atividade científica e para manter uma unidade no nível inferior das massas, mas, justamente, para forjar um bloco intelectual-moral que torne politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais. (GRAMSCI, 2006, p. 103)

A filosofia da práxis busca a libertação do povo e isso se configura a partir do seu progresso intelectual. A educação tem um papel fundamental nessa transformação, pois a elevação do nível das massas é importantíssima para a “concepção de vida superior”, tornando o intelectual sujeito na história, tornando-o um “intelectual orgânico”.

Graças a Gramsci, os intelectuais recebiam uma missão, a de difundir uma nova concepção do mundo; um cargo, o de “funcionários da superestrutura”; e um espaço de atuação, a sociedade civil, atravessada por instituições como a família, a Igreja, a escola, a universidade, o jornalismo, o rádio e a televisão. (ROUANET, 1999, n/p)

Nessa perspectiva, o conceito de hegemonia, em Gramsci, tem relevância para situar esse sujeito histórico. Segundo Rebuá (2015), hegemonia é um conceito presente em Lênin, mas em Gramsci ele é “vertebral” e vai se desenvolvendo ao longo do tempo.

Da concepção pré-cárcere de hegemonia como uma estratégia da classe operária e um sistema de alianças que o operariado deve dar início com o objetivo de derrubar o Estado burguês, Gramsci passa a compreender a hegemonia, já nas anotações da prisão (que dariam origem à sua maior obra, os Quaderni), como o modo pelo qual a burguesia estabelece e mantém sua dominação (hegemonia como projeto de classe). (REBUÁ, 2015, p.39)

A noção gramsciana de hegemonia estabelece uma compreensão da forma pela qual a burguesia se mantém no poder, que passa pela relação entre estrutura e superestrutura, o papel da sociedade civil (organizações não governamentais, sindicatos, partidos políticos, igrejas e movimentos sociais), as tensões da sociedade política (Estado), a ideologia, para pensar as relações sociais e as possibilidades de tomada do poder pela classe trabalhadora.

Para Gramsci (2000), a hegemonia demanda não apenas a conquista do consenso, mas a liderança cultural, político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras, pois a classe trabalhadora não conseguirá vitórias significativas se não conquistar a hegemonia no plano das ideias.

A escola é um importante espaço de conquista/disputa, no entendimento de Gramsci.

Na escola – que segundo Gramsci, é o principal organismo, na sociedade civil, de formação de intelectuais – os educadores, também intelectuais (pois desenvolvem a cultura, o conhecimento), desempenham função primordial no tocante à construção/manutenção da hegemonia da classe à qual se vinculam. (REBUÁ, 2015, p.49)

A Universidade Popular das Madres de Mayo, hoje Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos, é um lugar de construção da hegemonia da classe trabalhadora, lugar de formação crítica do povo, espaço que potencializa o intelectual orgânico, aquele que tem consciência e reflete criticamente sobre sua condição e sua classe.

Segundo Rebuá (2015, p.59), para Gramsci, “o novo intelectual – orgânico à dinâmica da sociedade e à conquista da hegemonia de sua classe – é caracterizado pela interpenetração entre conhecimento científico, filosofia e ação política, sendo um construtor, organizador e educador permanente.” Esses intelectuais têm um vínculo profundo com as classes populares, pois a história, cultura, afetividade, desse intelectual estão enraizadas nessa classe, no bairro popular, na escola pública, na “feirinha” de bairro, no campo de várzea, no boteco da esquina, no caruru de promessa, no pagode, no forró, nos blocos populares, essa é a alma do intelectual orgânico da classe trabalhadora.

Portanto, a luta por hegemonia se caracteriza pela disputa por espaço nos órgãos formadores de consenso, como imprensa, partidos políticos, sindicatos, parlamento, espaços culturais, escolas e universidades e, atualmente, essa disputa se estabelece, também, nos espaços virtuais, as redes sociais.

Filosofia da práxis e hegemonia são questões essenciais para se pensar e agir numa perspectiva de transformar a realidade, sobretudo no contexto sócio-político-filosófico-cultural da educação popular e dos movimentos sociais.

Os Capítulos

Sobre a estrutura da tese, temos o Capítulo 1 – Educação Popular e Contextos Contemporâneos, que propõe uma análise sobre as origens da educação popular, sua importância antes, durante e depois dos regimes autoritários que contribuíram para o retrocesso político-econômico-social-cultural do continente latino americano.

O Capítulo 1 nos situa na contemporaneidade e sugere pensar os desafios desta conjuntura impactante para os trabalhadores, para aqueles que vivem nas regiões periféricas e como as políticas de caráter neoliberal, com as suas reformas de “atualização” do Estado

aumentam as possibilidades de exclusão social e criam dificuldades para o trabalho de educação popular.

O Capítulo 2 – A Educação, o Popular e a Libertação: o Pensamento Latino-Americano em Diálogo, discute a contribuição dos pensadores da América Latina, que atuam ou atuaram numa linha de reflexividade crítica, sobre os conceitos de Educação, o popular e o conceito de libertação. Apresenta um panorama da Filosofia da Libertação na América Latina e discute a importância do trabalho de Enrique Dussel e a pedagogia do oprimido de Paulo Freire.

O Capítulo 3 – As Madres de Plaza de Mayo: Direitos Humanos e Resistência Como Marcas da Luta, discute os antecedentes históricos do Peronismo até a ditadura civil-militar de 1976-83, a luta das Madres de Plaza de Mayo para encontrar os seus filhos e pelo retorno da democracia na Argentina, o fim da ditadura e os novos desafios das Madres no processo de redemocratização.

O Capítulo 4 – Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo: Um Recorte Entre 2000-2015, conceitua e apresenta experiências de Universidade Populares, discute o surgimento da Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo, reflete sobre a Universidade Popular e a sua contribuição para o contexto latino-americano

O Capítulo 5 – A Universidade das Madres e sua Mudança para Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos, avalia as razões da transição da Universidade das Madres de Plaza de Mayo para o Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo (IUNMa), questiona o Governo de Mauricio Macri e a sua política neoliberal de educação, avalia a apropriação do Instituto das Madres de Plaza de Mayo pelo governo Macri e discute se esse momento representa o fim ou o começo de uma outra história de luta para os que estão envolvidos com o trabalho do Instituto Nacional de Direitos Humanos. Eis a tese que se projeta nesse momento para a análise dos olhares interessados e críticos dos processos de educação popular na contemporaneidade.

1. EDUCAÇÃO POPULAR E CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS

A prática revolucionária somente pode opor-se à práxis das elites dominadoras. E é natural que assim seja, pois são quefazeres antagônicos. (PAULO FREIRE, 2015, p.71)

A educação popular no continente latino americano tem seu momento de grande mobilização na década 1960 do século XX e sofre uma forte influência de movimentos que ocorrem naquela época, como, em âmbito eclesial, o Concílio Vaticano II (1962), a conferência de Medellín (1968) e os antecedentes da Teologia da Libertação, que se consolidaria em 1971; além da Revolução Nicaraguense (que se inicia com a criação da Frente Sandinista de Libertação Nacional em 1961); das lutas pelas reformas de base no Brasil no Governo de João Goulart, em 1964, antes do golpe militar que devastou o país, e das mudanças que acontecem no Chile com a Vitória de Salvador Allende (1970), entre outros tantos acontecimentos que vão contribuir para a formação de um pensamento de base freireana, pois Paulo Freire (do Recife em Pernambuco ³²) é um dos grandes precursores dessa perspectiva de Educação na América Latina.

Esse contexto é muito emblemático para a América Latina, pois, sob influência da teoria marxista, esses acontecimentos e movimentos acabam criando uma expectativa para uma aproximação com o bloco socialista que disputava a hegemonia política, econômica e ideológica do mundo com o bloco capitalista por conta da guerra fria decretada após a Segunda Guerra Mundial (1945). Neste momento de intensas lutas, Nascimento (2015) observa que o projeto de educação popular emergia:

No embate entre forças políticas e sociais que almejavam transformações sociais, à época chamadas de progressistas ou de esquerda, e outras forças retrógradas, refratárias, também chamadas de direita, que combatiam, a qualquer custo e de todas as maneiras, qualquer ideia de progresso e de superação de toda sorte de exploração e opressão humana e que por isso, se opunham a qualquer movimento no sentido de extensão da cidadania e de educação popular no seio das categorias sociais oprimidas e deserdadas. (NASCIMENTO, 2015, p.54)

³². No Brasil, alguns movimentos são fundamentais para a realização de trabalhos de educação popular, a exemplo do MEB (Movimento de Educação de Base), que tinha uma forte vinculação com a Igreja Católica; os CPCs (Centros Populares de Cultura), que surgem com a política de cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE); e os Movimentos de Cultura Popular (MCPs), que tiveram influência das experiências de Paulo Freire com os movimentos de alfabetização popular e ação cultural no trabalho de Extensão Cultural da Universidade de Pernambuco.

Essa história começa a mudar com a ofensiva do capitalismo nessa região, investindo em ditaduras e numa campanha ideológica robusta contra o comunismo e qualquer segmento de esquerda. Surge então a Operação Condor, um acordo político-militar entre Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai e Uruguai para facilitar a cooperação regional na repressão aos movimentos que se posicionavam contra regimes militares.

A Operação Condor foi responsável por milhares de assassinatos e desaparecimentos de militantes revolucionários latino-americanos. A multiplicidade das prisões, tortura e morte dos que ousavam levantar suas vozes contra as atrocidades cometidas pela ditadura militar conduziu o país a uma situação em que quem prezasse minimamente os caminhos democráticos e os direitos fundamentais do homem, sentia-se aviltado e impelido a reagir contra a ditadura e a procurar formas de restabelecer as instituições. (CERVEIRA, 2009, p.102)

Com o advento das ditaduras na América Latina, os movimentos sociais e praticamente todo bloco progressista que alimentava os trabalhos de educação popular, sobretudo as ações desenvolvidas por Paulo Freire foram profundamente combatidas e golpeadas.

Nesse período de golpe na democracia brasileira, Paulo Freire deixa forçosamente o Brasil e primeiro passa pela:

Bolívia, depois no Chile, onde esteve de 1964 a 1969, posteriormente nos Estados Unidos, e depois trabalhando com o Conselho Mundial das Igrejas em Genebra de 1970 a 1980, parte de cujo tempo passou vinculado à experiência educativa de Guiné Bissau, até voltar novamente à América Latina, especialmente no seu último período de compromisso político, pedagógico e pessoal no Brasil (JARA, 2009, p. 38).

Para Nascimento (2015, p.59), no Brasil “com a chegada do golpe civil-militar de 1964, todo esse esforço de Educação Popular, independentemente de suas opções ideológicas, foi duramente reprimido”.

Mesmo dentro desse contexto de combate ao trabalho de educação popular, de acordo com Nascimento (2015), os setores de esquerda não deixaram de se organizar politicamente e buscaram restabelecer a participação popular no âmbito da luta política nacional, tendo destaque na atividade editorial que produziu uma mídia alternativa com jornais, panfletos e cartilhas com conteúdo vigiado pelos sensores da ditadura, mas cumprindo um papel importante nas ações de educação popular.

Lopes (2017) afirma que muitos jornalistas de esquerda não tinham interesse em trabalhar em grandes jornais e por isso criaram veículos de comunicações mais modestos com grande eficácia. Entre os jornais mais conhecidos da época destacamos: O Pasquim (1969-

1991), jornal O Opinião (1972), que encerra suas atividades 1977, O Movimento, de 1975, com duração de três anos, O Bondinho em 1971, o EX em 1973, O jornal O São Paulo, dirigido pelo Arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns de São Paulo e distribuídos pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), suspenso pela ditadura em junho de 1978, O Em Tempo (1978), O Amanhã (1978) com apenas uma edição, o Hora do Povo (1978) que circula até os dias atuais, revista *Versus* (1976) a revista Cadernos do Terceiro Mundo (1973), O Brasil Mulher (1975), *Tiçãõ*, no Rio Grande do Sul, Jonegro, em São Paulo, e Sinba, no Rio de Janeiro (1978) que representava os afrodescendente, Porantim, em defesa dos direitos dos indígenas (1978) o Lampião (1978) pensado por jornalistas homossexuais.

No conflito entre projetos de sociedade e mesmo sofrendo com a ofensiva dos setores retrógrados que defendiam a ditadura como possibilidade de ordenamento da vida social e combate às ideias progressistas, a educação popular acaba se expandindo pela América Latina, Estados Unidos, Europa e África, pois o método Paulo Freire, experimentado em Angicos no Rio Grande do Norte, região Nordeste do Brasil, na década de 1960 torna-se conhecido e viável para a luta por democracia e direitos humanos. Pois, para Freire (1987, p.59), era preciso consolidar uma educação que pudesse “ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição”.

A experiência de Angicos, que tornou Paulo Freire conhecido, nos mostra que o ambiente de sala de aula foi completamente transformado; e ali os debates dão lugar a fóruns de discussão, logo convertidos em Círculos de Cultura, e os participantes desse processo que se alfabetizam começam a ler o mundo com criticidade. Essa leitura de mundo é coletiva, pois uma das propostas do método freireano, segundo Brandão (1984, p.21), “é a ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho”. A educação deve ser um ato coletivo e solidário.

Brandão (1984, p.70), também afirma que a proposta de educação de Paulo Freire demarca o popular “porque o seu trabalho se dirige a operários e camponeses excluídos prematuramente da escola seriada”, isso possibilita a “criação de um saber popular” como “instrumento de uma nova hegemonia.”

O trabalho de Paulo Freire, que encontra resistência no Brasil por conta da ditadura militar, sai mundo afora e países como Chile, Cuba e até a Finlândia, que hoje tem um dos maiores sistemas de ensino do mundo, se abrem para as ideias de Educação Popular de Freire. De acordo com o historiador e doutor em Educação José Eustáquio Romão, que foi amigo de Paulo Freire e especialista em sua obra, em entrevista ao jornal BBC Brasil:

Um país muito simpático ao conjunto da obra do Paulo Freire é a Finlândia, que avançou muito na educação. Cuba também acabou com o analfabetismo com base no método. A Coreia do Sul também. Para você ter uma ideia, o maior seminário internacional sobre Paulo Freire foi realizado na Universidade Nacional da Coreia do Sul há três anos. Estávamos lá debatendo com todas as autoridades coreanas e todos os freireanos do mundo. (ROMÃO, 2015, p.01)

Os regimes autoritários na América Latina não conseguiram acabar com as ideias de Paulo Freire e os trabalhos de educação popular são necessários e essenciais para enfrentar os desafios da contemporaneidade. Freire tem importância internacional e sua teoria/práxis ainda tem grande relevância para o debate sobre educação no mundo. Uma educação para a humanização e para emancipação, essa perspectiva de educação se faz necessária.

1.1. A educação popular, redemocratização e as mudanças desse período

Após a instauração de governos autoritários em toda a América Latina que começam a findar nos anos 1980, novos desafios se apresentam para os movimentos que acreditavam numa escola crítica e libertadora. O mundo não era mais o mesmo e alguns novos paradigmas capitais se afirmavam, trazendo dificuldades para a luta dos educadores e militantes envolvidos no projeto de construir uma educação popular.

Três paradigmas são impactantes para a educação popular nesse período. O primeiro é a implantação do neoliberalismo, que resulta do entendimento entre os países que compõem o bloco capitalista, de que é preciso promover reformas no âmbito do Estado para minimizá-lo, enxugá-lo, reduzindo o seu tamanho e seu papel político e econômico. Esse modelo negará as políticas sociais e obviamente será perverso para os mais pobres, pois sendo mínimo, o Estado não alcança aqueles que necessitam dos seus serviços essenciais como saúde, educação, segurança e políticas de habitação e saneamento básico.

Nesse sentido, o neoliberalismo propõe as privatizações, a desregulamentação das relações de trabalho, o ajuste fiscal e monetário, destrói as políticas sociais e contribui para a fragilização das condições de vida da maioria da população.

O golpe militar no Chile³³, em 1973, começa a implantar algumas reformas neoliberais, mas do ponto de vista global, esse modelo se consolida com uma aliança entre EUA, Inglaterra e Alemanha, que tem a missão de universalizar essa política.

³³. Para Sader, o continente onde o neoliberalismo nasceu - no Chile e na Bolívia - se estendeu ainda mais enquanto território privilegiado, tornando-se, em pouco tempo, o espaço de maior resistência e construção de

Viana (2008) considera que o neoliberalismo vai sendo implantado:

paulatinamente a partir dos anos 1980. A eleição do governo Thatcher em 1979 ao lado da vitória eleitoral de Ronald Reagan em 1980 e, posteriormente de Helmut Kohl em 1982 marca o avanço sucessivo de governos neoliberais, que, assim, assumem o poder na Inglaterra, EUA e Alemanha, respectivamente. (VIANA, 2008, p.05)

Esse tripé (Inglaterra, EUA e Alemanha) será responsável por impor aos países de capitalismo subalternizado, incluindo os países da América Latina, exceto Cuba, uma nova forma de continuar acumulando capital, manter o seu domínio imperial e administrar as desigualdades, traço característico deste modo de produção.

Para Filgueiras (2006, p.185), “o projeto neoliberal e a sua política têm como importante aliado à classe média alta, novos ricos que rejeitam qualquer coisa parecida com um Estado de Bem-Estar Social, do qual não se beneficiariam”. Filgueiras (2006) pondera que esse projeto que propõe o neoliberalismo, mesmo não contemplando as perspectivas da classe trabalhadora, produz um discurso de forma doutrinária que acaba se ampliando para toda sociedade numa tentativa de buscar um consenso em todos os setores da sociedade, inclusive na classe trabalhadora, para as reformas neoliberais. A classe trabalhadora acaba “aceitando” o discurso ideológico de um projeto político-econômico-social-cultural que nega os interesses dos próprios trabalhadores.

Dentro dessa lógica de pensar sobre essa realidade que se impõe no contemporâneo, Gentili (1996, p.2) considera que se é certo que o projeto neoliberal se tornou “hegemônico”, isto se deve ao:

êxito cultural mediante a imposição de um novo discurso que explica a crise e oferece um marco geral de respostas e estratégias para sair dela - se expressa na capacidade que os neoliberais tiveram de impor suas verdades como aquelas que devem ser defendidas por qualquer pessoa medianamente sensata e responsável.

Esse modelo, que se parece converter num “sistema-mundo”³⁴ como defende (Wallerstein, 1974), se caracterizará por impor “verdades” sobre a gestão do Estado, sobre o modelo econômico que todos devem partilhar e defender. Mesmo tendo as diferenças

alternativas a esse mesmo neoliberalismo. (A Nova Toupeira: Os Caminhos da Esquerda Latino-Americana, cit. p. 32).

³⁴. Para Wallerstein “Um sistema mundo é um sistema social, um sistema que possui limites, estruturas, grupos associados, regras de legitimação e coerência. A sua vida é feita das forças em conflito que o mantêm unido por tensão e o dilaceram na medida em que cada um dos grupos procura eternamente remodela-lo a seu proveito. Tem as características de um organismo, na medida que tem um tempo de vida durante o qual suas características mudam em alguns aspectos e permanecem estáveis noutros. ”. (cit. p. 337).

apresentadas pelo próprio Wallerstein (1974), de centro, periferia ou semi-periferia³⁵, todos se enquadram, de uma forma ou de outra na lógica do capitalismo contemporâneo.

No Brasil, o neoliberalismo se instaura a partir do governo do presidente Fernando Collor de Mello (1990-1992). Tal política contribui para expandir a exclusão social com a privatização, o avanço do desemprego, o processo de terceirização de serviços, incluindo os serviços públicos. Filgueiras (2006, p. 183) aponta que:

A vitória desse projeto expressou, ao mesmo tempo em que estimulou, um processo de transnacionalização dos grandes grupos econômicos nacionais e seu fortalecimento no interior do bloco dominante, além de exprimir, também, a fragilidade financeira do Estado e a subordinação crescente da economia brasileira aos fluxos internacionais de capitais.

O neoliberalismo representa uma mudança na perspectiva de desenvolvimento do país pois fortalece o capital internacional e, também os grandes grupos nacionais que para Filgueiras (2006) se transnacionalizaram e conseguiram se “financeirizar”.

Áreas como educação, saúde, sofrem com a chegada do modelo neoliberal, pois para Netto (1995, p.195) essa perspectiva de ordenação política do estado não pretende apenas minimizar as ações estatais, “mas encontrar as condições ótimas (hoje só possível com o estreitamento das instituições democráticas) para direcioná-la segundo seus interesses particulares de classe.”

O segundo paradigma corrobora o primeiro e serve como ferramenta para instalação e funcionamento do neoliberalismo. Falamos do Toyotismo que, na década de 70 do século XX, possibilita a atualização da exploração capital/trabalho. Para Marx (2002, p. 278) É fundamental pensar que essas novas relações e forças de produção não são criadas a partir do acaso ou seja; “não caem do céu”, mas “sim no interior e em antítese ao desenvolvimento existente da produção e das relações de propriedade tradicionais herdadas.”

Por isso, Viana (2008, p.04) justifica que:

O modelo Toyota, forma específica instaurada no processo de valorização (relações de trabalho), proporcionou a base da chamada reestruturação produtiva e sua generalização mundial que se inicia nos países de capitalismo imperialista e atinge, de forma diferenciada, os países de capitalismo subordinado. Um novo regime de acumulação se instaura e este exige uma nova formação estatal, o neoliberalismo.

³⁵. No entendimento de Wallerstein, o Centro são países com Estados fortes, tendo a capacidade de ampliar seu domínio para além de suas fronteiras, a Semi-periferia, são Estados que têm o controle de sua política interna, mas não exercem influência externa e a Periferia são Estados que nem possuem o controle da sua política interna, nem exercem influência externa.

Cria-se um padrão de acumulação flexível, o trabalhador vive numa condição de instabilidade e o modelo impõe uma fragmentação da classe trabalhadora através do processo de flexibilização das relações trabalhista. Exige-se um perfil de trabalhador que seja multifuncional e pluriespecializado, a especialização, a dedicação aos estudos é fundamental para tentar se manter no mercado de trabalho, pois esse “operário” precisa ser atualizado ao mesmo tempo que é descartável com o processo de terceirização da mão de obra. “Em outras palavras, entrar na grande família Toyota exige mais aptidões que o fordismo. Mas os salários não corrigidos à altura do aumento da qualificação.” (GOUNET, 1999, p. 30).

Esse processo, também inclui o que hoje chamamos de “Uberização do trabalho”, uma realidade extremamente difícil para a classe trabalhadora que se vê sem direitos, sem força política, sem nenhum tipo de proteção. Antunes (2019), em entrevista cedida para o jornalista Heitor Peixoto do portal Congresso Em Foco e reproduzida pela Revista On Line da Unisinos, para divulgar o seu atual livro “*O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*”, lançado pela Boitempo Editorial, denomina a “Uberização” como:

mascaramento de relações assalariadas, que assumem a aparência do trabalho do empreendedor, do trabalho do prestador de serviços, dos trabalhos desprovidos de direitos. Os direitos desaparecem, porque se desvanece a figura do trabalhador ou da trabalhadora, e se faz aflorar a falsa ideia de um empreendedor, de um PJ, de um trabalhador que é dono do seu instrumental de trabalho, e isso faz com que a degradação da vida no trabalho no capitalismo do nosso tempo chegue a um patamar que se assemelha, em plena era informacional-digital, à era da revolução industrial. (ANTUNES, 2019, p.01)

As relações de trabalho no capitalismo contemporâneo da era digital, fragmentado, terceirizado e desprovido de legislações que protejam o trabalhador, torna o trabalhador um “servo privilegiado”, pois apesar de todas essas agressões à sua condição de trabalhador, ele agradece por ser motorista de aplicativo, entregador de alimentos, professor terceirizado, pois o desastre do desemprego seria algo pior. A classe trabalhadora encontra-se na maior defensiva da história. É triste!

Este processo de implementação do neoliberalismo e toyotismo, criará dificuldades para a retomada dos trabalhos de educação popular no continente latino americano. Para Pereira e Pereira (2010), a implantação do neoliberalismo, contribui para o desmoronamento das lutas sociais. Os movimentos sociais fragilizados impactam, sobremaneira, a educação popular e isso produz desmobilizações na prática cotidiana desses movimentos.

Muitos educadores populares, também, passaram a se questionar sobre a viabilidade de transformação da sociedade. Muitos, inclusive, são capturados pela lógica do mercado, entregando-se a uma visão fatalista da história”. (PEREIRA e PEREIRA, 2010, p. 81).

O terceiro paradigma e fator preocupante para a luta popular foi a crise do bloco soviético ou socialista, que se desintegra no final dos anos 80 e início dos 90 do século XX. A queda do Muro de Berlim em 1989 e a dissolução da União Soviética em 1991, a partir das reformas econômicas (*Perestroika*) e políticas (*Glasnost*) do Governo Gorbatchov e acabam com a bipolaridade e o capitalismo hegemôniza-se.

A URSS chega ao início da década de 80 em uma situação bastante delicada. Muitos especialistas no Ocidente vinham revelando, já durante a década de 70, que graves contradições se acumulavam nas economias e nos regimes da esfera soviética. Dificuldades econômicas e sérios conflitos sociais ocorriam desde a segunda metade dos anos 70 nos países do bloco, especialmente na Polônia, onde imensas mobilizações operárias desafiaram o poder monolítico do partido comunista local e deram origem ao sindicato Solidariedade. Mas foi somente a partir de 1985 que o grande público ocidental tomou conhecimento da grave crise pela qual passava a própria URSS, quando foi anunciado um programa de reformas econômicas, a *Perestroika*, e de reformas políticas no sistema, a *Glasnost*, que projetou Gorbachev como personalidade mundial. (RODRIGUES, 2006, p. 202)

Para Gadotti (2000) com a queda do Muro de Berlim, que sinaliza o fim do socialismo real, não se tem ideia sobre o que de fato esse acontecimento representa para todos nós. Esses fatores estruturais e conjunturais produzem obstáculos para a educação popular, pois ampliava a hegemonia do capitalismo. Mas, mesmo inseridos nesse ambiente de reformas do capital e declínio do socialismo real, os movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos, as pastorais e Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), não vão aceitar passivamente essas mudanças em um contexto de reestruturação produtiva e estatal, e começam a ressignificar a educação popular.

Ainda na década de 1980, em São Paulo, quando Luiza Erundina se torna prefeita da maior capital do Brasil pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Paulo Freire é convidado para ser secretário de educação e toda aquela experiência acumulada com Angicos, os círculos de cultura e a sua militância no exílio quando experimentou o seu trabalho de educação popular foi ofertada para o povo. Para Gadotti; Torres, (2001, p. 12). “Freire era o símbolo da mudança educativa que o PT propunha para a população de São Paulo. ”, pois Freire tinha “reaprendido o Brasil” depois das várias experiências com educação popular.

A escola, para Freire (Gadotti; Torres, 2001), seria um espaço de transformação, de mudança de postura na forma de ver o mundo e as suas relações, sobretudo a relação entre as

classes. Essa perspectiva de educação será praticizada na secretaria de educação do município de São Paulo, na gestão de Freire.

A escola como um espaço de ensino-aprendizagem será então o centro de debates de ideias, soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência. O filho do trabalhador deve encontrar nessa escola os meios de autoemancipação intelectual independentemente dos valores da classe dominante. A escola não é só um espaço físico. É um clima de trabalho, uma postura, um modo de ser. (GADOTTI; TORRES, 2001, p. 16).

Esse momento de ascensão de governos municipais populares no Brasil, na década de 1980\90³⁶, caracteriza a fase de redemocratização e contribuirá para a luta por eleições democráticas com o movimento Diretas Já, que ocorre entre os anos de 1983-1984. A Emenda Constitucional Dante de Oliveira foi rejeitada pelo Congresso e isso impossibilitou a realização de eleições diretas para presidente da república, mas criou condições para a volta da democracia. Aos poucos, o processo de ressignificação da educação popular vai sendo retomado.

No final do século XX e início do século XXI, países como Brasil, Equador, Argentina, Bolívia, Uruguai, Venezuela, Paraguai, Chile, elegeram governos considerados progressistas, com uma agenda menos neoliberal e mais social. É óbvio que nenhum desses governos conseguiu concretizar o Socialismo, tal como este é tradicionalmente definido, inclusive porque a intenção de muitos deles não era essa, mas houve um conjunto de políticas para o fortalecimento das questões de gênero, étnicas e de direitos humanos, numa perspectiva de fortalecimento da sociedade civil.

Na Venezuela, Hugo Chávez (1999 até 2013) e Nicolás Maduro (2013 até a atualidade), na Bolívia, Evo Morales (2006 até a atualidade); no Paraguai, Fernando Lugo (2008-2012); no Brasil, Lula (2003 – 2010) e Dilma (2011 – 2016); no Equador, Rafael Correa, na Argentina, Néstor Kirchner (2003 –2007) e Cristina Kirchner (2007 – 2015); no Uruguai, Pepe Mujica (2010 – 2015) no Chile Michelle Bachelet, no primeiro mandato (2006 – 2010) e de (2014-2018), representavam uma espécie de esperança para os trabalhadores e movimentos sociais, pois, mesmo governando numa perspectiva reformista e mais próxima dos ideais socialdemocratas e não socialista, essa ascensão dos partidos de esquerda reacendia o sonho

³⁶. O Partido dos Trabalhadores elege na cidade de Fortaleza em 1985, Maria Luiza Fontenelle. Ela será a primeira prefeita do partido numa grande capital. No ano de 1988, o partido vence e conquista as prefeituras de São Paulo com Luiza Erundina, da cidade de Santos com Telma de Souza e Porto Alegre no Rio grande do Sul com Olívio Dutra e Vitória, entre outras 33 cidades. Nesse período, há um crescimento significativo dos setores progressistas.

de construção de um mundo melhor para os mais pobres e, de certa forma, ressignificava o papel da educação popular.

Esses governos foram se enfraquecendo e sendo enfraquecidos a partir da segunda década deste século, e o resultado tem sido a perda de espaço no poder e o crescimento de um pensamento neoliberal que faz parte de uma estratégia da direita para “satanizar” a esquerda, tentando inviabilizá-la por muito tempo na política e na possibilidade de retorno ao poder.

É importante salientar que, nesse processo de chegada ao poder institucional por parte das esquerdas, alguns erros foram cometidos, entre eles a falta de apoio aos movimentos sociais que tinham uma relação privilegiada com esses governos e, por isso, algumas lutas e reivindicações deixaram de ser realizadas, como a reforma política, a reforma na educação, saúde e a discussão sobre as reformas no campo e na cidade, entre outras pautas interessantes para os movimentos sociais e para a sociedade.

Outra questão importante para análise dessa conjuntura é discutida por Jakobsen (2015, p. 01), quando considera que:

A falta de sustentabilidade das transformações sociais empreendidas por todos os governos mencionados, seja Argentina, Brasil, Chile, Venezuela e até a cidade de Bogotá, pois após a melhoria da distribuição de renda, implantação de programas de habitação popular, mais acesso à educação, entre outros benefícios, a demanda por direitos aumentou, e não se admitem retrocessos em relação ao conquistado. Além disso, um problema crônico da esquerda é não gerar a percepção de “pertencimento” da população em relação aos direitos promovidos pelos seus governos nem gerar a consciência sobre o papel do Estado nessa ação. As pesquisas realizadas no Brasil entre integrantes de classes sociais ascendentes revelaram que a maioria considera seu progresso como resultado do próprio esforço.

Esse cenário é extremamente preocupante para educadores que acreditam na educação popular e na possibilidade de construção de um outro mundo. A fragmentação dos governos de esquerda³⁷ e o fortalecimento de setores conservadores neoliberais que ampliam os compromissos do neoliberalismo com as reformas para reduzir as responsabilidades do Estado, minimizando-o, contribuem para a fragilização da educação popular e da utopia de uma educação crítica, emancipadora e libertária.

³⁷. “Pretendo reafirmar minha tese de que o elemento que melhor caracteriza as doutrinas e os movimentos que se chama de ‘esquerda’, como tais têm sido reconhecidos, é o igualitarismo. Desde que entendido, repito, não como a utopia de uma sociedade em que todos são iguais em tudo, mas como tendência, de um lado, a exaltar mais o que faz os homens iguais do que o que os faz desiguais, e de outros, em termos práticos, a favorecer as políticas que objetivam tornar mais iguais os desiguais.” (BOBBIO, 1985, p. 110). O termo esquerda, nesse aspecto, está diretamente ligado à ideia de inclusão social e promoção dos direitos humanos.

1.2. Educação popular e o Brasil despedaçado: os impactos da crise política

A necessidade da educação popular nunca foi tão urgente no Brasil como nos dias atuais. A conjuntura brasileira é parte desta caracterização feita acima para a América Latina e a desafiadora tarefa de barrar o avanço do neoliberalismo e das reformas contra as classes subalternizadas do continente é, também, a tarefa do povo brasileiro. Importa pautar a conjuntura específica do nosso país para que esses acontecimentos fiquem registrados para a história. É responsabilidade da academia e de todos os pesquisadores que estão inseridos neste contexto relatar em suas dissertações e teses o que está acontecendo com a nossa sociedade e como tudo isso influenciará o nosso futuro.

A partir de junho de 2013, o Brasil vivencia uma série de protestos que levam milhares de pessoas às ruas, demonstrando o descontentamento da população com os serviços prestados pelo Estado, com a corrupção e outros temas que se misturaram ao movimento, causando uma ampliação da pauta de reivindicações e uma indefinição de prioridades. Esses protestos, que começam contra o aumento da tarifa de ônibus no município de São Paulo, se expandem para outras temáticas, como: a luta contra a PEC 37 (conhecida como PEC da impunidade), melhorias na saúde, na educação, reforma política e o questionamento dos gastos com a Copa do Mundo de 2014.

As manifestações de junho de 2013 no Brasil fazem parte de uma nova forma de movimento social composta predominantemente por jovens escolarizados, predominância de camadas médias, conectados por e em redes digitais, organizados horizontalmente, críticos das reformas tradicionais da política, tais como se apresentam na atualidade – especialmente os partidos e sindicatos –, eles pregam a autonomia em relação a essa forma antiga, embora alguns possam ter articulações com alguns partidos mais radicais. (GOHN, 2014, p.12)

Em seu livro “Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e Praças dos Indignados no Mundo”, Maria da Glória Gohn relaciona esses jovens a uma dinâmica internacional, aos movimentos que estão acontecendo no mundo. Gohn (2014, p.09) afirma que essas manifestações não são “nacionalistas” e que esses “modos e formas de agir coletivos”, foram construídos a partir de “redes sociais, telefonia móvel, e advém de ondas globais, internacionais”.

Vale ressaltar que o movimento que lidera essas manifestações é o MPL (Movimento Passe Livre), um grupo de caráter apartidário, horizontalizado, autônomo e que tem como principal bandeira de luta, o transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da

população e fora da iniciativa privada. É marcante nesse movimento uma influência do anarquismo. Depois do mês de junho de 2013, as manifestações vão perdendo força e o governo federal anuncia em pronunciamento da presidenta Dilma, um conjunto de ações para combater a corrupção e estimular a reforma política e melhoras estruturais.

Muita coisa fica apenas no papel, na promessa, pois, para Gohn (2014, p.35) “as respostas ou antecipações de ações governamentais ficaram em “balões de ensaio”, a exemplo do anúncio de plebiscito de uma reforma, pactos políticos; no entanto, aceleram-se programas já previstos, como o “Mais Médicos” etc. Em 2014, após quase um ano de intensas mobilizações no país e um grande desencantamento da população com as políticas de estado e os partidos políticos, tem início as manifestações contra a realização da Copa do Mundo.

Não temos a liderança do Movimento Passe Livre nessas intervenções, mas uma ação bem administrada através do *Facebook* pelo grupo *Anonymous*, que é de origem norte-americana e tem uma capacidade muito grande de fazer intervenções via rede, inclusive derrubando sites que o grupo elege como inimigos.

Outro grupo que se destaca nesses protestos contra a Copa do Mundo são os *Black Blocs*, um movimento considerado anarquista, de acordo com Gohn (2014), que foi criado na Alemanha no início dos anos 1980. Esse grupo começa a aparecer de forma mais sistemática a partir do segundo semestre de 2013 e tem um grande destaque em 2014, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. A violência das suas ações acabou fazendo a mídia criminalizar esses atos, chamando-os de vândalos, e isso fez a sociedade reprovar os *Black Blocs*.

Como repudiam as formas da democracia representativa, adotam a ação direta como tática, E, para eles, a ação direta inclui a violência. Trata-se de uma violência performática – há performances previstas: quebrar vidraças, janelas e portas de vidros de bancos e estabelecimentos comerciais de multinacionais ou lojas de carros. (GOHN, 2014, p.59)

A violência como forma de protesto, para os *Blocs*, seria uma tática para chamar atenção, principalmente contra a propriedade privada, que é uma das grandes contradições do capitalismo. Assim, esse grupo acabou dando o tom das manifestações ao longo de 2014 e a pauta foi deixando de ser o aumento da tarifa de ônibus e outros temas foram mais destacados, como a reforma política, por exemplo. Mesmo com essa agitação político-social no país, a Copa do Mundo aconteceu e ainda com vexame da seleção brasileira, para completar a atmosfera de indignação.

No segundo semestre de 2014, tivemos a eleição para presidente da república e o governo Dilma teria que reverter esse ambiente de contestação da sua política e ainda conter a crise econômica, que já era uma realidade. Seria muito difícil ganhar a eleição num clima como o que estava instaurado, pois tudo levava a crer que o Partido dos Trabalhadores deixaria o poder e abriria uma transição para um outro núcleo político, formado principalmente pelo PSDB e partido Democratas.

Outro elemento que tornou complexa a vitória de Dilma Rousseff foi o avanço da Operação Lava Jato,³⁸ pois os fatos tinham uma cobertura intensa da mídia, que, obviamente, operava no sentido de desgastar o governo por conta das suas preferências eleitorais. A mídia escolhia o que deveria ir ao ar e, com isso, buscava criar uma “opinião” sobre a corrupção no Brasil.

A mídia é a grande janela que nos revela a todos o exterior da vida doméstica, aquelas informações que não podemos alcançar em nossas relações interpessoais. Com linguagem, imagens e subjetividade, ela define o que deve ser conhecido na sociedade de massa. Emoldura o mundo e, para tanto, simplifica-o. (GOMES, 2016, p.07)

Esse foi mais um e talvez o maior desafio do governo Dilma, pois diversos fatos da Operação Lava Jato faziam uma relação direta com a presidente, inclusive na véspera da eleição, como mostra capa da revista Veja divulgada 72 horas antes da eleição.



FIGURA 1. Veja (2014)³⁹

Mesmo passando por toda essa avalanche de problemas que sacudia o seu governo desde o final de 2012 até o processo eleitoral em 2014, a esquerda ou, pelo menos, esse setor

³⁸. Para Gomes, a operação Lava Jato é uma “longa e complexa investigação instaurada pela Polícia Federal, e que ensejou diversas ações penais tendo como réus empresários, políticos e funcionários públicos, concentradas no juízo da 13.ª Vara Criminal da Justiça Federal de Curitiba, no Paraná.” (cit.p. 02).

³⁹. Imagem disponível em: <https://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/25/tse-da-direito-de-resposta-a-dilma-no-site-da-revista-veja.htm>. Acesso em 28/03/2017

da esquerda acabou vencendo as eleições num país completamente dividido, pois a vitória foi apertada e Dilma obteve 51,6% dos votos, contra 48,3% de Aécio Neves (PSDB). Isso sinalizava para um futuro de intensas agitações, mesmo depois das eleições.

Em março de 2015, um novo ciclo de mobilizações se inicia e, dessa vez, são grupos de caráter reacionário que se organizam através do Movimento Brasil Livre (MBL). Esse grupo é hegemonizado pelos setores de classes médias altas e urbanas e por setores da burguesia. O MBL vai às ruas para defender o Impeachment de Dilma Rousseff e revela a face de uma mobilização conservadora de direita que recebera apoio de grande parte da mídia apoiadora do golpe na democracia brasileira.

O MBL (Movimento Brasil Livre) foi protagonista nos protestos, mas outros grupos da mesma natureza surgiram, como o Vem Pra Rua e os Revoltados On Line. Todos esses grupos revelam uma nova direita que não tem receio de ir às ruas, usam um discurso apartidário, embora tenham proximidade com partidos defensores de uma agenda mais neoliberal, utilizam gente jovem para se comunicar com o público e dizem que a principal bandeira de luta do movimento é libertar o Brasil do que eles chamam de “ditadura petista-bolivariana”, que é capitaneada pelo Partido dos Trabalhadores.

O MBL é oficializado em novembro de 2014, logo após o fim do segundo turno das eleições presidenciais de 2014. Alguns dos seus idealizadores assumiram a defesa da candidatura de Aécio Neves, candidato derrotado do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) à Presidência da República. Ambos os movimentos vêm defendendo publicamente a renúncia ou abertura de processo de *impeachment* contra a presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores. (FIRMINO, 2015, p.02)

Com esse falso discurso apartidário que se aproveitou da crise política e da “corrupção”, boa parte dos integrantes do MBL se elegeram⁴⁰ para cargos de vereadores em várias cidades do Brasil. O MBL é hoje o espaço que aglutina a juventude de direita do país. Estamos diante de um novo cenário de lutas sociais no Brasil.

De acordo com o professor Antônio Dias (2019), um dos grandes estudiosos sobre educação popular e movimento social no Brasil, é preciso pensar sobre a classificação/caracterização dos movimentos Black Bloc, MBL, Anônimos, Revoltados On Line e outros da mesma natureza, como movimentos sociais. Para Dias (2019), esses grupos e movimentos se enquadram numa outra classificação, são expressões do banditismo social, por carecerem de ação transformadora positiva, altruísta, sendo retrógrados e malfazejos.

⁴⁰. Carta Capital. MBL elegeu oito de seus 45 candidatos. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/mb-elegeu-oito-de-seus-45-candidatos>, acessado em: 02 de maio de 2017.

Os movimentos sociais buscam a ampliação da cidadania, dos direitos humanos e esses movimentos buscavam apenas seus interesses, como ficou comprovado durante o processo eleitoral, com a candidatura de vários integrantes desses movimentos para deputados estaduais e federais, ou seja, o povo foi usado por eles.

O conceito de banditismo social é utilizado no livro “Bandidos”, do historiador Eric Hobsbawm (2010), que distingue dois tipos de bandidos: um, o nobre, que rouba para dar ao seu povo pobre e mata raramente, tendo a admiração e lealdade do povo, a exemplo de Robin Hood; o outro é o bandido vingativo, que, por ter sido traído, por ter sofrido ofensas ou alguma injustiça, começa a praticar crimes e ajuda pouco os pobres, mas espalha o horror e o medo por onde passa. O cangaço (Lampião), no Brasil, pode ser exemplo desse tipo de banditismo, digo pode, pois, essa discussão conceitual sobre bandido “nobre” e bandido “vingativo” gera polêmicas ainda.

Mas, a partir da provocação do professor Dias (2019), esses movimentos do tipo MBL (Movimento Brasil Livre), retirado todo o romantismo que essa discussão carrega, não seriam enquadrados como movimentos sociais, mas sim como banditismo social, do tipo vingativo ou, atualizando, do tipo oportunista, que pode ser um agente de interesses econômicos locais, a mando de grupos poderosos, ou pode ser um bandido que atua por conta própria, para garantir seus interesses. Todos esses grupos que se mobilizaram para desestabilizar o governo Dilma e posteriormente derrubá-la do poder, são movimentos dessa natureza, não são movimentos sociais.

Toda essa movimentação de desgaste do Partido dos Trabalhadores e a nova aliança política que se formava no Congresso Nacional entre PSDB, DEM e PMDB, que até então era aliado da presidenta, com Michel Temer na vice-presidência da república, resulta no impeachment da presidenta Dilma. Michel Temer, tendo apoio desses partidos de oposição, desfaz a aliança com o PT e articula o afastamento de Dilma Rousseff.

Com a chegada ao poder, o Governo peemedebista e seus aliados que patrocinaram o impeachment, defensores da plataforma política denominada “Ponte para o Futuro”, que projetava levar adiante a reforma da previdência, que não andou, mas conseguiram aprovar a reforma trabalhista, que retira direitos dos trabalhadores e torna o cenário do Brasil “temerário”.

A aprovação, também, recente da lei de terceirização geral e irrestrita descarta cada vez mais o trabalhador, tornando-o um qualquer na dinâmica da relação capital/trabalho.

Além de aprovar a terceirização irrestrita, que precariza ainda mais as relações de trabalho no Brasil, o governo pretende flexibilizar as negociações coletivas de modo a permitir jornadas de até 14 horas por dia, sem pagamento de horas extras. Ao esgotar a força de trabalho até o limite de suas capacidades, o governo parece querer substituir supostos vagabundos por escravos modernos. (MARTINS, 2017, p.1)

Temer enfrenta um contexto de impopularidade e insiste em impor uma agenda negativa para a população, à medida que se aproxima o pleito eleitoral de 2018. Essa postura do governo de impor reformas contra o povo pode contribuir para reacender a luta dos movimentos sociais, que desde o início desse governo têm convocado passeatas, greve geral, dia nacional de mobilização. Até o Rock In Rio – festival de música que ocorre em setembro de 2017 – foi palco de protestos e gritos de Fora Temer.

O fato político mais relevante deste cenário de 2017, foram as delações dos Irmãos Batistas, donos da JBS, empresa brasileira do ramo de alimentos que entregou provas à justiça demonstrando envolvimento direto do presidente Temer com recebimento de propina para silenciar o ex-deputado Eduardo Cunha (PMDB), preso por corrupção. A situação do governo não era confortável e um possível impedimento do seu mandato, alteraria profundamente a correlação de forças na política brasileira, podendo barrar o andamento de parte das reformas antipopulares, mas isso não aconteceu, pois, a primeira denúncia de corrupção contra Michel Temer foi arquivada em agosto de 2017 pelos deputados por 263 votos a favor e 227 votos contra de 2017.

A segunda denúncia de corrupção foi votada em outubro de 2017 e novamente foi arquivada por 251 votos favoráveis ao parecer do deputado Bonifácio de Andrada do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), que rejeitava a denúncia de obstrução de Justiça e organização criminosa, contra 233 deputados votaram a favor das investigações. Esse processo acaba mantendo o grupo que golpeou a democracia em 2016 no poder.

A realidade sócio-política-econômica do Brasil tem se dinamizado muito rapidamente e os acontecimentos surpreendem a sociedade. Toda essa conjuntura pode reanimar, também, as ações de educação popular, pois, de acordo com Calado (2016), é nos contextos de crise do capital que setores conservadores da sociedade, apelando para o mercado, se aproveitam para neutralizar ações de caráter progressista, a exemplo da Educação Popular de referencial freireanos, mas é, também, em contextos de crise, que se pode apresentar saídas para a sociedade.

É importante que esses caminhos que podem surgir, a partir da ação popular, tenham a dimensão daquilo que Enrique Dussel (2007), um dos precursores da Filosofia da Libertação,

chama de “Potentia” que é um poder que vem do povo ou da comunidade e nessa instância há uma força que pode impulsionar as grandes ações perante a ameaça da reprodução da vida. Essa potência é uma vontade de viver e essa vontade precisa se fortalecer a cada dia em períodos de crise e ameaça ao Estado democrático de direito.

Nesse sentido, o trabalho de educação popular nas comunidades, bairros, escolas, associações de moradores, no campo, é essencial para contribuir com a mudança desse quadro temerário e preocupante.

1.2.1 A prisão do ex-presidente Lula e a greve dos caminhoneiros, momento mais agudo da crise política no Brasil

A prisão do ex-presidente Lula, no dia 07 de abril de 2018, decretada por um judiciário parcial comandado pelo juiz (naquele momento) Sérgio Moro⁴¹ e hoje Ministro da “Justiça” do governo Bolsonaro, foi um dos momentos mais dramáticos do golpe à democracia brasileira. O fato teria impactos profundos no processo eleitoral que resultou na vitória da extrema direita em outubro desse mesmo ano.

Sabendo da decretação de sua prisão, Lula se direciona (no dia 06 de abril) para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, no ABC paulista, seu berço político, e ali inicia uma espécie de vigília política que atrairia diversos políticos, intelectuais e militantes de vários partidos e tendências políticas. Essa atitude de Lula e, em parte, da direção do Partido dos Trabalhadores (PT), irá mobilizar os grandes veículos de imprensa para cobrir um dos fatos políticos mais importantes da década.

Depois de várias discussões, chega a informação, dada pelo próprio Lula na missa/ato das 11:00 horas da manhã do dia 07 de abril, que o melhor a fazer seria se entregar à “Justiça” e lutar pela liberdade por vias institucionais. Aliás, esse sempre foi o perfil de Lula, que se notabilizou por ser um grande negociador e, também, legalista e reformista.

A cena de militantes pressionando as grades do portão do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, impedindo a saída do carro que levaria Lula até a custódia da polícia, é altamente simbólica: os militantes

⁴¹. Passado alguns meses da prisão, a parcialidade de Sergio Moro, responsável por condenar Lula, saltou aos olhos da comunidade jurídica brasileira. Sua nomeação para o Ministério da Justiça e Segurança Pública por Jair Bolsonaro, beneficiado na corrida eleitoral pela prisão de Lula, foi classificada, por uma das procuradoras da Lava-Jato, como uma possibilidade de “queimar a operação.” Fato é que a parcialidade de Sergio Moro é perceptível desde a condução coercitiva ilegal de Lula, passando pela divulgação ilegal dos grampos entre esse e Dilma Rousseff, até chegar à própria condenação sem provas do ex-presidente. (NETTO e VASCOCELOS, 2016, p.02)

sabiam da militância, e estavam genuinamente convictos do que seriam capazes de fazer, mas o ex-presidente sabia do porteiro, do motorista de ônibus, do metalúrgico que ele já foi, daqueles e daquelas que formam a maioria que sequer se veem representados por sindicatos. (GOMES, 2018, p.01)

A saída do ex-presidente Lula do sindicato significava, para muitos, a vitória das forças conservadoras, que conseguiram encarcerar o maior líder popular do Brasil das últimas quatro décadas. A prisão de Lula prendia, também, as esperanças de setores progressistas, que ainda acreditavam que poderiam virar o jogo político e dar uma resposta ao extremismo de direita que avançava no país desde as manifestações de 2013, que dão início ao processo de intolerância política e perseguição aos militantes, partidos, intelectuais e agrupamentos diversos que se identificavam com os ideais de esquerda.

Para o sociólogo Jessé Souza (2018), em entrevista cedida ao Portal Vermelho para a jornalista Joana Rozowykwiat, “o que está em jogo é uma disputa de projeto e que o discurso do combate à corrupção tem sido sempre manipulado para legitimar o poder das elites.”

Para Souza (2018), a prisão de Lula sem provas impõe que as classes populares não tenham representantes nas próximas eleições, e “que os interesses das classes populares não estejam representados”. A corrupção é um pretexto que sempre volta à cena política, desde o início do século XX, para homologar uma agenda conservadora que não resolve o problema da corrupção, mas desestabiliza a classe trabalhadora.

O juiz Sergio Moro condena, com visível inexistência de provas materiais, em sentença ridicularizada por especialistas internacionais, o ex-presidente Lula à cadeia. Líder isolado nas pesquisas, Lula tinha a preferência de cerca de 40% do eleitorado, o dobro do segundo colocado, Jair Bolsonaro. As eleições foram, por sua vez, dominadas por fake news e acusações de financiamento ilegal em favor do candidato que antes detinha apenas metade das intenções de votos de Lula. Terminado o pleito, Bolsonaro eleito, Sergio Moro receberia como prêmio ao seu “trabalho” o cargo de superministro das atividades repressivas. (SOUZA, 2019, p.262)

A prisão do ex-presidente Lula e toda mídia promovendo a Operação Lava-Jato, contribuem sobremaneira para a vitória do candidato antipetista e evidenciam a ligação entre o juiz Sérgio Moro e esse grupo político do PSL (Partido Social Liberal). Quem não percebeu essa relação e todas as manobras para colocar Lula na prisão, inclusive o julgamento do processo do Tríplice em tempo recorde, tem profundas limitações para entender a realidade política do país.

Achar que tudo que estava sendo feito pela “Justiça” e pela “Lava-Jato” era para moralizar o Brasil, é de uma ingenuidade que, segundo Souza (2019), chega a ser algo imbecilizante: acreditar que a corrupção seria resolvida com uma operação política/criminal que ficou marcada pelos vazamentos da “farsa-jato”, como um grande esquema para perseguir a esquerda e inviabilizar qualquer possibilidade de eleição do ex-presidente Lula e de qualquer candidato desse setor.

A corrupção é algo muito mais profundo que, quando legalizado, o cidadão nem percebe que está sendo lesado, que seu dinheiro e seus investimentos estão sendo manipulados, pois, essa operação tem todas as permissões legais dos órgãos estatais de controle. Quando tal situação ocorre, quase ninguém se atreve a questionar, como reflete Souza (2019):

Por sua aparência de legalidade, não chamamos de corrupção quando bancos e corporações compram 400 deputados venais para assinar o que eles querem, não é mesmo? Só um imbecilizado pensaria que o mero procedimento, aparentemente legal, é mais importante que o resultado concreto do saque. Imbecis: é isso que nos tornamos quando acreditamos no engodo do suposto e seletivo combate à corrupção da política como solução para as nossas mazelas. (SOUZA, 2019, p.263)

Foi com esse discurso enviesado, parcial e com apoio da mídia “contra corrupção”, que um juiz marcado por sua atuação equivocadíssima no processo do Banestado⁴², foi elevado à condição de herói nacional por uma parte da população. A prisão de Lula era parte desse plano.

O golpe de misericórdia foi a prisão injusta do líder das classes populares desmobilizadas. Com base em um processo de aparência, o ex-presidente Lula foi impedido de participar das últimas eleições. Naquele momento, o último elo de expressão racional da revolta popular foi cortado. (Ibidem, p.266)

A prisão do ex-presidente Lula demonstrava para os setores progressistas e para o mundo, que as elites no Brasil não estavam para brincadeira e, mesmo tendo reservas em relação a um candidato despreparado intelectualmente e grosseiro aos olhos do grande capital, era o mais forte para incorporar um sentimento raivoso contra a esquerda.

⁴². Escândalo político-econômico que aconteceu na década de 1990 quando US\$ 124 bilhões saíram do Brasil através das chamadas contas CC5 (criadas, em 1969, por um documento do Banco Central chamado “Carta Circular 5”, por isso acabaram conhecidas como CC5. São contas especiais, mantidas no Brasil por brasileiros que moram no exterior). O banco utilizado para essa operação de remessa ilegal de moeda ao exterior foi o Banestado, no Estado do Paraná. O doleiro envolvido era Alberto Youssef que fez acordo e logo foi liberado pela justiça, o juiz do caso era Sérgio Moro.

Outra questão, ainda sobre a prisão do ex-presidente Lula, foi a discussão intensa e interna no Partido dos Trabalhadores (PT), movimentos sociais e em blogs sobre política, se o ex-presidente deveria se entregar ou não. A tese de pedir asilo político a um país amigo como a Rússia⁴³ foi ventilada pela mídia e, obviamente, deve ter sido debatida na cúpula do PT. Mas, Lula acabou se entregando e acreditando na tese de que sairia logo ou seria inocentado, e nenhuma dessas duas coisas aconteceu.

A visão jurídica e legalista no Partido dos Trabalhadores acabou imperando, e esses argumentos convencem Lula a se entregar. Durante a missa/ato, o ex-presidente faz um discurso histórico que condena sua sentença e sua prisão e anuncia, para a tristeza da militância que queria resistir, a sua aceitação ao pedido de prisão decretada pelo militante juiz/ministro Sérgio Moro. Lula expressa, no seu discurso, a crença de que o jogo pode virar com a sua “rendição”.

Então, companheiros e companheiras, o outro sonho de consumo deles é a fotografia do Lula preso. Ah, eu fico imaginando o tesão da Veja colocando a capa comigo preso. Eu fico imaginando o tesão da Globo colocando a minha fotografia preso. Eles vão ter orgasmos múltiplos. Eles decretaram a minha prisão. E deixa eu contar uma coisa pra vocês: eu vou atender o mandado deles. E vou atender porque eu quero fazer a transferência de responsabilidade. Eles acham que tudo que acontece neste país acontece por minha causa. (LULA, 2018, p.03)

Essa virada de jogo não aconteceu e Lula ficou preso por 580 dias, fato crucial para a mudança que iria ocorrer no Brasil nos meses seguintes. Para Souza (2019, p.267), esse processo gera uma espécie de “revolta agora irracional das massas”, pois “a ascensão do líder com pregação abertamente fascista, Jair Bolsonaro, defensor da ditadura militar, do racismo, da tortura e do assassinato de opositores como arma política, só pode ser compreendida neste contexto”.

Logo após a prisão de Lula, o país passaria pela maior greve de caminhoneiros da história. A alta nos preços dos barris de petróleo e no dólar traria à tona a crise política e econômica que assolava o país. A greve dos caminhoneiros revelava a dificuldade do governo Michel Temer (MDB) para dar respostas ao caos que essas forças políticas estavam

⁴³. Antes de se entregar à Polícia Federal, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi aconselhado por integrantes da cúpula do PT a pedir asilo a uma embaixada para escapar da prisão. A sugestão foi feita no mesmo dia em que o STF negou pedido de HC. (MORAIS, Matheus. Petistas aconselharam Lula a pedir asilo à Rússia, diz coluna, Jornal Metro1, Salvador-Ba, 2018)

Disponível: <https://www.metro1.com.br/noticias/politica/52605.petistas-aconselharam-lula-a-pedir-asilo-a-russia-diz-coluna>, acesso: 22-12-2019

promovendo no país. A luta principal do movimento era pela queda no preço do óleo diesel, pois o custo do óleo, na época, tornava inviável o transporte de mercadorias no país.

O movimento grevista teve uma característica bem contemporânea, pois foi alavancado pelas convocações no whatsapp, mas se apresentava para a sociedade de forma complexa e extremamente descentralizada. Existiam vários grupos dentro do movimento, setores da direita que traziam a pauta do fim da corrupção e a extrema direita, que defendia intervenção militar e também grupos de esquerda, que viam no movimento possibilidades de enfraquecimento do governo Temer. Havia, também, uma suspeita de locaute (articulação entre empresários para promover a paralisação de seus funcionários).

Esses grupos direitistas tinham uma vinculação com a candidatura do presidencialista Bolsonaro e muitos faziam campanha aberta durante as manifestações.

Por ora, o Partido dos Caminhoneiros atraía o apoio de pré-candidatos presidenciais. O deputado de extrema-direita, Jair Bolsonaro, o segundo nas pesquisas, animou os grevistas, criticou os preços praticados pela estatal, mas também os bloqueios, segundo ele inflados por "infiltrados petistas". (ALESSI e BEDINELLI, 2018, p.02)

Uma das consequências da greve dos caminhoneiros foi a demissão do Presidente da Petrobras (na época), o senhor Pedro Parente, que era um dos grandes responsáveis pela alta dos combustíveis e do dólar. Parente é uma figura conhecida na política brasileira, um quadro do neoliberalismo e defensor da redução do papel social do Estado e da política de privatizações. Parente foi Ministro Chefe da Casa Civil em 1999, no governo de Fernando Henrique Cardoso.

O Brasil praticamente parou e a crise de abastecimento foi se expandindo, com diversos postos de combustíveis tendo filas quilométricas e muitos, sem combustível, o que agravava mais a situação da população.

O aumento da crise político-econômica no Brasil, com a greve dos caminhoneiros, produziu uma série de discussões nas redes sociais e na sociedade sobre os rumos do país, sobre o que viria depois desse processo. Muitos, “Temerosos”, percebiam que alguns se articulavam de forma oportunista para transformar a greve (que é, e sempre será legítima) numa possibilidade de tencionar a sociedade para aprovar uma intervenção militar⁴⁴ no país.

Os caminhoneiros em greve (ou uma parte deles) e a sociedade estavam diante de ameaças ao processo democrático, pois alguns grupos estavam usando o movimento grevista

⁴⁴. SENRA, Ricardo. **Grupos pró-intervenção militar tentam influenciar rumo de greve dos caminhoneiros.** BBC Brasil em Londres, 2018, p.01. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44244583>, acesso: 23/12/2019.

para outros interesses e não para discutir a pauta dos caminhoneiros, da redução de impostos e alta de preços, que tinha o apoio da sociedade.

A greve começa a se enfraquecer no dia 30 de maio, pois as forças de segurança do Ministério da Defesa do governo Temer (2016-2018) passam a agir para desmobilizar as manifestações. O Governo de Michel Temer, também apresenta um pacote de medidas para acabar com a paralisação e, entre elas, a publicação de uma tabela que regulamentava preços mínimos para o frete, que, obviamente, não foi respeitada após a desmobilização do movimento.

A greve dos caminhoneiros demonstrava que o cenário eleitoral de 2018 seria de intensos ataques aos valores democráticos e fortalecimento de uma cultura de ódio, que caracterizaria a cena política no Brasil a partir desse momento até os dias atuais.

1.2.2. A eleição presidencial, a derrota do campo democrático e o avanço da extrema direita

O processo eleitoral no Brasil, em 2018, foi um dos mais atípicos da história política desse país. Após um golpe na democracia, por forças políticas de oposição (PSDB, DEM) e também da situação (PMDB), que retirou uma presidenta do poder sem comprovação de crime de responsabilidade, se iniciava um momento trágico de crescimento de uma síndrome que denomino de “intolerância política” ou formação de uma horda de ignorância e raiva na sociedade, que promoveria a vitória de um candidato que sempre defendeu a tortura e valores antidemocráticos que flertam com pensamentos de caráter neonazista.

Para Souza (2019), esse ambiente, que não é específico no nosso país, reflete o desenvolvimento do que o autor denomina de “neofascismo contemporâneo”, que:

Depois da tragédia do nazifascismo europeu, imaginou-se, durante um bom tempo, que o mundo estaria livre de ideologias que pregam abertamente o racismo e o ódio indiscriminado. No mundo atual, no entanto, seja em países desenvolvidos, seja em países periféricos, a ameaça de uma nova forma de política do ódio, muito semelhante em vários aspectos ao fascismo clássico, é um perigo cada vez mais iminente. Por isso, é crescentemente urgente compreendê-lo de forma adequada. Essa compreensão tem que sair dos meios acadêmicos restritos e ganhar a esfera pública. O pano de fundo é semelhante em todos os casos, mas a forma assumida é sempre particular em cada sociedade. (SOUZA, 2019, p. 265)

Esse neofascismo contemporâneo é fruto do processo de desorganização política e social dos indivíduos e movimentos sociais, no momento atual do capitalismo e, sobretudo,

com a crise produzida a partir do colapso do mundo socialista, que acaba caindo no início dos anos 1990, provocando, na esfera política, mudanças profundas no capitalismo financeiro, hoje dominante em praticamente todo o mundo. (SOUZA, 2019). Países pobres e ricos sofrem essa influência, mas os pobres sofrem muito mais com essas ameaças e com o fortalecimento desse ódio indiscriminado na sociedade.

Frei Betto (2018, p.01), em artigo para o portal Esquerda Net, indaga sobre essa ascensão da ultradireita no país: “Como entender a vitória de um homem que, em seu discurso de campanha em São Paulo, via internet, proclamou em alto e bom som que, se eleito, seus opositores deveriam sair do país ou iriam para a prisão? ”. Infelizmente, esse foi o clima criado durante todo o período eleitoral, e podemos pontuar vários momentos desse processo que sangrou a democracia, pois o voto foi democrático, mas a democracia não foi respeitada.

Vejamos a lista de ataques à democracia e violações das relações humanas praticadas durante o processo eleitoral: 1- Fake news⁴⁵ espalham mentiras pela internet e potencializam a candidatura de Jair Bolsonaro. À medida que a campanha foi chegando à sua reta final, os boatos nas redes sociais favoreceram o candidato. O WhatsApp foi uma plataforma fundamental para a difusão dessas mentiras.

Entre as fakes news mais famosas desse período, temos: a) O “kit gay” para crianças nas escolas. O candidato Fernando Haddad foi acusado de ser o criador de um “kit” que nunca existiu, mas acabou fazendo a cabeça de muitos eleitores. O projeto verdadeiro era o Escola Sem Homofobia, que discutia uma política contra o preconceito ao público LGBTQ+ nas escolas. Esse projeto, inclusive, tinha o apoio de ONGs que lidam diretamente com a temática, mas o projeto nunca chegou a ser implantado. O “kit gay” não existiu, mas prejudicou bastante o candidato do Partido dos Trabalhadores; b) Haddad é defensor do incesto e do comunismo em livros. O guru da ignorância e do ódio no Brasil, que vive nos EUA, Olavo de Carvalho, espalhou nas redes sociais que o livro “Em Defesa do Socialismo”, do candidato Fernando Haddad, defendia o incesto e o comunismo. Tratava-se de mais uma fake news que circulou bastante nas redes sociais; c) “Mamadeiras eróticas”⁴⁶ distribuídas em creches pelo PT, foi outra fake news bastante difundida nas eleições. Era falsa a acusação de que mamadeiras com bico de borracha em formato de pênis foram amplamente distribuídas

⁴⁵. MELLO, Patrícia Campos. **Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp**, Folha de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>, acesso: 23/12/2019.

⁴⁶. Veja relação das fake news mais comentadas e discutidas nas eleições: MACEDO, Isabella. **Das 123 fake news encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram Bolsonaro**, Congresso em Foco, 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro/>, acesso: 23/12/2020.

em creches pelo PT para combater a homofobia. A difusão de fake news foi, talvez, um dos elementos que diferenciou esse processo eleitoral dos anteriores. O filme “Privacidade Hackeada”⁴⁷, lançado em 2019, apresenta como as opiniões do cidadão comum são modificadas com a ação deliberada das redes sociais nas eleições.

2- Ofensas criminosas ao público LGBTQ+, às mulheres e negros. O candidato Bolsonaro, pelo PSL, promoveu, ao longo de sua campanha, um conjunto de declarações machistas, racistas e de ódio a minorias que, nas palavras do presidente eleito, deveriam “se curvar às majorias” ou seriam “esmagadas”. Entre as declarações, temos: a afirmação do candidato, de que não estupraria a colega Maria do Rosário (PT-RS) porque ela “não merece”; a declaração, em entrevista para a revista *Playboy*⁴⁸, de que ele (Bolsonaro) seria incapaz de amar um filho homossexual: “Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí”; outra declaração preconceituosa foram as ofensas a negros e quilombolas no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, em abril de 2017, afirmando que visitara um quilombo e que “o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas”. Bolsonaro chegou a ser condenado pela 26ª Vara Federal do Rio a pagar uma multa de R\$ 50 mil reais nesse caso, mas o presidente eleito teve decisão revertida pelos desembargadores do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF-2), e a ofensa aos negros e quilombolas ficou por isso mesmo.

3- Discurso armamentista e contrário aos direitos humanos. O candidato Bolsonaro sempre tentou, em seus discursos, distorcer a concepção consagrada de direitos humanos e engrossava o coro daqueles que dizem que “direitos humanos é para defender bandido”. Com essa perspectiva, Bolsonaro apela em campanha para o projeto de liberação das armas de fogo como possibilidade de defesa do cidadão. Essa concepção contraria qualquer visão humanitária que defende a paz, a democracia e o respeito à vida.

Enfim, com todo esse programa absurdo que agredia mulheres, negros, indígenas, ambientalistas, professores, público LGBTQ+, atrizes, atores e muita gente do campo da cultura, Bolsonaro se elegeu no segundo turno com 55,13% dos votos válidos, conquistando 57.796.986 votos, contra Fernando Haddad (PT), que teve 44,87% dos votos, o equivalente a 47.038.963 votos.

Vale lembrar que o número de abstenções somara 21,3% (31,3 milhões de votos), votos brancos foram 2,14% (2,4 milhões de votos) e nulos, 7,43% (8,6 milhões de votos). Isso

⁴⁷ . O documentário traça uma narrativa que busca esclarecer, através de alguns personagens que ocupam diferentes posições na trama, o escândalo revelado em 2016 envolvendo a empresa Cambridge Analytica que teria usado dados de milhões de usuários do Facebook para influenciar as eleições americanas de 2016 e os resultados do plebiscito sobre o Brexit. (CORDEIRO, 2019, p.02)

⁴⁸ . **Jair Bolsonaro: como ele reagiria se tivesse um filho gay?** Redação Catraca Livre, 2018. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/jair-bolsonaro-como-ele-reagiria-se-tivesse-um-filho-gay/>, 24/12/2019.

demonstra que mais de 42 milhões de pessoas, ou 30% do eleitorado, não foram às urnas, pois não se sentiram atraídos por nenhum dos candidatos. Quando 42 milhões de eleitores não votam numa eleição presidencial, a democracia desse país apresenta sinais de enfraquecimento e precisa ser pensada, discutida e atualizada, buscando-se ampliar as possibilidades de participação política.

A democracia que temos é apenas consultiva, obrigando eleitores a irem às urnas num intervalo de dois em dois anos e, após isso, são os integrantes do executivo e do legislativo que dão as cartas. É preciso pensar e criar instrumentos para a construção de uma democracia cada vez mais participativa e menos consultiva.

A derrota do campo mais progressista e menos conservador demonstra que essa democracia, que precisa ser radicalizada para estimular a participação do povo, pode, nessa conjuntura, sofrer reveses e ser desvalorizada ou atacada, pois não se deve esperar respeito à democracia de um cidadão que é adepto do maior torturador da história desse país, o Coronel Brilhante Ustra.

Enquanto isso, o governo Bolsonaro continua sua missão de reduzir o papel do Estado, com as políticas de privatizações, aumento dos privilégios da classe dominante, com a aprovação da reforma da previdência e as políticas de precarização do trabalho, políticas contra os povos indígenas e antiambientais; além dessas atrocidades, o governo vive seus constantes escândalos de saídas de ministros, de falas “fora da curva” dos ministros e ministras, e principalmente do presidente, e os escândalos de corrupção envolvendo ministros e seu filho, o senador Flávio Bolsonaro.

A agenda deste governo tem sido cruel para o povo brasileiro, sobretudo os mais pobres. Entre as políticas do primeiro ano desta gestão, podemos destacar:

- 1- A Reforma da Previdência, estabelecendo idade mínima de 65 anos para os homens e 62 anos para as mulheres, com tempo mínimo de contribuição de 20 anos e 15 anos. O impacto dessa reforma para o trabalhador é que terão que trabalhar muito mais tempo, além do limite da idade mínima, para ter direito ao valor integral.
- 2- Liberação de 382 novos agrotóxicos nos primeiros duzentos dias de governo. Dentre esses venenos liberados pelo governo, temos o glifosato, que foi vetado em países europeus e recebeu “mais de 18 mil ações nos tribunais nos Estados Unidos que relacionam o seu uso a doenças como o câncer”.⁴⁹

⁴⁹ . SUDRÉ, Lu. Dez políticas que aprofundaram crise no Brasil em 300 dias de governo Bolsonaro, Brasil De Fato, São Paulo, SP, 2019.

- 3- Os cortes na educação, com a retenção de 30% no orçamento das universidades e institutos federais. Essa política prejudica estudantes bolsistas, indígenas, quilombolas e estudantes de baixa renda. Essa atitude do governo gerou um conjunto de manifestações em todo país, numa greve geral da educação contra a política de cortes. Esses protestos tiveram adesão de estudantes, professores e técnicos ligados à educação.
- 4- A política e a crise ambiental, com o crime da Vale⁵⁰ de rompimento da barragem de Brumadinho, com mais de 250 pessoas mortas, em janeiro de 2019; as queimadas na Amazônia, entre agosto e setembro de 2019, que atendem aos interesses de pecuaristas e fazendeiros da região; e o derramamento de óleo nas praias do Nordeste, demonstrando que esse governo já pode ser considerado como o pior dos últimos 20 anos na área ambiental.
- 5- O desemprego no governo Bolsonaro fechou o trimestre encerrado em novembro com a taxa de 11,2%, que ainda continua sendo uma taxa elevada, mas o diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Clemente Ganz Lúcio⁵¹, ressalta que 38.833 milhões ou 41,1% das pessoas em idade ativa, ainda se encontram na informalidade, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). O governo não tem uma política concreta para conter o desemprego; hoje, já são mais de 50 milhões de pessoas sem emprego, o que força a população vulnerável a construir alternativas pelo processo de “Uberização”, expondo-se a formas de emprego sem qualquer proteção do Estado.
- 6- A cultura teve a extinção do seu ministério e censura na Agência Nacional do Cinema (Ancine), que impediu o lançamento, no Brasil, de filmes que não passam pelo filtro ideológico do governo, como o longa-metragem sobre Marighella produzido pelo ator e diretor Wagner Moura. Além disso, o governo decidiu repassar para o Ministério do Turismo sete órgãos da área de cultura, que estavam sob o comando do Ministério da Cidadania; são eles: Agência Nacional do Cinema (Ancine), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), Fundação Biblioteca Nacional, Fundação Casa de

⁵⁰ Vale S/A, mineradora multinacional brasileira e uma das maiores empresas de mineração do mundo.

⁵¹ . Veja mais em <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2019/12/27/diretor-do-dieese-diz-nao-ver-motivo-para-comemorar-reducao-da-taxa-de-desemprego.htm?cmpid=copiaecola>.

Rui Barbosa, Fundação Cultural Palmares e Fundação Nacional de Artes (Funarte). Esse governo destrói a cultura no país.

- 7- Na saúde, o governo praticamente acabou com o programa Mais Médicos, que atendia milhões de pessoas nas áreas mais remotas do país. Propôs municipalização ou estadualização da saúde indígena, questão que foi recusada pelo movimento indígena.
- 8- Ameaças à democracia. O deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-RJ) considerou, em entrevista, que o governo pode utilizar um "novo AI-5"⁵², como resposta ao que chama de radicalização da esquerda. O ministro da Economia, Paulo Guedes, também fez referência ao AI-5 e foi bastante criticado. O governo ataca constantemente a imprensa, ataca movimentos sindicais, populares, ativistas e políticos de esquerda. Um convite ao governo autoritário que não aceita oposição.
- 9- Outro aspecto negativo desse governo é sua política de subserviência aos Estados Unidos da América. Bolsonaro assinou acordo para deixar de exigir visto de entrada para cidadãos estadunidenses no Brasil, sem contrapartida. Mesmo com essa tentativa de agradar o governo norte-americano, o presidente Donald Trump se recusou a endossar o pleito do Brasil de ingressar na Organização de Cooperação e Desenvolvimento (OCDE).
- 10- A corrupção é outro tema que expõe a fragilidade e incoerência desse governo. O presidente fala muito sobre corrupção, mas não combate a corrupção do seu grupo político e, principalmente, dos seus filhos, a exemplo das denúncias do “laranjal” do ministro do Turismo Álvaro Antônio, e da operação do Ministério Público do Rio contra endereços de ex-assessores do filho do presidente, Flávio Bolsonaro – entre eles, o Fabrício Queiroz das "rachadinhas". Os comprovados ilícitos dos filhos presidenciais mostram que Bolsonaro e sua gestão estão mergulhados na corrupção e tentam emplacar uma postura anticorrupção.
- 11- Outro elemento que torna o governo Bolsonaro confuso e inoperante são as constantes brigas entre o seu grupo partidário. O PSL, partido que o elegeu, tem sido atacado pelo presidente e por sua família, isso promoveu um racha no partido e Bolsonaro deixou a legenda e fundará um novo partido, levando para o seu agrupamento deputados e senadores

⁵² . O Ato Institucional 5 (AI-5) de 1968, foi um dos 17 atos institucionais aplicados pela ditadura militar no Brasil. O ato determinava o fechamento do Congresso Nacional e das assembleias legislativas dos estados, permitiu a cassação de mais 170 mandatos legislativos, instituiu a censura prévia da imprensa e de produções artísticas e deu ao presidente a possibilidade de intervenção nos estados e municípios.

féis ao seu ponto de vista. Esse fato, inclusive, pode promover o enfraquecimento e boa redução da sua base de apoio. Então, num futuro bem próximo, podemos estar falando em cassação do mandato do presidente por perda de força política. Esse horizonte não está distante, mas depende do andamento da conjuntura.

Enfim, esses são fatos que apontam um futuro difícil para o povo brasileiro, pois existe o claro projeto de acabar com a soberania do país, deixando-o ainda mais refém da política globalitária, que investe no neoliberalismo e na negação de políticas sociais voltadas para as necessidades da maioria pobre da população, que é negra, indígena, de mulheres responsáveis pela criação dos seus filhos, por terem se separado ou perdido seus companheiros para a violência. Eis a perversidade que se impõe nessa conjuntura.

1.3. Educação popular e os movimentos sociais na atualidade

O cenário atual aponta uma série de desafios para aqueles que atuam no campo da educação popular. Estamos em pleno debate sobre a crise política brasileira e no continente latino americano, que impacta na economia, na cultura, nas crenças religiosas, na ética e na ideologia e, sobretudo, nas formas de organização dos movimentos sociais. É preciso pensar os movimentos sociais e a educação popular no país e na América Latina, sob a ótica daqueles que sempre foram esquecidos, discriminados, violentados por essa estrutura de poder. Paludo (2010) discute que, na contemporaneidade, os movimentos sociais e a educação popular devem ser pensados e compreendidos a partir da leitura da dinâmica social, pois:

Na atualidade, ambos se encontram contextualizados nas transformações ocorridas na economia, na expansão dos mercados, na queda do “Muro”, pela crise da economia, do Estado, nas mudanças da organização da produção e do trabalho, no contexto da globalização e da mercantilização das relações em todas as dimensões da vida, pela desconstituição do Estado-providência e mudança do seu papel, pela terceira revolução industrial, pela crise de paradigmas vivenciada pela esquerda. Assim como nos esforços empreendidos pela esquerda, na direção da construção de outro projeto de sociedade. (PALUDO, 2010, p.03)

Os movimentos sociais e a educação popular estão conectados aos acontecimentos atuais e propõem a construção de um outro projeto de sociedade e obviamente são impactados pela crise de paradigma da esquerda e, sobretudo, no Brasil, que vive um ambiente de esfacelamento da democracia. Após as “Jornadas de Junho”, como ficaram conhecidas as manifestações de 2013, os protestos contra a Copa do Mundo de 2014 e as ações pelo

impeachment da presidenta Dilma, desenvolvidas em 2015 pelos setores de direita, incluindo o “Vem Pra Rua” e o “Movimento Brasil Livre”, que logo, em seguida, elegeram vereadores pelos partidos PRB, PV, PR, PSDB, Solidariedade e DEM nos pleitos de 2016, a configuração da luta dos movimentos sociais se alterou significativamente.

No sentido de refletir sobre esses desafios contemporâneos da educação popular e dos movimentos sociais, Tavares (2015) considera que:

uma das questões fundamentais que os atuais movimentos sociais, além do já citado MST, isto é, do movimentos negro, quilombolas, movimentos indígenas, movimentos feministas, movimentos de luta por moradia, movimentos de trabalhadores sem teto, movimentos em defesa do passe livre, movimentos estudantis, dentre vários outros, vêm impingindo aos estudos e pesquisas no campo da educação popular, seria em que medida estes movimentos sociais reforçam, questionam e radicalizam os princípios, conteúdos e metodologias da Educação Popular? (TAVARES, 2015, p.56)

A radicalização desses “conteúdos e metodologias da educação popular” por parte dos movimentos sociais contemporâneos é fundamental para sua própria reabilitação no cenário de lutas, pois radicalizar é ir à raiz da questão, rever compromissos históricos que se perderam ou se confundiram ao longo do tempo.

A análise desse conteúdo é necessária e urgente para os movimentos sociais, por haver um crescimento da onda neoliberal e conservadora que se ampliou na América Latina e no mundo. O momento é tão propício para o conservadorismo que a extrema-direita tem se expandido: os fenômenos Donald Trump nos EUA, Marine Le Pen na França, Geert Wilders na Holanda (mesmo perdendo a eleição), Theresa May e atualmente Boris Jonson (Reino Unido) e o crescimento do “bolsonarismo” no Brasil, sobretudo com a vitória nas eleições de 2018, são preocupantes.

Portanto, Paludo (2010, p.1) pondera que qualquer análise dos movimentos sociais e da Educação Popular no Brasil atual, não pode deixar de considerar a conjuntura dos acontecimentos no continente latino-americano, que tem sido abalado por um processo denominado pela autora de “avalanche neoliberal” a qual apresenta uma diversidade de situações na América Central, na Zona Andina e no Cone Sul. O conhecimento desses contextos é fundamental para entender o Brasil.

A dinâmica neoliberal que caracteriza o contexto de lutas dos movimentos sociais é profundamente marcada pela discussão sobre os projetos de sociedade entre direita e esquerda. As disputas entre direita e esquerda – considerando, nesta afirmação, os diversos setores que compõem esses núcleos e que se enquadram dentro desse espectro -, se acirram a

cada dia. Mesmo com a queda do socialismo real em 1991, na União Soviética, essas diferenças se mantiveram e, embora alguns intelectuais considerem que as ideologias acabaram (Bell, 1960; Fukuyama, 1992) ou só exista uma ideologia (Bauman, 2001), que tem no consumo a sua materialização, essas diferenças ainda existem.

Freire (1992) questiona essas mudanças de forma bem crítica, reconhecendo que tais eventos históricos não excluem a luta de classes.

Daí, porém, dizer que estamos vivendo outra história, em que as classes sociais estão desaparecendo e, com elas, os seus conflitos; que o socialismo se pulverizou nos escombros do muro de Berlim é algo em que eu, pelo menos, não acredito. Os discursos neoliberais, cheios de “modernidade”, não têm a força para acabar com as classes sociais e decretar a inexistência de interesses antagônicos entre elas, como não têm forças para acabar com os conflitos e a luta entre elas. (FREIRE, 1992, p.93)

A sustentação de um discurso sutil e ambíguo, que colabora para fortalecer a posição de que não existe mais esquerda, que o comunismo morreu e que não há outro mundo além do capitalismo, faz parte da estratégia desse campo de pensamento. A direita ou “as direitas” na perspectiva de Horta, Freire e Siqueira (2012, p.125), continuam exigindo um:

Estado “eficiente”, guiado por técnicas gerenciais nas quais o estadista ceda lugar ao gestor, o político ceda lugar ao gerente e a Política se transforme tão somente em alternância de técnicas de gestão. A direita propõe um Estado gerencial e o instaura, desde o influxo das políticas anglo-americanas de REAGAN e TATCHER, sob os mais variados chavões: neoliberalismo, reforma do Estado, choque de gestão, eficiência administrativa, parceria público-privado.

Os setores de direita, mantém a mesma agenda de reformas neoliberais para adequar o Estado aos seus interesses. Na América Latina, esse conjunto de medidas se expande fazendo vítimas os mais pobres e aqueles que vivem do laboro, alugando sua força de trabalho. Essa tendência se amplia a partir do impeachment da presidenta Dilma e da vitória de Mauricio Macri na Argentina em 2015.

Bocca (2016) entende que há um esgotamento do ciclo progressista que conquistou vitórias eleitorais nas eleições presidenciais na América Latina nos últimos 15 anos, e que a crise econômica de 2008 é um dos fatores, mas a principal questão desse enfraquecimento é uma nova ofensiva das elites que sustentam o neoliberalismo no continente. Para Bocca (2016), esta nova fase tem como principal característica a polarização política e o estímulo ao crescimento de movimentos de caráter direitista que têm como projeto o alinhamento do continente aos interesses do capitalismo global, reavivando uma política externa de subserviência.

Fariza (2017), em recente artigo intitulado: “Dilma Rousseff: A América Latina está voltando ao neoliberalismo”, reproduz uma fala da ex-presidenta no seminário do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) que sustenta a posição de que a América Latina volta à rota do neoliberalismo. Segundo Fariza (2017, p.01), Dilma afirma que o neoliberalismo:

“Não é uma questão única do Brasil: toda a América Latina está num processo de retorno ao neoliberalismo”, afirmou a ex-mandatária. “Aproveitaram a crise emergente para chegar ao poder. Se não tivessem nos culpados pela crise econômica, não teriam conseguido. ” Ao criticar a guinada conservadora na região, Dilma chegou a equipará-la, em alguns pontos, com as ditaduras militares que governaram a América Latina na segunda metade do século passado. “Mas, ao contrário daquela época, agora as pessoas sabem que é possível distribuir renda”, disse. A nova “onda conservadora”, termo que repetiu em vários momentos de seu discurso, “também busca um novo modelo de relação unilateral, sobretudo com os Estados Unidos, em detrimento do multilateralismo”.

E a esquerda e os movimentos sociais, como têm reagido a esse avanço neoliberal? No Brasil, as “esquerdas” vivem um dilema identitário, pois são vários setores, partidos, tendências, grupos e alguns estiveram durante algum tempo no poder, enquanto outros segmentos ficaram na oposição. Essa característica de divergências e cisões faz parte do histórico dos partidos de esquerda, são leituras e perspectivas de sociedade e de como transformar o mundo que em algumas situações e momentos históricos não se alinham.

Não é de hoje que a esquerda se divide em várias facções, tendências, ideologias, estratégias e táticas políticas mais ou menos radicais. A rigor é um equívoco referir-se a “a esquerda” no singular, pois não existe uma única esquerda, mas várias, no plural. Por outro lado, o conceito também não pode ser tomado de uma maneira estática e permanente. As forças políticas não existem em abstrato, enquanto ideologias suspensas no ar, mas interagem com os contextos históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais de cada época. (SILVA, 2009, p.91)

A direita tem facilidade em dinamizar as suas relações e orientar seus seguidores para um combate diário contra tudo e todos que defendem uma pauta contrária ao seu receituário. As contradições dentro desse campo político-ideológico são resolvidas com muito pragmatismo e fisiologismo, pois importa a tomada do poder e seu direcionamento.

A esquerda tem diferenças mais profundas e, em muitos casos, irreconciliáveis, pois envolvem valores e horizontes ideológicos ainda mantidos por alguns grupos. Sobre essas diferenças entre as “esquerdas”, Löwy (2013) considera que, na Europa e na França, há dois

tipos de esquerda que são bem distintos e sem possibilidade de conciliação. Essa constatação é bem parecida com a realidade brasileira. Segundo o autor:

A primeira é a esquerda oficial, institucional, representada por certos governos de centro-esquerda – na França, por exemplo – e pelos grandes partidos de centro esquerda. Quer esses governos e partidos sejam « honestos » (?) ou corrompidos, partidários do « crescimento » ou da « austeridade », social-liberais ou neoliberais, eles não representam mais do que variantes da mesma política, a do sistema. Como seus adversários de centro-direita – com os quais frequentemente governam (em Grécia, Alemanha, Itália) – sua política é a do capitalismo globalizado. Uma política que perpetua e agrava as desigualdades, que perpetua e acelera a destruição do meio ambiente, que conduziu à presente crise econômica e que conduzirá, em algumas décadas, a uma catástrofe ecológica. Mas existe também outra concepção de esquerda: aquela da esquerda radical. (LÖWY, 2013, p.01)

Aldo Fornazieri (2014, p.01), em seu artigo: “A crise da esquerda e o fim da luta sistêmica”, reflete sobre diversos tipos de esquerda no Brasil, denominando esses grupos da seguinte forma: a) A esquerda que luta por “políticas sociais inclusivas e pela redução da pobreza”, através de reformas. O maior exemplo dessa esquerda reformista é o Partido dos Trabalhadores; b) A esquerda radical ou revolucionária, a exemplo dos partidos PSOL e PSTU; c) A esquerda verde e da política da moralidade, que seria representada pelo partido REDE Sustentabilidade; d) A esquerda autonomista, a que conseguiu promover as mobilizações em 2013 e teve o Movimento Passe Livre (MPL) como articulador.

A esquerda, ou as “esquerdas”, precisam responder a essa nova conjuntura, pois, independente de qual tipo de esquerda, não se pode abrir mão de umas práxis transgressoras que provoque um outro fazer, que alimente a possibilidade de uma outra sociedade mais acolhedora, que dialogue com as diversidades (étnicas, de gênero, etárias, religiosas...) do mundo contemporâneo. Para Sader (2009), a esquerda na América Latina deve mesclar em sua militância, a lógica da radicalidade revolucionária e a lógica das reformas, como estratégia de mudança e transformação da realidade.

A educação popular e os movimentos sociais são desafiados, neste momento histórico do Brasil e da América Latina, a pensar respostas para esta conjuntura turbulenta. Por conta desta questão, Streck (2009, p.10) afirma que “um movimento social é, por princípio, a busca de um outro lugar social. ” Esse outro lugar, esse outro mundo, outra realidade, exige um rompimento de ordem, de paradigma.

Os movimentos sociais propõem uma dinâmica de lutas, de ações que questionam a continuidade da história, sobretudo, da história que oficializa a subordinação e a manutenção

do *status quo*. Esse papel de transformação é fundante na educação popular e nos movimentos sociais.

A partir da análise de Paludo (2010), Paulo Freire se constitui numa referência importante na América Latina para a reflexão sobre Educação Popular e os movimentos sociais, pois essa concepção direciona para a transformação social. Esse elemento diferencia a educação popular das demais perspectivas educativas.

Um exemplo dessa formação que dialoga, também, com a Universidade Popular das Madres de Mayo é a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), que se consolida em 2005 e, de acordo com Rebuá (2013, p. 04):

Trata-se de um empreendimento político pedagógico pelo qual o movimento organiza e oferece cursos de formação política e profissional para integrantes do MST e de outros setores/entidades ligados ao campo e às lutas sociais. A escola possui cursos livres, de graduação, especialização e pós-graduação.

Ações com essa dimensão dão sentido ao trabalho de educação popular e não se propõe que o sujeito seja passivo diante da realidade. Tal educação ou “Pedagogia do Oprimido” propõe a transgressão e a transformação da sociedade. Os movimentos sociais são essenciais para a conscientização e o protagonismo desses sujeitos históricos.

A pedagogia tem de ser forjada com ele (o oprimido) e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. (FREIRE, 1987, 32).

A educação popular pode contribuir para recuperar o sentido de humanidade, que se deteriora na contemporaneidade, pois avança o individualismo e a alienação através do consumo. O ser humano oprimido que se encontra com essa pedagogia libertadora, desperta para a luta, para a necessidade de um mundo sem opressão.

E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E está aí a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores, (FREIRE, 2015, p.41)

Essa libertação é mútua e por isso humana, pois para Freire (2015), o poder que nasce dos oprimidos, da classe trabalhadora é capaz de produzir essa liberdade ampla, o poder da classe dominante é falso e opressor e portanto, desprovido de humanismo, de valores fundamentais para a existência no sentido mais extenso e denso da palavra. De acordo com Freire (2015), a possibilidade de humanização do oprimido é uma espécie de subversão da

ordem, pois numa sociedade capitalista os seres humanos perdem sua humanidade e são reificados⁵³.

Não poderia deixar de ser assim. Se a humanização dos oprimidos é subversão, sua liberdade também o é. Daí a necessidade de seu constante controle. E, quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em “coisa”, em algo que é como se fosse inanimado. (FREIRE, 2015, p.64)

A subversão e libertação do oprimido questionam a sua coisificação e refazem o seu papel na sociedade, pois deixando de ser objeto sem finalidade, o oprimido começa a construir a sua própria história e essa libertação se constrói em comunhão. Para Freire (2015, p.74) “não se pode esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. Nesse sentido, a Educação Popular significa uma ação que se concretiza a partir da luta dos sujeitos políticos contemporâneos, que trazem consigo novas lógicas, novas propostas educacionais e uma outra possibilidade de humanidade.

A luta contemporânea por direitos humanos e melhores condições de vida para os povos de comunidades, de periferias, da laje⁵⁴, das comunidades indígenas e do campo, sobretudo, as áreas rurais que sofrem com a violência do poder econômico do agronegócio, tem na educação popular a esperança de, a partir da formação transgressora e democrática, reverter esse quadro incômodo de crise política e de golpes na democracia.

Veremos no próximo capítulo a força dessa educação popular e sua relação com o pensamento latino-americano e como essas aproximações podem contribuir para a libertação do oprimido, do povo.

⁵³. REIFICAÇÃO (do latim res, coisa). Reificar o homem é transformar o homem em coisa, em um objeto entre outros.

⁵⁴. A Laje é o espaço em que, atualmente, o educador José Eduardo Ferreira Santos, ressignifica e produz um trabalho de educação popular de grandes proporções. Em 2011, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, foi criado o Acervo da Laje, espaço de memória artística, cultural e de pesquisa sobre essa área da cidade que tem, aproximadamente, 600 mil habitantes. O Acervo da Laje é composto por biblioteca, coleção de discos, fotografias, manuscritos, tijolos, azulejos e porcelanas antigas, artefatos históricos, quadros e esculturas, entre outras peças. Esse trabalho nos mostra que as lajes podem ser espaços de difusão da cultura dessas populações historicamente afastadas do circuito artístico tradicional.

2. A EDUCAÇÃO, O POPULAR E A LIBERTAÇÃO: O PENSAMENTO LATINO-AMERICANO EM DIÁLOGO

Nem a filosofia nasceu apenas primeiro na Grécia (no tempo), nem pode ser tomada como o protótipo do discurso filosófico (pelo seu conteúdo). Daí o erro de muitos, que em vez de descrever os personagens que devem ser definidos como critérios de demarcação entre o mito e o discurso categorial filosófico, tendem a tomar a filosofia grega como a definição de filosofia como tal. (DUSSEL, 2011, p. 18)

A possibilidade de pensar numa filosofia latino-americana, na perspectiva de refletir sobre a educação, o popular e a libertação, nos desafia a olhar para dentro do nosso continente, para a produção das nossas ideias e das nossas intenções epistemológicas. A América Latina, também, é parte do pensamento universal e seus desafios são de altíssima relevância para a discussão sobre o que queremos como comunidade filosófica, para atuar criticamente no mundo cada vez mais necessitado de humanismo, de encontro com outro.

Temas como alteridade, ética, liberdade, democracia, são questões de fundamental importância para o pensar latino-americano. Conheceremos alguns pensadores e pensadoras desta filosofia e os principais elementos que ressaltam de seu percurso crítico-reflexivo, sobretudo nas últimas décadas.

2.1. As Bases do Pensamento Filosófico Latino-Americano: Breve histórico

Constança Marcondes César, uma das maiores filósofas do Brasil, escreve o livro *Filosofia na América Latina* (1988), onde apresenta o desenvolvimento dos estudos filosóficos na América Latina, a partir da produção filosófica em cinco países: Peru, Uruguai, Argentina, México e Brasil.

A escolha dos países citados prendeu-se a dois critérios: de um lado, a acessibilidade dos textos a partir da bibliografia disponível no Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, em Paris; de outro; a relevância da Argentina e México no panorama filosófico da América Latina, bem como sua importância para o Brasil. (MARCONDES CESAR, 1988, p.07)

A pesquisa feita pela professora Constança Marcondes Cesar (1988), analisa a produção filosófica desde o tempo da conquista/invasão portuguesa-espanhola até o século XX. Esse panorama geral passa pela influência da Escolástica desde 1550 até o século XVIII, a Ilustração (Iluminismo) do século XVIII até o século XIX, o Ecletismo e o Positivismo no século XIX e início do século XX, e a ascensão das tendências contemporâneas da filosofia no século XX.

Na segunda metade do século XIX e no início do século XX, a reação contra o positivismo faz-se sentir, nos diferentes países, através do espiritualismo eclético, o krausismo, o neotomismo, a influência de Cousin e da filosofia alemã são marcantes. (MARCONDES CESAR, 1988, p.71)

Para a professora Constança Marcondes Cesar (1988), é no marco da visita de Einstein em 1925 à América Latina, num ambiente intelectual sob influência do bergsonismo, neotomismo e da fenomenologia existencial, que começa a surgir uma espécie de pensamento autônomo e original. Também a visita do filósofo e ativista político José Ortega y Gasset (1883-1955) a vários países, significa a descoberta da nacionalidade e da América no âmbito da busca para compreender o ser latino-americano. Esse pensamento vai se estruturando ao longo do século XX com várias contribuições, e, ainda hoje, discutimos a importância de um pensamento que represente a América Latina.

O filósofo mexicano Leopoldo Zea (1912- 2004), um dos grandes representantes da filosofia latino-americana é o nosso primeiro pensador a ser apresentado. Zea argumenta, em seu texto (ensaio) intitulado: *En torno a una filosofía americana* (1942), que a filosofia americana pode e deve ocupar-se de temas que lhe sejam próprios, sem esquecer os temas universais, tais como os que tratam quaisquer outras filosofias.

O maior desafio do pensamento de Leopoldo Zea e de outros tantos teóricos da filosofia na América Latina, era a discussão sobre se seria possível construir-se uma filosofia sul-americana.

Podrá existir una filosofía Americana si existe una cultura Americana de la cual dicha filosofía tome sus temas. De que exista o no una cultura Americana, depende el que exista o no una filosofía Americana. Pero el plantearse y tratar de resolver tal tema, independientemente de que la respuesta sea afirmativa o negativa, es ya hacer filosofía americana puesto que trata de contestar em forma afirmativa o negativa una cuestión americana. (ZEA, 1942, p.64)⁵⁵

Para Zea (1942), uma filosofia americana precisa responder questões do seu lugar, pensar a América Latina e sua complexidade. Nesse sentido, a cultura ou culturas que compõem o continente, constitui elemento essencial para a constituição de um filosofar próprio.

⁵⁵. “Pode haver uma filosofia americana se houver uma cultura americana, da qual dita filosofia tome seus temas. De que exista ou não uma cultura americana, depende a existência de uma filosofia americana ou não. Mas, considerar e tentar resolver essa questão, independentemente de a resposta ser afirmativa ou negativa, é já fazer filosofia americana, uma vez que ela tenta responder de maneira afirmativa ou negativa a uma questão americana.”

Augusto Salazar Bondy (1925–1974), filósofo peruano, argumentou que a filosofia era dominada por seu caráter problemático. Para Carvalho (2013), sua tese sobre a condição de subdesenvolvimento e cultura da dominação permitiu compreender a necessidade de uma cultura livre, sem dependência política, econômica ou cultural. Nesse sentido, propõe uma Filosofia da libertação em resposta ao imperialismo e à dominação cultural dos EUA.

A existência de filosofia na América Latina desde o início de sua colonização, parece ser um consenso entre os estudiosos do tema. Mas em se tratando da filosofia latino-americana, segundo Augusto Salazar Bondy teria sido Juan Bautista Alberdi o primeiro pensador hispano-americano que colocou explicitamente o problema dessa filosofia. (SOFISTE, 2005, p.04)

Para Alberdi (1993, p. 145) “não há, pois, uma filosofia universal, porque não há uma solução universal para as questões de fundo que a constituem. ” Nessa perspectiva, há uma necessidade de pensar numa filosofia americana que possa dialogar e refletir sobre os problemas latino-americanos.

Bondy, a partir dessas análises sobre o fundamento de um pensar latino-americano, trava um debate polêmico com Leopoldo Zea sobre a existência de uma filosofia autêntica da América Latina. Defende essa posição em obras como “*¿Existe una filosofía en nuestra América?*”. Bondy sustenta sua tese de que o pensamento filosófico da América Latina carecia de originalidade, por possuir um caráter imitativo.

La filosofía tiene, pues, en Hispanoamérica una posibilidad de ser auténtica en medio de la inautenticidad que la rodea y la afecta: convertirse en la conciencia lúcida de nuestra condición deprimida como pueblos y en el pensamiento capaz de desencadenar y promover el proceso superador de esta condición. (SALAZAR BONDY, 2004, p. 89)⁵⁶

De acordo com Carvalho (2013), Zea diverge desse pensamento afirmando que, mesmo as filosofias tendo origem em realidades diferentes, como a Europa, elas podem resolver problemas de outras localidades, como a latino-americana. Nessa perspectiva, outras filosofias podem ser úteis, e “o que parecia simples cópias malfeitas do filosofar por excelência, vai se convertendo em expressões originais de um pensamento. ” (ZEA, 1988, p. 16).

⁵⁶. A filosofia tem, pois, na Hispano-América, uma possibilidade de ser autêntica em meio à inautenticidade que a rodeia e a afeta: converter-se na consciência lúcida de nossa condição deprimida como povos e no pensamento capaz de desencadear e promover o processo superador dessa condição. (SALAZAR BONDY, 2004, p. 89)

O ato de assimilar, para Zea, se diferencia da imitação, pois torna próprio aquilo que é estranho, acomodando-o ao que se é, sem a pretensão de “acomodar o próprio ser ao que lhe é estranho.” (ZEA, 1993, p. 39).

Salazar Bondy pensa numa outra vertente as condições para se desenvolver uma filosofia autêntica e original na Hispano-América.

Al lado de las filosofías vinculadas con los grandes bloques actuales o del futuro inmediato es preciso, pues, forjar un pensamiento que, a la vez que arraigue en la realidad histórico-social de nuestras comunidades y traduzca sus necesidades y metas, sirva como medio para cancelar el subdesarrollo y la dominación que tipifican nuestra condición histórica. Es preciso que, dentro del cuadro general del Tercer Mundo, los países hispanoamericanos, puestos a construir su desarrollo y a lograr su independencia encuentren el apoyo de una reflexión filosófica consciente de la coyuntura histórica y decidida a construirse como un pensar riguroso, realista y transformador. (SALAZAR BONDY, 2004, p. 89)⁵⁷

O pensamento de Bondy (2004), encaminha-se propondo uma filosofia com alto rigor, realismo e, sobretudo transformadora no sentido de intencionar uma filosofia para a América Latina que pense a autenticidade.

Para Carvalho (2013, p.09) as “divergências” entre esses dois filósofos (Zea e Salazar Bondy), “partilhavam” a “ideia de que a filosofia” da América Latina “quanto à sua função”, estaria comprometida com a “causa da libertação”, por conta da situação “histórica” de dependência vivido pelo continente.

Outro grande pensador centenário latino-americano é o peruano Francisco Miró Quesada (1918), que de acordo com Beorlegui (2010) é um filósofo que tentou fazer uma mediação com Leopoldo Zea⁵⁸, sobre as duas grandes tendências da filosofia latino-americana: os universalistas e os nacionalistas/regionalistas numa perspectiva de tentar ligar as duas correntes e convencer seus representantes mais significativos da necessidade de combinar os dois pontos de vista.

Beorlegui (2010, p.62) afirma, também, que a filosofia na América Latina para Quesada, precisa ser libertadora.

⁵⁷. Juntamente com as filosofias ligadas aos grandes blocos atuais ou ao futuro imediato, é necessário forjar um pensamento que, ao mesmo tempo que se enraíza na realidade histórico-social das nossas comunidades e traduz as suas necessidades e objetivos, serve como um meio para cancelar o subdesenvolvimento e a dominação que tipificam nossa condição histórica. É necessário que, dentro do quadro geral do Terceiro Mundo, os países latino-americanos, estabelecidos para construir seu desenvolvimento e alcançar sua independência, encontrem o apoio de uma reflexão filosófica consciente da conjuntura histórica e determinados a construir um pensamento rigoroso, realista e transformador. (SALAZAR BONDY, 2004, p. 89)

⁵⁸. A partir de 1943, por sugestão do filósofo Francisco Romero (1891-1962), Miró Quesada faz contato com Leopoldo Zea (1912-2004) e torna-se seu amigo.

Miró Quesada defiende que una filosofía latinoamericana auténtica tiene que ser una filosofía liberadora de todo proceso de dominación sobre todo de Occidente. Y aquí sí que señala que utilizar el conocimiento histórico con fines de liberación no implica necesariamente una deformación del objeto de conocimiento.⁵⁹

Segundo Mance (2000), para Miró Quesada, sempre existiu filosofia na América Latina, ainda que como atividade isolada de alguns indivíduos ou como ensino acadêmico estereotipado. Para Quesada, “a filosofia da libertação surgiu como desdobramento do que se denominou Filosofia do Americano – em um debate onde a questão sobre a autenticidade e a originalidade da filosofia praticada nestas terras ganhou corpo.” (MANCE, 2000, p.03)

São obras importantes de Miró Quesada para pensar a problemática da filosofia na América Latina: *Despertar y proyecto del filosofar latinoamericano* (1974), e *Proyecto e realización do filosofar latino-americano* (1981).

Na obra *Despertar y proyecto del filosofar latinoamericano* que foi publicado no México, Quesada (1974) defende a ideia que há gerações na forma de filosofar latino-americana. A primeira geração compõe-se de um grupo denominado de “patriarcas” ou “fundadores”; que de acordo com o autor reúne as gerações de 1900 e 1915. São exemplos dessa geração: Rodó e Vaz Ferreira no Uruguai, Justo Sierra no México, Alejandro Korn e Rivarola na Argentina, Deustua no Peru, Farías Brito e Graça Aranda no Brasil e Enrique Molina no Chile (1900), Caso, Vasconcelos e Reyes (México), Coriolano Alberini (Argentina) Mariátegui, Haya de la Torre e Belaúnde (Peru) geração de 1915.

A segunda geração denominada “forjadores” pretendem fazer da Filosofia, tal qual é feita na Europa, com os mesmos pressupostos e rigores. Essa geração se compromete com a assimilação da história da filosofia, a fim de alcançar uma normalização da filosofia no contexto latino-americano. Fazem parte desse grupo: Francisco Romero (Argentina), Emilio Oribe (Uruguai) Samuel Ramos, Francisco Larroyo, Guillermo Héctor Rodríguez (México) Victor Belaúnde, Francisco García Calderón, Oscar Miro-Quesada (Peru).

A terceira geração para Quesada (1974), terá o desafio de realizar de pensar sobre o ideal de autenticidade filosófica, mas a partir de duas tendências: a *Afirmativa* e a *Assuntiva*.

A terceira geração da Filosofia latino-americana proposta por Quesada divide-se em dois grupos: um regionalista e outro universalista. É essa questão que fomenta o debate com Leopoldo Zea.

⁵⁹. Miró Quesada argumenta que uma autêntica filosofia latino-americana deve ser uma filosofia que libere todos os processos de dominação, especialmente do Ocidente. E aqui ele aponta que usar conhecimento histórico para o propósito de liberação não implica necessariamente uma deformação do objeto de conhecimento. (BEORLEGUI, 2010, p.62)

Após esse processo caracterizado por Quesada, outros grupos e gerações de pensadores se consolidaram como por exemplo: Enrique Dussel e a Filosofia da Libertação, Raul Fournet-Betancourt e a perspectiva filosófica da Interculturalidade, Rodolfo Kursch e sua filosofia libertária cultural, Juan Scannone e a filosofia etico-cultural libertadora, entre outras possibilidades que se estruturam a partir dessas influências de gerações apresentadas. “O projeto latino-americano de filosofar pode precisamente definir-se como a decisão de transformar um mero filosofar em um filosofar que dê por resultado uma Filosofia autêntica” (QUESADA, 1974, p.25).

Segundo Beorlegui (2010, p.643), foi importante na formação de Miró Quesada:

Su orientación humanista y socialista, y su sinceridad ética a favor de una sociedad más justa y solidaria, le fueron llevando hacia la filosofía de la liberación. El camino para ello, en el campo de la filosofía, fue seguir las huellas de L. Zea, a quien considera el auténtico precursor de la filosofía de la liberación. En ese sentido, afirma que debe dejarse de lado «el debate absurdo entre mexicanos y argentinos sobre el origen del movimiento. Digo esto último porque me parece indispensable que es la obra de Leopoldo Zea la que marca el verdadero punto de arranque.⁶⁰

Desta forma, para Francisco Miró Quesada a Filosofia da Libertação (FL) tem como característica sua “orientación humanista y por la utilización de la filosofía como instrumento de liberación”, contribuindo para a elaboração de uma proposta de sociedade mais justa que denuncia e se opõe a tudo que impede “a la realización de ese modelo”. (Ibidem, p. 667).

Raúl Fournet-Betancourt, pensador cubano (1946), hoje com 72 anos de idade, discute, em sua perspectiva filosófica, a necessidade de superação do paradigma cultural de uma filosofia que ele denomina de “inculturada”, que mantém o eurocentrismo no pensamento latino-americano.

Para essa superação, Fournet-Betancourt (2001) sugere uma filosofia intercultural, pois esta perspectiva epistemológica pretende desconstruir o dogmatismo universalista da razão ocidental, criando possibilidade de diálogo aberto com as racionalidades e culturas locais. Para Fournet-Betancourt (2001, p 20), a filosofia intercultural nos convida:

a transformar la filosofía que hacemos en un saber que sepa ejercerse como teoría y práctica de proximidad entre los seres humanos y sus culturas en el

⁶⁰. Sua orientação humanista e socialista, e sua sinceridade ética em favor de uma sociedade mais justa e solidária, eles o levaram para a filosofia da libertação. A maneira de fazer isso, no campo da filosofia, era seguir os passos de L. Zea, a quem ele considera o autêntico precursor da filosofia da libertação. Nesse sentido, afirma que "o absurdo debate entre mexicanos e argentinos sobre a origem do movimento deve ser deixado de lado". Digo isso porque me parece indispensável que seja o trabalho de Leopoldo Zea que marca o verdadeiro ponto de partida. (BEORLEGUI, 2004, p.643)

mundo de hoy, para que ése nuestro mundo sea realmente nuestro mundo, un mundo del nosotros.⁶¹

Esse pensar contribui para a filosofia latino-americana, por conceber uma relação que intercambia valores recíprocos, favorecendo um melhor diálogo com outros grupos humanos e modos de vida. Temos, na proposta de Betancourt, segundo Beorlegui (2004) um intercâmbio cultural que impede a hegemonia de uma cultura sobre outra. Esse diálogo intercambiado fomenta a pluralidade cultural que favorece a construção do pensamento latinoamericano.

No se trata de encontrar un estilo de filosofar que sea el mejor y los demás tienen que imitarlo (así se ha entendido la referencia a lo occidental), sino que la nueva universalidad tiene que venir desde abajo, desde el diálogo entre culturas. Ese diálogo tendrá que conseguir discernir, dentro de los aportes de las diferentes culturas, elementos válidos y dignos de ser universalizados y de formar parte del acervo común. Todo esto, claro está, presupone cambiar, como estamos diciendo, el modelo hasta ahora válido y centralizado de filosofar, para abrirse a una «filosofía de rostro polilógico y promotora del derecho a la polifonía cultural». (BEORLEGUI, 2004, 826),⁶²

Em entrevista a Topologik, Revista internacional de Ciência Filosófica, Pedagógica e Social, concedida a Marisa Di Martino, Betancourt (2009) define o conceito de “intercultural”, afirmando que este:

leva essa dimensão da biografia pessoal muito a sério, como uma questão de estabilidade identitária. Por isso, diante do multiculturalismo, propõe o diálogo, não a tolerância, mas o diálogo. Para a interculturalidade, a tolerância é pequena. Você tem que ir além da tolerância, você tem que aprender a realmente viver com amor e aprender a compartilhar vidas. A tolerância é um respeito, mas a interculturalidade é uma qualidade nas relações humanas, uma relação de melhor qualidade entre culturas e não fria como apoiar o outro. (FORNET-BETANCOURT, 2009, p. 2)

A filosofia intercultural de Betancourt, defende a importância do lugar social para perceber como uma pessoa participa de uma cultura, pois cada lugar é um espaço diferenciado de criação da cultura (a partir da prática) e do pensar.

Por isso, de acordo com Beorlegui (2004) Fernet Bentacourt, aponta que a libertação e a interculturalidade são paradigmas que se complementam. A filosofia intercultural se

⁶¹ “a transformar a filosofia que fazemos em um conhecimento que pode ser exercido como teoria e prática de proximidade entre os seres humanos e suas culturas no mundo de hoje, de modo que nosso mundo seja realmente nosso mundo, um mundo de nós.”

⁶² . Não se trata de encontrar um estilo filosófico que é o melhor e outros têm de imitá-lo (é assim que se entende a referência ao ocidental), mas que a nova universalidade tem que vir de baixo, do diálogo entre culturas. Este diálogo terá que ser capaz de discernir, dentro das contribuições de diferentes culturas, elementos válidos e dignos de ser universalizado e de fazer parte do comum acordo. Tudo isso, é claro, pressupõe mudar, como estamos dizendo, o modelo de filosofar até então válido e centralizado, para nos abirmos a uma “filosofia com uma face polifônica e promotora do direito à polifonia cultural”. (BEORLEGUI, 2004, 826)

compromete com o processo de libertação. Outra ressalva é que o diálogo intercultural não deve ser confundido com um multiculturalismo eclético, pois o “El multiculturalismo persigue una especie de cultura común por mezcla y yuxtaposición neutra de culturas. ” (Ibidem, p.830). A filosofia intercultural busca a transformação das culturas através de processos de interação entre elas, protagonizando relações abertas, livres e autênticas.

Arturo Andrés Roig, (1922 - 2012), filósofo e historiador argentino, desenvolve sua concepção de filosofia da libertação nos anos 1970, com traços peculiares que a distinguem das demais vertentes em elaboração naquele período. De acordo com Mance (1994, p.01), tais traços se “evidenciam em sua proposta de história das ideias, na metodologia que propõe para desenvolvê-la e na afirmação de uma filosofia latino-americana sincrônica. ”

Beorlegui (2004) afirma que a produção filosófica de Arturo Roig teve várias influências, desde os gregos, passando pelo humanismo kantiano, a dialética hegeliana até Marx e uma de suas maiores preocupações foi a recuperação crítica do pensamento hispano-americano, em sua tentativa dupla e oposta de imitar e tornar-se independente da tradição europeia.

Para Roig (1981, p.39), em decorrência dessa proposta epistemológica, a história das ideias deveria focalizar a “consciência social latino-americana” e o processo de desalienação e libertação do pensamento latino-americano. Segundo Carvalho (2015), Arturo Roig dará continuidade ao trabalho iniciado por Leopoldo Zea, de estimular um projeto de filosofia latino-americana.

Rodolfo Kusch (1922-1979), antropólogo e filósofo argentino, conduziu uma profunda pesquisa de campo sobre o pensamento americano indígena e popular como base de sua reflexão filosófica. Ele também escreveu várias peças e uma ampla coleção de artigos e palestras sobre estética americana.

A obra de Kusch pensa a filosofia a partir de uma perspectiva que rompe com pressupostos determinados e fechados do ocidente europeu, questionando modelos de pensamento que inviabilizam a construção de uma América outra, descolonizada, com sujeitos que produzem um pensar a partir do seu lugar, do seu contexto. Trabalha com a ideia de América Profunda: “O resgate de um pensamento indígena é importante porque abre a compreensão dessa América povoada ultimamente por ideologias díspares. ” (KUSCH, 2000, p.259).

O pensamento de Kusch corrobora o fortalecimento de uma filosofia latino-americana que valoriza a contribuição dos povos originários e a ideia do popular, caracterizada pela

pobreza e marginalidade criadora face às instituições. A América original precisa reconhecer o popular. Nesse sentido, Perez (2010) argumenta que:

Los pensadores cultos no han sabido entender el pensar popular, ni aprender de él. En el pensar popular la técnica o lógica para pensar es algo secundario, lo fundamental es el sentido; el pensar popular no se preocupa de “cómo” se dice algo, sino de “qué” se dice. Kusch cree que tiene que haber un equilibrio entre contenido y forma. El pensar europeo, sin embargo, ha valorado la forma por encima del contenido (PÉREZ, 2010, p. 29).⁶³

Kusch faz uma crítica da filosofia ocidental e contribui para pensar América Latina e suas bases filosóficas. Discute uma mudança de método para a filosofia, que se caracteriza pela inversão do modo especulativo para o aplicado, sendo o pensamento popular o ponto de partida para essa subversão epistemológica.

José Carlos Mariátegui (1894 – 1930), peruano, escritor, jornalista, sociólogo e ativista político. Um dos principais marxistas latino-americanos, produziu importante obra, dedicada à reflexão em torno da realidade latino-americana, tendo como questão central a perspectiva revolucionária socialista, a partir do referencial teórico marxista. Sua obra é considerada inovadora e original em seu tempo, inaugurando o marxismo latino-americano: “A questão indígena parte de nossa economia. Tem raízes no regime de propriedade da terra. ” (MARIÁTEGUI, 1958, p. 29)

Para Bolaños (2000), o trabalho de Mariátegui pode ser entendido a partir da perspectiva da história das ideias:

Primero. Porque él definió el pensamiento hispanoamericano, como vínculo de unidad de los pueblos de América Latina y el español, sentando esta tesis en el debate sobre esta importante cuestión. Segundo. Porque concedía una gran importancia a la difusión de “ideas germinales y de renovación” por medio de la educación sistemática de los trabajadores – fue uno de los principales animadores de las universidades populares – y através de periódicos y revistas de tipo doctrinario, pero también de información e ideas (la revista Amauta y el periódico Labor dan cuenta de esta función). Tercero. Porque para establecer su programa de cambio estudió profundamente la realidad peruana y latinoamericana, lo que le permitió unir su perspectiva marxista y socialista a la realidad concreta nacional y continental. (BOLAÑOS 2000, p.442,443)⁶⁴

⁶³. “Os pensadores cultos não entenderam o pensamento popular, nem aprenderam com ele. No pensar popular, a técnica ou lógica para pensar é algo secundário, o fundamental é o sentido; o pensar popular não se preocupa “como” se diz algo, mas “o quê” se diz. Kusch acredita que tem que haver um equilíbrio entre conteúdo e forma. O pensamento europeu, no entanto, valorizou a forma acima do conteúdo. ” (PÉREZ, 2010, p.29)

⁶⁴. “Primeiro, porque ele definiu o pensamento hispano-americano como um elo de união entre os povos latino-americanos e espanhóis, colocando esta tese no debate sobre essa importante questão. Segundo, porque atribuiu grande importância à disseminação de “ideias germinais e de renovação”, através da educação sistemática dos trabalhadores – ele foi um dos principais animadores das universidades populares –, e através de jornais e revistas de tipo doutrinal, mas também de informação e ideias (A revista Amauta e o jornal Trabalhista dão conta dessa função). Terceiro, porque, para estabelecer seu programa de mudança, ele estudou profundamente a

O pensamento de José Carlos Mariátegui tem relevância histórica para a América Latina, por sua compreensão da realidade local (continental) e global (internacional). Essa característica da sua filosofia possibilita um debate sobre o Americanismo como processo de construção identitária, que permite uma discussão sobre temas como o socialismo e o indigenismo no continente.

Hugo Assmann (1933- 2008), teólogo brasileiro, um dos precursores da Teologia da Libertação, participou da Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín, entre agosto e setembro de 1968, convocada pelo Papa Paulo VI para pôr em prática o programa do Concílio Vaticano II⁶⁵. Medellín foi um acontecimento importante para a Igreja latino-americana; algumas questões foram centrais nos documentos da Conferência, como: a opção pelos pobres, a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base.

Para Mance (2000, p.15), Hugo Assmann foi um pensador que “colaborou ativamente na emergência da filosofia da libertação”; seus textos abordam uma preocupação com as “implicações concretas da linguagem mediadora da reflexão filosófica sobre a práxis efetiva.”

A partir da década de 1990, Assmann passa a pensar e publicar sobre temas educacionais e a questão da corporeidade.

Horácio Cerutti Guldberg, 1950, filósofo argentino-mexicano (naturalizado mexicano em 1993). Sua filosofia se concentra em cinco temas: filosofia da libertação, história das ideias (filosóficas), utopia, política, bem como cultura e educação em nossa América.

Para Gaspar (1984, p.01), Cerutti:

expõe o fenômeno da filosofia da libertação na América Latina, mais precisamente a localização histórica da filosofia da libertação na Argentina, fazendo uma análise completa e cuidadosa da mesma. Ao nomear a filosofia da libertação na Argentina, não se deve pensar que se limita apenas aos leitores argentinos ou ao problema argentino, mas, ao contrário, seu estudo está aberto a todos os pensadores latino-americanos e é até projetado no pensamento da língua espanhola.

Gaspar (1984) afirma que, para Cerutti, a situação latino-americana levou à necessidade de perguntar e estabelecer: qual a questão atual da filosofia latino-americana? Nesse sentido, é preciso localizar o maior obstáculo que impede o desenvolvimento da referida reflexão filosófica como transformadora de estruturas. Segundo Cerutti, esse

realidade peruana e latino-americana, o que lhe permitiu unir sua perspectiva marxista e socialista à realidade concreta nacional e continental.” (BOLANOS 2000, p.442,443)

⁶⁵. O Concílio Vaticano II foi convocado em dezembro de 1961, pelo Papa João XXIII. O Concílio foi celebrado sob o seu pontificado e o de Paulo VI, entre 1962 e 1965, ao longo de quatro sessões, aproximadamente uma por ano. O Concílio foi ecumênico e pastoral, e procurou atualizar a doutrina da Igreja com a sociedade contemporânea.

obstáculo é o discurso populista, e sua obra caminha da crítica do populismo filosófico ao filosofar pela libertação.

Cerutti contribui para pensar uma filosofia autêntica e rigorosa, crítica, autocrítica e libertadora de mentes e consciências no continente latinoamericano. Nesta perspectiva, Cerutti (2006, p.16) afirma que:

el filosofar para la liberación es un pensar obligado, por definición, a mantenerse abierto al proceso histórico, justamente el que se quiere transformar (¿liberar? Sí, dado que las situaciones de dependencia se han agravado). Es perceptible también que se sigue filosofando en condiciones de alto conflicto social desatado.⁶⁶

A filosofia, nesses termos, entende que é preciso compreender o processo histórico, ou seja, os novos tempos, sobretudo as condições atuais de grandes conflitos sociais. É fundamental estar aberto para as transformações do sistema dominante, para o fortalecimento da democracia, para a construção de um outro mundo. Em suma, a filosofia deve contribuir para a libertação dos povos colonizados.

Cerutti (2006) discute a necessidade de superar as divisões entre filosofia e concepções de mundo, entre mito e logos. Atenta para a possibilidade de perceber outras formas de filosofar, como aquelas que dependem da oralidade e de um sujeito coletivo, a exemplo das culturas indígenas e dos movimentos de resistência e participação popular existentes na América Latina.

Osvaldo Ardiles (1942- 2010) é outro pensador argentino considerado como um dos fundadores da Filosofia da libertação, na Argentina do primeiro quinquênio da década de 1970. Um dos principais problemas enfrentados por Ardiles, foi o da alienação humana a partir da reificação da vida social, no contexto de uma opressão capitalista e periférica de regiões como a nossa América. Trata-se de um pensador que, desde os anos 1960, tem se destacado para construir um filosofar para a libertação, imerso numa “frente cultural” na “luta por uma existência digna do humano”. (ARDILES, 1989, p. 279)

Ardiles define a filosofia como “uma teoria da libertação humana”; sua obra é crítica e construtiva: ele denuncia as ilusões alienantes e descobre as realidades essenciais. (ARDILES, 1969, p. 85). Para Bahl (2018), Ardiles é um dos protagonistas da filosofia da libertação, mas não é tão estudado como deveria.

⁶⁶. “O filosofar para a libertação é um pensamento obrigado, por definição, a permanecer aberto ao processo histórico, justamente o que quer transformar (para libertar? Sim, dado que as situações de dependência se agravaram). É perceptível, também, que se segue filosofando em condições de alto conflito social desencadeado”. (CERRUTI, 2006, p.16)

Para abordar su trayectoria intelectual, desplegada entre su primera publicación en 1963 y la última en 2006, se presenta como necesario plantear un bosquejo de estructuración temática- temporal que dé razón de sus virajes especulativos al tiempo que los relacione con acontecimientos biográficos y sociales que marcaron su carrera. Así, de forma provisoria e hipotética, planteamos que se puede dividir su producción en cuatro etapas: La primera, marcadamente católica y tradicional, se extiende desde 1963 hasta 1970. La segunda, liberacionista, puede hacerse comenzar en 1971 y terminar con el exilio en 1976. La tercera, constituida por un período especialmente crítico, se despliega en México entre 1976 y 1982/3. El trayecto se cierra con una cuarta etapa que abarca desde su regreso a tierras argentinas en 1983 hasta su fallecimiento en el 2010. (BAHL, 2018, p. 145)⁶⁷

Ardiles é mais um importante personagem argentino que contribui sobremaneira para a filosofia da libertação e para a produção de uma forma de pensar e agir sintonizada com o lugar (o continente americano) e com a cultura, o ethos próprio desse espaço.

A produção filosófica na América Latina é fato, e sua qualidade de conteúdo, através das pesquisas, congressos, seminários, publicações e movimentos criados ao longo desse período, comprova-se a cada dia.

Juan Carlos Scannone (Argentina, 1931), Padre Jesuíta e teólogo argentino. Representante da chamada “Teologia do Povo”, uma versão argentina da Teologia da Libertação. É considerado o maior teólogo argentino vivo, personagem de destaque no panorama intelectual católico do Cone Sul: “Na Teologia do Povo o aspecto histórico-cultural toma a dianteira sem subestimar a importância do histórico-político. ” (SCANNONE, 2017, p. 01).

Scannone junto com Rodolfo Kusch, Carlos Cullen⁶⁸ e Dina Picotti formam um grupo na Argentina que se caracteriza por produzir uma análise sobre a libertação que engloba a perspectiva cultural. Essa concepção filosófica, considera a cultura (o ethos) dos povos latino-

⁶⁷ . Para abordar sua carreira intelectual, implantada em sua primeira publicação em 1963 e a última em 2006, é necessário propor um esboço de estruturação temático-temporal que explica seus turnos especulativos, ao mesmo tempo relacioná-los a eventos biográficos e sociais que marcaram sua carreira. Então, de provisória e hipotética, propomos que você pode dividir sua produção em quatro estágios: O primeiro, marcadamente católico e tradicional, estende-se de 1963 a 1970. Segundo, liberacionista, pode ser iniciado em 1971 e terminar no exílio em 1976. Terceiro, constituído por um período particularmente crítico, é implantado no México entre 1976 e 1982/3. A viagem fecha com um quarto estágio que inclui desde seu retorno à terra Argentina em 1983 até sua morte em 2010. (BAHL, 2018, p. 145)

⁶⁸ . Carlos Cullen (Argentina, 1943) é professor e um dos fundadores da Filosofia da Libertação. Leciona em mestrados e doutorados de diferentes universidades da Argentina e da América Latina. Cullen (2017) argumenta que a Filosofia da Libertação ainda está em vigor hoje por causa de sua atitude autocrítica e suas tentativas de superar-se. Segundo ele, o movimento ainda tem o desafio de pensar o que a América Latina pode trazer para o mundo, em um contexto marcado pela “hegemonia não-eurocêntrica”.

americanos, buscando valorizar aquilo que é produzido pelo povo, a cultura popular na sua dimensão ética, religiosa, artística.

De acordo com Beorlegui (2004), o encontro de Juan Scannone com Enrique Dussel em 1970, na Universidade del Salvador em San Miguel na Argentina, possibilitou a organização de conferências filosóficas. Esses encontros filosóficos foram decisivos para o nascimento da filosofia da libertação.

Uma grande influência no início do pensamento de Scannone foi a filosofia de Emanuel Lévinas que produziu uma radical e bem articulada crítica da filosofia ocidental como um todo, exemplificada em Hegel, Husserl e Heidegger, bem como uma proposta filosófica alternativa, centrada em uma metafísica e antropologia da alteridade. (BEORLEGUI, 2004).

Siguiendo los datos que nos aporta su amigo y discípulo Jorge R. Seibold, advertimos cuatro etapas en su trayectoria intelectual, hasta el presente: a) una primera, de formación, que va de 1949, fecha de su entrada en los jesuitas, hasta 1967, memento de su regreso a la Argentina, tras sus estudios universitarios en Europa; b) la segunda etapa es la propiamente de elaboración de la FL, y abarca de 1967 a 1976; c) la tercera, de 1976 a 1981, constituye un intento de ir más allá de la FL, hacia la construcción de lo que él llama una «filosofía de la cultura»; d) y la cuarta, que se extiende desde 1981 hasta el momento actual, constituye el corolario lógico de la anterior, y en ella intenta construir una «filosofía inculturada». (BEORLEGUI, 2004, p.710).⁶⁹

Essas quatro etapas marcam o pensamento de Juan Scannone e demonstram seu compromisso com a Filosofia Latino-americana e sua posição crítica sobre os temas: filosofia, América-Latina, Cultura, teologia da libertação e teologia do povo, filosofia inculturada.

Sobre a sua proposta para uma Filosofia “inculturada”, Scannone (1993) aponta a seguinte discussão:

Para expressar essa posição hermenêutica sobre a filosofia latino-americana, recorro à terminologia (de cunho teológico) da “inculturação”. Este neologismo nasceu — dentro da teologia — da aproximação e da contraposição com a maneira de falar da antropologia cultural sobre a aculturação e a inculturação. No seu fundo está a analogia com a Encarnação, e se pretende designar com ele a encarnação e expressão da mensagem cristã — universal e transcultural — no mundo de valores, linguagem e formas de determinada cultura, assumindo-as no pensamento, na vida e na celebração de cristãos. Pois bem, de forma analógica, falo de “filosofia inculturada”, referindo-me a um pensar filosófico que, sem perder

⁶⁹. Seguindo os dados fornecidos por seu amigo e discípulo Jorge R. Seibold, notamos quatro estágios em sua trajetória intelectual, até o presente: a) um primeiro treinamento, que vai de 1949, data de entrada nos jesuitas, até 1967, após seu retorno à Argentina, após seus estudos universitários na Europa; b) o segundo estágio é o estágio atual do FL, e abrange 1967 a 1976; c) a terceira, de 1976 a 1981, constitui uma tentativa de ir além de FL, para a construção do que ele chama de “filosofia da cultura”; d) e a quarta, que se estende de 1981 até a atualidade, constitui o corolário lógico do anterior, e nele tenta construir uma “filosofia inculturada”.

sua radicalidade e sua universalidade transculturais, assume criticamente — na ordem do conceito — as perspectivas de compreensão do ser, da vida e da convivência, as categorias e esquemas de interpretação, as formas de pensar e de expressar de determinada cultura, ao mesmo tempo que as transforma em mediações intrínsecas de um filosofar de vigência universal. Contudo, é preciso levar em conta que o filosofar nunca se dá "no ar", mas sempre em formas históricas e culturais. (SCANNONE, 1993, p. 808).

A possibilidade de uma filosofia inculturada na América Latina, para Scannone (1993) sugere que tanto os questionamentos críticos radicais da filosofia como suas respostas se concretizam a partir da própria situação hermenêutica (que é histórica e cultural), esse processo se faz através de releituras dos enfoques filosóficos que estão pautado na sua tradição ou encontrando na nossa situação atual uma certa novidade de perguntas e/ou respostas.

Sobre a Filosofia da Libertação, Juan Carlos Scannone, nos apresenta suas impressões desse movimento importantíssimo para a América latina.

Filosofia da libertação fixou seu ponto de partida não no Ego cogito moderno, mas na alteridade e dignidade do outro, do pobre, que questiona de maneira ético-histórica o ego e sua vontade e realidade de dominação; porém o pobre não só interpela, mas também ensina com a novidade da sua alteridade e de sua práxis libertadora humana integral (e também, não em último lugar, cultural). Assim se abriu para a filosofia um novo lugar hermenêutico: o outro, o pobre, a libertação, que dava um novo horizonte de compreensão ao filosofar, tentando-se abordar a partir daí todos os temas da filosofia nessa nova perspectiva hermenêutica. (Ibidem, p.810)

A Filosofia da Libertação, inclui o pobre e dignifica sua atuação como questionador da realidade e, também, como aquele que ensina a novidade de sua alteridade, de sua prática cotidiana, de sua cultura. Surge um novo horizonte hermenêutico para compreender o outro e suas possibilidades, a Filosofia da Libertação é uma filosofia contextualizada, inculturada, trabalhada no contexto histórico e social latino-americano. (SCANNONE, 1993).

Dina Picotti, (Buenos Aires). Doutora em Filosofia, dedicou boa parte de sua vida à pesquisa sobre o pensamento latino-americano contemporâneo e sobre a história da negritude na América, isto é, a cultura africana em toda a sua riqueza de pensamento e artística. De acordo com Rico (2018), para Dina Picotti, devemos apostar em um pensamento da nossa América, como Rodolfo Kusch disse, um pensamento da própria experiência latino-americana, pois o americano apresenta suas próprias características e é projetado para um simples ser na terra, que o torna distinto do ocidental.

La identidad histórico-cultural americana se fue y sigue configurando através de un largo y complejo proceso, en el que confluyeron y se mestizaron

grupos humanos precolombinos, ya de amplia diversidad, la conquista y colonización ibéricas, las culturas negroafricanas llegadas principalmente a través de la esclavitud, inmigraciones posteriores europeas, asiáticas y oceánicas. A pesar de toda suerte de conflictos, marginaciones y destrucciones estas matrices culturales diferentes convivieron influyéndose en forma recíproca y recreándose en las diversas regiones del continente, también de modo diferente, configurando una identidad no sólo multi sino intercultural, de rasgos característicos que permiten hablar de América Latina. (PICOTTI, 2005, p. 56)⁷⁰

A América Latina é profundamente marcada por essa experiência “intercultural”, mas para Picotti (2013), na nossa educação regular não aprendemos a língua indígena e quase nada sabem a cultura africana, ignoramos nossas próprias características. “Calcula-se que em todo o processo da escravidão chegaram cerca de dez milhões de negros nas Américas, sem contar aqueles que morreram no trajeto, visto que morriam ao menos metade dos que eram trazidos. Sangraram o continente. ” (PICOTTI, 2013, p.02)

O pensamento de Dina Piccotti tem uma importância singular para se pensar a América Latina e suas possibilidades, para pensar a latinidade e sua relação com o tema da libertação, sobretudo dos indígenas, negros e pobres. É preciso fazer o continente pulsar positivamente, pois ainda estamos com as “Veias Abertas”, lembrando o sensacional pensador Eduardo Galeano.

De acordo com Pinto (2012), A Filosofia da Libertação, na América Latina, se constitui como uma alternativa do pensamento crítico contra a dependência e os paradigmas da modernidade.

Nesse sentido, busca romper com as estruturas da totalidade que aliena e domina a partir do centro e oferece uma possibilidade de participação livre e independente. A ética da libertação revela a opressão em diferentes dimensões: no plano mundial, com países centrais dominando os periféricos; no plano nacional, com a exploração de umas classes sobre as outras; no plano erótico, na relação entre homem e mulher; no plano pedagógico, pela valorização da cultura central em detrimento da periférica e no plano religioso, por fetichismos. (PINTO, 2012, p.354)

Esse pensamento crítico fornece uma estrutura categórica para entender a realidade local, o pensar regional, com suas especificidades, com um modo de sentir e agir próprio. A filosofia latino-americana é uma espécie de “reconstrução” do pensamento dos povos do Sul,

⁷⁰. A identidade histórico-cultural americana foi e continua a ser moldada por um processo longo e complexo, no qual grupos humanos pré-colombianos, já de grande diversidade, convergiram e se mestiçaram, a conquista e colonização ibérica, as culturas afro-africanas chegaram principalmente através da escravidão, subsequente imigração europeia, asiática e oceânica. Apesar de todo tipo de conflito, marginalização e destruição, essas diferentes matrizes culturais coexistiam de forma recíproca e eram recriadas nas diferentes regiões do continente, também de maneira diferente, configurando uma identidade não apenas multi, mas intercultural, de características que permitem falar de América Latina. (PICOTTI, 2005, p.56)

uma “reconstrução do sujeito”, “da racionalidade”, reconstrução continental. (BOHÓRQUEZ, DUSSEL, MENDIETA, 2009, p.902).

Enrique Dussel, filósofo argentino-mexicano (1934), tem uma importância exponencial para esse esforço de pensar a América Latina, e será apresentador a seguir.

2.2. Enrique Dussel e a Filosofia da libertação: O Pensar Criador dos Povos Latino-Americanos

Enrique Dussel é um dos principais protagonistas da FL (Filosofia da Libertação), considerada a mais importante corrente filosófica surgida no continente americano na segunda metade do século XX. Exilado no México desde 1975, por conta das perseguições políticas na Argentina (sua terra natal), Dussel hoje é cidadão argentino/mexicano e leciona no Departamento de Filosofia da Universidade Autónoma Metropolitana do México (UAM). É doutor em Filosofia pela Universidad Complutense de Madrid (1959), em História pela Sorbonne (1967), e em Teologia pelo Institut Catholique de Paris, sendo atualmente distinguido com títulos de doutor *honoris causa* por inúmeras universidades em todo o mundo.



FOTO 1: Enrique Dussel. El Desconcierto (2017)⁷¹

⁷¹ . Imagem disponível em: <https://www.eldesconcierto.cl/2017/11/06/enrique-dussel-fundador-de-la-filosofia-de-la-liberacion-la-unica-sede-del-ejercicio-del-poder-es-el-pueblo/>, acesso em: 28/07/2019

Para Dussel, é possível a produção de uma filosofia latino-americana com um olhar para a libertação que nos faça pensar sobre “Nós” mesmos, e se coloque fora dos limites da filosofia clássica.

Eu comparo essa filosofia ao pensamento pragmático americano porque ela não propõe a verdade, mas o processo de como a verdade é testada. Filosofia não é liberdade, mas libertação, é um pensamento dialético e está surgindo muito lentamente como uma crítica ao eurocentrismo que nos moldou. É a filosofia que hoje está colocando as grandes questões. Pela primeira vez na história, não respondemos às perguntas dos europeus, eles respondem às nossas. (DUSSEL, 2015, p.01)

A Filosofia da Libertação, para Dussel (1973), é uma espécie de projeto para libertar culturalmente os latino-americanos, caracterizando-se pela crítica densa ao eurocentrismo e seu processo de colonização no continente. Sendo assim, a valorização da cultura popular é algo essencial para se gerar um outro modo de pensar que seja autêntico, indelével e criativo, e que esteja mais próximo daquilo que é dito e vivido pelas comunidades, pela periferia.

2.2.1. Dussel, a cultura popular, o povo e o populismo

Sobre a concepção de cultura popular, Dussel (1973, p. 147) concebe a discussão da seguinte maneira: “A cultura, como cultura popular, longe de ser uma cultura menor, é o centro menos contaminado e radiante da resistência do oprimido contra o opressor”. É essa cultura popular que se oporá à cultura dominante, imposta pela educação que será incutida na consciência das classes dirigidas, a periferia.

Nos Estados modernos, a história transformou-se no meio privilegiado de formar e conformar a consciência nacional. Os governos e as elites dirigentes têm especial empenho em educar o povo segundo seu modo de ver a história, que se transforma no instrumento político que chega até a própria consciência cultural da massa – e ainda da “Inteligência”. (DUSSEL, 1997, p.12).

Diante da história que não é sua e não representa seus anseios, a classe dirigida, oprimida não se reconhece dentro dessa cultura, desse universo, mas aprende a se conformar com as coisas, com os valores da classe dominante. Por isso, a necessidade de “ver a história” dentro de um olhar libertador, o olhar do povo.

Para Dussel (1997), é difícil explicar a história de um povo sem situá-la numa história universal que contextualize a realidade, mostrando o sentido e a importância do passado, do presente e do futuro próximo. Essa história é carregada de cultura, notadamente da cultura

protagonizada pelo povo. Segundo Dussel (1980, p.72), portanto, a categoria de cultura popular é “chave para a libertação” do povo. Por isso, deve-se “contar” uma outra história, a “história do povo e do lugar” (SANTOS, 2005), para se consolidar uma outra cultura, situada fora e além dos marcos do sistema cultural dominante.

Dussel (1997) faz uma crítica ao colonizador e sua imposição cultural, que valoriza uma visão eurocêntrica de mundo traduzida na concepção de países “de centro” e de “periferia”, com sua “cultura de segunda” que deveria subordinar-se aos valores dominantes supostamente superiores.

Semelhante fratura nos convoca a precisar o sentido de povo e a pensar a diferença entre o “popular” e o “populismo”. Para Dussel (2007, p.5), o “popular” não é, nem pode ser, o “populista”, diferença fundamental para se consolidar uma Filosofia Política de caráter latino-americano. Segundo Dussel (2007, p.85), “povo” é uma categoria não “propriamente sociológica, nem econômica”, mas política, carregada de ambiguidade e de uma “inevitável complexidade”.

O sentido de povo apresentado por Dussel depende, assim, das condições históricas de crise de legitimidade do poder hegemônico (na perspectiva gramsciana)⁷² e da capacidade de organização dos movimentos sociais e da população, para se unificar em torno de um projeto político-econômico: “A ‘classe’ é a condição social do oprimido como subsumido no capital (na totalidade); o ‘povo’ é a condição comunitária do oprimido como exterioridade.” (DUSSEL, 1988, p. 372).

No texto “Cinco Teses Sobre o Populismo”, Dussel (2016) aprofunda essa distinção entre classe social e povo. Vejamos:

Quando A. Gramsci descreve o povo como “o bloco social dos oprimidos” (contraposto ao “bloco histórico no poder”), ele está descrevendo a questão de maneira precisa e inesperada. Em um curso de formação de pessoal do Movimento Sem Terra do Brasil (em sua escola Florestan Fernandes), discutimos acaloradamente em 2007, essa questão. A categoria política de “povo” não pode ser confundida com a categoria econômica de “classe” (tampouco de classe operária). A classe operária é o conjunto de sujeitos do “campo econômico” que são subsumidos pelo capital, transformados em trabalhadores assalariados que produzem realmente (formal e materialmente) a mais-valia das mercadorias. O “campo político” deve ser distinguido formalmente do “campo econômico” – a confusão de ambos os campos é uma das falências de uma certa esquerda extrema. As categorias de um “campo” não devem ser atribuídas nem ser usadas de modo rápido ou superficial nas de outro, ainda que sempre determinem (a seu modo, material economicamente ou formal politicamente) as do outro campo. A “classe

⁷². Dussel tem o filósofo Italiano Antônio Gramsci como referência para fazer essa distinção.

trabalhadora” é uma categoria econômica essencial do capital, quando, a partir do momento que entra no campo político, pode ou não exercer uma função com maior ou menor importância, de acordo com o desenvolvimento econômico ou político do caso conjuntamente analisado. (DUSSEL, 2016, p.212)

Para Dussel (2016), a categoria *povo* se constitui como um novo objeto teórico para a filosofia latino-americana. A análise dessa categoria é fundamental para pensar qualquer possibilidade de transformação social, pois, para este pensador inquieto e criativo, “quando esse ‘povo’ que pertence ao ‘bloco dos oprimidos’ se torna ‘povo para-si’, tomando consciência da sua condição de povo, ele abandona a ‘passividade da obediência’. ” (DUSSEL, 2016, p.215)

Sobre o populismo, Dussel (2016) afirma que, no início do século XX, avulta uma espécie de “populismo histórico” ou “populismo latino-americano”, resultante do fortalecimento de uma burguesia nacional e de uma classe trabalhadora organizada, que promove o desenvolvimento industrial local. Nesse momento, a Europa tentava se reerguer de duas guerras, indevidamente denominadas “mundiais” (1914-1945), além da crise econômica de 1929, que enfraquece as metrópoles exploradoras das riquezas coloniais. Esse contexto produz lideranças políticas nacionais características desse tipo de populismo na América Latina.

G. Vargas, L. Cárdenas, JD Perón e muitos outros foram os líderes desses processos de “pacto social”, onde a fraca burguesia nacional, simultaneamente com a classe operária e a organização dos camponeses (por exemplo, México), confederações gerais de empregadores, de operários ou camponeses, manifestaram a irrupção organizada de uma nova constelação política, econômica, social e cultural, que se denominou “populismo”. (DUSSEL, 2016, p. 201)

Esse populismo não era negativo, pois fazia parte de um processo de fortalecimento da América Latina e, mesmo formando líderes nacionais que, segundo Dussel (2016, p. 202), são ambíguos, como Getúlio Vargas (Brasil), Juan Domingo Perón (Argentina), Lázaro Cárdenas (México), estes “são difíceis de apagar da memória popular”, mesmo tendo sucumbido à pressão imperialista.

Um após outro, os projetos do “populismo” histórico latino-americano foram destruídos. Assim caíram os governos de J. Arbenz, de G. Vargas, de JD Perón, de Rojas Pinilla, de Pérez Jiménez, etc., estabelecendo regimes categorizados como “desenvolvimentistas” (desde 1954, então). (DUSSEL, 2016, p. 203).

A partir daí, temos um aumento da dependência dos países latino-americanos com os países do chamado centro, capitaneados pelos Estados Unidos da América, que usarão todas as suas armas (inclusive as ditaduras) para manter sua dominação na região. Esse período de “capitalismo periférico que aumentou a transferência de mais-valia para o centro”, promoveu a redemocratização de vários países (1983-2000) e “consolidou a consciência de legitimidade do dever de pagar uma grande dívida externa incorrida. ” A abertura política carrega consigo o projeto de abertura política neoliberal. (Id, Ibid., p. 205).

Nessa conjuntura, o termo populismo ganha contornos negativos, por caracterizar, segundo Dussel (Ibid., p.206), “qualquer medida ou movimento social ou político que se oponha à tendência da globalização. ” O populismo é inimigo do neoliberalismo. Para Dussel (2016, p. 207):

A ciência social com a pretensão de ser realmente ciência social, deveria refutar o uso de tal termo, por ele não cumprir com a clareza semântica requerida de uma denominação que tenha um conteúdo epistemicamente preciso. Essa afirmação é simplesmente de um insulto, um enunciado encobridor ideológico, utilizado para confundir sofisticadamente o oponente.

O populismo é pejorativamente usado, sobretudo nos meios de comunicação dominantes, para confundir a sociedade, associando o termo a autoritarismo e ditaduras, vinculando essa ideia ao populismo do início do século XX. No entanto, esse populismo atual, de acordo com Dussel (2016), não pode ser comparado com o populismo do início do século XX, pois constitui tão somente uma estratégia narrativa usada pelos grupos dominantes para deslegitimar políticos e fenômenos sociais emergentes no contexto latino-americano de fins do século XX e início do século XXI, de matriz propriamente popular, e cujo projeto político conflita ou tenciona com o pensamento único neoliberal. A ideia de condenar o populismo do passado é destruir qualquer possibilidade de projeto nacional.

2.2.2. Filosofia latino-americana: A política e a libertação

Enrique Dussel, na sua obra “20 Teses de Política”, propõe uma nova teoria sobre a política. Essa proposição atenta para a participação dos pobres, dos oprimidos e excluídos na sociedade, que, na sua condição de povo (conforme exposta anteriormente), toma consciência da sua importância e promove mudanças significativas para transformar a realidade.

Dussel (2007, p.09) cita movimentos sociais como “as Mães da Praça de Maio”, os “Sem Terra”, os “cocaleiros” e as “movimentações indígenas do Equador e Bolívia”, como parte do contexto para entender a ação política como tarefa patriótica, nascida na comunidade

e que compromete e apaixona os atores políticos nela envolvidos. No atual estágio da política no século XXI, nosso autor (Ibid., p. 10) afirma que é preciso “uma grande criatividade” para ressignificar símbolos e lutas, “como indica Evo Morales, também como uma ‘revolução cultural’ (e não deve ter nada a ver com a da China de 1966).” A política, nesse sentido, “consiste em ter ‘a cada manhã um ouvido de discípulo’”, para que os que “mandam, mandem obedecendo”.

Os conceitos de “*potentia*” e “*potestas*”, apresentados por Dussel, ilustram muito bem essa possibilidade de ressignificação da ação política transformadora. Para Dussel (2007, p.25), o povo ou a comunidade exerce um poder político que ele chama de “*potentia*”. Nesse âmbito comunitário, atua uma “vontade-de-viver” que é a própria potência impulsionando as grandes lutas pela vida, pela sobrevivência da comunidade. O poder-“*potentia*” nasce e se substancializa na comunidade política, é o poder do povo. A “*potentia*” tem a comunidade como a esfera de soberania, como instância que governa o político.

A “*potestas*” é o poder político institucional. Para Dussel (ibid,31), isso ocorre por conta da vontade da comunidade política se consolidar como poder instituinte. A “*potentia*”, o poder da comunidade, se transforma em poder organizado (a “*potestas*”), onde a ação política se institucionaliza, através da representação de um eleito: “Se a *potentia* for o poder *em-si*, *potestas* é o poder *fora-de-si* (não necessariamente ainda um *para-si*, como retorno).” (DUSSEL, Ibid., p. 32).

“*Potentia*” e “*Potestas*” são possibilidades para se pensar a política numa ótica da libertação, mas Dussel chama atenção afirmando que “a política será a longa aventura do uso devido (ou corrompido) da *potestas*” (Ibid., p.33); ou seja, é preciso vigilância para não cair na corrupção idolátrica do poder ou no poder fetichizado⁷³, que é o oposto do poder obediencial.⁷⁴

Para Dussel (2009), essa condição da Filosofia da Libertação, que tem na “*Potentia*” e na “*Potestas*” uma possibilidade de transformação ético-histórica, de um outro fazer político, encontra na América Latina um lugar apropriado de fala e, mesmo, um ponto de partida: “E

⁷³. “Uma vez fetichizado o poder (que é a concepção de poder desde Th. Hobbes, como dissemos), a ação do representante, do governante (seja um Rei, um parlamentar liberal, um Estado, etc.), indevidamente, é uma ação dominadora, e não um exercício delegado do poder da comunidade. É o exercício autorreferente da autoridade despótica (embora se tenha feito eleger procedimentalmente com aparência de ter cumprido com instituições, como a eleição popular de representantes). A própria representação se corrompe. Elegem-se os dominadores. Toda a política foi invertida, fetichizada.” (DUSSEL, 2007, p.45.46)

⁷⁴ “O poder obediencial é exercido por um representante eleito pela comunidade para cumprir um papel político. O que manda é o representante que deve cumprir uma função de *potestas*. É eleito para exercer delegadamente o poder da comunidade; deve fazê-lo em função das exigências, reivindicações, necessidade da comunidade.” (Id, Ibid., p.39)

não vou dizer do que pensam os meus colegas na Europa ou nos Estados Unidos, porque nenhum deles pode fazer o que nós devemos fazer aqui.” (DUSSEL, 2009, p. 611)

A Filosofia da Libertação se configura como uma nova forma de reflexão filosófica, que carrega a história, cultura e raízes libertadoras do continente latino-americano. Essa filosofia não negligencia a possibilidade de ser universal.

Um contradiscurso, uma filosofia crítica que nasce na periferia, a partir das vítimas, dos excluídos, com pretensão de mundialidade. Tem consciência expressa de sua perifericidade e exclusão, mas ao mesmo tempo tem uma pretensão de mundialidade. (DUSSEL, 2002, p. 73)

Assim, poderíamos atualizar a convocação de Karl Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista de 1848, que conclama os trabalhadores para um processo de unificação das lutas contra a burguesia. A chamada dusseliana, ecoando o Manifesto, seria: “Povos (excluídos) de todo o mundo, uni-vos”.

Para Dussel (Ibid., p. 627), “agora, a partir do povo, há uma práxis anti-hegemônica, há transformação de instituições e há princípios críticos.” Pensar nessas provocações nos abre caminhos para compreender que “estamos diante de situações muito mais interessantes, complexas e necessitamos de uma nova filosofia e teoria política.” (Id, Ibid., p. 628). A Filosofia da Libertação pode, a partir da relação entre “*potentia*” – enquanto comunidade política autêntica do povo – e “*potestas*” – como instituição representativa dos eleitos delegados pela comunidade –, construir uma prática positiva do poder político libertador, não fetichizante e ético.

2.2.3. A Ética da Libertação: A filosofia e o “Outro”

Para construir seu pensamento filosófico, Enrique Dussel terá como referenciais a fenomenologia de Husserl (1859-1938), a analítica existencial de Heidegger (1889-1976) e a hermenêutica⁷⁵ de Paul Ricoeur (1913-2005), que o estimula a refletir sobre o manancial simbólico da cultura popular latino-americana. São referências importantes, mas a principal contribuição para sua discussão sobre a Ética da Libertação provém, sem dúvida, da obra *Totalidade e Infinito*, do filósofo judeu francês-lituano Emmanuel Lévinas (1906-1995).

Dussel (1995) afirma que, quando ministrava um curso sobre ética ontológica numa perspectiva heideggeriana na Argentina (em Mendonza), na Universidade Nacional de Cuyo,

⁷⁵. “A hermenêutica, para Paul Ricoeur, é um guia metodológico, um guia de orientação de leitura e escrita de textos e obras. É também um método que busca a compreensão de uma obra, teórica ou poética.” (SILVA, 2011, p.02)

alguns filósofos (incluindo o próprio) descobriram a obra de Lévinas e, a partir daí “a minha ética ontológica passou a ser, então, uma ética da libertação latino-americana. (DUSSEL, 1995, p. 18). Emmanuel Lévinas será, então, uma das principais referências para a proposta de Ética da Libertação latino-americana.

A ética da alteridade levinasiana possibilitou à Filosofia da Libertação perceber o rosto do outro que era exterior à totalidade hegemônica emergida da cultura europeia e assumida, mais tarde, pela norte-americana. Totalidade esta que viria a ser denominada por modernidade. O rosto do pobre, do escravo, da mulher, do índio, da criança, dos jovens é a outra face da modernidade que o pensamento de Lévinas faz brotar e a Filosofia da Libertação percebe como ponto de partida de sua reflexão e prática. (ROSA, 2011, p. 135)

A Ética da Libertação de Enrique Dussel, sobretudo a partir desse conjunto de influências e, principalmente, da influência de Lévinas, será fundamental para se refletir a relação entre o *eu* e o *Outro*, a partir da preocupação central com as vítimas do sistema-mundo, o povo pobre excluído, o sujeito negado, em seu direito primordial à vida: “Vale o que tem relação com a vida, não vale o que não tem relação com a vida. Vale mais o que mais tem relação com a vida.” (DUSSEL, 2001, p. 9)

Para Dussel (1992), o fato que determina essa negação do *Outro* na América Latina é o processo de colonização, vulgarmente chamado de “descobrimento”, de fins do século XV e início século XVI – inaugurando a assim chamada Modernidade –, que produz justamente um efeito contrário, pois promove o “encobrimento do Outro”, transformado em *mesmo*, ou seja, na imagem e semelhança do europeu.

O ego moderno apareceu em sua confrontação com o não-ego; os habitantes das novas terras descobertas não aparecem como Outros, e sim como o Mesmo a ser conquistado, colonizado, modernizado, civilizado, como “matéria” do ego moderno. E é assim como os europeus (ou os ingleses em particular) se transformaram [...] nos “missionários da civilização em todo o mundo”, em especial com “os povos bárbaros”. (DUSSEL, 1992, p.46)

Os povos originários, chamados de “indígenas”, foram encobertos, os negros (afrodescendentes) foram encobertos, os oprimidos (as mulheres, comunidade LGBT's, movimentos sociais) foram encobertos pela modernidade, pelo progresso eurocêntrico, foram conquistados e enquadrados no modelo colonial, que visava civilizar os “povos bárbaros” “necessitados” dessa missão. Desde então, a racionalidade europeia passa a ser usada como instrumento a serviço do assujeitamento dos povos conquistados: “A Europa teve características excepcionais internas que permitiram que ela superasse, essencialmente por sua

racionalidade, todas as outras culturas. ” (DUSSEL, 2002, p. 51). De fato, essa “superação” acontece pela aplicação sistemática da violência como forma de universalização da racionalidade e de imposição das vontades do dominador.

Para Bernardes e Cabrera (2014, p.389), Dussel demonstra em sua *Ética da Libertação* que o dominador europeu conseguiu:

mediante uma pedagogia inconsciente, mas praticamente infalível, que as elites ilustradas de cada país dominado sejam nas colônias espécies de “subopressores”, que procuram manter os oprimidos em uma cultura de silêncio, em que eles, sem saber dizer sua palavra, apenas escutem na fala de suas elites ilustradas e seus filósofos europeizados uma palavra que os aliena e os transforma em “outros” não escutados.

A *Ética da Libertação* nos apresenta uma crítica ao mundo que exclui e violenta as pessoas não reconhecidas como sujeitos históricos. É preciso perceber o rosto do outro com dignidade, é preciso inserir o outro num modelo de racionalidade que seja plural e não eurocêntrico.

A *Ética da Libertação* se posiciona de maneira contrária a um sistema excludente que vitimiza os pobres, negros, mulheres, indígenas, o povo na sua acepção mais genuína. No atual contexto de expansão da intolerância, da violência generalizada contra os pobres, o processo de negação e marginalização do Outro determina a diferença entre quem participa desse modelo “moderno” de sociedade global e quem é a vítima.

Para Dussel (2002), é preciso promover o verdadeiro encontro com o Outro (face-a-face) para que as pessoas possam se constituir como sujeitos da própria história. Dessa forma, a humanidade vai se fortalecendo, vai se consolidando, vai sendo, de fato, humanidade, por ser plural, por afirmar a razão do *Outro*, por promover a razão libertadora. Essa é a preocupação da *Ética da Libertação*: um mundo humanizado é possível e viável.

2.3. Paulo Freire e a Pedagogia do Oprimido: Educação Popular como forma de libertação

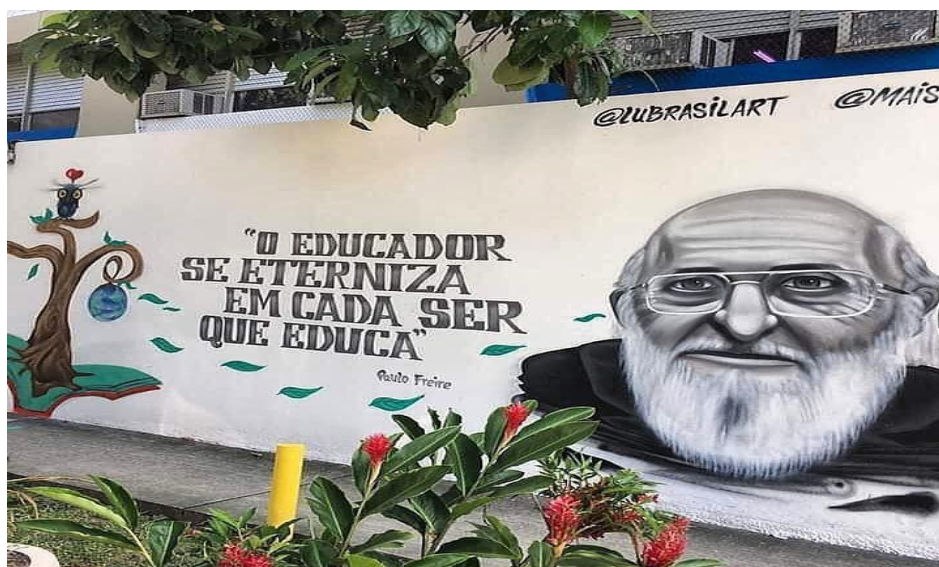


FIGURA 2. Midianinja.org (2019)⁷⁶

Paulo Freire é um dos maiores educadores do mundo. Esta afirmação é lugar comum, mas é sempre bom lembrar a importância político-pedagógica da sua contribuição. Freire nasceu no Recife, Pernambuco, em 19 de setembro de 1921. Viveu na cidade do Recife até 1931, e depois foi morar durante dez anos no município vizinho de Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco: “Em Jaboatão, quando tinha dez anos, comecei a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse criança comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens”. (FREIRE, 1980, p. 14)

Freire inicia o curso ginasial no Colégio 14 de Julho em Recife. Aos 13 anos, perdeu seu pai (Joaquim Temístocles Freire), e a sua mãe “Tudinha” (Edeltrudes Neves Freire) se responsabiliza pela criação dos quatro filhos. Diante dessa realidade, o menino Paulo recebe gratuitamente a matrícula (pedido da sua mãe) para estudar no Colégio Oswaldo Cruz, tornando-se a auxiliar de disciplina e, mais adiante, professor de língua portuguesa.

Ingressa na Faculdade de Direito do Recife em 1943. Teve cinco filhos com Elza Maria Costa de Oliveira, sua primeira esposa e, mesmo depois de formado, continua trabalhando no Colégio Oswaldo Cruz, e também passa a ser professor de Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco.

⁷⁶ . Imagem disponível em: <http://midianinja.org/estudantesninja/30-de-maio-a-teoria-de-paulo-freire-vai-as-ruas/>, acesso 29/07/2019

Em 1947, Paulo Freire será diretor do setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI). Em 1955, funda, com outros educadores no Recife, o Instituto Capibaribe, uma escola diferente e nova que vai atrair a atenção de intelectuais preocupados com as mudanças na educação.

Depois dessa trajetória inicial, temos a grande contribuição de Freire para a educação, com o seu trabalho no de ensino na cidade de Angicos (em 1962), no Rio Grande do Norte, quando 300 trabalhadores da agricultura foram alfabetizados. Segue-se o seu exílio para a Bolívia e depois para o Chile, em 1964, por conta da Ditadura Civil-Militar de 1964-1985, como relata Ana Maria Araújo Freire (Nita), sua companheira de amor e luta nos últimos anos de vida.

Querendo sair daquele país e sem o salvo-conduto brasileiro, que se queimou num incêndio na pensão onde então residia com outros brasileiros em La Paz, Paulo ficou durante três semanas indo ao Ministério do Interior boliviano, até que conseguiu um “Salvo-conduto para exilados” da República da Bolívia. (Freire Araújo, 2017, p.183,184)

Com essa documentação, e depois de ter passado setenta dias na Bolívia, Freire segue para o seu exílio no Chile (1964), passando depois pelos Estados Unidos (1969), pela Suíça (1970) e fazendo incursões pela África na década de 1970.

2.3.1. Paulo Freire: Educação Popular e Transformação Social

A história da educação popular no Brasil tem sua fase efervescente entre as décadas de 1950 e 60 do século XX. Os movimentos sociais são organizações fundamentais para que as ações de educação popular aconteçam. Na América Latina, nas décadas de 1950/60, muitos acontecimentos estavam modificando a ordem existente, tais como a Revolução Cubana em 1959, e a Guerra Fria entre Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialista Soviéticas. Projetos de sociedade estavam em jogo, e esses acontecimentos criavam possibilidades de ruptura e transformação social. É nesse contexto que a perspectiva de educação popular freireana se desenvolve.

Para Dos Anjos (2015, p.130), Paulo Freire pensa a educação popular, em primeiro lugar, “como esforço de mobilização e organização das classes populares; sem desprezar, obviamente, o seu aspecto de capacitação, o que implica a questão da relação entre as diferentes formas de saber”, entre o saber técnico-científico e o “saber de pura experiência feito”.

A transformação educacional “implica, de acordo com Paulo Freire, na exigência de sensibilidade e competência científica aos educadores”, para que os atores envolvidos diretamente com a educação possam entender as variadas formas de resistência, luta e organização do povo. (Ibidem, p.130)

Coutinho (2012, p. 127) destaca o diálogo problematizador freireano como um recurso pedagógico a serviço da reflexão da realidade e intervenção nos contextos sociais.

A história da educação popular libertadora, de base freireana, caracteriza-se pela concepção político-pedagógica do diálogo problematizador, que propõe estimular a reflexão e a ação de homens e mulheres sobre a própria realidade e a intervir nesta.

Essa educação popular produz uma práxis voltada para a transformação social e libertação do ser humano de uma situação de desumanidade e alienação. Para Freire (2015, p. 77), a educação popular deve promover uma “libertação autêntica” e humanizada, que “implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.”

A prática da educação popular tem no diálogo entre os sujeitos, o seu maior aliado, pois é a partir do diálogo que se dá o confronto dialético de ideias e a produção de conhecimento que nasce dessa dinâmica, dessa troca de saberes. O diálogo como ferramenta para provocar um saber que não se impõe, mas se constrói numa dimensão democrática e humana de educação: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação, na reflexão.” (FREIRE, 1987, p.108)

O diálogo, na perspectiva freireana, é um ato amoroso, pois supõe uma permanente disponibilidade a receber o Outro; sendo amoroso, não é arrogante e tem a humildade como horizonte: “Só existe o diálogo, pois, ele é feito por homens e mulheres em comunhão sabendo que como humanos têm muito de si no outro.” (ARAÚJO, 2015, p.34)

Outro elemento de grande importância para se pensar o trabalho de educação popular é a sua relação de fortalecimento com a cultura popular, pois sem estimular o encontro do povo com suas raízes identitárias, com sua história de luta e sobrevivência, a educação popular não tem sentido, não se efetiva como alternativa de transformação. Para Brandão e Fagundes (2016, p. 94), é preciso pensar uma educação que:

vá além de ensinar pessoas a apenas lerem e repetirem palavras, as coensinem a lerem criticamente o seu mundo. Para tornar educandos populares sujeitos críticos e criativos, por meio de uma prática de crescente reflexão conscientizada e conscientizadora, o papel do educador “erudito” e “comprometido” consiste em assessorar homens e mulheres das classes populares na tarefa de ajudar – de dentro para fora e de baixo para cima – a se tornarem capazes de serem os construtores de uma nova cultura popular, a partir de novas práticas coletivas.

Essa cultura popular deve emergir, nascer das práticas populares, dos atos do povo. Essas ações devem contribuir para libertar as classes populares da imposição cultural nascida da opressão e imposição de uma cultura dominante eurocêntrica. Fávero (1983) afirma que é popular a cultura que mobiliza os seres humanos (o homem e mulher) a assumir a sua posição de sujeito da própria criação cultural.

Para Arguelo (2006, p. 230), a Educação Popular é mais que um método ou uma metodologia ou técnica, é “uma opção moral e ética”, que alimenta “uma militância, uma maneira de entender a vida”. Educação popular, nesta concepção, é algo essencial para os educadores que acreditam numa escola que liberta e não oprime.

Segundo Freire e Nogueira (2005), a educação popular é uma grande escola da vida política, espaço de aprendizagem para a luta por uma sociedade livre do autoritarismo e da imposição de um *modus vivendi* elitista e uniformizador; educação popular é o lugar da libertação.

Entendo a educação popular como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece, que é preciso poder, ou seja, é preciso transformar essa organização do poder burguês que está aí, para que se possa fazer escola de outro jeito. Em primeira “definição” eu a aprendo desse jeito. Há estreita relação entre escola e vida política. (Ibidem, p. 19).

A educação popular se apresenta como meio de mobilização para a classe trabalhadora, como lugar de capacitação técnica e científica para transformação da sociedade. Paulo Freire qualifica sobremaneira o debate e os rumos da educação no Brasil e nos diversos países pelos quais passou e em que continua sendo estudado.

2.3.2. A Pedagogia do Oprimido cinco décadas depois: A pauta da libertação ainda persiste

O livro Pedagogia do Oprimido comemorou seu 50º aniversário em 2018. Essa obra marca profundamente os estudos e debates sobre os rumos da educação no Brasil e no mundo. Paulo Freire propõe a liberdade como tema e nos mostra que a pedagogia do opressor (o colonizador) produziu uma espécie de “acomodamento” do povo, do oprimido.

Neste texto poderoso e útil, Freire reflete sobre a luta dos oprimidos contra o modelo de educação que automatiza, controla e impõe um *ethos* dominante que não nasce do povo, mas serve para sua opressão; e nos convida a pensar numa pedagogia que propõe libertação e

esperança a partir da atualização do contraste opressor e oprimido e da relação entre professor e educando.

Logo no primeiro capítulo, Freire (2015) inicia o debate sobre humanização e desumanização e a importância da resistência, da luta para reaver a humanidade dos oprimidos.

E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. (2015, p. 41)

A libertação dos oprimidos depende do processo de humanização; é preciso pautar essa questão, pois não há libertação sem humanização. Para Freire (ibid., p. 48), a libertação é como um “parto”, que é “doloroso”, mas o ser humano nascido desse parto é um ser “novo”, que só se viabiliza “pela superação da contradição opressores e oprimidos”.

Freire (2015) aponta dois momentos da pedagogia do oprimido que a definem como pedagogia humanista, e que são necessários para evidenciar uma libertação mais ampla.

A Pedagogia do Oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo permanente da libertação. (Ibidem, p. 57)

A “pedagogia dos homens” – ou, de forma mais contemporânea, a pedagogia dos “seres humanos” –, é a pedagogia da humanidade que brota do diálogo amoroso e do processo de revisão de uma educação “bancária”, que reforça os instrumentos da opressão. Para Freire (2015), essa perspectiva “bancária” deposita conhecimento nos educandos, tornando essas pessoas “passivas” e adaptadas ao mundo que lhes é imposto: “Quanto mais adaptados para a concepção ‘bancária’, tanto mais ‘educados’, porque adequados ao mundo”. (Ibidem, p.88)

Para Freire (2015), é preciso comunicar-se de forma democrática e acolhedora com a sociedade e, assim, poderemos reverter essa relação autoritária, sobretudo entre educadores e educandos: “Nosso papel não é falar ao povo sobre nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa.” (Ibidem, p. 120).

A Pedagogia do Oprimido nos mostra que essa comunicação, esse falar ao povo sem tentar impor-lhe uma visão de mundo, sugere uma “teoria da ação dialógica” que contrasta com a “teoria da ação antidialógica” que visa conquistar, dividir, manipular e promover a invasão cultural que aliena o oprimido.

Segundo Freire (Ibid.,186), a conquista é o primeiro elemento da ação antidialógica, pelo qual o sujeito conquistador “determina suas finalidades ao objeto conquistado, que passa, por isto mesmo, a ser algo possuído pelo conquistador”.

Sobre o segundo elemento antidialógico, que é o ato de dividir as massas para manter a dominação, Freire (2015) esclarece:

Esta é outra dimensão fundamental da teoria da ação opressora, tão velha quanto a opressão mesma. Na medida em que as minorias, submetendo as maiorias a seu domínio, as oprimem, dividi-las e mantê-las divididas são condição indispensável à continuidade de seu poder (Ibidem, p.190).

A manipulação é o terceiro elemento antidialógico, para que os opressores controlem e conquistem o povo a serviço de seus interesses: “A manipulação, na teoria da ação antidialógica, tal como a conquista a que serve, tem de anestesiar as massas populares para que não pensem. ” (Ibidem, p. 200).

Quando a minoria dominante impõe sua visão de mundo para a maioria, o povo, acontece o que Freire chama “invasão cultural”, ou seja, “a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão. ” (Ibidem, p. 205).

A ação dialógica apresenta elementos correspondentes para combater esse processo de dominação, que são: co-laboração, união, organização e síntese cultural. Sobre a co-laboração como primeira característica, Freire (Ibid., p. 228) afirma: “A co-laboração, como característica da ação dialógica, que não pode dar-se a não ser entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto, de responsabilidade, somente pode se realizar na comunicação”. A co-laboração do diálogo respeita e inclui o Outro como Outro.

A segunda característica é a união, que tem como objetivo a unidade da massa oprimida. Para Freire (Ibid., p.237), “o empenho para a união dos oprimidos não pode ser um trabalho de pura sloganização ideológica”. A união é fundamental para a luta do povo, dos oprimidos.

A terceira característica, denominada organização, é, para Freire (2015), um desdobramento ou consequência da unidade das massas populares: “A organização das massas populares em classe é o processo no qual a liderança revolucionária, tão proibida quanto estas, de dizer sua palavra, instaura o aprendizado da pronúncia do mundo, aprendizado verdadeiro, por isto, dialógico. ” (Ibidem, p. 243)

Como quarta característica, Freire (2015) aponta a síntese cultural, constituída a partir da compreensão da dialeticidade permanência-mudança que compõe a estrutura social.

Na invasão cultural, os espectadores e a realidade, que deve ser mantida como está, são a incidência da ação dos atores. Na síntese cultural, onde não há espectadores, a realidade a ser transformada para a libertação dos homens é a incidência da ação dos atores. (Ibidem, p. 247)

Na síntese cultural, os atores fazem a realidade, promovem e lideram a libertação a partir da análise crítica da própria realidade e se posicionam contra a invasão cultural, primando o respeito às diferenças. As lideranças da transformação são populares, revolucionárias, pois uma liderança que não venha do povo não conduz o processo de síntese cultural, conduz a invasão cultural, que é a negação do Outro e não o respeito por sua cultura.

Após cinco décadas, a Pedagogia do Oprimido continua sendo um manifesto para se pensar a educação e as relações sociais numa sociedade mais democrática e dialógica, para se pensar o respeito ao Outro, pois essa proposta pedagógica é um convite à transformação da escola e dos valores humanos.

A Pedagogia do Oprimido nos convida a pensar a liberdade, o valor que a prática da liberdade tem e a importância de uma sociedade cultivar a democracia. Ao produzir essa obra, Paulo Freire estava exilado no Chile, longe do seu país, impedido por um regime ditatorial de viver em sua terra natal.

A Pedagogia do Oprimido é muito atual, por vivermos neste momento da história do Brasil um retrocesso político-econômico-social-ideológico-cultural de grande proporção. As últimas eleições presidenciais, de 2018, elegeram uma candidatura que apoiou a ditadura civil-militar de 1964-1985. Encoberto por uma “ação antidialógica”, uma parte expressiva do povo não conseguiu perceber que aquele que se apresentava como liderança popular era, de fato, uma liderança da classe dominante, de modo algum “revolucionária”, como clama Freire em sua obra.

É preciso uma “ação dialógica”, reflexiva e crítica, criando possibilidades para se pensar o ser humano e encontrar caminhos para a libertação dos oprimidos, a partir de um diálogo amoroso com o povo. Precisamos, também, de acordo com Freire (2015), exercitar a escuta e o diálogo entre os diferentes, tendo em vista a necessidade de fazer do mundo um lugar em que seja mais fácil amar do que odiar. Esse é o grande recado de Paulo Freire, para acender a esperança de dias melhores.

3. AS MADRES DE PLAZA DE MAYO: DIREITOS HUMANOS E RESISTÊNCIA COMO MARCAS DA LUTA



FOTO 2: Arquivo próprio (2016)⁷⁷

O movimento das Madres de Plaza de Mayo (1977), em Buenos Aires, foi e continua sendo fundamental para denunciar as atrocidades promovidas pela ditadura civil-militar na Argentina de 1976 a 1983. Ainda hoje as prisões, torturas e mortes deste período trazem dor e desconforto para todos que vivenciaram aquele momento e também desconfortam as novas gerações por entenderem que este acontecimento foi extremamente negativo para o país.

As Madres de Plaza de Mayo surgiram em 1977, em meio à mais cruel ditadura civil-militar (1976-1983) da América Latina junto ao Chile de Pinochet (1973-1990) e intitulada por seus ideólogos/artífices como Processo de Reorganización Nacional. (REBUÁ, 2015, p. 76)

Infelizmente, neste mesmo período, vários países da América Latina, a exemplo do Brasil (1964-1985), Chile (1973-1990) e Uruguai (1973-1985), estavam passando por regimes semelhantes, tornando o continente um espaço de repressão à democracia, de perseguição política e de alinhamentos aos interesses econômicos dos Estados Unidos da América.

Em termos econômicos as ditaduras militares consolidaram em geral a internacionalização da economia, aplicação de receitas do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, e o crescimento do endividamento externo. Entretanto, no foro político as metas foram destruir as organizações

⁷⁷. Marcha das Madres de Plaza de Mayo, n. 2128, em 24 de janeiro de 2019. Arquivo de pesquisa.

revolucionárias, desmobilizar e despolitizar os setores populares, aprofundar a associação com os Estados Unidos. (GUERIN, 2009, p.35)

Nesta perspectiva de perceber a mobilização dos movimentos sociais nesse período, vamos verificar o percurso das Madres de Plaza de Mayo na luta por democracia e direitos humanos na Argentina e os fatos que antecedem esse momento difícil da história da América do Sul.

3.1. Antecedentes históricos: Do Peronismo à ditadura de 1976-83

O Peronismo é o nome do Movimento Nacional Justicialista (que depois se transforma em Partido Justicialista), constituído, organizado, e sob a liderança das ideias de Juan Domingo Perón, militar e político mais popular da Argentina contemporânea. Perón terá sua popularidade potencializada por conta da grande crise político-econômica da década de 1940, a qual resultou no golpe militar de 1943 que:

abriu mais um capítulo da história política argentina. O novo governo, liderado pelo general Pedro Ramirez, deu por encerrada a chamada “década infame” – conhecida por ser um período de grande instabilidade política e social e perseguição aos trabalhadores organizados em sindicatos. Articulado por uma aliança militar nomeada Grupo de Oficiais Unidos (G.O.U) o golpe de 43 teve como um dos seus mentores Juan Domingo Perón, um coronel que mais tarde se consolidaria como um dos maiores líderes políticos da Argentina. (SOUZA e SILVA, 2016, p.02)

Diante desse cenário, Perón assume a Secretaria do Trabalho e Provisão, em dezembro de 1943, e faz do seu cargo um espaço político para estreitar as relações com a classe trabalhadora. O contato com os sindicatos se intensifica e Perón promove políticas como: a ampliação do regime de aposentadorias do país e a criação do salário-mínimo e de um 13º salário. Essas ações, que beneficiam os trabalhadores argentinos, acabam transformando Perón numa personalidade pública muito popular e em de 1945, Perón foi destituído do seu cargo por um golpe civil e militar que o pôs na cadeia, provocando uma crise no governo. Perón se elege presidente pela primeira vez em 1946-1952.

Em 17 de outubro (8 dias depois da ida ao cárcere), mais de 300.000 pessoas, sobretudo trabalhadores, tomam as ruas da capital e do interior (Rosário, Tucumán, Córdoba, Mendoza). Em Buenos Aires, é na Plaza de Mayo a concentração daquela multidão que exige a libertação de Perón. Libertado, discursa da Casa Rosada e convoca eleições para o ano seguinte, quando é eleito presidente, pelo Partido Laborista (Trabalhista), com uma diferença de cerca de 300.000 votos. (REBUÁ, 2015, p. 86)

Com a vitória no pleito eleitoral de outubro de 1946, Perón inicia o primeiro momento que ficará caracterizado na política Argentina como “o primeiro peronismo”, consolidando “um projeto nacional com forte apoio popular”, ampliando as ações de um modelo de “Estado intervencionista, cujos primeiros ensaios remontam ao segundo governo do radical Yrigoyen”. (Ibidem, p.87)

O segundo mandato⁷⁸ de Juan Domingos Perón (1952-1955) foi marcado pela perda de sua segunda esposa, Eva Perón ou Evita (1919 - 1952), que morre de câncer aos 33 anos de idade. Evita foi a mais popular das esposas de Domingos Perón: Ministra do Trabalho e da Saúde, criou a fundação beneficente Eva Perón, defendeu o voto feminino na Argentina, fundou o Partido Peronista Feminino. Deposto por um golpe militar, Perón exila-se na Espanha durante dezoito anos.

Seu terceiro mandato foi curto, de 1973-1974, quando Perón faleceu e a sua terceira esposa, Isabel Martínez de Perón (Isabelita) assumiu a presidência, mas foi destituída pelos militares em 1976, quando se estabelece a mais sangrenta de todas as ditaduras⁷⁹.

O peronismo implementou, na década de 40, um modo inovador de fazer política na Argentina, com base na participação de trabalhadores e sindicatos. As estratégias do poder, até então, tinham seguido a tradição contrária, pondo em prática políticas que tratavam com arrogância os mais pobres e menos organizados. Recluídas nessa visão, as elites, banqueiros, fazendeiros e, mais tarde, industriais, não eram capazes de perceber em que medida a força popular viria a ser protagonista da vida política argentina. A massa ganha definitivamente seu espaço político na história argentina com Perón, e Perón com as massas. Por isso é que o surgimento do peronismo, com seu impacto sobre os setores populares, deixou os partidos tradicionais num verdadeiro impasse e ainda surpreendeu os partidos de esquerda, uma vez que eles, mesmo sendo anteriores ao peronismo, não tinham conseguido uma adesão popular dessa dimensão. (ETULAIN, 2005, p.163)

O peronismo se estabeleceu como a grande diferença na política desse período por modificar a relação com o povo. Perón torna-se uma personagem muito popular na sociedade argentina. Para Rebuá (2015, p.84), “o protagonismo deste movimento político policlassista redefiniu a forma de fazer política na Argentina, correspondendo à mais poderosa ideologia forjada naquele país nos últimos setenta anos.”

⁷⁸. O segundo governo Perón (1952-1955), também marca a “reestruturação econômica da Europa e o avanço do Plano Marshall, que jogaram para baixo as exportações do país (já comprometidas por grandes secas em 1949/1950).” (REBUÁ, 2015, p.89).

⁷⁹. Na Argentina aconteceram seis golpes de estado durante o século XX, em 1930, 1943, 1955, 1962, 1966 e 1976.



FIGURA 3: El País/Página12 (2018)⁸⁰

O peronismo tem ciclos importantes na política argentina, que se estruturam desde os três mandatos presidenciais: “1946-1955 (Perón-Evita); 1973-1976 (Cámpora-Perón-Isabelita) até 1989-1999 (Menem) ” (SIDICARO, 2010, Apud REBUÁ, 2015, p. 84), passando por Eduardo Duhalde (2002-2003) e Néstor-Cristina Kirchner (2003-2007, 2007-2015). Embora Ricardo Sidicaro, em recente entrevista a Martín Dinatale (2017, p. 01), afirme que:

“El kirchnerismo es la puerta de salida del peronismo. Todo lo que quieren está en las antípodas del peronismo. Menem estaba serruchando la rama del árbol en el que estaba sentado. El kirchnerismo recibe el disgusto que había generado el menemismo o el neoliberalismo. No asume que Menem tenía el apoyo del peronismo. El kirchnerismo no puede terminar las banderas del peronismo porque los bloques sociales que existían en el peronismo fundador ya no existen.”⁸¹

É fato que o Peronismo atravessou a política argentina no século XX e ainda continua, de alguma maneira, influenciando essa sociedade nas décadas iniciais do século XXI. Deixando a referência do militar que se torna um político ligado a concepções trabalhistas e

⁸⁰ . Manifestação em 23 de setembro de 1947, onde uma multidão na Plaza de Mayo apoia Perón e Evita. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/148656-los-tres-17-por-la-unidad>, acessado em 20 de junho de 2019.

⁸¹ . O kirchnerismo é a porta de saída do peronismo. Tudo o que eles querem está nos antípodas do peronismo. Menem estava a serrar o ramo da árvore em que ele estava sentado. O kirchnerismo recebe o desagrado que gerou Menem ou o neoliberalismo. Ele não assume que Menem tivesse o apoio do peronismo. O kirchnerismo não pode acabar com as bandeiras peronistas porque os blocos sociais que existiam no peronismo fundador não existem mais.” (Ricardo Sidicaro: “O peronismo hoje não está em vigor e deixou de ter sentido”, DINATALE, 2017, p.01)

vai se mitificando ao longo da história, sobretudo com o legado deixado por Evita Perón⁸², e pelas suas realizações como a nacionalização de empresas, aumento de salários, férias remuneradas, licenças por doença, planos de habitação, construção de escolas, entre outras políticas que caracterizam Perón como o “benfeitor”.

Para explicar as realizações de Perón, há de se compreender as qualidades invisíveis e abstratas atribuídas a ele, que não se prestam facilmente a uma estereotipia ou caricatura. Entre elas, sua intuição, sua compreensão quase sobrenatural da psique popular e sua sensível percepção da cultura argentina. Proclamado “Primeiro Trabalhador Argentino”, na cidade de Rosário, em 1943, Perón deteve, em menos de um ano de exercício do cargo de secretário do trabalho, mais prestígio que qualquer outro político do país. Sua atuação política já era feita, então, voltada para o objetivo de assumir a presidência da República. (SÁ, 2007, p.81)

Perón, em 1947, ao se afirmar como “condutor” de uma nova política denominada “Terceira Posição”⁸³, também conhecida como “Justicialismo”, quer demonstrar independência. Por uma questão de estratégia política, Perón não quer se vincular à bipolarização política mundial da época, cristalizada na disputa entre os blocos capitalista (Estados Unidos) e o socialista/comunista (União Soviética). Como afirma Sá (2007, p.168), Perón quer promover sua imagem de líder.

À classe trabalhadora, as aparições de Perón na sacada da Casa Rosada, as falas inflamadas de Eva Perón e, sobretudo, o trabalho de Raúl Alejandro Apold na direção de mil e seiscentos escribas dedicados à exaltação das figuras de Perón e Eva, tiveram, junto à política trabalhista, grande repercussão.

O peronismo se consolida como grande movimento de massas e o seu líder mobilizava multidões e de uma forma ou de outra, acabou (no imaginário social argentino) sendo mitificado como “salvador da pátria”. Dessa forma, Perón se projeta como liderança política nacional, mesmo não sendo tão favorável às práticas democráticas, como mostra Sá (Ibidem, p.174):

As perseguições de natureza policial, que foram praticadas na “Nova Argentina”, sob a alegação de repressão ao “vírus comunista”, foram apenas algumas das estratégias para enfraquecer o movimento operário organizado e reorganizá-lo, sob a tutela do Estado Corporativo. A extensão da repressão pode ser avaliada pela dissolução do Partido Laborista, criado como apoio

⁸². “Se o peronismo segue tendo algum significado positivo na Argentina, isso se deve à paixão, ao coração e à coragem de Eva.” (POSSE, 2004, p.91)

⁸³. “A Terceira Posição significava uma aritmética que não era a síntese das duas anteriores, mas representava uma posição independente, sem comprometimento com ideologias ou sistemas políticos estrangeiros.” (SÁ, 2017, p. 91)

institucional para a eleição de Perón e a imediata formação do Partido Único da Revolução, que se tornaria o personalista Partido Peronista.

O peronismo que se inicia nos anos 1940, além de ter um forte apelo populista, busca, assim como Getúlio Vargas no Brasil (1930-1945/1951-1954), o controle do movimento operário/sindical e do Estado⁸⁴. Esse tipo de política, que estabelece uma espécie de “peleguismo” sindical, faz da liderança dos trabalhadores um mediador entre os interesses do Estado e as reivindicações dos operários. Com essas características e num contexto contraditório da realidade sócio-política e econômica da Argentina, o peronismo se consolida como movimento que se apresenta como alternativa para a gestão do Estado argentino em dois períodos, sendo o primeiro nos governos de 1946-1952 e 1952-1955, e o segundo período de 1973-1974⁸⁵ e, em outras oportunidades com a sequência de governantes influenciados por essa corrente política.

El peronismo de los '40 es obvio que no puede existir. No tiene nada que ver la Argentina de hoy con aquella Argentina. Que alguien pueda creer que una fuerza política puede seguir siendo la misma no se entiende. La realidad social transforma la manera de hacer política. Los partidos casi no pueden hacer programas. Las personas no tienen por qué haber perdido los recuerdos que le fueron gratos pero los que se equivocan son los que se creen que hay ideologías. El peronismo hoy es un conjunto de partidos municipales. Es muy importante eso y puede tener éxitos electorales pero no programas colectivos. (DINATALE, 2017, p.02)⁸⁶

Após a morte de Perón em 1974, sua esposa Isabelita Perón (1974-1976) assume a presidência, tenta manter a cultura política trabalhista/justicialista, mas não consegue dar procedimento. A ditadura civil-militar (1976-83) se inicia e o que restava de democracia acabava de se deteriorar.

As Forças Armadas argentinas tomam o poder, depondo Isabel Perón da presidência da república, e logo uma Junta Militar, composta pelo general do Exército Jorge Rafael

⁸⁴ . “Dessa forma, o processo de transformação do movimento operário, iniciado em 1943, chega a 1945 com uma classe trabalhadora quase totalmente peronista.” (WALDMANN, 1986, p. 15)

⁸⁵ . Para Rebuá (2015), no segundo período, além de dar espaço a um fascista (López Rega) no peronismo, bancar Isabel Perón, que não tinha nem expressão política, nem experiência administrativa, como “vice-presidenta”, Perón fala mal do presidente Salvador Allende, que sofrera o golpe de Estado no Chile acarretando em sua morte em 1973, e ainda se encontra com o ditador chileno Augusto Pinochet (1973-1990). “O segundo Perón foi um período de crise do Estado e do projeto político peronista, sobretudo pela morte do caudilho e pelas divisões internas.” (Ibidem, p.102)

⁸⁶ . O peronismo dos 40 é óbvio que não pode existir. Não tem nada a ver a Argentina hoje com aquela Argentina. Que alguém possa acreditar que uma força política pode permanecer a mesma, não se compreende. A realidade social transforma o modo de fazer política. Os partidos quase não podem fazer programas. As pessoas não precisam perder as memórias do que lhes agrada, mas as que estão erradas são aquelas que acreditam que existem ideologias. O peronismo hoje é um conjunto de partidos municipais. Isso é muito importante e pode ter sucessos eleitorais, mas não programas coletivos. (DINATALE, 2017, p.02)

Videla (1925-2013), pelo almirante da Força Aérea Orlando Agosti (1924-1997), e pelo brigadeiro da Marinha Eduardo Massera (1925-2010), se apossa do governo e inicia a ditadura civil-militar com o maior número de mortos da América do Sul. O regime ditatorial será responsável por um grande massacre da população jovem argentina.

Não há dúvidas de que no intervalo de 55 anos compreendido entre 1946 (assunção de Perón) e 2001 (a maior crise da história do país), o golpe civil-militar de 1976 representa o período mais sombrio, o que mais matou pessoas, o que mais feridas deixou no tecido social argentino. Em sete anos (1976-1983), o terrorismo de Estado instaurado a partir de 24 de março matou cerca de 30.000 pessoas, a maioria trabalhadores e jovens. (REBUÁ, 2015, p. 104).

Um rastro de mortes é deixado e o paradeiro desses milhares de trabalhadores e jovens será um mistério. Os “subversivos” que se opunham ao regime de exceção, deveriam ser perseguidos, torturados e mortos. O problema é que aqueles que os ditadores chamavam de “subversivos” e “terroristas”, eram estudantes e trabalhadores que não aceitavam uma ditadura e clamavam por democracia.

Segundo Rebuá (2015), o golpe vinha sendo arquitetado em diversos espaços, como: “quartéis”, empresas e “círculos de elite”, “espaços eclesiásticos” e nos partidos políticos Justicialista (PJ) e da União Cívica Radical (UCR). O “assalto” ao poder estava arquitetado e diversos setores da sociedade argentina se comprometeram com a derrocada do governo de Isabelita Perón.

O golpe de Estado ocorre com apoio de setores diversos da sociedade, que vão apostar nessa alternativa para resolver problemas gerados pela crise política, social e econômica, a exemplo do aumento da violência, a hiperinflação, o desemprego. Outro elemento importante desse contexto é a luta dos grupos conservadores para conter a “ameaça comunista” e, obviamente, iniciar o processo de implementação do neoliberalismo, imprimindo assim uma derrota aos trabalhadores

A ditadura militar iniciada em 24 de março de 1976, precisa da derrota da classe operária para impor e consolidar o modelo neoliberal na Argentina. Argentina é um dos dois primeiros países do mundo em que se executam as políticas neoliberais, quase simultaneamente com o Chile sob a ditadura de Augusto Pinochet. (ROJAS, 2014, p. 165)

Essas políticas de caráter neoliberal, para Rojas (2014) começam a se efetivar antes mesmo da ditadura civil-militar de 1976, pois em pleno governo democrático de Isabelita Perón, em 1975, é possível verificar iniciativas neoliberais. A Argentina e o Chile são países que inauguram as políticas do modelo neoliberal na América do Sul.

A ditadura argentina promove o desmantelamento do “Estado populista, devido à crise do modelo de substituição de importações construído pelo peronismo, e se abre espaço a um Estado que subsidia de maneira central os grandes grupos econômicos.” (Ibidem, p. 166).

A classe trabalhadora perderá forças e o bloco dominante, liderado pelos grupos econômicos e interesses internacionais, contribuirá para a precarização do trabalho e da vida da população mais pobre na Argentina. “A ditadura militar acabou com a crise de hegemonia no bloco das classes dominantes, a favor do capital financeiro e derrotou a ascensão de massas da classe trabalhadora argentina.” (Ibidem, p.167)



FIGURA 4. Eduardo Di Baia/Associated Press/El País (2016)⁸⁷

Ladeado por Emilio Massera (esq.) e Orlando Agosti, o general Videla⁸⁸ (acima) presta juramento como presidente da Argentina em 1976. A ditadura civil-militar se consolida e conduz uma política de completo desrespeito aos direitos humanos.

⁸⁷. Imagem disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/27/internacional/1453931104_458651.html, acesso: 13/06/2019.

⁸⁸. O Processo de Reorganização Nacional foi liderado por quatro juntas militares que definiam a lógica dos sucessivos governos. A primeira junta, de 1976-1980, foi composta por Jorge Rafael Videla, Emilio Eduardo Massera e Orlando Ramón Agosti; a segunda junta, de 1980-1981, foi composta por Roberto Eduardo Viola, Armando Lambruschini, Omar Domingo Rubens Graffigna; a terceira junta, de 1981-1982, composta por Leopoldo Fortunato Galtieri, Basilio Lami Dozo e Jorge Isaac Anaya; a quarta junta, de 1982-1983, composta por Cristino Nicolaides, Rubén Franco, Augusto Jorge Hughes.

Esse período tem algumas fases até sua derrocada, com a volta do processo democrático que se inicia em 1983. Veja tabela.

Evento	Período
O golpe. Os militares derrubam a presidente Isabel Perón. O golpe é liderado por uma junta militar com o general Jorge Rafael Videla, o almirante Emilio Massera e o brigadeiro Orlando.	24 de março de 1976
A posse. O general Jorge Rafael Videla é empossado como presidente da Argentina.	29 de março de 1976
As Madres de Plaza de Mayo. As mães de desaparecidos políticos fundam a Associação Madres de Plaz de Mayo.	30 de abril de 1977
Copa do Mundo de 1978. A seleção argentina vence a da Holanda e conquista a Copa do Mundo.	25 de junho de 1978
Mudança de governo. General Roberto Eduardo Viola assume a Presidência.	29 de março de 1981
Nova mudança de governo. Viola deixa a presidência e o vice-almirante Carlos Alberto Lacoste assume interinamente o governo.	11 de dezembro de 1981
Mais uma mudança de governo. O general Leopoldo Galtieri assume a Presidência.	22 de dezembro de 1981
A Guerra das Malvinas. A Argentina perde a Guerra para as forças britânicas.	14 de junho de 1982
Outra mudança. A derrota na Guerra das Malvinas para a Inglaterra, mobiliza a renúncia do general Galtieri. No seu lugar, assume o general Alfredo Oscar Saint-Jean.	18 de junho de 1982
A última mudança de governos militares. O general Reynaldo Bignone assume a Presidência.	1 de julho 1982
Final da ditadura. Raúl Alfonsín, do partido da União Cívica Radical, vence as eleições após obter 51,7% dos votos. É empossado Presidente.	10 de dezembro 1983

Tabela 1. Cronologia dos governos militares na Argentina 1976-1983.

(Pesquisa bibliográfica- Dados Folha de São Paulo, 24/03/2016)⁸⁹

⁸⁹. COLOMBO, Silvia. Ditadura deixou como legado o consenso sobre democracia. Jornal Folha de Paulo, SP, 2016. Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/40-anos-do-golpe-militar-na-argentina/>, acesso: 20 de julho de 2019.

Segundo Cavalcante (2017), a ditadura civil-militar na Argentina começa a se enfraquecer em 1982, ano em que se inicia o processo de reivindicação do território das Ilhas Malvinas à Grã-Bretanha, episódio conhecido como a Guerra das Malvinas. Argentina sofre uma derrota, pois:

as perdas humanas e econômicas eram demasiado grandes e tornavam a situação custosa e insustentável. Tais fatores aceleraram a saída da guerra e mostraram que o governo, embora militar, estava despreparado para um confronto bélico, deixando-o neste momento desmoralizado. (CAVALCANTE, 2017, p.45)

A ditadura civil-militar na Argentina termina em dezembro de 1983, e a democracia passa a ser o horizonte civilizatório para um país que viveu a ascensão do autoritarismo, através do poder dos militares e de uma elite comprometida com um regime de torturas, desaparecimentos, corrupção e concentração de riquezas para poucos. É dentro desse contexto de extrema violência contra os opositores (em grande parte jovens estudantes) configurando um regime de brutalidades, que emergem movimentos que vão lutar pela redemocratização da Argentina e contra o terror promovido pelo Estado.

As Madres de la Plaza de Mayo são mulheres/mães que têm seus filhos sequestrados e mortos pela ditadura e, por isso, serão fundamentais para denunciar as atrocidades deste regime e evidenciar a necessidade do retorno da democracia. Veremos a seguir essa luta.

3.2. As Madres e a Plaza de Mayo: Pelos hijos e pela democracia

As Madres de la Plaza de Mayo, quando perdem seus filhos, vítimas do sequestro, da tortura e morte na época da Ditadura Civil-Militar (1976-83) na Argentina, são mulheres de meia idade, dentro de um círculo familiar patriarcal de classe média, classificadas como “donas de casa” e com apenas o ensino fundamental, poucas tinham o ensino médio. (BOUVARD, 1994).



FOTO 3: Arquivo próprio⁹⁰

⁹⁰ . Frente da Associação das Madres de Plaza de Mayo em 24 de janeiro de 2019. Arquivo de pesquisa.

Em entrevista para esta pesquisa, Hebe de Bonafini (2019)⁹¹, fundadora e liderança das Madres da Plaza de Mayo, informa que estudou até a escola primária, o equivalente no Brasil à quarta série ou quinto ano (do ensino fundamental- séries iniciais), de acordo com as mudanças atuais no processo de séries escolares.

Bonafini (2019) defende (em entrevista) a importância da palavra como possibilidade para organizar a luta. A palavra tem um efeito transformador, precisa ser usada nas ruas e nas praças. Foi assim que as Madres de la Plaza de Mayo foram ouvidas e conhecidas em boa parte do mundo. *“La calle, la plaza, la palabra. Tienes que saber usarlo mucho. Y que la palabra a veces tiene más prudencia que un balaço, para ser tan duro como un balaço”*.⁹²

A palavra, a rua e a praça são elementos fundamentais para as Madres de la Plaza de Mayo e para qualquer movimento social que queira apresentar suas bandeiras de luta para a sociedade.

Assim, as Madres vão questionar a ditadura civil-militar na Argentina denunciando as violações contra os direitos humanos⁹³ e tentando ter alguma informação sobre os seus filhos desaparecidos. Em abril de 1977, as Madres decidem se encontrar e protestar, circulando⁹⁴ na Plaza de Mayo, a praça dos grandes eventos políticos em Buenos Aires e, também, na praça da Casa Rosada, o palácio da Presidência da República, mas neste momento era o palácio que abrigava os operadores da ditadura.

Bem em frente à janela do ditador, ocuparam a praça pública, o local das grandes manifestações políticas. A vida da Res Pública era totalmente estranha àquelas donas-de-casa que, como tantas outras mulheres ao longo da história, viviam nos espaços domésticos, privadas da esfera das decisões políticas. Nada ou pouco sabiam sobre política, mas estavam determinadas a entregar uma carta ao General Jorge Videla, queriam saber o que se passava com os, como acreditavam até então, filhos detidos. (GONÇALVES, 2012, p.131).

⁹¹. Nasceu em La Plata, Argentina, 4 de dezembro de 1928. Militante pelos direitos humanos na Argentina e uma das fundadoras da Associação Madres de Plaza de Mayo. Essa organização de mães buscava os filhos desaparecidos durante a ditadura (1976-83) ao que foi autodenominado Processo de Reorganização Nacional. Essa Organização foi fundamental para lutar por democracia e denunciar o período da ditadura como grande violação aos direitos humanos na América Latina e no mundo.

⁹². “A rua, a praça, a palavra. Você tem que saber usá-lo muito. A palavra às vezes tem mais consistência que um balaço, é tão dura quanto um balaço”. (BONAFINI, 2019). Trecho de entrevista para a pesquisa.

⁹³. Além das violações aos direitos humanos já citadas e conhecidas na ditadura civil-militar na Argentina (1976-83), como o sequestro e a tortura, destacamos também, a violência às crianças nascidas nas prisões, tomadas das suas mães que morriam torturadas e doadas para as famílias dos próprios militares. O grupo das Abuelas (Avós) de Plaza de Mayo tem como objetivo a busca da identidade de seus netos que hoje estão na fase adulta, entre 35 a 40 anos.

⁹⁴. As Madres circulavam na praça por conta da proibição de protestar em grupo. Esse gesto era encarado pela ditadura como atitude de subversão. O ato de circular não era proibido e, por isso, as Madres circulavam e ainda circulam, no sentido anti-horário, às quintas-feiras, sempre às 15:30 horas.

Assim as Madres de Plaza de Mayo iniciam sua jornada de lutas. Mesmo não sendo atendidas pelo ditador e não tendo informações sobre o paradeiro dos seus filhos, segundo Cavalcante (2017, p. 40), “as Madres tiveram de ir embora, mas elas não desistiram, decidiram voltar à praça na outra semana, mas dessa vez em uma quinta-feira.”

Hebe de Bonafini relata este momento de mudança (proposta por Azucena Villaflor de Vicenti) para ir à praça depois de ter procurado políticos, igrejas, instituições estatais como o Ministério do Interior (que recebia os familiares em busca de informações sobre os desaparecidos) e associações civis que orientavam a realizar pedidos de habeas corpus, como uma etapa difícil, pois “cansada de realizar tantos habeas corpus e petições sem resultado, ela sugeriu a um pequeno grupo de mães que o caminho era outro: elas tinham que pedir respostas por seus filhos diretamente ao governo.” (FIGUEIREDO, 2016, p.36)

Essa cofundadora da Associação das Madres de Plaza de Mayo⁹⁵, Azucena Villaflor de Vicenti, foi importantíssima o movimento ganhasse força e tivesse dimensão internacional. Azucena foi a principal líder do grupo, mas infelizmente se transformou em vítima da ditadura, sendo sequestrada, torturada e morta.

Sacamos nuestras carteras y dijimos: vamos a la Plaza de Mayo y entreguemos una carta al presidente, luego nacimos a la realidad, nos instalamos en la plaza y éramos muy pocos, porque la plaza da miedo a mostrarse en lugares públicos que muchos verán. Entonces éramos 15, 16, digo que éramos pocos para decirle una carta al presidente y pensamos llamar a otros. El primer día, era sábado, cruzamos y no había gente en la plaza, porque la gente se alimenta de bancos, oficinas públicas y los sábados la gente no trabaja. Así que no encontramos a nadie, solo estábamos en la plaza. Decidimos ir de nuevo, la otra semana fuimos el jueves y ya había gente yendo a los bancos, las casas del gobierno, las oficinas. (BONAFINI, 2019)⁹⁶

Com esse gesto, de ir à Plaza de Mayo todas as quintas-feiras, essas mães deram um passo importante para colocar o movimento na história da luta por direitos humanos na Argentina e no mundo, e evidenciar a violência dos regimes ditatoriais que assolavam a América Latina nas décadas de 1960-70 do século XX. Gorini (2015) afirma que a praça foi

⁹⁵. Fundada em 30 de abril de 1977, na cidade de Buenos Aires, a Asociación Madres de Plaza de Mayo é formada por mães de desaparecidos políticos da ditadura civil-militar iniciada em 1976.

⁹⁶. Tiramos nossas carteiras e dissemos: vamos a Praça de Maio e entreguemos uma carta ao presidente, aí nascemos para a realidade, nos instalamos na praça e fomos muito poucas, porque a praça dá um temor por se mostrar em lugar público que será visto por muitos. Então, fomos umas 15, 16, digo que éramos poucas para entregar uma carta para o presidente e pensamos em convocar outras. No primeiro dia, foi um sábado, atravessamos e não havia gente na praça, porque as pessoas se nutrem dos bancos, das repartições públicas e no sábado as pessoas não trabalham. Então, não encontramos ninguém, estávamos sós na praça. Resolvemos ir outra vez, na outra semana fomos na quinta-feira e já tinha gente indo aos bancos, às casas do governo, repartições. (BONAFINI, 2019). Trecho de entrevista de pesquisa.

um primeiro passo para sair do inferno. Os caminhos para chegar até a praça foram tantos, como foram tantas as Madres. Mas, todas tinham um denominador comum:

Habían comprobado la inutilidade de sus esfuerzos individuales, que chocaban contra la férrea estructura del Estado terrorista, las complicidades internas y externas, y el silenciamiento social, político y midiático, en combinación con la impotencia en la que estaban sumidas las organizaciones de la oposición. En contraste con esas circunstancias, aquel 30 de abril de 1977 comenzó el proceso de construcción de un nuevo espacio político, una nueva forma de resistencia. (GORINI, 2015, p.76)⁹⁷

Para Cavalcante (2017), o motivo que levou as Madres a se organizarem foi o de que não se sentiam representadas por outros organismos, pois existiam muitas questões burocráticas que atrasavam as buscas dos desaparecidos. Outra questão era o significado que “praça” tinha e continua tendo para essas madres que aprenderam a lutar juntas: “A praça caracterizava o espaço de discussão, onde elas podiam ser ouvidas, e isso foi o que fez com que o local se consolidasse como o lugar das mães, o lugar da luta. ” (CAVALCANTE, 2017, p.43)

Agora tendo a rua, a praça e a palavra como aliadas, e se organizando politicamente, as Madres vão em busca dos seus filhos com mais força moral e militante e, com essa ação contrária aos interesses da ditadura, as Madres aprofundam a reflexão e a necessidade prática da Argentina retomar a democracia.

De acordo com Figueiredo (2015, p. 9), as palavras de ordem: “¡Madres de todos los desaparecidos! ” e “¡Aparición con vida!”, chamam a atenção para pensar o sentido sobre o direito à vida.

Para elas a vida era o mínimo do que se poderia exigir, em outros termos, elas não aceitariam a morte de seus filhos sob hipótese alguma. Para as Madres, não era porque seus filhos estariam desaparecidos que automaticamente eles estariam mortos. Esta insistência se deve porque elas tinham receio de que houvesse uma banalização no caso do desaparecimento-forçado, presumindo, de uma forma vazia e sem responsáveis pela morte de seus filhos. (Ibidem, p.10)

Essa exposição pública sobre “a aparição com vida” de todos os desaparecidos, responsabilizava o governo repressor diante da sociedade e dos organismos internacionais e levantava a questão sobre a impunidade, ou seja, os assassinos, no caso da confirmação da

⁹⁷. Elas haviam provado a inutilidade de seus esforços individuais, que colidiam contra a estrutura de ferro do Estado terrorista, as complicitades internas e externas e o silêncio social, político e midiático, combinados com a impotência na qual as organizações da oposição eram retomadas. Em contraste com essas circunstâncias, em 30 de abril de 1977, começou o processo de construção de um novo espaço político, uma nova forma de resistência. (GORINI, 2015, p.76)

morte dos desaparecidos, não ficarão impunes. As Madres, junto com outras organizações⁹⁸, colocam na pauta política argentina, a discussão sobre os direitos humanos, a partir da reflexão sobre o direito à vida.

Segundo Rebuá (2015, p.79) “as Madres não inauguraram a luta por direitos humanos na Argentina, tampouco representaram um grito em uníssono durante o regime”, mas são protagonistas da luta e da resistência contra a ditadura civil-militar, tornando-se referências mundiais.

Nascidas como reação ao terrorismo de Estado, as Madres de Plaza de Mayo só podem ser compreendidas em sua gênese histórica, se analisarmos o que foi a segunda metade do século passado na Argentina, os anos 1970, a conjuntura do golpe civil-militar de 1976 e os anos subsequentes ao regime. Do enfrentamento ao governo por conta do desaparecimento forçado de milhares de pessoas, as Madres foram se constituindo, ao longo de seus quase quarenta anos de história, no principal sujeito político daquele país, de “fora” do peronismo, expressão política maior das lutas sociais argentinas desde 1945, um movimento policlassista que foi capaz de hegemonizar consensos e demandas ao longo das décadas, organizando blocos históricos e soldando a sociedade civil com suas ideologias, sobretudo o par nacionalismo/populismo. (REBUÁ, 2015, p.82,83)

As Madres de Plaza de Mayo, vão de fato se constituir como um dos principais movimentos sociais contra a ditadura instaurada na Argentina de 1976-1983. A sua organização política será questionada pelo regime militar, que classifica as madres como “las locas”⁹⁹(as loucas). Essa foi a forma encontrada pela repressão para tentar descaracterizar aquelas madres que caminhavam para a Plaza de Mayo às quintas-feiras.

Eram loucas porque queriam respostas. Continuaram marchando em busca de sinais sobre o paradeiro de seus filhos. Seguiram como loucas. Transmutaram a fronteira que define onde é o lugar de homem e o lugar de mulher. Transgrediram um espaço de poder. (GONÇALVES, 2012, p.132)

⁹⁸. Organizações que se destacam na luta por direitos humanos na Argentina: a) (LADH) A Liga Argentina pelos Direitos do Homem (1937), associação que foi fundada em Buenos Aires em 20 de dezembro de 1937; b) Madres de Plaza de Mayo Línea Fundadora, dissidência da Associação das Madres de Plaza de Mayo em 1986; c) H.I.J.O.S (Filhos pela Identidade a Justiça e contra o Esquecimento e o Silêncio-1995); d) Abuelas (Asociación Civil Abuelas - avós e mães - de Plaza de Mayo-1997); e) Serviço Paz e Justiça na América Latina (SERPAJ-AL) fundado em 1974 e coordenado por Adolfo Pérez Esquivel (Prêmio Nobel da Paz de 1980), f) Assembleia Permanente dos Direitos Humanos (APDH), formada em 1975 por pessoas dos mais diversos setores da sociedade contra o aumento da violência e resistência à ditadura; g) Movimiento Ecumenico por los Derechos Humanos (MEDH), nascido em fevereiro de 1976 como uma resposta dos cristãos e suas igrejas às graves violações da vida, direitos e dignidade das pessoas, que estavam sendo cometidas na Argentina.

⁹⁹. Esta denominação passa a ser conhecida em 1983, quando Jean Pierre Bousquet publica o livro: Las Locas de la Plaza de Mayo.

Oswaldo Bayer (2015), em seu prólogo para o livro “La Rebelión de Las Madres: Historia de las Madres de Plaza de Mayo”, tece as seguintes considerações sobre as Madres:

Las “Locas”, sí, las Locas de um coraje infinito. Brigadieres, comissários, sargentos, cabos, políticos, ministros, obispos, cardenales, papas, carceleros. Están todos juntos contra ellas. Mujeres sin título, casi todas salidas de pátios com malvones y vestidas de percal. Quinto grado, cuarto grado, sexto grado de la escuela del barrio com calles de tierras y casas de lata. Y sin embargo vencieron com la palabra a señores académicos, generales com laureles, sotanas cardinalicias. Siempre com la palabra, Las Madres de Plaza de Mayo. (BAYER, 2015, p. 15)¹⁰⁰

As Madres (Locas) vencem pela “palavra”, como bem cita Hebe de Bonafine em entrevista e (também) pela sua capacidade de organização política que surpreende acadêmicos e gerais, os quais não depositavam nenhuma crença de que um grupo de mães circulando na Praça conseguiriam afrontar a ditadura e tornar essa luta conhecida e respeitada em boa parte do mundo. Mas, esse crescimento do movimento e exposição na imprensa internacional trará consequências gravíssimas para as Madres, pois as perseguições aumentaram e resultam no desaparecimento de três importantes líderes do movimento e de duas freiras francesas¹⁰¹ que apoiavam a luta por direitos humanos.

Em dezembro de 1977, Azucena Villaflor de Vicenti, considerada “mãe das mães”, María Ponce de Bianco e Esther Ballestrino de Careaga, três das grandes líderes das Madres de Plaza de Mayo, são sequestradas, dopadas e jogadas com vida dos aviões navais, nos chamados “vôos de morte”¹⁰², que era parte de um plano de extermínio para os detidos-desaparecidos, planejado pela ditadura militar.

Azucena Villaflor de Vicenti, Esther Ballestrino de Careaga e María Ponce de Bianco – sofrem o mesmo destino de seus filhos: a primeira desaparece em 10 de dezembro de 1977; as outras duas, em 17 ou 18 do mesmo mês. Tais episódios não esmorecem a determinação das mães, cujo símbolo era um lenço branco, feito com o mesmo tecido das fraldas infantis – no qual, mais tarde, foram bordados os nomes dos desaparecidos e as datas dos

¹⁰⁰. . As “Locas”, sim, as Loucas de uma coragem infinita. Brigadeiros, comissários, sargentos, cabos, políticos, ministros, bispos, cardeais, papas, carcereiros. Estão todos juntos contra elas, mulheres sem título, quase saídas de pátios com malvones e vestidas de chita. Quinta série, quarta série, sexta série da escola do bairro com ruas de terra e casas de lata. E, no entanto, ganharam com a palavra contra senhores acadêmicos, gerais com louros, sotamas e cardinalicias. Sempre com a palavra, Las Madres de Plaza de Mayo. (BAYER, 2015, p.15)

¹⁰¹. Elas se chamavam Renée Léonie Duquet e Alice Domon. O desaparecimento das irmãs/monjas é conhecido como o caso das “freiras francesas”. Léonie Duquet e Alice Domon, trabalhavam como missionárias em bairros pobres na província e na periferia de Buenos Aires. Mas foram suas ações ao lado das Madres de Plaza de Mayo que motivaram o desaparecimento, tortura e morte das freiras.

¹⁰². “O sistema de extermínio dos presos políticos durante a ditadura do país que acabou com a vida de 4.000 pessoas, lançadas ao mar desde aviões militares após serem drogadas para adormecer.”(CUÉ, 2017, p. 1)

desaparecimentos –, usado na ação mais emblemática: uma marcha silenciosa em volta da Pirâmide de Maio. (FABRIS, 2017, p.264)

As três Madres faziam parte de um grupo que se reunia na porta da igreja de Santa Cruz para pedir pacificamente a aparição de seus filhos. Azucena, Esther e Ponce, foram delatadas por Alfredo Astiz¹⁰³, um repressor que na época se chamava Gustavo Niño e fingia ser irmão de uma pessoa desaparecida.

Y luego se infiltraron un capitán de la Marina entre las Madres, el Capitán Astiz, diciendo que tenía un hermano desaparecido pero no una madre, pero que era un espía de la Escuela Mecánica Armada, y marcaron a las tres Madres que conocía, Azucena Villaflor, quien fue la que nos convocó a la plaza, Esther Balestrino de Careaga, quien fue una mujer que escapó de la dictadura paraguaya y tenía un nombre falso, la conocíamos por Thereza, no sabíamos su nombre y Mary Ponce. (BONAFINI, 2019)¹⁰⁴

Gorini (2015) afirma que muito tempo depois, em 2005, uma outra etapa da história se completaria, pois, uma equipe de antropologia forense identificou os restos mortais de Azucena, Esther e Mary Ponce. Isso comprovaria que vinte anos antes dos corpos das Madres serem encontrados nas localidades de Santa Tereza e Mar del Tuyú, em dezembro de 1997, as autoridades locais ordenaram seu enterro em um cemitério de General Lavalle.

El Equipo de Antropología las exhumó y logró determinar las identidades a través de un trabajo que fue convalidado judicialmente. El examen de los restos confirmó la hipótesis de que habían sido arrojadas vivas al Río de La Plata o directamente al mar, por las lesiones verificadas en los huesos, típicas de un fuerte impacto. (Ibidem, p.173)¹⁰⁵

Esse triste episódio demonstrou que o grupo liderado por Astiz para reprimir o movimento, conseguiu abalar as bases que edificavam a organização das Madres. A luta ficava mais difícil a cada dia, mas essas mulheres, mesmo vivenciando mais um momento de grande tristeza com a morte das líderes (Esther, Mary e Azucena), acabam se fortalecendo e

¹⁰³. Alfredo Astiz (tenente da Marinha) é um símbolo da repressão na ditadura civil-militar. Foi integrante da ESMA (Escola de Mecânica da Marinha), maior campo de concentração do período da ditadura. Astiz representa o terrorismo de Estado na Argentina nesse momento de repressão e violação dos direitos humanos. Infiltrou-se no movimento das Madres da Praça de Maio, fazendo-se passar como irmão de um desaparecido.

¹⁰⁴. E então, infiltraram um capitão da Marinha entre as Madres, o capitão Astiz, dizendo que tinha um irmão desaparecido, mas não tinha mãe, era um espião da Escola Mecânica da Armada, e marcou as três Madres que sabia, Azucena Villaflor, que era quem nos convocou para a Praça, Esther Balestrino de Careaga, que era uma mulher fugindo da ditadura paraguaia e que estava com um nome falso, nós a conhecíamos por Thereza, não sabíamos como se chamava, e Mary Ponce. (BONAFINI, 2019). Entrevista para pesquisa de campo.

¹⁰⁵. A equipe de antropologia exumou-as e conseguiu determinar as identidades através de um trabalho que foi validado judicialmente. O exame dos restos confirmou a hipótese de que foram jogadas vivas no Rio de La Plata ou diretamente no mar, pelas lesões verificadas nos ossos, típicas de forte impacto. (Ibidem, p. 173)

crescendo politicamente para continuar marchando na Praça de Mayo por informações sobre o paradeiro dos seus entes queridos.

Sy creyeron, como parecen haber creído, que con este golpe acababan con las madres, se equivocaron. Así como la concepción de la “organización subversiva” que estaría detrás de las Madres resultaba insuficiente e inexacta para explicar el fenómeno de la gestación y la persistencia de este grupo, la idea de que desaparecida Azucena se acababan la Madres se evidenció errónea. Todavía en 1998, Astiz intentaba justificar el ataque a las Madres diciendo que “eran montoneras, recibían órdenes de Montoneros”. (GORINI, 2015, p.174)¹⁰⁶

A luta das Madres, mesmo com mais dificuldade, por conta do desaparecimento e morte de lideranças importantes, continua. Segundo Bonafini (2019) “estabamos desolados, desolados porque esto es un golpe duro”, mas a luta devia seguir.

Em 1978, as Madres estão receosas por conta da violência que atingiu suas fundadoras, mas elas vão à praça e mantêm acesa a esperança de encontrar os filhos.

Nos reuníamos con un grupo de pintores, artistas, así que nadie quería venir a la plaza, dos o tres en la parte trasera de la casa, por unos días no supe lo que estaba pasando y nadie dijo nada, parecía que no había pasado nada y digo que no podemos irnos cuadrada, junto con otras madres, con dos o tres y que tenemos que quedarnos en la plaza, allí locos, por qué se quedarán en la plaza, pero pudimos porque tuvimos que luchar por los desaparecidos y éramos un pequeño grupo y éramos 20 madres, la Al entrar en la plaza, había un palo, la presencia de policías, mucha prensa internacional, y estábamos emocionados de promocionar la Casa de la Madre y convocar a la reunión, dos madres salimos de casa en casa. 1978 fue un año muy difícil, muy difícil, de arrestos, y en 1979 nos formamos como una asociación, y luego comenzamos a crecer. (BONAFINI, 2019)¹⁰⁷

A decisão das Madres de continuar ocupando a Plaza de Mayo, mesmo sendo algo perigoso, pois a violência crescia assustadoramente contra os críticos do regime, foi fundamental para manter o movimento de denúncia contra a ditadura e também, transformar a

¹⁰⁶. Se acreditavam, como eles parecem ter acreditado, que com esse golpe eles acabaram com as Mães, eles estavam errados. Assim como a concepção da "organização subversiva" que estaria por trás das Mães era insuficiente e imprecisa para explicar o fenômeno da gestação e persistência desse grupo, a ideia de que, desaparecido Azucena, as Mães estariam acabadas, estava errada. Ainda em 1998, Astiz tentou justificar o ataque às Mães dizendo que "eram montoneras, recebiam ordens de Montoneros". (GORINI, 2015, p.174)

¹⁰⁷. Estávamos reunidos com um grupo de pintores, artistas, então ninguém queria vir à praça, dois ou três no fundo da casa, por uns dias não sabia o que passava e ninguém falava nada, parecia que não havia passado nada e digo, não podemos deixar a praça, me junto com outras madres, com duas ou três e que temos que ficar na praça, aí loucas, porque vão ficar na praça, mas podíamos porque tínhamos que lutar pelos desaparecidos e fomos um grupinho e, fomos umas 20 madres, a entrar na praça, havia pau, presença de policiais, muitíssima imprensa internacionais e nos animamos para promover a Casa das Madres e convocar a reunião, duas madres saímos de casa em casa. 1978 foi um ano muito difícil, de muito golpe, de prisões, e em 1979 nos formamos como associação, e aí começamos a crescer. (BONAFINI, 2019). Entrevista para pesquisa de campo.

luta das Madres e de todos que sofriam com esse processo autoritário, que os ditadores chamavam de “Reorganização Nacional”, numa luta internacional pelos direitos humanos.

Esses contatos com instituições internacionais foram se intensificando e, de acordo com Figueiredo (2012, p. 47):

Elas já haviam feito alguns contatos que lhes permitiram abrir as portas para que suas denúncias fossem visualizadas no exterior. De alguma maneira perceberam a importância desses contatos para a denúncia, já que desde o início de seus encontros elas agiam para chamar a atenção de possíveis aliados estrangeiros: buscavam ajuda nas embaixadas localizadas em Buenos Aires, tais como a dos Estados Unidos e de países da Europa Ocidental; chamavam a atenção de correspondentes estrangeiros; buscavam contatos de argentinos exilados no exterior. E com a chegada da Copa do Mundo na Argentina em 1978, elas imaginavam que seria uma boa oportunidade para que o mundo as enxergasse, já que o país receberia turistas e correspondentes estrangeiros de todas as partes.

Superando as próprias expectativas, de acordo com Gorini (2015), o início da Copa do Mundo de 1978, proporciona um extraordinário triunfo político para as Madres. Em pouco mais de um ano desde seu surgimento, elas não só eram conhecidas nos núcleos de emigrantes argentinos e organizações de solidariedade, mas também alcançavam o público em massa.

Fue un grave transpié para el gobierno. La secreta estructura represiva era cada vez menos secreta y las Madres se convertían en la mayor evidencia de los métodos empleados. Con ello, estas mujeres lograban un doble objetivo: por un lado, el de asegurar o al menos contribuir a su propia salvaguarda, ya que sería más difícil borrarlas de un plumazo cuando habían alcanzado semejante trascendencia mediática. (Ibidem, p. 208)¹⁰⁸

O alcance midiático faz com que as Madres transcendam a Plaza de Mayo; enquanto, para a imprensa argentina, as Madres, de forma proposital, eram invisíveis, para a imprensa internacional, como Alemanha, França, Holanda e boa parte da Europa, as Madres apareciam para o mundo. A Copa do Mundo de 1978 irá expor uma Argentina ditatorial que sequestrava, torturava, perseguia os movimentos que denunciavam o regime. Esse fato ficará evidente com a ação das Madres de La Plaza de Mayo, e, com a tentativa do governo de expulsá-las da praça, elas se tornaram símbolo da resistência.

¹⁰⁸. Foi um sério obstáculo para o governo. A estrutura repressiva secreta era cada vez menos secreta e as mães se tornaram a maior evidência dos métodos empregados. Com isso, essas mulheres conseguiram um duplo objetivo: por um lado, garantir ou pelo menos contribuir para sua própria salvaguarda, já que seria mais difícil apagá-las de uma só vez, quando elas haviam alcançado essa transcendência midiática. (GORINI, 2015, p.208)

Si no podían controlar a la prensa extranjera cuando difundía las imágenes de las Madres, tendrían que controlar que la imagen misma de las Madres no volvería a aparecer. La solución estaba pues en erradicar a las Madres de la Plaza de Mayo a través de un operativo dirigido directamente por el Ministerio de Interior y por intermedio de la Policía Federal: Tenían que evitar que cada jueves se repitiera la escena de las marchas. (Ibidem, 209)¹⁰⁹

Mesmo com as várias tentativas da repressão para impedir a marcha das Madres, elas vão se manter firmes antes, durante e depois da Copa do Mundo de 1978. O mundial de futebol¹¹⁰, inclusive, foi usado para abafar as denúncias de tortura das Madres de la Praça de Mayo e das diversas organizações que resistiam contra a ditadura.

As Madres não cedem às pressões do regime autoritário e sua atuação durante o mundial de 1978 dará maior credibilidade à luta dessas mães. A ditadura, nos anos seguintes, sobretudo em 1982, por conta da derrota na Guerra das Malvinas para a Inglaterra, começa a se enfraquecer e um grande movimento por democracia cresce.

Segundo Paula (2014), a derrota na Guerra das Malvinas, em 1982, faz o regime militar entrar em crise aguda. Nesse processo de decomposição do regime, a bandeira da recuperação da democracia foi assumida por uma ampla maioria de argentinos e os movimentos de direitos humanos começaram a pautar as suas agendas pela redemocratização e punição aos assassinatos e torturas. Mas, os militares começam a negociar uma espécie de anistia ampla para livrá-los das punições legais.

Os militares tentaram negociar uma série de questões antes de sair do poder, entre elas, a luta contra o terrorismo, os desaparecidos, o conflito nas Malvinas, a investigação de ilícitos e a presença constitucional das Forças Armadas no próximo governo. Porém as suas demandas não foram atendidas pelos partidos políticos. Consequentemente, no dia 28 de abril de 1983, a Junta governamental num Ato institucional, explicitamente anunciou que considerava todas as operações feitas contra o terrorismo, por parte dos agentes das Forças Armadas, atos de serviço e, portanto, ações não puníveis. (GUERIN, 2009, p.47)

Os grandes agentes do terror na sociedade argentina, manobram politicamente para não pagar pelos crimes cometidos durante a ditadura. Caberia aos movimentos que encampavam a luta por direitos humanos continuar denunciando os crimes contra a

¹⁰⁹. Se não conseguissem controlar a imprensa estrangeira quando disseminasse as imagens das Mães, teriam que controlar que a imagem das Mães não voltasse a aparecer. A solução era, portanto, erradicar as Mães da Praça de Maio através de uma operação dirigida diretamente pelo Ministério do Interior e pela Polícia Federal: tinham que impedir que a cena da marcha se repetisse toda quinta-feira.

¹¹⁰. De acordo com Gorini (2015), mesmo com vitória na final da Copa contra os holandeses por 3 a 1, existiam as alegações de corrupção, que afirmava que o triunfo de 6 a 1 da seleção argentina contra a do Peru se deveu aos generosos chutes pagos pela ditadura argentina.

humanidade praticados por militares e civis apoiadores da mais sangrenta ditadura da América Latina. As Madres de Plaza de Mayo serão fundamentais para denunciar e organizar manifestações para evidenciar os crimes cometidos pelos responsáveis por essa página difícil da história.

Gorini (2015) relata o que significou para as Madres a última marcha sob o controle do governo ditatorial e como essa passagem para a democracia trará muito mais desafios para recuperar a memória e manter a luta por justiça, numa sociedade que foi devastada pela dor e pela violência.

Era la última marcha de las Madres bajo la dictadura. A nadie se le escapa el significado de ese último jueves. Culminaba para ellas un ciclo, desde sus dramáticos y solitarios comienzos hasta ese momento, en el que parecían haberse convertido en el símbolo de casi todos los opositores al régimen surgido en 1976. Estaban en los umbrales de una nueva época; ésa que alguna vez habían anhelado como el punto de llegada, la meta en la cual alcanzarían, si no la posibilidad de encontrar con vida a sus hijos, al menos la justicia. Sin embargo, las Madres ya empezaban a entrever las nacientes dificultades con las que deberían lidiar. (GORINI, 2015, p.613)¹¹¹

“Justiça” seria agora a palavra chave para as Madres de la Plaza de Mayo e todos os movimentos por direitos humanos e democracia na Argentina. A anistia não representava os interesses dos milhares de pessoas que perderam seus entes queridos, e ainda teriam que conviver com esse drama existencial de saber que os assassinos de seus filhos e filhas passaram impunes por esse processo de transição ditadura/democracia. Essa posição política das Madres fica evidente no seu pronunciamento na última marcha, ainda sob o governo ditatorial.

Este último jueves con la dictadura en la Casa de Gobierno, después de largos siete años de lucha, ha tenido un gran significado porque nos ha acompañado todo el pueblo argentino que ha entendido la lucha de las Madres. El jueves que viene empieza nuevamente la otra lucha, que es la de alcanzar entre todos, realmente, esta democracia de la que tanto habla. Tenemos que conseguir desarmar el proyecto represivo; que todos los militares se vayan a los cuarteles. Las Madres pedimos que las primeras 48 horas dejen en libertad a todos desaparecidos que están con vida en los

¹¹¹ . Foi a última marcha das Mães sob a ditadura. O significado desta última quinta-feira não escapa a ninguém. Um ciclo culminou para elas, desde seus começos dramáticos e solitários até aquele momento, nos quais a pareciam ter se tornado o símbolo de quase todos os opositores do regime que surgiram em 1976. Elas estavam no limiar de uma nova era; que uma vez desejaram ser o ponto de chegada, o objetivo no qual alcançariam, se não a possibilidade de encontrar seus filhos vivos, pelo menos a justiça. No entanto, as mães já estavam, elas, começando a vislumbrar as dificuldades nascentes com as quais deveriam lidar. (GORINI, 2015, p.613)

campos. Que dejen en libertad a todos los presos políticos e gremiales. !Juicio político a las Fuerzas Armadas! (BONAFINI, 2015, p. 25)¹¹²

O final da ditadura civil-militar (1976-1983) trouxe desafios outros e novas possibilidades de ação para as Madres de la Plaza de Mayo. Os governos pós-ditadura de Raul Alfonsín (1983-89), Carlos Menem (1989-99), Fernando de la Rúa (1999-2001), Adolfo Rodríguez Saá (2001), Eduardo Alberto Duhalde (2002-2003) até a chegada dos Kirchners, Eduardo (2003-2007) e Cristina (2007- 2015), apresenta uma oportunidade de reconstrução histórica (passo a passo) da democracia e do julgamento esperado para os ditadores e apoiadores da ditadura.

3.3. O fim da ditadura e os novos desafios das Madres

Anochece la dictadura y amanecía la democracia. Todo aconteció rápidamente después de la triste guerra de Malvinas. Pero también, de la constante resistencia de los trabajadores y de las Madres que lograran perforar el muro de impunidad y de terror impuesto por la ditadura durante esos años. (BONAFINI, 2013, p.23)¹¹³

A ditadura militar argentina chega ao fim em 1983. Esse período, além de ser extremamente danoso para os direitos humanos, foi um completo fracasso do ponto de vista econômico, social e político, vide a derrota para os ingleses na Guerra das Malvinas. Em 30 de outubro de 1983, as eleições gerais¹¹⁴ e livres promovem o retorno da democracia para a Argentina.

O presidente eleito foi Raul Alfonsín, candidato pela União Cívica Radical (UCR). Alfonsín vence por 52% dos votos, o candidato peronista (Partido Justicialista) Ítalo Luder obteve 40% dos votos. A transição da Ditadura para a Democracia na Argentina produz o desafio de restabelecer os direitos civis e políticos dos cidadãos e cidadãs que foram direta ou indiretamente afetados por esse regime de morte que violentou o povo argentino. Para as

¹¹². Esta última quinta-feira com a ditadura no Palácio do Governo, depois de longos sete anos de luta, teve um grande significado porque todos os argentinos que entenderam a luta das Mães nos acompanharam. Na próxima quinta-feira, começa a outra luta, que é alcançar entre todos, realmente, essa democracia da qual tanto se fala. Temos que desarmar o projeto repressivo; que todos os militares vão para o quartel. As mães pedem que as primeiras 48 horas deixem em liberdade todos os que estão vivos no campo. Que libertem todos os prisioneiros políticos e sindicais. Julgamento político das Forças Armadas! (BONAFINI, 2015, p.25)

¹¹³. Anoitece a ditadura e amanhece a democracia. Tudo aconteceu rapidamente depois da triste guerra das Malvinas. Mas também, da constante resistência dos trabalhadores e das Mães que conseguiram perfurar o muro de impiedade e de terror imposto pela ditadura durante esses anos.(BONAFINI, 2013, p.23)

¹¹⁴. As eleições de outubro de 1983 têm um caráter geral, por eleger um Congresso novo, novos governadores, deputados estaduais (das províncias), prefeitos e vereadores.

Madres de Plaza de Mayo e para todos os movimentos pela redemocratização, um novo período se inicia.

El 10 de diciembre de 1983, fecha en que concluye el “Proceso de Reorganización Nacional” y asume la presidencia el radical Raúl Alfonsín, marca un antes y un después tanto en la historia nacional como en el desarrollo del movimiento de las Madres de Plaza de Mayo. Tras el régimen cívico militar más sangriento del siglo XX en la Argentina, se inicia una etapa que la historiografía tradicional define como “transición a la democracia”, y los autores vinculados al pensamiento crítico denominan “postdictadura”. (GORINI, 2015, p.9)¹¹⁵

Essa nova etapa da história argentina, que, numa perspectiva tradicional, seria de “transição para a democracia” e, para os representantes do pensamento crítico, de “pós-ditadura”, terá que discutir e punir os crimes cometidos durante todo o “Processo de Reorganização Nacional”.

Em discurso proferido na marcha de 30 de abril de 1986, que marcava os nove anos de luta das Madres de Plaza de Mayo, Hebe de Bonafini afirma:

Luchemos por um país donde todo el mundo tenga lugar, pero no donde el lugar sea nada más que para las clases privilegiadas. [...] Por eso, compañeros, para tener un Poder Legislativo que no confirme a jueces corruptos, que no ascienda a asesinos, para tener Justicia independiente que haga justicia, que nos diga qué pasó con nuestros hijos, y que ponga a los responsables em prisión, para eso sigamos luchando. Para que el Gobierno, cualquier Gobierno que sea, siempre elegido por el Pueblo, haga lo que le promete al Pueblo, por eso tenemos que seguir luchando y como siempre decimos: “*No negociaremos, no claudicaremos*”. Nuestras consignas: Aparición con vida, cárcel a los genocidas, libertad a los presos políticos, restitución de los niños a sus familias, no a la exhumación de cadáveres, no a la reparación económica, no a los homenajes, son consignas ineludibles, que no vamos a bajar y que vamos a seguir levantando- desde nuestro recondito corazón- hasta que la muerte nos diga “Basta”. (BONAFINI, 2013, p.59)¹¹⁶

¹¹⁵. 10 de dezembro de 1983, quando termina o “Processo Nacional de Reorganização” e o radical Raúl Alfonsín assume a presidência, marca um antes e depois na história nacional e no desenvolvimento do movimento das Mães da Praça de Maio. Após o mais sangrento regime cívico militar do século XX na Argentina, começa uma etapa que a historiografia tradicional define como “transição para a democracia”, e os autores ligados ao pensamento crítico chamam de “pós-ditadura”. (GORINI, 2015, p.9)

¹¹⁶. Vamos lutar por um país onde todo mundo tem lugar, mas não onde o lugar seja apenas as classes privilegiadas. [...] Assim, companheiros, para ter um Poder Legislativo que não confirma juízes corruptos, que não promova assassinatos, para ter uma Justiça independente para fazer justiça, para nos dizer o que nossos filhos passaram, e para colocar os responsáveis na prisão, para isto, sigamos lutando. Para que o Governo, seja qual for o Governo, sempre eleito pelo povo, faça o que promete ao povo, por isso temos que continuar lutando e como sempre dizemos: “Não vamos negociar, não vamos desistir. Nossos slogans: Aparição com vida, prisão aos genocidas, liberdade aos presos políticos, restituição das crianças às suas famílias, não à exumação de cadáveres, não à reparação econômica, não às homenagens, são slogans inflexíveis, que não vamos depor e que vamos continuar levantando- do nosso recôndito coração- até que a morte nos diga “Basta”. (BONAFINI, 2013, p.59), Discurso na Praça de Maio em 1986, pela passagem dos nove anos de lutas das Madres de Plaza de Mayo)

O grande problema para que essas propostas apresentadas pelas Madres de Plaza de Mayo fossem implementadas era a fragilidade política do governo de Raul Alfonsín, que cria leis que não punem os militares, pois um dos objetivos do governo era, de acordo com Steinke (2011,p.11), “restaurar as relações civis-militares” e, mesmo logo no início do seu mandato revogando a lei de autoanistia estabelecida para proteger os militares, e criando a Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas (CONADEP), que teria o objetivo de investigar os crimes cometidos na ditadura:

Em 1985, integrantes das três primeiras juntas militares foram levados a julgamento. A resposta corporativa das Forças Armadas levou aos levantes dos “carapintadas”, seguida por manifestações populares massivas em defesa da manutenção do regime democrático (ainda que limitado). Alfonsín recuou e aprovou as leis de Obediência Devida e Ponto Final, garantindo a impunidade dos militares envolvidos em torturas e assassinatos. (CARVALHO, 2010, p.2)

As leis (criadas para amenizar as relações com os militares) ficam marcadas como leis de impunidade, pois a Lei do Ponto Final estabelecia um prazo de sessenta dias para que se pudesse entrar com processos contra os militares por violações de direitos humanos, e a Lei da Obediência Devida garantiria a impunidade dos militares com causas abertas por violações aos direitos humanos.

Essas leis passam a vigorar a partir de 1986 e 1987 e acabam impedindo a penalização dos torturadores, dos assassinos que cometeram crimes contra a humanidade, contra o direito à vida.

Em meio a todos esses acontecimentos do cenário político argentino, as Madres estavam passando por um processo de transformação que daria uma outra dinâmica à luta desse movimento.

Segundo Rebuá (2015, p.130), no ano de 1986 ocorre a “Sexta Marcha” das Madres, com “um caráter latino-americano”, por conta da participação das “mães do continente” que perderam seus filhos nas ditaduras da América Latina. A Marcha tem (também) a participação das “Madres de filiais do interior”, mas esse ano de 1986 marcará o racha ou divisão do movimento das Madres de Plaza de Mayo em dois grupos: as Madres de Plaza de Mayo-Línea Fundadora e a Associação Madres de Plaza de Mayo.

O racha teve como causa fundamental a discordância quanto às políticas de compensação empreendidas por Alfonsín: exumações de cadáveres; indenizações para as mães e homenagens póstumas. Enquanto para a Línea

Fundadora, a ruptura tem relação direta com as críticas do grupo dissidente à liderança personalista e centralizadora de Hebe de Bonafini. (Ibidem, p.129)

Essa crítica à personalidade de Bonafini, esconde na verdade a aceitação do grupo Línea Fundadora do acordo de indenizações oferecidos pelo governo de Raul Alfonsín. Esse tipo de compensação não foi aceito pela Associação das Madres de Plaza de Mayo, e essa discordância foi fundamental para a ruptura das Madres.

Outra tese para a ruptura entre as Madres, era a diferença de classes, “uma vez que as Madres que saíram eram pertencentes a setores burgueses, ao contrário da grande maioria das Madres, de origem proletária.” (Ibidem, p.31). De acordo com esse posicionamento, a luta de classes no sentido mais marxiano possível trata de evidenciar as diferenças entre as Madres.

A diferença de classe, também, nos ajuda a entender esse processo de cisão entre as Madres, pois, uma vez findada a ditadura, cada setor voltaria para o seu lugar, e obviamente a Línea Fundadora optou por fazer acordo com um governo que não conseguiu levar à frente a punição dos crimes promovidos pelos ditadores. Enquanto isso, a Associação das Madres de Plaza de Mayo, seguia na luta por justiça.

Ulisses Gorini, no segundo volume do livro *História de las Madres de Plaza de Mayo: La otra lucha*, discorre sobre essa questão afirmando:

Después de la elección en la que el sector de Bonafini alcanzó la hegemonía en la conducción de la Asociación Madres de Mayo y se inició el alejamiento definitivo de Línea Fundadora, comenzó entre ambos grupos otra disputa, esta vez sobre la legitimidad de cada sector, vinculada con los orígenes del movimiento. (GORINI, 2015, p.529)¹¹⁷

Obviamente que, tanto a Associação das Madres, quanto a Línea Fundadora, são legítimas representantes da luta por direitos humanos na Argentina, pois perderam seus hijos (filhos) queridos e essa dor nunca passa, e foi por conta dessa condição de Madres dos filhos desaparecidos que o movimento nasceu.

O processo de cisão faz com que esses grupos deixem de caminhar juntas (inclusive na Praça), mas não reduz e não desconhece a identificação desses grupos com a resistência contra a ditadura. Seguirão caminhos e posicionamentos políticos diferentes, divergentes, mas travando a mesma luta.

¹¹⁷. Após a eleição em que o setor de Bonafini alcançou a hegemonia na condução da Associação Madres de Mayo e se iniciou o afastamento definitivo da Linha Fundadora, começou entre os dois grupos outra disputa, desta vez sobre a legitimidade de cada setor, vinculada com as origens do movimento. (GORINI, 2015, p.529)

A Associação das Madres de Plaza de Mayo continuará questionando qualquer tipo de acordo indenizatório e continuará fazendo oposição aos governos pós-Alfonsín. As Madres se opõem aos presidentes Menem (1989-99), De la Rúa (1999-2001), até se aliarem com Eduardo e Cristina Kirchner (2003-2015).

O governo de Carlos Menem terá um ciclo de dez anos no poder, com eleição e reeleição (1989-99). Esse governo aprofunda a aplicação das políticas neoliberais. Para Rebuá (2015, p.135), em se tratando de política econômica, Menem acentua o neoliberalismo com “privatizações e relações carnavais com os EUA”. Esse receituário será seguido por vários governos na América Latina, inclusive o Brasil com Fernando Henrique Cardoso (1995-2002).

Fernando De la Rúa (1999-2001), eleito pelo partido União Cívica Radical (UCR), amplia a catástrofe neoliberal. Seu governo eleva a crise política, piorando as condições de vida dos mais pobres da sociedade argentina. Essa situação provoca uma revolta na população, que vai às ruas em 2001 contra as medidas neoliberais do seu governo. Esse episódio ficou conhecido como Argentinação. De la Rúa, não suportando a pressão das mobilizações, fugiu do país de helicóptero.

O desfecho do governo dessa maneira, demonstra o caos criado pelo neoliberalismo na Argentina. Fome, miséria, desemprego, inflação alta, desvalorização da moeda, comprovam o fracasso completo da política neoliberal. Assim, de la Rúa estava na rua (literalmente), pois seu governo não elevou o padrão de vida do povo argentino.

Diante da crise que se consolidou na Argentina, e com uma rápida passagem de Eduardo Duhalde (2002-2003), Néstor Kirchner (2003-2007) se elege presidente.

Antes de Néstor chegar à Casa Rosada, houve o turbulento governo do peronista Eduardo Duhalde (2002-2003), um milionário envolvido com cartéis de droga, ex-vice de Menem e ex-governador da província de Buenos Aires por duas vezes, que tentou administrar o caos econômico, político e social do pós-Crise de 2001 com o receituário da violência. Tais ações provocaram massivas manifestações e o fizeram adiantar o processo de sucessão presidencial para março de 2003, antecipando em cinco meses a data prevista. Em meio aos embates internos do/no peronismo e da conjuntura extremamente dinâmica e imprevisível, o Conselho Superior do Partido Justicialista da Capital Federal, sob forte influência de Duhalde (que buscava um sucessor de confiança, passível de ser satelizado e capaz de derrotar seu arqui-inimigo de La Rioja, Menem), pronuncia-se pela candidatura de Néstor Kirchner, governador por três mandatos da província austral de Santa Cruz, com altos índices de aprovação e interessado na disputa presidencial desde meados de 1998: as dinâmicas políticas e sociais acelerariam as coisas para Kirchner. (REBUÁ, 2015, p. 398)

Kirchner, já na condição de presidente, nomeia novos juízes para a Suprema Corte e revoga a anistia por crimes cometidos durante a ditadura, chamada de “Guerra Suja” na aplicação das leis de Ponto Final e Obediência Devida e, também, os indultos presidenciais foram revogados. Essas ações do governo aproximam as Madres dos Kirchner, e essa relação será duradoura.

Segundo Guerin (2009, p. 62) “Já no governo do presidente Nestor Kirchner abriu-se uma nova etapa no tratamento do passado. Em agosto de 2003 finalmente se anulam as Leis de Punto Final e Obediencia Debida”. Ainda no decorrer do governo Kirchner, tratados internacionais sobre Imprescritibilidade de Crimes de Guerras e os Crimes de Lesa Humanidade são assinados, e o principal centro de tortura do período ditatorial, a Escola de Mecânica da Armada (ESMA), será transformada num museu da memória para evidenciar os crimes promovidos pelos militares e afirmar o compromisso com os Direitos Humanos.

A relação da Associação das Madres de Plaza de Mayo com os governos Kirchner foi se ampliando e para Rebuá (2015) essa adesão inédita de um dos maiores movimentos sociais do país e da América Latina que tivera uma posição de independência por décadas, provoca divisões internas no Movimento, mas as Madres seguirão com os Kirchners e, em 2006, decidem não fazer mais Marchas de Resistência, pois agora acreditavam que o Estado não era mais o algoz das Madres e das lutas por direitos humanos e justiça na Argentina.

Com a saída de Néstor Kirchner e a entrada de Cristina Fernández Kirchner, elas entendem a política como uma continuidade de tudo o que Néstor havia iniciado, e seguem apoiando a presidenta e também fazendo campanha para sua reeleição. Em vários comunicados oficiais elas defendem o governo de Cristina Fernández, ressaltando a importância de uma mulher como presidenta (SIQUEIRA, 2017, p.62)

As Madres, também, vão apoiar, em 2015, o candidato Daniel Scioli do Frente para la Victoria, que fora o candidato de Cristina Kirchner, mas Mauricio Macri, que era prefeito da cidade de Buenos Aires, vence as eleições e retoma uma agenda mais neoliberalizante e menos voltada para o diálogo com os movimentos sociais. Esse momento aponta para um novo cenário de lutas em que as Madres terão que retomar o seu papel de oposição ao governo. Em entrevista gravada para esta pesquisa, Hebe de Bonafini, apresenta sua opinião sobre o governo de Mauricio Macri:

Con el actual gobierno de Macri, fuimos los únicos que exigimos que el gobierno fuera nuestro enemigo y ocupamos la plaza para decir eso, porque el ministro no se parece al ministro y nos trata con empujones, pero tenemos que defendernos con cuerpo y la palabra. Siempre digo lo que pienso, lo que siento, muchos dicen que tenemos que decir cosas buenas, no quiero ser bueno, no me importa ser bueno, no me importa ser amado por todos, no me

importa ser hermoso, sé lo que estoy haciendo aquí, estoy para mis hijos y de esta manera no me desviaré. (BONAFINI, 2019)¹¹⁸

O governo de Maurício Macri reedita as políticas liberais numa perspectiva mais conservadora, não conseguindo zerar a pobreza, nem reduzir a inflação como prometera em campanha e iniciará um processo de perseguição ao movimento das Madres de Plaza de Mayo, que terão sua influência reduzida ou praticamente anulada no Instituto Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo. Macri fará as Madres voltarem às ruas com mais força.



FOTO 4: Arquivo Próprio¹¹⁹

¹¹⁸. Com o atual governo Macri, fomos os únicos que exigimos que o governo fosse nosso inimigo e ocupamos a praça para dizer isso, porque o ministro não se parece com o ministro e nos trata com empurrões, mas temos que nos defender com corpo e a palavra. Eu sempre digo o que penso, o que sinto, muitos dizem que temos que dizer coisas boas, não quero ser boa, não me importo de ser boa, não me importo de ser amada por todos, não me importo de ser bonita, sei o que estou fazendo aqui, estou para os meus filhos e assim não me desviarei (BONAFINI, 2019). Entrevista da pesquisa de campo.

¹¹⁹. As Madres na Marcha das Quintas-feiras, janeiro 2019. Arquivo de pesquisa.

4. UNIVERSIDADE POPULAR DAS MADRES DE PLAZA DE MAYO: UM RECORTE ENTRE 2000-2015

A Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo, hoje Instituto Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo, é uma das grandes experiências de educação do século XXI. Surgida a partir da luta das Madres, que tiveram um papel importantíssimo contra a ditadura militar de 1976-83, a universidade ousa se propor popular, por ter um legado histórico de resistência às políticas contrárias aos interesses dos mais pobres da Argentina e da América Latina.

Neste capítulo, veremos a discussão sobre a universidade moderna e os desafios contemporâneos, o conceito de universidade popular e conheceremos experiências de universidades populares, sobretudo, a experiência da Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo.

4.1. Da Universidade Moderna aos desafios contemporâneos

A ideia de universidade moderna¹²⁰ tem uma grande contribuição na concepção do linguista, filósofo e educador liberal, o prussiano Wilhelm von Humboldt (1767-1835). Esse modelo de universidade acaba influenciando outras instituições universitárias na Europa e no Ocidente. Em seu texto “Sobre a Organização Interna e Externa das Instituições Científicas Superiores em Berlim”, Humboldt (1997) contribui sobremaneira para a fundação da Universidade de Berlim, em 1810.

O projeto da universidade moderna se estrutura de forma a ser diferente de tudo o que se constituía universidade até aquele tempo. Surge em um período histórico onde a ciência já despontava como o aspecto estruturante do mundo moderno e os ditames epistemológicos rigidamente controlados pela igreja já não detinham a força que teve durante os dez séculos anteriores. A Revolução Industrial que se processava, particularmente na Inglaterra, tinha aclarado a nova direção do mundo. Deixar de considerar os avanços que a ciência prometia era recusar as possibilidades de futuro para qualquer nação. (PEREIRA, 2008, p.30)

¹²⁰ . É bom ressaltar que a discussão sobre a universidade ocorria já havia algum tempo. Os primeiros esforços institucionais renovadores foram a fundação da Universidade protestante de Halle, em 1694, por Frederico I, e a criação da Universidade de Göttingen em 1734. (TERRA, 2019, p.145)

Essa universidade moderna tende a considerar os avanços científicos que se estruturavam com a consolidação do modo de produção capitalista que, da Revolução Francesa e seus ideais iluministas e Revolução Industrial, projetava o mundo para além do medievo. A universidade da época moderna buscava compatibilidade com o seu tempo.

Para Santos (2017)¹²¹, o modelo de universidade pensado por Humboldt apresenta três pilares: investigação, ensino e formação. A partir desses pilares, a universidade humboldtiana afirma a necessidade do ensino, da pesquisa e da formação moral. E tais princípios farão desse modelo de universidade um espaço diferenciado das demais instituições da época, que não acompanham as transformações desse período.

O proeminente educador e pensador da universidade brasileira, Darcy Ribeiro (1975),¹²² afirma que a universidade alemã pensada por Schelling (1803), Fichte (1807), Schleimacher (1808) e Humboldt (1810), modelava-se a partir de um padrão nacionalista que se identificava com a política prussiana de unificação da Alemanha e valorizava a ciência e a investigação empírico-indutiva de autossuperação¹²³. Essa perspectiva de universidade se compromete com a integração nacional, a cultura alemã e a Revolução Industrial.

Ribeiro (1975, p.61), também verifica problemas na instauração da universidade alemã e afirma que essa instituição nasce cheia de contradições, pois “foi progressista em sua preocupação científica, no rigor para conceder títulos acadêmicos no espírito de afirmação nacional”, mas foi elitista, hierarquizada e burocrática.

Outra questão importante para o debate sobre a constituição da universidade moderna é que, segundo Silveira e Bianchetti (2016, p.83), “Humboldt planeja a organização universitária alemã de modo que concilia liberdade de ensino com a intervenção estatal.” Essa posição implica na defesa da liberdade de pensamento, mesmo a universidade sendo mantida pelo Estado, pois existem as instituições de ensino superior não estatais e de interesse privado.

Essa tensão continua presente na atualidade, principalmente pelo avanço do neoliberalismo, que tenta a todo custo privatizar as universidades públicas, o que, segundo

¹²¹ . Aula Magna na Universidade do Estado da Bahia proferida pelo professor Luciano Santos sobre o tema: Universidade e Projeto Nacional-Popular, 2017.

¹²² . Ribeiro (1975) afirma que o modelo que inspirou as universidades latino-americanas, foi o padrão francês de universidade napoleônica. “A nova universidade implantou-se em contraposição à antiga; as inclinações nominalmente humanistas daquela foram substituídas por um novo humanismo fundado na ciência e comprometido com a problemática nacional, com defesa dos direitos humanos, empenhado em absorver e difundir o novo saber científico e tecnológico em que se baseava a Revolução Industrial.” (RIBEIRO, 1975, p.52)

¹²³ . Herdeira da universidade corporativa europeia, em primeiro lugar, e vassala da universidade tecnicista norte-americana, em segundo, a Universidade Brasileira exacerbou os vícios da primeira e aprofundou o «competitivismo» da segunda. (LOSS e ROMÃO, 2014, p.147)

Santos (2017), torna a universidade pública um banco de informações ou reserva de capital simbólico a serviço das demandas do mercado. O capitalismo liberalizante quer que o Estado deixe de ser responsável pelo ensino universitário, entregando definitivamente esse setor para o mercado. A universidade pública desliga-se do seu eixo existencial, seu lugar, sua gente, e é absorvida pelo sistema hegemônico de produção e circulação de capital financeiro. (SANTOS, 2017).

O sociólogo Boaventura de Souza Santos (2011,p.10) em seu texto *A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade*, nos apresenta outros dilemas contemporâneos da universidade: “ao deixar de ser a única instituição no domínio do ensino superior e na produção de pesquisa, a universidade entrara numa crise de hegemonia”, e também numa crise de legitimidade institucional, por resultante da contradição entre a autonomia da universidade e a pressão para que a mesma se submeta aos critérios de eficácia e produtividade de caráter mercadológico.

Pode-se dizer que nos últimos trinta anos a crise institucional da universidade na grande maioria dos países foi provocada ou induzida pela perda de prioridade do bem público universitário nas políticas públicas e pela consequente secagem financeira e descapitalização das universidades públicas. (SANTOS, 2011, p.16)

Essa crise institucional implica na redução da autonomia da universidade (principalmente em países marcados pela ditadura) e, conseqüentemente, na sua descaracterização, pois abre o setor público para o setor privado, transformando a universidade num “mercado de serviços universitários” (Ibidem, p.17). Vive-se uma espécie de falsa autonomia, pois a crise financeira obriga a universidade a procurar financiamento privado.

O Estado deixa de priorizar a universidade na definição das suas políticas públicas e a “globalização neoliberal da universidade” (Ibidem, p.18) é o horizonte do capitalismo, que não se limita a transnacionalizar o mercado universitário, através de educação à distância, aprendizagens *on line* e universidades virtuais, aumento da mobilidade de estudantes e professores, sistema de franquias de grandes universidades globais.

Para Santos (2001), há uma questão que seria mais preocupante para pensar a universidade que o fenômeno da expansão e transnacionalização do mercado de serviços universitários, pois a universidade, apesar de continuar sendo uma instituição por excelência de conhecimento científico, perdeu a hegemonia e acabou se transformando num alvo fácil de crítica social.

Penso que na última década se começaram a alterar significativamente as relações entre conhecimento e sociedade e as alterações prometem ser profundas ao ponto de transformarem as concepções que temos de conhecimento e de sociedade. Como disse, a comercialização do conhecimento científico é o lado mais visível dessas alterações. (Ibidem, p.40)

Essa questão da comercialização do conhecimento seria, para Santos (2011), a ponta do iceberg; o problema central teria várias implicações, inclusive de natureza epistemológica, como por exemplo o conhecimento universitário que ao longo do século XX, foi um conhecimento de caráter disciplinar, impondo uma produção acadêmica com relativas descontextualizações em relação às dinâmicas do quotidiano social.

De acordo com essa lógica de produção de conhecimento, os investigadores determinam os interesses das pesquisas científicas, bem como sua relevância e suas metodologias. Esse modelo de conhecimento denominado de universitário, estaria dando lugar a uma outra forma de saber, que Santos (2011) conceitua como conhecimento pluriversitário. Estaríamos num processo de transição.

O conhecimento pluriversitário é um conhecimento contextual na medida em que o princípio organizador da sua produção é a aplicação que lhe pode ser dada. Como essa aplicação ocorre extramuros, a iniciativa da formulação dos problemas que se pretende resolver e a determinação dos critérios da relevância destes é o resultado de uma partilha entre pesquisadores e utilizadores. É um conhecimento transdisciplinar que, pela sua própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimento, o que o torna internamente mais heterogêneo e mais adequado a ser produzido em sistemas mais abertos menos perenes e de organização menos rígida e hierárquica. Todas as distinções em que assenta o conhecimento universitário são postas em causa pelo conhecimento pluriversitário e, no fundo, é a própria relação entre ciência e sociedade que está em causa. A sociedade deixa de ser um objeto das interpelações da ciência para ser ela própria sujeita de interpelações à ciência. (Ibidem, p.42)

É importante pensar num espaço académico que abarque essa perspectiva pluriversa e que possamos construir pluriversidades que não imponham saberes e encontrem no diálogo a possibilidade de abraçar conhecimentos que, a priori, não eram valorizados. Todo saber criado e vindo da sociedade, necessita um olhar aberto para todos os povos. O conhecimento pluriversitário tem um compromisso com a promoção de saberes ecológicos, plurais e contra-hegemônicos.

Dentro dessa perspectiva de pensar uma outra universidade, conheceremos iniciativas de universidades populares que dialogam com a ideia de conhecimento pluriverso.

4.2. Universidade Popular: Conceituando e Conhecendo Experiências

A experiência das Universidades Populares tem se constituído como alternativa ao processo de exclusão da maioria da população pobre do acesso ao conhecimento. A partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação (LDB), em 20 de dezembro de 1996, a sociedade brasileira pôde perceber a avalanche de faculdades e centros universitários que foram bancados pela iniciativa privada para “suprir” a carência de instituições de ensino superior no país.

O surgimento dessas iniciativas leva em consideração apenas a lógica do mercado, quem tem dinheiro pode estudar, quem não tem, ou enfrenta a concorrência das universidades públicas federais e estaduais (que apresentam uma qualidade de ensino de nível satisfatório), ou fica fora da chamada “era da informação.”

O horizonte da maioria da população, sobretudo a afro – descendentes pobres, os índio – descendentes e os poucos “quase” brancos pobres, que estudam na escola pública, tem sido de dificuldades para acompanhar as mudanças políticas e tecnológicas que formatam o mundo globalizado, internético, pós-muro de Berlim e pós socialismo real. É bom frisar que as políticas afirmativas têm contribuído sobremaneira para aumentar a presença da população afro e indio- descendente nas universidades públicas.

Diante desse cenário, que ainda exclui os mais pobres do acesso ao conhecimento científico, o movimento social tem se articulado em muitos países para buscar alternativas contra essa onda de mosteirização pós-moderna do saber.

Nesse sentido, as Universidades Populares se constituem como iniciativas de educação para a emancipação social, pois têm no seu processo de estruturação, inclusive curricular, a formação política que favorece uma concepção de mundo intercultural, crítica, valorizando as relações de respeito à diversidade. Tal demanda remonta às ações de Paulo Freire, “na década de 60 do século XX, pela alfabetização, e as de Florestan Fernandes, na mesma época, por uma universidade que trabalhasse em benefício do povo” (LOSS e ROMÃO, 2014, p146).

Infelizmente, com o advento da ditadura militar no Brasil (1964-85), Paulo Freire teve que deixar o país por quase duas décadas e Florestan Fernandes foi perseguido por suas posições políticas no próprio país. Mas, o ideal de emancipação político-econômica, cultural e sobretudo científica continua firme, pois temos diversos exemplos de universidades populares no mundo que formam uma rede de saberes e que buscam, cada vez mais, uma sociedade livre que valorize os saberes produzidos nas comunidades.

Esse é o intuito da universidade popular: buscar um diálogo harmonioso entre os saberes técnicos-científicos-filosóficos, historicamente produzidos na academia, que chamamos de universidade no sentido mais elitista da palavra (pois esses espaços foram criados para atender essa demanda), e um saber científico-natural-cultural-filosófico, historicamente produzido nas comunidades, periferias, favelas, espaços de experiências variadas e importantíssimas para entender o mundo da vida. A universidade popular é o encontro desses saberes que garante uma “ecologização” do conhecimento.

Vejamos iniciativas de universidades populares que, ao seu modo, produzem e contribuem para a ideia de um mundo mais humanizado e que respeite todas as formas de saber.

1-Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF): é uma escola do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), fundada em janeiro de 2005. A escola homenageia o educador/militante, ex-deputado e fundador do Partido dos Trabalhadores (PT), Florestan Fernandes, que, ao longo de sua história foi um defensor do Movimento Sem Terra e da importância da educação para fortalecimento da luta deste movimento.



FOTO 5: Escola Nacional Florestan Fernandes (2011)¹²⁴

A escola é uma universidade popular e tem papel fundamental na formação da militância do MST e, de acordo com Rebuá (2015 p.230), entre seus interesses e objetivos, destacamos:

atuar como um espaço pedagógico, formativo, político e organizativo não apenas interno, mas também dos inúmeros movimentos, organizações, partidos de nuestra América, numa articulação ampla e intensa; estabelecer trocas com as universidades públicas sobretudo brasileiras, num diálogo profícuo entre ciência e práxis política; formar quadros políticos de forma constante e de forma integral; preservar a unidade política e ideológica do MST; promover saberes, programas, ideias que sejam dinâmicas e

¹²⁴ . Disponível em: http://boletimmstrj.mst.org.br/img/IMG_0009.jpg, acesso: 06/01/2020.

sintonizadas com o projeto político dos subalternos; analisar a realidade em suas múltiplas dimensões sempre sob a perspectiva da transformação do mundo que temos hoje; ser um espaço de zelo da memória das lutas dos povos oprimidos, com destaque para os latino-americanos; intercambiar experiências com outros sujeitos coletivos, ampliando as possibilidades contra-hegemônicas.

A proposta de estimular uma instituição voltada para formação crítica que compreenda a realidade do campo, a desigualdade e a diversidade desse país, fez da Escola Florestan Fernandes uma realidade com potencial para formar estudantes com capacidade para pensar e articular um outro mundo.

Os recursos para a manutenção e funcionamento da Escola são obtidos através de doações de organizações e movimentos sociais, além da colaboração individual voluntária. Até 2016, foram realizadas mais de 500 atividades, entre visitas, cursos nacionais, cursos internacionais, encontros e seminários, beneficiando mais de 40 mil pessoas. Para Rebuá (2015), a Escola Florestan Fernandes está comprometida com uma educação efetivamente emancipatória, democrática e fraterna.

2-Universidade Popular Barrios de Pie¹²⁵: nasce em 13 de abril de 2019. Este projeto, cujas origens são traçadas nas tradições das universidades populares de diferentes movimentos sociais, visa aprofundar e sistematizar as experiências desenvolvidas pelo Movimento Barrios de Pie no território argentino, e agregar a todos que desejam contribuir.

El Objetivo de la Universidad popular es construir un amplio espacio educativo y de capacitación continua, sobre la base de la educación popular, enmarcado en el profundo desarrollo de las pedagogías críticas, que actualice saberes y produzca conocimiento situado, riguroso, anclado en las realidades y demandas de los sectores populares y de las poblaciones que se atraviesan situaciones de vulnerabilidad social. (MBP, 2019, p.1)¹²⁶

A Universidade propõe uma ruptura com o modo tradicional de pensar a educação em níveis estrutural, conceitual e epistemológico: a construção do conhecimento surge dos

¹²⁵ . O Movimento Barrios de Pie nasceu em dezembro de 2001 como resultado da necessidade de organizar em nível nacional, um conjunto de movimentos de trabalhadores desempregados em muitos bairros de diferentes províncias da República Argentina. Em 2002, Barrios de Pie se estabeleceu na cidade de Buenos Aires, nos subúrbios de Buenos Aires e em 12 províncias da Argentina. O que determina o surgimento desse movimento foi a grande crise político-econômica de 2001.

¹²⁶ . O objetivo da Universidade popular é construir um amplo espaço educacional e de treinamento contínuo, baseado na educação popular, enquadrado no profundo desenvolvimento de pedagogias críticas, que atualize saberes e produza conhecimento localizado, rigoroso, ancorado em realidades e demandas dos setores populares e das populações que estão passando por situações de vulnerabilidade social. (MBP, 2019, p.1)

bairros para melhorar a vida dos bairros e incorporar em sua lógica a organização popular, como critério metodológico, político e ideológico.



FOTO 6: Universidade Popular Barrios de Pie (2019)¹²⁷

A Universidade Popular Barrios de Pie, assim como outras experiências de educação popular para o ensino superior, busca outras formas de conceber a realidade e a vida, onde os sujeitos sociais têm um protagonismo como agentes de mudanças na sociedade. Nessa universidade popular existe espírito de compromisso, solidariedade, companheirismo e respeito.

3-Universidade Popular Empenho e Arte (UPEA): Foi fundada no dia 21 de novembro de 2017, no Centro Social Paroquial D. Manuel Martins, em Setúbal, Portugal, por um conjunto de organizações sociais (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, o Chapitô, o Centro Paroquial D. Manuel Martins, a Junta de Freguesia de Campo de Ourique, a Fundação Saramago, a Associação Moinho da Juventude e a Associação Cultural Pantalassa).

A UPEA é uma iniciativa que visa democratizar os conhecimentos e as informações relevantes para fortalecer uma cidadania ativa e encorajar a vontade de lutar por uma sociedade melhor, tornando-a mais eficaz. A ideia da UPEA é promover diálogos de saberes e fazeres, comprometidos com a luta pela dignidade, por uma sociedade mais justa, pela transformação social e a valorização de alternativas progressistas.

A UPEA é um espaço aberto para a troca livre de experiências e busca reunir pessoas, coletivos, entidades e movimentos sociais locais, nacionais e globais. A UPEA funciona por

¹²⁷ . Imagem disponível em: <https://somos.org.ar/atr-se-presento-la-universidad-popular-barrios-de-pie/>, acesso: 06/01/2020

meio de uma rede de interações, se movimenta a partir das redes e produz ações concretas com diversos movimentos sociais.

4- **UPop Montreal:** Inspirada no movimento alternativo das universidades europeias populares, a UPop Montreal criou um local de encontro, para que a reflexão e o compartilhamento de conhecimentos sejam tão dinâmicos quanto unificadores.

A UPop Montreal é uma organização sem fins lucrativos criada em 2010. A missão da UPop é promover o desenvolvimento de uma mente crítica, oferecendo à população de Montreal e arredores um acesso gratuito ao conhecimento através de atividades de educação popular localizadas em vários bairros da cidade.



Foto 7: UPOP Montreal¹²⁸

As atividades são abertas a qualquer pessoa curiosa e ansiosa para alimentar ativamente seus conhecimentos e reflexões. Por esse motivo, a UPop Montreal realiza suas atividades em locais amigáveis e acessíveis (cafés, bibliotecas, galerias de arte, teatros etc.) que permitem alcançar um grande público interessado em cultura e conhecimento. Assim, a UPop Montreal pretende promover um sentimento de pertencer a uma comunidade e o desejo de participar ativamente da sociedade de Quebec.

5- **Kerala Sasthra Sahithya Parishad (KSSP)** significa, literalmente, o Fórum de Kerala para literatura científica. Foi fundada em 1962 como um fórum de escritores científicos com o objetivo limitado de publicar literatura científica em malayalam (o malaiala ou malabar é o idioma do estado de Kerala, no sul da Índia), o idioma local e popularizar a ciência. No entanto, logo percebeu-se que a mera publicação de literatura ou aulas de ciências não era suficiente, se as bênçãos da ciência não chegassem às pessoas comuns. O KSSP ficou

¹²⁸ . Imagem disponível em: https://www.facebook.com/pg/UPopMontreal/photos/?ref=page_internal, acesso:06/01/2020

convencido de que, atualmente uma minoria privilegiada monopolizava os benefícios da ciência e da tecnologia, e isso resulta em seu enriquecimento, às custas da maioria. O KSSP escolheu como missão o desafio de armar as pessoas com as ferramentas da ciência e da tecnologia, para que elas possam reverter esse processo. Assim, em 1972, o KSSP decidiu se tornar um Movimento Científico Popular e adotou "Ciência para a Revolução Social" como seu lema

6- Instituto de Estudos Políticos para América Latina e África (IEPALA): Um grupo plural de homens e mulheres, profissionais de diferentes práticas e saberes humanos, desde economia, sociologia, ciência política, história, direito, pedagogia, psicologia, antropologia, filosofia, arquitetura, engenharia, até a própria teologia, se reuniu para estudar a realidade e suas ciências, acreditando que poderia contribuir para a transformação radical do mundo, para que as grandes maiorias populares fossem atores principais e donas de seu destino.

Nasce como Instituto de Estudos a 20 de maio de 1955, no Uruguai. Logo depois (1956), na Espanha, se forma como grupo de trabalho; como Associação Civil, sem fins de lucro, se adequa ao direito espanhol, segundo a Lei 191/64, em abril e maio de 1965, dando por terminada a regulação de sua situação jurídica a 18 de maio de 1965. A partir de 1º de julho de 2007, reconverte sua personalidade jurídica em Fundação.

O IEPALA é uma Organização não governamental sem fins de lucro que dá ênfase às análises, estudos e formação sobre América Latina, África e Terceiro Mundo, à defesa e promoção do direito dos povos e os direitos humanos, e à cooperação ao desenvolvimento de e com os povos do Terceiro Mundo.

7- Universidade Popular de Bruxelas: a Universidade Popular é o projeto fundado pelo CFS asbl (Collectif Formation Société)¹²⁹ em 1985. O contexto atual de desemprego, globalização, inclusive na Europa, exige mais do que nunca educar adultos em ambientes da classe trabalhadora, para entender a sociedade em que vivemos e contribuir para a construção de mudanças sociais.

Por mais de cem anos, as universidades populares nasceram, viveram e depois desapareceram na maior parte do tempo. Palácios (2002)¹³⁰, produz um estudo no início do século XX, sobre as Universidades Populares na Europa, visitando vários países, como

¹²⁹ . O CFS asbl (Sociedade de Formação Coletiva) é uma instituição que promove formação para quem procura emprego e formação contínua para trabalhadores no setor sociocultural de Bruxelas.

¹³⁰ . Leopoldo Palacios Morini (1876-1952), Doutor em Direito, acadêmico das Ciências Morais e Políticas, um dos propulsores das reformas educacionais e sociais planejadas durante o primeiro terço do século XX na Espanha. Publicou em 1908 em Valencia, a obra “Las Universidades Populares”.

França, Bélgica, Itália, Suíça e Alemanha, e relatou nesse livro um pouco das experiências de Universidade Popular que conheceu.

Segundo estudos de Palácios (2002), as Universidades Populares nascem na França, por conta de uma série de ações de forças e movimentos sociais específicos do início do século XX na Europa, como: sindicatos, cooperativas socialistas, partidos dos trabalhadores etc. A Universidade Popular de Bruxelas faz parte da linhagem dessas diversas experiências históricas, pois tem em comum a emancipação do mundo do trabalho através do compartilhamento de conhecimentos e do acesso a todos.



Foto 8: Universidade Popular de Bruxelas (2015)¹³¹

A UP de Bruxelas, por meio de sua associação fundadora, a Collectif Formation Société, faz parte desse esforço de criar um vínculo social entre os intelectuais e a população e se compromete com a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e emancipatória.

8- Universidade Popular de Lyon: Criada em 2005, conta com acadêmicos voluntários. Oferece cursos gratuitos, a partir de uma perspectiva de "conhecimento crítico" e debates na tradição Iluminista. Essa iniciativa de educação popular estimulou a criação de uma rede informal de universidades populares (em Caen, Arras etc.), em especial por meio da Internet, com um objetivo educacional e político.

Para os participantes da Universidade Popular, o conhecimento não é objeto reservado para uma casta pequena. É um prazer que pode ser compartilhado e transmitido. E todo mundo tem o direito de prová-lo como bem entender. (CORCUFF e DOCKÈS, 2019)

¹³¹. Imagem disponível em:

<https://www.facebook.com/UPBruxelles/photos/a.1583952285187240/1627269990855469/?type=3&theater>, acesso: 07/01/2020

Na prática, no entanto, acessar esse prazer costuma ser muito restrito. Dificilmente o conhecimento é transmitido, exceto em locais com acesso estritamente regulamentado e em um modo hierárquico. Nessas escolas e universidades, há uma luta para obter "diplomas", numa busca de segurança sem a qual se torna cada vez mais difícil escapar do desemprego e da exclusão.

De acordo com Corcuff e Dockès (2019), esses locais de educação sofrem os grilhões de sua função como pátios de triagem. Eles não são, nem podem ser, espaços abertos, onde todos poderiam vir livremente e se enriquecer. O próprio conhecimento que é transmitido lá, sofre com essa pressão e se enrola em especialidades cada vez mais especializadas.

São as ideias fundadoras da Universidade Popular de Lyon:

Nenhuma barreira, de idade ou de qualificações acadêmicas, será operada. Liberdade será total. E nenhum diploma será emitido. Quanto ao método de ensino, a Universidade Popular de Lyon estará na encruzilhada do rigor da Universidade clássica e da abertura de "cafés filosóficos". Da universidade clássica, a universidade popular mantém o rigor do conhecimento ensinado, bem como a necessidade de transmissão de conteúdo intelectual antes de qualquer debate. (CORCUFF E DOCKÈS, 2019, p.01)

A Universidade Popular de Lyon não abre mão do chamado rigor científico, mas trabalha com abertura democrática e dialética, que é típica nos “cafés filosóficos”. Tal atitude epistêmica garante a interatividade e a prática do diálogo crítico e plural na construção dos saberes.



Foto 9: Universidade Popular de Lyon (2018)¹³²

A Universidade Popular se organiza didático-pedagogicamente a partir de um ciclo de cursos, que permite a progressão pessoal. O curso é ministrado uma vez por semana ou a cada duas semanas, durante uma sessão de duas horas, por professores voluntários. A primeira hora é uma apresentação. A segunda hora é uma discussão, um debate, onde todos podem trazer

¹³² . Imagem disponível em: <http://blog.toutvabienlejournal.org/2018/04/16/universite-populaire-lyon-connaissance-accessible-a-tous/> acesso: 09/01/2020.

seus conhecimentos, suas convicções. Essa organização inicial pode, é claro, ser discutida e reformada mais tarde, de acordo com os desejos dos participantes.

9- Universidade Popular de Parma: Foi fundada há mais de cem anos em 1901 por personalidades da cultura eminentes, que acreditavam nos ideais de justiça e liberdade e na elevação das classes trabalhadoras e dos necessitados. Iniciou sua atividade em 1902 com vários cursos de especialização profissional, conferências etc., apoiada pela contribuição de órgãos públicos e várias instituições, como bancos, sindicatos, bem como personalidades importantes da política, cultura e escola.

Hoje, a Universidade Popular é uma associação cultural que oferece a seus membros um serviço de crescimento cultural, realizando cursos relacionados aos mais diversos temas, promovendo atividades de aprendizagem ao longo da vida de adultos, por meio de cursos de ensino teórico e prático de natureza formativa e atualizada. A Universidade Popular faz uso da contribuição de professores especializados e colaboradores voluntários que se prestam para atender às necessidades de jovens e idosos que desejam enriquecer seus conhecimentos e refinar suas experiências no campo da cultura e da arte.

10- Universidade Popular de Caen: É uma universidade livre, criada em outubro de 2002 por Michel Onfray¹³³, no noroeste da cidade francesa de Caen. A universidade se baseia no princípio de isenção de taxas. O acesso à Universidade Popular não exige qualquer qualificação acadêmica, e é aberta a todos. Não tem nenhum exame e nem conferência de diplomas. A instituição está comprometida em fornecer o conhecimento de alto nível para as massas, em oposição à abordagem vulgarizante de conceitos filosóficos através de leitura fácil de livros como filosofia de bem-estar.

A Universidade Popular é uma ideia coletiva, não pessoal. Essa instituição tem uma aproximação muito grande com a Universidade Popular de Lyon, pois segue alguns dos seus princípios de acesso e de como conceber construção dos saberes. Gratuidade é o princípio básico, nenhuma idade, qualificação ou nível exigido.

11- Universidad de La Tierra: A Unitierra, nasceu em 2001, no contexto de reações radicais contra a escolaridade observadas em muitas comunidades indígenas. O termo “Universidade” é para reivindicar de volta a antiga tradição das primeiras universidades: a de aprender junto com os amigos ao redor de uma mesa pelo único prazer de aprender e pela paixão que o estudo inspira.

¹³³ . Michel Onfray, nascido em 1959. Doutor em filosofia. Vinte anos ensinando em uma escola tecnológica de Caen, renunciou à Educação Nacional em 2002. Filósofo, autor de mais de cinquenta livros traduzidos em mais de vinte e cinco países.

Gustavo Esteva (2004)¹³⁴ explica porque chamar esse espaço revolucionário de conhecimento e troca de saberes populares, de “Universidade”:

Nós chamamos isso de uma universidade para rir do sistema oficial. Estamos jogando com seus símbolos. Após um ou dois anos de aprendizagem, uma vez que seus pares pensam que têm competência suficiente em uma área específica, que damos ao “estudante” um diploma universitário. Estamos, portanto, oferecendo-lhes um “reconhecimento social” que lhes foi negado pelo sistema educacional. Em vez de certificar o número de as-hours (horas-classe-grifo meu), como diplomas convencionais fazem, nos certificamos uma competência específica, imediatamente apreciada pelas comunidades e que protege nossos “estudantes” contra a discriminação usual (ESTEVA, 2004, p.12)

A Universidad de la Tierra é a universidade da vida, dos povos indígenas, da luta por respeito à terra e aos saberes das comunidades. Os diplomas oferecidos pela Unitierra são certificados por seus pares e pela comunidade. Para Esteva (2004), os diplomas da Unitierra não são rituais, como são os do sistema educacional oficial, e essa universidade é uma das muitas experiências de educação que vai além do modelo de escola formal.

Na Unitierra, não estamos produzindo profissionais. Criamos um local de convívio, onde todos nos divertimos enquanto aprendemos juntos. Ao mesmo tempo, os “estudantes” e suas comunidades logo descobrem que uma estadia na Unitierra não é férias. É verdade que os alunos não têm aulas ou projetos. De fato, eles não têm nenhum tipo de obrigação formal. Não há atividades obrigatórias. Mas eles têm disciplina, rigor e comprometimento - primeiro com o grupo (outros “alunos”), conosco (participando de todos os tipos de atividades da Unitierra) e com as comunidades. E eles têm esperança. (Ibidem, p.25)

A Unitierra produz conhecimento, porque produz esperança, tem rigor e disciplina, mas, também, tem alegria e todos aprendem juntos. É um projeto que se compromete com a realidade local, pois o estado de Oaxaca, no México, tem uma população indígena que vive em pequenos povoados ou bairros populares, e a Unitierra oferece possibilidades de aprendizado para a comunidade local. Temos, então, uma comunidade de aprendizado, estudo, reflexão e ação.

Benzaquen (2011) afirma, em tese de doutorado sobre a universidade dos movimentos sociais, que, na Unitierra, se desenvolveu uma concepção de que todos teorizam e têm que se desconstruir e se reconstruir o tempo todo. É preciso buscar transcender a dicotomia entre a academia e o ativismo e dessa forma, reencontrar prazer para a investigação e a crítica.

¹³⁴ . Gustavo Esteva (1936), fundador da Universidad de la Tierra na cidade mexicana de Oaxaca. Conselheiro do Ejército Zapatista de Libertación Nacional em Chiapas, nas negociações com o governo.



Foto 10: Universidad de la Tierra, oficina Unitierra (2015)¹³⁵

Outra consideração importante de Benzaquen (2011) é que as narrativas precisam ser disputadas, pois a história oficial foi imposta por conta da força de visão de mundo do colonizador. Nesse sentido:

Nas narrativas zapatistas, nas histórias contadas pelo Subcomandante Marcos, a sabedoria indígena aparece encarnada na figura do Velho Antonio. Em uma das histórias que ouvi em Chiapas, o Velho Antônio deseja enfatizar que ambas as histórias (ou seja, a ocidental e a indígena) têm razão. No entanto, uma estrutura não consciente de poder decide qual delas é história e qual é mito. Assim, que no Movimento Zapatista - e consequentemente na Unitierra - formas de conhecimento desacreditadas desde o início da modernidade-colonialidade se entrelaçam em um movimento que se retroalimenta, possibilitando o contrário da colonialidade do saber. (BENZAQUEN, 2011, p.220)

A Unitierra não desconsidera o conhecimento historicamente produzido na Europa, que resultou na colonização da América, mas afirma que os saberes locais e populares são creditáveis, válidos, históricos e têm razão de ser, são saberes historicamente produzidos entre os povos indígenas e carregados de cultura. Não se pode abrir mão dessa forma de pensar e agir no mundo. O conhecimento dos povos originários é a ciência da terra, a sabedoria que valoriza o ser humano na sua dimensão ambiental, espiritual e emocional. Essa universidade popular dos povos da terra é uma experiência de educação essencial para a contemporaneidade.

12-Universidade Popular Africana na Suíça (UPAF.ch): Nasce em 2008 a Universidade do Povo Africano na Suíça (UPAF.ch), a primeira do gênero na Suíça e na Europa. O primeiro centro educacional na Europa voltado para a cultura e história africana

¹³⁵. Imagem disponível em: <http://www.integrities.org/universidad-de-la-tierra-en-oaxaca.html>, acesso: 09/01/2020.

que, ao mesmo tempo, também oferece aconselhamento jurídico e ajuda a novos imigrantes em sua integração na Suíça.

O centro de estudos, financiado pelo Estado (Cantão), prefeituras e autoridades federais, abriu suas portas em 20 de fevereiro de 2009. Ele teve origem na associação genebrina "Regards Africains". O projeto foi parcialmente inspirado na Universidade Popular Albanesa de Genebra. A missão da universidade é servir como ponto de encontro para as comunidades africanas e outras, incluindo também o próprio povo helvético, pertencente à Helvécia, antiga região da Europa, habitada pelos helvécios, povo gaulês que ocupa atualmente, a Suíça.

13- O Instituto Universidade Popular – UNIPOP: fundada oficialmente em Belém do Pará (27/10/87), é uma entidade civil, sem fins lucrativos, de Utilidade Pública Estadual (Lei 5.797, de 17/10/94) e Utilidade Pública Municipal (Lei 8.275, de 14/10/2003). Nasceu da mobilização de um conjunto de entidades, movimentos sociais e igrejas comprometidas com a teologia da libertação, para ser um espaço plural de formação de lideranças populares, agentes pastorais e fortalecimento da democracia.

Ao longo de seus 25 anos de existência, tem se legitimado como uma entidade de formação para a cidadania ativa, ecumênica, de educação popular, cujo princípio metodológico básico está no pluralismo político, de gênero, cultural e religioso. Para isso, trabalha para formar lideranças democráticas dos e para os movimentos sociais, populares, bem como agentes pastorais e de grupos de jovens. Nos últimos dez anos, tem desenvolvido ações com o segmento juvenil, envolvendo grupos de jovens em 08 bairros da periferia da Região Metropolitana de Belém e na ilha de Cotijuba, com os jovens ribeirinhos e em 44 escolas de 22 municípios do Estado, com ações do Com-Vidas contribuindo para a formação da Rede Juventude e Meio Ambiente – REJUMA - com formação de CJs – Coletivos Jovens - pelo Meio Ambiente, a partir da 1ª Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, em 2003.

O objetivo da UNIPOP é desenvolver em cada jovem, habilidades de criar ideias e colocá-las em prática, descobrir seus potenciais, desenvolver sua autoestima e atitudes mais propositivas, reforçando sua capacidade empreendedora.

14- A Universidade Nômade: É uma rede transnacional, que se compõe de militantes, intelectuais, artistas, grupos de pesquisa, coletivos, ativistas de cursinhos pré-vestibulares populares, blogues, e pontos em geral dispersos em redes sociais, produtivas e colaborativas.

Com o termo de Universidade, pretendemos afirmar que a mudança passa pela abertura de uma nova era de universalização dos direitos. Com o termo

de Nômade, entendemos essa universalização como sendo interna a um processo de produção dos direitos. Processo este que é necessariamente nômade, isto é, transversal com relação à atual hierarquia e à divisão social do poder e do saber. (NASCIMENTO *et al*, 2003, p.08)

A Universidade Nômade se estrutura através de redes que produz conhecimento transversalizado e sobretudo rompendo as cercas que separam o trabalho intelectual (acadêmico) do trabalho em geral (manual). A universidade, também, se organiza de um modo autônomo, independentemente de um centro orgânico, uma “sede” ou qualquer tipo de organização rígida de princípios, membros ou diretivas. A Universidade Nômade propõe um outro espaço de saber, sem cercas nem propriedade. Esse outro tipo de conhecimento tem o desafio de não reproduzir o viés autoritário e burocrático das organizações partidárias e do aparelho estatal. Temos uma proposta de universidade popular com uma perspectiva libertária/anarquista.

15- Universidade Internacional de Periferias - UNIperiferias (IMJA): Em março de 2017, a Rede Internacional das Periferias (Instituto Maria João) realizou seu primeiro Seminário Internacional, na Maré, Rio de Janeiro. A rede Internacional das Periferias é uma utopia em construção, a articulação de diversas organizações periféricas de todo o mundo, unidas em um movimento de produção de conceitos, metodologias, conteúdos e propostas de políticas públicas. Seu principal objetivo é criar uma rede de colaboração generosa entre seus membros, com compartilhamento de práticas, tecnologias sociais e organizacionais, além de projetos conjuntos de pesquisa, publicações e ações de formação. A intenção é ter, nas maiores cidades do mundo, pelo menos uma organização de pesquisa e um grupo de intervenção na vida urbana, que trabalhem na perspectiva do Paradigma da Potência¹³⁶ ou queiram avançar nessa direção.

O Instituto Maria e João Aleixo (IMJA): é um novo tipo de instituição que supera as formas tradicionais como se estrutura o conhecimento. As instituições tradicionais de produção do conhecimento, notadamente as universidades, se encontram dominadas pelo formalismo burocrático e administrativo; pela hierarquização do saber; pela busca obsessiva de titulações e da conquista de posições distintivas entre os próprios pares; e pela raridade de estudos e intervenções que tratem de questões que afetam o cotidiano, em particular o dos grupos sociais periféricos.

¹³⁶ . “O Paradigma da Potência ilustra o poder inventivo das Periferias: manifesta-se em estratégias inovadoras de existência e soluções criativas na resolução de conflitos, assim como na produção cultural, no acúmulo de repertórios estéticos e em modos de trabalho centrados em convivências plurais. ” (BARBOSA, SILVA e FERNANDES, 2019, p.11)

Todas essas experiências de Universidades Populares são importantes e essenciais para pensar a consolidação de espaços de saberes outros, para reconhecer a necessidade de valorização de conhecimentos que nascem nas comunidades, nas periferias e são tão imprescindíveis quanto a ciência produzida numa universidade formal. O bom é quando essas formas de saber se relacionam e produzem juntas uma experiência inédita de diálogo e encontro entre a universidade científica/erudita/institucional/tradicional e a universidade científica/popular/não convencional/aberta.

Abrimos essa possibilidade com o surgimento das propostas de universidades populares criadas em boa parte do mundo, sobretudo a partir dos esforços realizados no Terceiro Fórum Social Mundial¹³⁷ em Porto Alegre/Brasil, em 2003, com a proposta da Universidade Popular dos Movimentos Sociais, que pretendia reunir uma série de movimentos, organizações e militantes que partilhavam a ideia de fundar essas instituições em várias partes do mundo.

No Fórum Social Mundial de 2003, Boaventura de Sousa Santos propôs a criação de uma “Universidade Popular dos Movimentos Sociais”, como uma instituição onde os saberes contra-hegemônicos dos movimentos sociais a nível global, seriam trocados e produzidos. A discussão sobre a ideia de criar essa universidade tinha como finalidade recuperar e sistematizar os conhecimentos acumulados pelos movimentos sociais no FSM. (BENZAQUEN, 2011, p.236)

O sonho se mantém de pé e diversas escolas, comunidades, grupos e institutos foram e são construídos, mantendo a ideia de que é preciso e necessário criar universidade de saberes e experiências populares. Vamos conhecer com mais profundidade, no tópico abaixo, a Universidade Popular das Madres de la Plaza de Mayo, que é uma das grandes iniciativas desse gênero nos últimos vinte anos. A Universidade das Madres é uma referência quando pensamos em ações de insurgência popular, de luta por uma outra ideia de produção de saberes e fazeres.

¹³⁷ . O Fórum Social Mundial (FSM), realizado em 2001 na cidade de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, é um evento organizado por movimentos sociais de muitos continentes, com objetivo de elaborar alternativas para uma transformação social global.

4.3. A Universidade Popular das Madres: Surge o Saber da Luta

A ideia de fundar uma universidade popular como espaço outro de produção de conhecimento e práticas pedagógicas emancipadoras, surge em 1999, quando a Associação de Madres de Plaza de Mayo inicia uma série de atividades como "espaço de resistência" cultural. Os primeiros passos para a universidade popular começam a ser definidos. Apenas em 2000, a Associação das Madres de Plaza de Mayo funda a sua Universidade Popular, que será voltada à formação de um pensamento crítico e uma práxis transformadora com capacidade para confrontar ideias hegemônicas, com a participação de setores populares, movimentos sociais.

A Universidad Popular Madres de Plaza de Mayo (UPMPM) foi fundada em 6 de abril de 2000 em Buenos Aires, na própria sede das Madres, no centro da cidade. A ideia ganhou concretude no ano anterior, em setembro, quando da realização do Seminário de Análises Crítica de la Realidad Argentina (1983-1999), realizado na Livraria e no Café Literário da sede do Movimento, de onde participaram intelectuais como Osvaldo Bayer e Vicente Zito Lema. Na inauguração da UPMPM estiveram presentes representantes da Universidade de Salamanca (Espanha), do Instituto Martin Luther King (Cuba), bem como intelectuais e militantes argentinos e de distintos países. (REBUÁ, 2015, p.261)

O surgimento dessa iniciativa revolucionária na transição do século XX para o XXI, aponta para a ampliação da capacidade de luta das Madres de Plaza de Mayo, que entendem o trabalho de educação popular como uma ferramenta importante para a luta por uma sociedade mais justa e menos desigual. Essa luta passa fundamentalmente pela educação de qualidade, que proporciona um salto da Pedagogia do Oprimido (2015) para a Pedagogia da Autonomia (1996) e, também, da Esperança (1992) nos moldes freireanos.



FOTO 11: I Congresso de Comunicação, organizado pela Associação e a Universidade Popular¹³⁸

¹³⁸. Disponível em:

http://www.madres.org/navegar/nav.php?id sitio=2&idcat=636&pagina=3&idindex=32&b_frase=, acesso: 25/01/2020.

A Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo inventava um novo contemporâneo. Ao apostar na construção de uma instituição de ensino superior, elevava as exigências dos movimentos sociais na América Latina, como a Universidad de la Tierra (México) e a Escola Florestan Fernandes (Brasil), que também criariam universidades populares na primeira década do século XXI.

No final da década de 1980, no Brasil, a tendência dos movimentos sociais era construir cursos pré-vestibulares comunitários, com o desafio de inserir os estudantes das periferias nas universidades públicas e privadas.

Nesse processo histórico de construção, ainda inconclusa, a luta para que as classes populares e os grupos sociais marginalizados tenham de fato o direito à educação formal não é uma novidade no Brasil. Ao longo da nossa história, sobretudo a partir do século XX, vários movimentos sociais se organizaram para lutar pelo direito à escolarização. Esse é o caso dos cursos pré-vestibulares organizados para preparar estudantes oriundos de classes populares e grupos sociais marginalizados para os vestibulares. (NASCIMENTO, 2002, p.01)

Os cursos pré-vestibulares comunitários, além de preparar para os vestibulares, também acabavam sendo um espaço de produção e formação política de um público oriundo das periferias, que começa a adentrar as universidades públicas, tendo um grande apoio para sua inserção nas políticas afirmativas que se desenvolvem com certa amplitude no primeiro governo Lula (2003-2007).

Segundo Piovesan (2008), em 2002, no final do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), no âmbito da Administração Pública Federal, foi criado o Programa Nacional de Ações Afirmativas, que contemplava medidas de incentivo para empresas que desenvolvessem políticas para inclusão de mulheres, afrodescendentes e pessoas com deficiência. No mesmo ano, foi lançado o Programa Diversidade na Universidade e, nesse contexto, foram adotados programas de cotas para afrodescendentes em universidades – como é o caso da UERJ, UNEB, UnB, UFPR, entre outras.

Mas, de acordo com Moura (2019), foi nos governos Lula e Dilma Rousseff (PT) que essas políticas se efetivam na prática com:

A criação da Lei nº 10.639/2003, que estabelece o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana em todas as instituições de ensino; a instalação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), em 2003; a criação do Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº12.288/2010) e da Lei de Cotas. Implementada em 2012, a Lei nº 12.711, regulamentada pelo Decreto nº7.824/2012, estabelece que 50% das vagas de

universidades e institutos federais de ensino sejam reservadas a estudantes pretos, pardos e indígenas, bem como aos oriundos de escolas públicas, com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e meio. (MOURA, 2019, p.9)

Posteriormente, em 2003, foi instituída a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR), que reforça a eficácia das ações afirmativas e determina a criação de diversos mecanismos de incentivo e pesquisas para melhor mapear a população afrodescendente, otimizando assim os projetos direcionados. Ainda naquele ano, foi criada a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, que auxilia o desenvolvimento de programas, convênios, políticas e pesquisas de interesse para a integração racial.

Os cursos pré-vestibulares comunitários e as políticas afirmativas foram e ainda são importantes ações para inserção de pessoas das periferias nas universidades públicas. As instituições de ensino superior privadas, também foram contempladas com políticas de inserção de pessoas das comunidades, através do PROUNI (Programa Universidade Para Todos), criado em 2004 no governo Lula, que garante acesso às universidades particulares para estudantes que tenham estudado o ensino médio exclusivamente em escola pública, ou como bolsista integral em escola particular.

Diante desse cenário, diversas iniciativas de cursos pré-vestibulares comunitários surgiram no país e proporcionaram a entrada de muitos estudantes da classe trabalhadora nas universidades, centros universitários e faculdades. Os movimentos sociais ligados à educação estavam se articulando em torno dessa pauta, mas as Madres de Plaza de Mayo, em 2001, darão um passo que provoca a reflexão necessária sobre a criação de universidades populares e sua relevância político-pedagógica para a luta por outra humanidade possível.

Rebuá (2015) apresenta informações precisas sobre como essa universidade se estruturou e organizou sua ação e articulação com diversos outros movimentos na Argentina, no continente latino-americano e no mundo.

Cursos, seminários, congressos e eventos realizados na Universidade das Madres de Plaza de Mayo.	A UPMPM é uma universidade popular que possui cursos de graduação “formais” (todos presenciais e com apresentação de monografias ou tesinas ao final), implementados a partir de 2006: desde a fundação, a universidade foi ampliando sua oferta de seminários, oficinas (como por exemplo, o Congreso Internacional de Salud Mental y Derechos Humanos, realizado pela primeira vez em 2002 e que ocorre anualmente), até chegar aos cursos chamados “carreras de grado”. Outros eventos que fazem parte da agenda anual da UPMPM, são: Semana Cortázar, Semana de Mayo, Encuentro Internacional de Economía Política y Social y Derechos Humanos,
--	---

	Congreso de Pensamiento Político Latinoamericano (este mais recente). (p.261)		
Cursos de formação ou carreiras	Na UPMPM também são oferecidos Cursos de Formação (ou Carreiras de Formação), onde se destacam: Capitalismo e Direitos Humanos; Cinema Documental; Educação Popular; Economia Política e Social; Cooperativismo; Jornalismo de Investigação; Psicodrama, sendo estes quatro últimos ainda oferecidos, conforme informação da página eletrônica da universidade, em fevereiro de 2015. Os cursos – que não outorgam títulos oficiais - têm duração variada, podendo durar de um a três anos, com encontros semanais uma vez ou mais. A UPMPM começou com estes cursos e depois passou a ter as graduações “formais”, sem abortar a opção de oferecer Carreiras de Formação. (p.262)		
Integração com centros de investigação e criação de seminários de especialização	Diversos Centros de Investigación se integram na universidade das Madres, como por exemplo o CIPPLA (Centro de Investigación en Pensamiento Político Latinoamericano); o CIM (Centro de Investigación sobre Madres de Plaza de Mayo); CIG (Centro de Investigación sobre Genocídio y Fuerzas Sociales); o CEMOP (Centro de Estudios Económicos y Monitoreo de Políticas Públicas); o CICC (Centro de Investigación en Comunicación Comunitaria) e o CITS (Centro de Investigación en Trabajo Social). A universidade ainda oferece os chamados Seminários de Especialização, que em 2014 eram: Educação Popular; Formação Política; História das Madres de Plaza de Mayo; Cátedras Bolivarianas (inauguradas em 2003 com a presença do presidente venezuelano Hugo Chávez); Iniciação Informática; Modernidade e Genocídio. (p.262)		
Convênios e criação de licenciaturas e ampliação da Universidade Popular	Em 2006, a partir de um convênio com a Universidade de San Martín (Argentina), é criada a licenciatura em Trabajo Social (Serviço Social), primeira graduação (carrera de grado) da instituição. Em 2007, têm início graduações com regime de outorga de título similar: Abogacía (Direito), Profesorado en Historia (que no Brasil é a licenciatura) e Licenciatura en Historia (que no Brasil é o bacharelado). Todas as graduações são organizadas em quadrimestres de 16 semanas (logo, três períodos por ano), variando o tempo de conclusão de cada curso. Língua portuguesa obrigatória está presente em todos os currículos. Em 2014 são criadas duas novas graduações – Tecnicatura en Periodismo (Técnico de Jornalismo) e Licenciatura en Comunicación (Bacharelado em Comunicação), com início em 2015, já sob a estrutura do Instituto Nacional de Derechos Humanos Madres de Plaza de Mayo (IUNMa), ampliação da UPMPM, sobre o qual falaremos mais à frente. Ainda em 2006 é inaugurada a Cátedra de Historia Juana Azurduy: Historia de las mujeres – Mujeres en la Historia, vinculada à presidência da nação. (p.263)		
Autorização	Provisória	de	Em 2007, a universidade apresentou ao Ministério da Educação seu Projeto Pedagógico

Funcionamento	Institucional almejando o reconhecimento oficial, vindo a obter sua Autorização Provisória de Funcionamento através do Decreto Presidencial Nº 751/2010230 (assinado por Cristina Kirchner em 6 de junho daquele ano), com validade de seis anos, de acordo com a Lei de Educação Superior argentina (Lei 24.521231). (p.263)
Missão e Visão da UPMPM	Tanto a Visão (Artigo 7) quanto a Missão (Artigo 8) da UPMPM estão norteadas pela criação e desenvolvimento de um coletivo solidário, ético, criativo, capaz de criar concretamente ações transformadoras das realidades sociais, contribuindo para a elaboração de uma cosmovisão humanista, aberta ao desenvolvimento integral das pessoas em comunidade, em harmonia com a natureza, com os outros e consigo mesmas. A universidade das Madres se projeta como um ponto de referência nacional e internacional na produção de conhecimentos e práticas, mediante: (i) formação de profissionais; (ii) capacitação e aperfeiçoamento de graduados (as) da UPMPM e de outros centros universitários; (iii) produção de conhecimento através da pesquisa; (iv) intercâmbio de teorias e práticas por meio da extensão universitária e da articulação sociocomunitária. (p.265)

Tabela 2. Estrutura e organização da Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo.
(Pesquisa bibliográfica- Dados Rebuá, 2015, pags 261, 262, 263, 265)¹³⁹

A partir dessa caracterização, podemos perceber como a Universidade das Madres de Plaza de Mayo foi se consolidando e atualizando suas ideais e práticas. Do seu nascimento em 2000, até a sua transformação em Instituto Nacional de Direitos Humanos em 2015, a Universidade das Madres nos mostra que é possível criar espaços de educação popular de nível superior ou universitário, com uma proposta político-pedagógica que valoriza o conhecimento que se desenvolve no meio do povo, e povo como *potentia, como* poder político em si na comunidade. (DUSSEL,2007).

A atuação dos professores, ainda no formato de Universidade Popular se dava da seguinte forma: a) Ordinários ou Extraordinários, b) Auxiliares (Regulares), Os Professores Ordinários (Regulares ou Convidados) e, os Professores Extraordinários (Honorários), têm seus méritos acadêmicos ou científicos reconhecidos pelo Conselho Superior. Professores Titulares, Associados e Adjuntos são contratados por um período de 5 anos, renováveis por igual período. Os professores Auxiliares são colaboradores dos professores Ordinários e /ou

¹³⁹ . RÉBUA, Carlos Eduardo. DA PRAÇA AO SOLO: UM NOVO CHÃO PARA A UNIVERSIDADE. As experiências das universidades populares de Madres de Plaza de Mayo [UPMPM] e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra [ENFF] em tempos de crise neoliberal na América Latina [2000-2010]. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal Fluminense [UFF], Rio de Janeiro, R.J, 2015.

Extraordinários em diversas atividades de docência e pesquisa, e estão categorizados como Chefe de Trabalhos Práticos, Ajudante, Ajudante-Aluno com contratos de 3 anos, com possível renovação. (REBUÁ, 2015).

Outra questão importante para o processo de ensino, pesquisa e extensão universitária é que todos os envolvidos nesse processo (Professores e Auxiliares) – são avaliados anualmente pelo seu desempenho nas atividades desenvolvidas pela universidade popular. Não se sabe se, no formato de Instituto Nacional de Direitos Humanos, essa avaliação continue sendo dessa maneira

Em entrevista para a pesquisa, Hebe de Bonafini nos conta como surge a Universidade Popular e como essa ideia foi se consolidando, até ser autorizada provisoriamente pelo governo Kirchner, através do Decreto Presidencial nº 751/2010, por um período de seis anos, de acordo com a atual Lei do Ensino Superior.

Siempre pensamos en una universidad, una universidad popular que nos pondrá en otros círculos para enseñar, educar y formar, pero una universidad que es diferente de otras que tiene mucho trabajo con el territorio, que los niños que viven en la pobreza y pueden ser iguales a los demás y otros, para que podamos reconocerlos, que todos puedan estudiar. (BONAFINI, 2019)¹⁴⁰

A Universidade Popular se torna concreta e novos desafios se apresentavam para as Madres, como o de deixar de ser uma universidade “clandestina”, para ser autorizada por um governo¹⁴¹ que estava muito próximo politicamente da Associação das Madres.

Por lo tanto, no es posible crear una universidad clandestina porque ya estábamos organizados y porque juntos teníamos mucho coraje. En la inauguración de la Universidad Popular tuvimos la presencia del Rector de la Universidad de Salamanca, su esposa y el Vicerrector y los demás y esto garantizó la legalidad de la universidad. (Ibidem)¹⁴²

¹⁴⁰ . Sempre pensamos numa universidade, uma universidade popular que vai nos colocar em outros círculos para ensinar, educar e formar, porém uma universidade que seja diferente das demais que tenha muito trabalho com o território, que os meninos que vivem na pobreza e possam ser iguais aos demais e outros, que possamos reconhecê-los, que todos possam estudar. (BONAFINI, 2019)

¹⁴¹ . Para Rebuá (2015), essa aproximação política das Madres de Plaza de Mayo com os governos Kirchners (Cristina e Néstor), ao mesmo tempo que possibilita benefícios para as Madres, com a autorização de funcionamento da universidade popular, arrefece as críticas a esses governos e essa postura política, também, acontece no Brasil com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e o apoio do governo Lula para a Escola Florestan Fernandes.

¹⁴² . Assim, também não é possível fazer uma universidade clandestina porque já estávamos organizados e porque juntos, tínhamos muita coragem. Tivemos na inauguração da Universidade Popular, a presença do Reitor da Universidade de Salamanca, da sua esposa e do vice-reitor e os demais, e isso garantia a legalidade da universidade. (Ibidem, 2019)

A presença de universidades internacionais, intelectuais e diversos movimentos sociais, garante um certo respaldo para o início dos trabalhos da Universidade das Madres, que buscava a legalização da sua instituição, como argumenta Bonafini (2019)¹⁴³

Los diplomas, hicimos las Madres y no tenía valor, el valor es lo que se enseñó con los profesores de la universidad de las Madres, fue cuando Néstor y Cristina nos dieron la legalización de la universidad, dijimos que sí, nos alegramos por eso y bueno sí legalizado.

Os diplomas, nos primeiros anos da Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo têm o valor das experiências de vida e educativas dos professores que vão se dispor, mesmo ensinando em outras universidades, sobretudo públicas, a construir uma outra possibilidade de espaço de saber para o ensino superior, com o peso da luta histórica das Madres. Mas, segundo Gáston Catropi, nosso entrevistado e Presidente do Centro de Estudantes do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo (CEIUNMa), “ La Universidad Popular tuviera un acuerdo con la Universidad de San Martín que validara los diplomas del curso de Trabajo Social y muchos están trabajando”. (CATROPPI, entrevista gravada, 2019).¹⁴⁴ Essa informação, também é apresentada por Rebuá (2015), na tabela acima.

A autorização para funcionamento vem em 2010, e esse processo contribui para um novo momento da Universidade, que terá a permissão governamental para ingressar no sistema universitário argentino com uma proposta educacional popular, emancipatória e inclusiva, e uma visão política latino-americanista e transformadora das relações sociais de exploração e opressão.

Como quien engendra un hijo, así nació la Universidad Popular Madres de Plaza de Mayo. Los amigos nos preguntaban a las Madres "¿y ahora qué?", de la misma manera que se le pregunta a una pareja cuándo vendrá el bebé. Y así, un día, nos juntamos Osvaldo Bayer, Sergio Schoklender y yo junto a algunos profesores y empezamos a pensar la Universidad. Claro, con todos los miedos de madres primerizas. ¿Nacerá sanita?, nos preguntábamos, ¿sabremos criarla, tendremos suficiente alimento para ella? Durante más de seis meses trabajamos incansablemente, sobre todo Sergio. Su cuerpo crecía y el 6 de abril de 2000, finalmente, nació esta niña llamada Universidad. Nació sana, fuerte, con cinco carreras y más de cien profesores, que amaron a esta niña con todo su corazón, con más de 200 estudiantes llenos de esperanza. Hoy la Universidad cumple cinco años. Como todo niño que crece rápido, Universidad tuvo sus caprichos. Se peleó con algunos de sus

¹⁴³ . Os diplomas, fazíamos as Madres e não tinha nenhum valor, o valor é o que era ensinado com os professores da universidade das Madres, foi quando Néstor e Cristina nos proporcionou a legalização da universidade, dissemos que sim , ficamos felizes por isso e bom se legalizou. (BONAFINI, 2019)

¹⁴⁴ . A Universidade Popular tinha um convênio com a Universidade de San Martin, que validava os diplomas do curso de Trabalho Social, e muitos estão trabalhando. (CATROPPI, entrevista gravada, 2019).

amiguitos que querían quitarle los juguetitos, los libros, pero esta niña supo defenderse, porque aprendió que debía compartir lo suyo pero impedir que se lo quiten. Los profesores amaron a esta niña y con gran respeto la ayudaron y la ayudan a crecer; otros amigos la mantienen limpia y ordenada. Tuvo otros hermanos, la Biblioteca, la Videoteca y hasta una primita, que es la Imprenta de las Madres. Sus hermanos mayores son el Café literario Osvaldo Bayer y la Librería, que la rodean y la acompañan. Y así, nosotras, sus madres, como toda madre, la protegemos, la abrazamos y la ayudamos a crecer libre y fuerte. Nuestros hijos, los desaparecidos, los que nacieron cuando nosotras éramos jóvenes, amaban el saber, nos enseñaron a amar la vida a través de la educación, a través de la solidaridad que no es otra cosa que la entrega de la vida a una causa, la causa de la revolución, la causa del socialismo. En este cumpleaños ya soñamos con tener otra niña, la escuela primaria, y también un hermanito llamado Jardín. Somos una gran familia creciendo juntos. (BONAFINI, 2005,p.01)¹⁴⁵

Essa fala de Bonafini sobre a fundação da universidade popular e a comemoração dos seus cinco anos, nos mostra a forma materna e carinhosa como as Madres pensavam a universidade, e reforça o que foi lido sobre a importância desse espaço para a educação popular. As Madres parem a sua filha caçula, a sua filha ligada às questões do saber, do conhecimento teórico, mas sobretudo prático, empiricamente enraizado em solo popular, em matrizes de resistência à ditadura que deixou um rastro de violência enorme na sociedade Argentina.

Bonafini (2019), também fala sobre a importância da pedagogia freireana para a Universidade Popular de Plaza de Mayo:

Lo importante es que la pedagogía de Paulo Freire es diferente de las pedagogías autorizadas por el gobierno, ya que las literaturas son muy arcaicas y parecen enseñar siempre las mismas cosas y se pierde mucho tiempo con cosas que no son necesarias y otras necesitan ser incorporadas.

¹⁴⁵ . Como quem gera um filho, nasceu a Universidade das Mães Populares da Plaza de Mayo. Os amigos perguntaram às mães "e agora?", Da mesma forma que um casal é perguntado quando o bebê virá. Então, um dia, nos juntamos a Osvaldo Bayer, Sergio Schoklender e eu, juntamente com alguns professores, e começamos a pensar a Universidade. Claro, com todos os medos de novas mães. Nascerá sã? nos perguntamos, saberemos como criá-la, teremos comida suficiente para ela? Por mais de seis meses, trabalhamos incansavelmente, principalmente Sergio. Seu corpo estava crescendo e, em 6 de abril de 2000, essa garota chamada Universidad finalmente nasceu. Ela nasceu saudável, forte, com cinco carreiras e mais de cem professores, que amavam essa garota de todo o coração, com mais de 200 estudantes esperançosos. Hoje a Universidade faz cinco anos. Como toda criança que cresce rapidamente, a Universidade tem seus caprichos. Ela lutou com alguns de seus amiguinhos que queriam tirar seus brinquedos, livros, mas essa garota sabia como se defender, porque ela aprendeu que deveria compartilhar que é, mas impedir que eles o tirassem.

Os professores amaram essa garota e com grande respeito a ajudaram, e a ajudaram a crescer; Outros amigos a mantêm limpa e arrumada. Ela tinha outros irmãos, a Biblioteca, a Videoteca e até um priminho, que é a Imprensa das Madres. Seus irmãos mais velhos são o Café Literário Osvaldo Bayer e a Livraria, que a rodeiam e a acompanham. E assim, nós, suas mães, como todas as mães, a protegemos, a abraçamos e a ajudamos a crescer livre e forte. Nossos filhos, os desaparecidos, aqueles que nasceram quando éramos jovens, amavam conhecer, nos ensinaram a amar a vida através da educação, através da solidariedade, que nada mais é do que entregar a vida a uma causa, a causa da revolução, a causa do socialismo. Neste aniversário, já sonhamos em ter outra menina, a escola primária, e também um irmãozinho chamado Jardim. Somos uma grande família crescendo juntos. (BONAFINI, 2005, p. 01)

Hay una falta de humanidad en las carreras, tanto en medicina, en trabajo social y en maestros. Falta mucha humanidad y además no se sienten trabajadores, sienten que son una élite y no es así. Todo eso tenemos que romper para que haya un enfoque, si no es muy difícil, porque los estudiantes se sienten como esos maestros más altos, es muy triste. La pedagogía de Paulo Freire sirve para cambiar estas cosas. (BONAFINI, entrevista filmada, 2019)¹⁴⁶

A Universidade Popular deu-lhes novos filhos e filhas, ou netos e netas. Essa etapa da luta possibilita uma renovação dos horizontes das Madres, esse passo histórico será fundamental para construir ou recuperar valores atacados e silenciados pela ditadura.

Outro discurso importante foi proferido pela Reitora em exercício na época, a professora Inés Vázquez, que, durante as comemorações pelos dez anos da Universidade Popular, tece as seguintes considerações:

Estos diez años de Universidad Popular han sido todos de crecimiento, apertura, encuentro con más y más hermanos y hermanas en el sueño del socialismo y la liberación. Hemos atravesado conflictos y seguramente por eso, crecimos y profundizamos nuestro ser. Nos saquearon y seguimos, nos amenazaron y ni una sola clase se levantó, intentaron aislarnos por nuestras opiniones antiimperialistas y nos dimos al encuentro con lo mejor de las fuerzas insurgentes de Nuestra América, y recibimos a Chávez, a Correa, a Lugo, a Evo y a los cubanos y cubanas que debaten y construyen su revolución día a día. (VÁZQUEZ, 2010, p.01)¹⁴⁷

Os dez anos foram de muita luta e resistência, mudanças históricas, divergências com pessoas queridas, companheiros e companheiras de outras lutas que deixaram o projeto da universidade, enquanto novos apoiadores surgiram. A universidade teve presenças de personalidades políticas históricas da América Latina, e esse espaço foi se consolidando como um centro aglutinador de debates, reflexões e ações sobre os rumos dos movimentos sociais, dos governos progressistas e da educação popular no território latinoamericano. A Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo é uma Casa de Estudos, uma fraternidade combativa. (VÁZQUEZ, 2010).

¹⁴⁶ . A importância é que a pedagogia de Paulo Freire é diferente das pedagogias autorizadas pelo governo, pois as literaturas são muito arcaicas e parecem ensinar sempre as mesmas coisas, e se perde muito tempo com coisas que não são necessárias, e falta incorporar outras. Falta muita humanidade nas carreiras, tanto em medicina, quanto em trabalho social e nos professores. Falta muita humanidade e ademais não se sentem trabalhadores, sentem que são uma elite, e não é assim. Tudo isso temos que romper para que haja um enfoque, se não é muito difícil, pois os alunos se sentem como aqueles professores mais altos, é muito triste isso. A pedagogia de Paulo Freire nos serve para mudar essas coisas. (BONAFINI, entrevista filmada, 2019)

¹⁴⁷ . Esses dez anos de Universidade Popular foram todos de crescimento, abertura, encontro com cada vez mais irmãos e irmãs no sonho do socialismo e da libertação. Passamos por conflitos e, certamente, por isso, crescemos e aprofundamos nosso ser. Eles nos saquearam e continuamos, eles nos ameaçaram e nenhuma classe se levantou, eles tentaram nos isolar por nossas opiniões anti-imperialistas e encontramos o melhor das forças insurgentes de Nossa América, e recebemos Chávez, Correa, Lugo, Evo e os cubanos e cubanas que debatem e constroem sua revolução dia após dia. (VÁZQUEZ, 2010, p.01)

Depois dos dez anos de fundação, a universidade popular proposta pelas Mães da Plaza de Mayo, já autorizada provisoriamente e em fase de reconhecimento institucional, terá outros desafios, que vão determinar a contribuição da universidade para a continuidade da luta por uma educação transgressora que fortaleça a intervenção social e o poder do povo, numa perspectiva de poder como *potentia* preconizada por Dussel (2007).

Teríamos, então, mais dez anos de luta e resistência? A universidade teria sua autorização definitiva? A universidade daria um passo grandioso, ousado e, também, perigoso, pois em 22 de outubro de 2014, o Secretário Acadêmico da Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo, Germán Ibañez, anunciava que a universidade se transformaria em Instituto Nacional de Direitos Humanos. Veja nota:

El miércoles 22 de octubre, la Cámara de Diputados de la Nación, en sesión especial para tratar diferentes proyectos educativos, le dió sanción definitiva a la ley que crea el Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos Madres de Plaza de Mayo. Queremos compartir con todos la inmensa alegría que para las Madres y todos aquellos que integramos la comunidad académica de la UPMPM implica la concreción de este muy esperado sueño. Un sueño que responde a la presencia y fuerza cotidianas de las Madres. Un Instituto Universitario que refrenda también la voluntad y la mirada estratégica del proyecto nacional y popular que lidera nuestra Presidenta Cristina Fernández de Kirchner. Estudiantes, trabajadores, docentes y autoridades celebramos con nuestras queridas Madres y nos comprometemos a seguir trabajando. (IBAÑEZ, 2014, p. 01)¹⁴⁸

A Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo, terá novos desafios para os próximos períodos, com a transformação em Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos (IUNMa). Essa mudança será importante, também, do ponto de vista financeiro, pois o Instituto seria tutelado pelo Ministério da Justiça e Direitos Humanos¹⁴⁹. De acordo com Rebuá (2015), a mudança para Instituto, além de realizar um sonho antigo das Madres, amplia as ações da universidade popular com a criação em 2015, de novas graduações, o Bacharelado em Comunicação e do curso Técnico de Jornalismo além de tornar a luta das Madres mais forte e expressiva na sociedade argentina e no mundo.

¹⁴⁸. Na quarta-feira, 22 de outubro, a Câmara dos Deputados da Nação, em uma sessão especial para discutir diferentes projetos educacionais, deu sanção final à lei que cria o Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo. Queremos compartilhar com todos a imensa alegria que, para as Mães e todos aqueles que integramos a comunidade acadêmica da UPMPM, implica a realização desse sonho tão esperado. Um sonho que responde à presença e força diárias das mães. Um Instituto Universitário que também apoia a vontade e a visão estratégica do projeto nacional e popular liderado por nossa Presidente Cristina Fernández de Kirchner. Estudantes, trabalhadores, professores e autoridades celebramos com nossas queridas Mães e nos comprometemos a continuar trabalhando. (IBAÑEZ, 2014, p. 01)

¹⁴⁹. Ver Rebuá (2015, p.307).

Esse desafio estava posto e a universidade popular, que fazia sua transição para instituto universitário, gozaria de outras atribuições e teria o Governo Federal como principal mantenedor. Esse cenário irá provocar profundas transformações na ideia original¹⁵⁰ de universidade pensada pelas Madres, pois o cenário político começa a se modificar em 2015, um governo com outro projeto político ganhará as eleições e a gestão do Instituto Universitário de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo será disputada. Veremos essas questões no próximo capítulo.

¹⁵⁰. Um dia, estávamos numa reunião das Mães, quando Hebe disse entusiasmada: Madres, o que lhes parece se abriremos uma universidade? Outras disseram: que barbaridade, como vamos abrir uma universidade se a maioria de nós não temos diploma universitário? Foi quando de forma surpreendente Hebe disse: nós seríamos o coração da universidade, vamos buscar gente qualificada para fazer o projeto andar. Conversamos e pensamos muito nessa ideia, muitas achavam uma ideia louca, mas embarcamos na loucura de Hebe e começamos a discutir a criação da Universidade das Madres que pudesse ser crítica e emancipadora. A universidade nasce dessa forma. (MADRE, entrevista impressa, 2020)

5. A UNIVERSIDADE DAS MADRES E SUA MUDANÇA PARA INSTITUTO UNIVERSITÁRIO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS

É preciso, antes de discutir a situação atual do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo, conhecer a sua estrutura, objetivos e características da organização político-pedagógica.

Assim, entenderemos de forma mais ampla, a importância dessa instituição para a discussão sobre educação popular na América Latina e como retomar a influência do Instituto que, durante o governo de Mauricio Macri (2015-2019), sofreu intervenções, inclusive na direção (reitoria) da instituição, e isso gerou uma série de manifestações contra o governo e culminou com o afastamento da Associação das Madres de Plaza de Mayo do projeto tão sonhado por elas, para fazer enfrentamento por um outro modelo de universidade.



FOTO 12: Estudantes comemoram a nacionalização da Universidade Popular¹⁵¹

¹⁵¹ . Disponível em: <https://www.telam.com.ar/notas/201411/84730-oficializan-estatizacion-universidad-de-madres-plaza-de-mayo.php>, acesso: 22/01/2020.

5.1. O Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos: Princípios, objetivos e estrutura político-pedagógica.

O Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo foi criado em 2015 pela Lei nº 26.995 como unidade funcional, com dependência administrativa e econômico-financeira do Ministério da Justiça e Direitos Humanos, e tem sua sede na cidade autônoma de Buenos Aires.

O Instituto por sua característica institucional, de acordo com o seu artigo 27 da Lei nº 24.521, limita sua oferta acadêmica de treinamento, formação profissional, pesquisa, produção e extensão à área disciplinar de Humanidades e Ciências Sociais, com orientação em Direitos Humanos.

O Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo, tem como princípio fundamental a formação acadêmica no âmbito de uma defesa irrestrita dos direitos humanos, como um todo harmônico com o regime democrático e republicano da República Argentina. Seus objetivos correspondem, então, ao que está estipulado na área dos direitos humanos.

O Instituto entende como lei universal, o acesso igual à educação superior universitária, sem distinção de classe social, etnia, gênero ou opção religiosa. Considera, também, que o campo dos direitos humanos se estende a um horizonte de igualdade, sem detrimento da diversidade social que resulta da variedade da vida coletiva.

Entre os objetivos do Instituto que estão no artigo sétimo do seu estatuto, destacamos os seguintes:

- a) criar e transmitir conhecimento acadêmico e científico socialmente relevante, através de atividades de ensino, pesquisa e vinculação de comunidades, com especial ênfase nos direitos humanos, garantindo treinamento de excelência profissional e compromisso com a comunidade, b) organizar e promover a educação universitária em cursos à distância, de graduação e, pós-graduação, favorecendo uma oferta acadêmica que responda à solução de problemas da comunidade, respeitando o potencial Humano, c) formar pessoas reflexivas, comprometidas com os direitos humanos e preservação da memória, respeitosas do regime democrático, solidárias e capazes de trabalhar em colaboração com outros, k) Constituir uma comunidade acadêmica e de trabalho solidária entre gerentes, pessoal não docente e estudantes para ajudar na construção coletiva do conhecimento, l) promover ações destinadas a alcançar o acesso igual ao ensino superior universitário, m) contribuir para a

preservação da memória, a consciência histórica e a busca por Justiça como patrimônio cultural inalienável do povo argentino, no contexto da democracia e do respeito pelos direitos humanos, recuperando e vivificando a experiência das Mães da Plaza de Mayo e diferentes problemáticas sociais comprometidos com a justiça, a democracia e a luta contra negligência e impunidade. (IUNMA, 2015, p. 03,04)¹⁵²

O Instituto adota para sua organização acadêmica uma estrutura composta por departamentos (unidades acadêmicas), cursos, centros de pesquisa e programas especiais, que manterão consistência em suas ações através da coordenação dos departamentos dos respectivos departamentos, secretarias e reitoria.

O Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo oferta os seguintes cursos de graduação: a) Direito, b) Licenciatura em História, c) Bacharelado em História, d) Licenciatura em Trabalho Social, e) Licenciatura em Comunicação.

No seu artigo trinta e três, o estatuto trata da Assembleia Universitária, que é a instância mais alta do governo do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza De Mayo. A Assembleia Universitária é composta por: a) O Reitor / b) O Vice-Chanceler / c) Os membros titulares do Conselho Superior d) Os membros titulares das Diretorias Departamentais, e) Dois representantes do Ministério da Justiça e Direitos Humanos.

Artigo 35.- A Assembleia Universitária terá as seguintes competências: a) Aprovar, por maioria absoluta dos seus membros, as propostas de modificação do presente Estatuto, que serão submetidas ao Ministério da Educação para a sua aprovação. b) Designar e aceitar as demissões do Reitor/a e do Vice-Reitor/a, ad referendum da aprovação do Ministro da Justiça e dos Direitos Humanos. c) Suspender o Reitor/a ou

¹⁵² . a) Crear y transmitir conocimientos académicos y científicos socialmente relevantes, a través de actividades de docencia, investigación y vinculación comunitaria, con especial énfasis en los derechos humanos, asegurando la excelencia profesional de la formación y el compromiso con la comunidad, b) Organizar e impartir educación universitaria en cursos a distancia, de pregrado y postgrado, favoreciendo una oferta académica que responda a la solución de los problemas de la comunidad, respetando el especial Humano, c) Formar personas reflexivas, comprometidas con los derechos humanos y la preservación de la memoria, respetuosas del régimen democrático, solidarias y capaces de trabajar en colaboración con otros, k) construir una comunidad académica y laboral solidaria entre directivos, personal no docente y estudiantes para contribuir a la construcción colectiva del conocimiento, l) promover acciones tendientes a lograr la igualdad de acceso a la educación superior universitaria, m) contribuir a la preservación de la memoria, la conciencia histórica y la búsqueda de la justicia como patrimonio cultural inalienable del pueblo argentino, en el marco de la democracia y el respeto de los derechos humanos, recuperando y vivificando la experiencia de las Madres de Plaza de Mayo y las distintas problemáticas sociales comprometidas con la justicia, la democracia y la lucha contra la negligencia y la impunidad. (IUNMA, 2015, p. 03,04)

Vice-Reitor/a com base nas causas previstas neste Estatuto, em sessão extraordinária convocada para o efeito e por maioria de dois terços dos seus membros. Esta decisão será submetida ao Ministro da Justiça e dos Direitos Humanos para sua informação. d) Decidir sobre o governo do Instituto no caso de ausência permanente ou na ausência de quórum no Conselho Superior, e por maioria de DOIS TERÇOS (2/3) de seus membros. e) Ditar seu regulamento interno por maioria absoluta de seus membros. (IUNMA, 2015, p. 11)¹⁵³

Outro órgão importante de decisão no Instituto Universitário é o Conselho Superior, O Conselho dirige o Instituto; fazem parte do Conselho a) O/A Reitor (a) b) O/A Vice-Reitor (a) c) Os/As Secretários (as) do Instituto d) Os/As Diretores (as) dos Departamentos Acadêmicos; e) (1) representante docente f) (1) representante dos funcionários g) (1) representante estudantil.

O Instituto também implementa políticas de avaliação externa e autoavaliação institucional. O Conselho Superior tem a responsabilidade de aprovar a proposta de regulamento da autoavaliação institucional que é apresentada pela reitoria. O Instituto depende administrativa, econômica e financeiramente do Ministério da Justiça e dos Direitos Humanos, e dos recursos que são atribuídos pela Lei Geral Orçamentária da Nação e contribuídos pelo Tesouro Nacional.

É perceptível que a estrutura político-pedagógica do Instituto Universitário de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo tem algumas semelhanças com a universidade popular, nos princípios, nos fóruns diretivos etc. A grande mudança é com as responsabilidades econômicas, pois, a partir do momento que o Ministério da Justiça e Direitos Humanos passa a ser gestor financeiro do Instituto, o Estado aparece como figura principal.

O que seria algo benéfico para a Universidade Popular das Madres, pois o Estado assume o pagamento de funcionários, professores e os gastos estruturais, se tornará um problema quando da vitória eleitoral do candidato Mauricio Macri em 2015 para presidência da república. A partir desse momento, teremos uma outra história e um processo cada vez mais intenso de afastamento das Madres de Plaza

¹⁵³ . Artículo 35.-Son atribuciones de la Asamblea Universitaria: a) Aprobar por mayoría absoluta de sus miembros las propuestas de modificaciones al presente Estatuto, las que se elevarán al Ministerio de Educación para su aprobación. b) Designar y aceptar las renunciaciones del Rector/a y Vicerrector/a, ad referendum de la aprobación del señor Ministro de Justicia y Derechos Humanos. c) Suspender al Rector/a o Vicerrector/a con fundamento en las causales previstas en este Estatuto, en sesión extraordinaria convocada a tal efecto y por mayoría de dos tercios de sus integrantes. Tal decisión será elevada al señor Ministro de Justicia y Derechos Humanos para su conocimiento. d) Decidir sobre el gobierno del Instituto en caso de ausencia permanente en caso de falta de quórum en el Consejo Superior, y por mayoría de DOS TERCIOS (2/3) de sus miembros. e) Dictar su Reglamento interno por mayoría absoluta de sus miembros. (IUNMA, 2015, p. 11)

de Mayo do Instituto e do sonho de construir uma universidade livre, democrática, popular. Vejamos a seguir.

5.2. A Universidade das Madres e as razões da transição para Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres De Plaza de Mayo (IUNMa)

É fundamental pensar a constituição das universidades populares na América Latina, a partir da ausência de políticas de educação no continente. A educação, sobretudo em nível superior, tem sido entregue de “mão beijada” para grupos privados que, na sua maioria, são internacionais.

As universidades populares respondem a essa escassez de políticas públicas de educação. A Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo, que faz sua transição para Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos, é parte dessa resposta dos movimentos sociais que lutam por uma educação pública e de qualidade para o povo.

O continente latino-americano possui um histórico de carências de políticas públicas para educação, por décadas e décadas. Salientamos que, quando o assunto é educação, as relações se fundamentam essencialmente por intermédio das políticas públicas que devem ser implementadas pelos governos. De acordo com Fernandes e Gentilini (2014, p.02):

Na América Latina, o planejamento educacional teve importância histórica, nas décadas de 1960 e 1970, constituindo-se em instrumento de intervenção governamental que possibilitaria a coordenação dos esforços nacionais para empreender o desenvolvimento econômico e a modernização das estruturas econômicas e sociais, nos moldes dos países capitalistas desenvolvidos.

Para Fernandes e Gentilini (2014), esse planejamento através das políticas públicas de educação, se deu a partir de uma perspectiva “racional-desenvolvimentista” e normativa, concebida a partir de uma racionalidade instrumental, em que se obtinha uma sequência rigorosa de etapas, na maior parte das vezes, descolada das questões políticas e sociais enfrentadas pelos países. (FERNANDES e GENTILINI, 2014, p.02)

O modelo de políticas públicas para a educação seguia um itinerário instrumental¹⁵⁴, uma espécie de desenvolvimento científico que impõe certa neutralidade aos sujeitos e que não possibilita uma formação crítica e cidadã. Essa política pública para a educação seria uma pedagogia que contribui para o desenvolvimento econômico, mas não emancipa os indivíduos, negando-lhes historicidade e reconhecimento do seu papel político na sociedade.

Fernandes e Gentilini (2014), afirmam que esse planejamento educacional foi uma consequência direta da abordagem econômica e instrumental, tendo como finalidade a preparação de mão de obra, indispensável para o desenvolvimento capitalista. Nesse sentido, Frigotto (2010, p. 31), afirma que:

as concepções, a organização dos processos e dos conteúdos da educação podem refletir duas dimensões antagônicas: (i) subordinação à esfera do capital, elegendo como perspectiva a pedagogia das competências, assumindo o ideário individualista e imediatista; (ii) a formação do ser humano como totalidade - ser humano, classe social e força de trabalho - numa dimensão de compromisso social coletivo.

Esse modelo de política pública para a educação na América Latina deve se manifestar através da vontade dos governos que, modificando o paradigma, com o humano no centro e não o capital, poderão fazer com que a educação seja uma referência para grande parte da nossa Latino América.

A ideia inicial de criar uma Universidade Popular e depois de fazer uma transição para o Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo, dialoga com essa perspectiva de consolidar escolas, universidades que centrem sua ação no humano e na sua emancipação. Eis os valores e princípios que fundam a Universidade Popular.

Em entrevista para a pesquisa em janeiro de 2019, com integrantes do Centro de Estudantes do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo, (IUNMa), Gáston Catroppi, Presidente do Centro Nacional de Estudantes e Adrian Dubinsky, secretário de relações internacionais,

¹⁵⁴ . Racionalidade ou ciência instrumental é um termo usado por Max Horkheimer no contexto de sua teoria crítica, para designar o estado em que os processos racionais são plenamente operacionalizados (Escola de Frankfurt). À razão instrumental, Horkheimer opõe a razão crítica. A razão instrumental nasce quando o sujeito do conhecimento toma a decisão de que conhecer é dominar e controlar a Natureza e os seres humanos. A razão ocidental, caracterizada pela sua elaboração dos meios para obtenção dos fins, se hipertrofia em sua função de tratamento dos meios, e não na reflexão objetiva dos fins.

ambos acadêmicos dos cursos de Trabalho Social e História, respectivamente, eles relatam como foi o processo de transição da Universidade Popular para o Instituto e quais as nuances desse processo.



Foto 13: Gastón Catroppi, Ivandilson e Adrian Dubinsky.
(Pesquisa de campo- 22/01/2019)

Nos trechos iniciais da entrevista, ambos falam sobre a importância da transição da Universidade para o Instituto.

La transición de la Universidad Popular al Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos Madres De Plaza de Mayo fue importante no solo para la salud de la institución, sino también para los estudiantes, los maestros y la ciudad, porque la sociedad argentina marcada por la dictadura haber un instituto que discute los derechos humanos es importante, porque las Madres durante todo este proceso estuvieron en las calles peleando y siendo perseguidas. La universidad de las madres es un sueño hecho realidad, siempre pensaron que la mejor manera de resistir y trascender era formar compañeros políticos que conocieran la lucha. (DUBINSKY, entrevista gravada, 2019)¹⁵⁵

A posição inicial era que o processo de transição da Universidade Popular para Instituto Universitário de Direitos Humanos seria importante para sanear as dívidas da Universidade e, também, para a ampliação da luta. A universidade pensada para formação de quadros políticos poderia, em formato de Instituto, ser mais propositiva e ter um alcance maior em sua ação político-educativa.

¹⁵⁵. A transição de Universidade Popular para Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres De Plaza de Mayo foi importante não apenas para a saúde da instituição, mas, também, para os estudantes, professores, para a cidade, pois a sociedade argentina marcada pela ditadura, ter um instituto que discute os direitos humanos é importante, pois as Madres durante todos esse processo estavam nas ruas lutando e sendo perseguidas. A universidade das mães é um sonho que se tornou realidade, elas sempre pensaram que a melhor forma de resistir e transcender era formando politicamente companheiros que conheceram a luta. (DUBINSKY, entrevista gravada, 2019)

Gastón (2019) continua focalizando a relevância da Universidade Popular para a formação da militância, e como essa concepção foi útil para a projeção dessa organização.

Sí, continuando por un tiempo, la lucha por los niños que desaparecieron durante la dictadura militar, uno de los objetivos de la universidad era formar personal político y académico que pueda desarrollarse en el campo académico y también, en la lucha como sus hijos. Por lo tanto, la universidad surge en 2000. (CATROPPI, entrevista gravada, 2019)¹⁵⁶

A Universidade Popular, desde sua fundação até a transição para Instituto Universitário, segue cumprindo seu papel de espaço privilegiado de “parição” de outros filhos, filhos políticos, filhos como o próprio Catropi e Dubinsky.

Mas, entre as razões para esse processo de transição, temos também, a aproximação das Madres de Plaza de Mayo dos governos Kirchner (Néstor e Cristina) como frisou anteriormente Rebuá (2015). Essa relação, de acordo com Dubinsky (2019), é fundamental para perceber as transformações políticas entre as Madres e dentro do próprio kirchnerismo/peronista.

En 2000, apareció la universidad popular, muy popular, con buenos maestros, pero todavía muy pequeña. En 2006, 2007, comenzaron a tener más entrenamiento, pero en 2003, 2004, fue cuando las Madres dejaron de hacer la Marcha de la Resistencia, esto es simbólico porque la plaza es el lugar de las grandes manifestaciones del pueblo argentino, el lugar de la revolución de 1810, el lugar donde Perón habló a las masas, el lugar de las protestas de las Madres que le dicen al mundo que sus hijos fueron secuestrados, la Plaza de Mayo tiene mucho valor simbólico y las Madres están comenzando a subvertir el discurren porque comienzan a articular formas de protestar y hablar cuando no era posible hablar, así que comenzamos a reconocer algunos símbolos como el pañal de tela, las rondas que hacían en la plaza sin comunicarse, la publicación periódica, el diario y la marcha. La policía dijo que circulara, porque no golpearon a las madres en la plaza, porque era un lugar público, golpearon a las madres embarazadas, pero no en la plaza, lo hicieron escondido de la gente. Entonces dejan de hacer la Marcha de la Resistencia, porque entienden que hay un gobierno que abrazó sus propuestas históricas y la marcha ya no tenía sentido. (DUBINSKY, entrevista gravada, 2019)¹⁵⁷

¹⁵⁶. Sim, continuando por um tempo, a luta pelos filhos desaparecidos durante a ditadura militar, um dos objetivos da universidade era formar quadros políticos e acadêmicos que possam se desenvolver em âmbito acadêmico e, também, na luta, como seus filhos. Daí, surge a universidade em 2000. (CATROPPI, entrevista gravada, 2019)

¹⁵⁷. Em 2000, surge a universidade popular, muito popular, com bons professores, mas ainda muito pequena. No ano de 2006, 2007, começaram a ter mais formação, mas no ano de 2003, 2004, foi quando as Madres deixam de fazer a Marcha da Resistência, isso é simbólico, pois a praça é o lugar das grandes manifestações do povo argentino, o lugar da revolução de 1810, o lugar onde Perón discursou para as massas, o lugar dos protestos das Madres que falam para o mundo inteiro que seus filhos foram sequestrados, a Praça de Maio tem muito valor

As Marchas da Resistência são manifestações públicas organizadas pelas Madres de Plaza de Mayo e vários outros movimentos sociais, desde 1981. A Marcha reivindica os direitos humanos e a luta contra a ditadura civil-militar (1976-1983).

Dejamos de hacer las marchas de la resistencia cuando llegó Néstor, porque las marchas de la resistencia que hacemos todos los años, veinticuatro horas caminando sin parar para quejarnos del gobierno, pero cuando llegó Néstor no teníamos nada de qué quejarnos, por el contrario, todos teníamos tiempo, él y Cristina. Entonces, no pudimos hacer nada más, suspender la Marcha de la Resistencia. (BONAFINI, entrevista gravada, 2019)¹⁵⁸

A própria Hebe de Bonafini (2019), assume que a Associação das Madres de Plaza de Mayo deixa de realizar a Marcha da Resistência durante o período dos governos Kirchner, e retoma as Marchas no início do governo Macri, em 2015. Em 29 de novembro de 2019, as Madres realizam a última (31ª) marcha desse período, pois a vitória eleitoral de Alberto Fernandez (aliado político das Madres) e a sua posse em dezembro de 2019, refaz o pacto entre as Madres e o peronismo.



Foto 14: 31ª Marcha da Resistência, Plaza de Mayo
(Pesquisa de campo/arquivo pessoal: 29/11/2019)

simbólico e as Madres começam a fazer uma subversão do discurso porque elas começam a articular formas de protestar e falar quando não se podia falar, então passamos a reconhecer alguns símbolos, como aquela fralda de pano, as voltas que faziam na praça sem se comunicar, o periódico, o diário e a marcha. Os policiais diziam para circular, pois não batiam nas mãos na Praça, pois era um lugar público, eles batiam nas mãos grávidas, mas não na praça, faziam isso escondido do povo. Então elas deixam de fazer a Marcha da Resistência, pois entendem que tem há governo que abraçou suas propostas históricas e não fazia mais sentido a marcha. (DUBINSKY, entrevista gravada, 2019).

¹⁵⁸. Deixamos de fazer as Marchas da resistência quando chegou Néstor, porque as Marchas da Resistência fazemos todo fim de ano, vinte e quatro horas caminhando sem parar para reclamar do governo, porém quando chegou Néstor não tínhamos o que reclamar, ao contrário, tínhamos todo o tempo, ele e Cristina. Então, não podíamos fazer outra coisa, suspender a Marcha da Resistência. (BONAFINI, entrevista gravada, 2019)

Outro depoimento importante sobre as marchas e a democratização da sociedade argentina foi colhido numa entrevista com uma colaboradora da Associação das Madres de Plaza de Mayo que chamarei de Paz¹⁵⁹ e apresenta a seguinte opinião:

La lucha por la democracia siempre es intensa con las madres, según quien esté en el poder, pero durante el gobierno de Macri, fue mucho más conflictivo, volvimos a la marcha de la resistencia porque consideramos que el enemigo estaba en la casa del gobierno. En cuanto a los derechos humanos, tan ignorados por el gobierno anterior y algunas agencias, decidimos hablar sobre la lucha política, porque, como dice Hebe, prefiero pasar mi tiempo ayudando a niños hambrientos para que puedan comer y no intentar arrestar a un miliciano. (PAZ, 2019)¹⁶⁰

Durante o governo Macri, as Madres terão que retomar o processo de resistência política contra o projeto neoliberalizante das elites argentinas que rompe o ciclo de poder kirchnerista e irá interferir diretamente em grande parte das políticas desenvolvidas por esse bloco político.

Para Catropi (2019), a nacionalização ou institucionalização da Universidade Popular, também, fazia parte das intenções do governo Kirchner e esse interesse comum resultou na transformação da Universidade em algo mais ampliado, com dimensões e gestão nacionais. Governo e Associação das Madres de Plaza de Mayo constroem juntos a proposição do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos.

Néstor se declara unido a las Madres de Plaza de Mayo y comenzó a reclamar muchas luchas populares y vincular la agenda del gobierno, entre estos temas la nacionalización de la universidad popular es parte de las acciones del gobierno de Cristina Kirchner. Entonces, la nacionalización de la Universidad Popular fue parte de la intención del gobierno y se convirtió en parte de una política de Estado cuando se institucionalizó, por lo que la universidad popular comenzó a tener una mayor amplitud como parte del sistema nacional. (CATROPPI, entrevista gravada, 2019)¹⁶¹

¹⁵⁹ . Nossa colaboradora prefere manter sigilo do seu nome por conta do desgaste criado em torno da perda de influência das Madres no Instituto Nacional Universitário de Direitos Humanos.

¹⁶⁰ . A luta pela democracia é sempre intensa com as mães, de acordo com quem esteja no poder, mas durante o governo Macri, era muito mais conflituoso, voltamos à marcha da resistência porque consideramos que o inimigo estava na casa do governo. Quanto aos direitos humanos, tão desconsiderados pelo governo anterior e por algumas agências, decidimos conversar sobre a luta política, pois, como diz Hebe prefiro gastar meu tempo ajudando crianças com fome para que elas possam comer e não me esforçar para prender um milico. (PAZ, 2019).

¹⁶¹ . Néstor se declara unido às Madres de Plaza de Mayo e começou a reivindicar um monte de lutas populares e vincular a agenda do governo, dentre essas questões a própria nacionalização da universidade popular é parte das ações do governo de Cristina Kirchner. Então, a nacionalização da Universidade Popular foi parte da intenção do

O projeto de Universidade Popular, com o estreitamento das relações políticas entre as Madres e os governos de Néstor e Cristina Kirchner, vai se consolidando como uma grande aliança entre movimento social e governo, e isso será motivo de críticas às Madres por outros setores da sociedade e de movimentos sociais também.

Para Dubinsky (2019), o processo político que se estabelece entre 2003 e 2015, redefine, mesmo com críticas aqui e acolá, o projeto de longo prazo de universidade nacional.

Otra cosa: este proyecto educativo no eurocéntrico, no positivista, no encerrado dentro, sino fuera de la puerta, afuera, la universidad popular, es pertinente pensar, es popular, y toda educación debe ser popular y no de élite. La única idea es que la educación debe ser popular, además, comprender por qué la Universidad Popular de Plaza de Mayo termina siendo el Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos Madres de Plaza de Mayo, tiene que ver con el proceso político de muchos años. Mucha gente critica a las Madres, especialmente a la izquierda zurda, a la izquierda infantil, que no es nuestro caso, dicen que Madres se vendió a sí misma, que fueron cooptadas, “ustedes son viejas que fueron cooptadas por dinero”, pero nosotros no. Todos los diarios de las Madres de 1982 a 2003, cuando Néstor Kirchner llega a la presidencia, no es que las madres “Kirchneranizaram”, sino el peronismo “maternizado”, lo que sucede entre 2003-2014 es diferente de lo que sucedió en 1982, 85,86, los diarios de las Madres lo demuestran. Entonces, el proceso que va desde 2003-2014-15, casi 12 años, muestra una corrección entre la universidad popular y lo que debería ser también la universidad nacional del país, nos hace pensar que esta universidad pública se alejó de la academia para acercarse a las madres, esto es parte de un proyecto político del que hablaron las madres, un proyecto ideológico, que debemos considerar, por lo que la universidad es un proyecto político a largo plazo, una universidad popular que tiene una perspectiva sobre los derechos humanos, el género. (DUBINSKY, entrevista gravada, 2019)¹⁶²

governo e passa a fazer parte de uma política de Estado quando se institucionaliza, por isso a universidade popular passa a ter uma amplitude maior como parte do sistema nacional. (CATROPPI, entrevista gravada, 2019)

¹⁶². Outra coisa: esse projeto educativo não eurocêntrico, não positivista, não enclaustrado, para dentro, mas de porta pra fora, para fora, a universidade popular, é pertinente pensar, é popular, e toda educação deveria ser popular e não de elite. A única concepção é que a educação deve ser popular, além disso, para compreender porque a Universidade Popular da Plaza de Mayo termina sendo o Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo, tem a ver com o processo político de muitos anos. Muitos fazem uma crítica às Madres, principalmente uma esquerda cafetina, uma esquerda infantil, que não é o nosso caso, eles dizem que as Madres se venderam, que foram cooptadas, “você são mulheres velhas que foram cooptadas por dinheiro”, mas nós não. Todos os diários das Madres desde 1982 até 2003, quando chega Néstor Kirchner à presidência, não é que as mães se “Kirchranizaram”, mas o peronismo se “maternizou”, o que acontece entre 2003-2014 é diferente do que acontecia em 1982,85,86, os diários das Madres mostram isso. Então, o processo que vai de 2003-2014-15, quase 12 anos, mostra um acerto entre a universidade popular e o que devia ser a universidade nacional do país também, isso nos faz pensar que essa universidade pública se afastava da academia para se aproximar das mães, isso faz parte de um projeto político que as mães falavam, um projeto ideológico,

A proposta de pensar uma universidade popular e ademais, um Instituto Universitário Nacional que pudesse ampliar esse horizonte, nacionaliza o projeto de ensino superior e demarca uma ideia de construção coletiva de conhecimento. A universidade é um projeto político das Madres que se tornou robusto com a criação do Instituto.

Um dos grandes problemas de análise política de toda essa proposta para a educação popular na Argentina, é que o Kirchnerismo não consegue vencer as eleições de 2015 e um candidato com uma agenda nitidamente neoliberal, representando os setores da direita argentina, acaba vencendo o pleito eleitoral e complicando por demais, os planos da aliança Madres/Kirchner. Mauricio Macri se torna presidente em dezembro de 2015, e esse será o cenário que as Madres terão de vivenciar.

Teremos, então, uma interrupção dessa política de aproximação entre movimento social e governo, e as Madres vão se posicionar contra o governo Macri, e o governo de Mauricio Macri, também, terá uma postura de interferência política no Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo.



FOTO 15: Sede IUNMa. 25 de Mayo 552 Piso 5, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. (Pesquisa de campo/arquivo pessoal: 19/01/2019)

A conjuntura política muda e os próximos quatro anos de governo serão

que temos que ponderar, por isso a universidade é um projeto político de longo prazo, uma universidade popular que tenha uma perspectiva em direitos humanos, gênero. (DUBINSKY, entrevista gravada, 2019)

difíceis para as Madres e para a educação na Argentina. A agenda de reformas neoliberais¹⁶³ irá se impor como forma de subserviência deste governo aos organismos, internacionais, a exemplo do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial e Organização Mundial do Comércio (OMC), que projetam essas reformas para os países subalternizados politicamente. É preciso ressaltar que junto desses organismos estão os países mais ricos e influentes do mundo, dentre eles os Estados Unidos, Japão, Alemanha, Canadá, França, Itália, Reino Unido, Rússia e a China que se consolida cada vez mais como potência econômica.

Esse é o governo mundial ou o “Império” como Hardt e Negri (2001) definem:

uma nova ordem, uma nova lógica e uma nova estrutura de mando, em suma, uma nova forma de soberania: o Império. Este tipo de sociedade que estaria se desenvolvendo diante de nossos olhos seria o sujeito político que regula efetivamente estas mudanças globais, o poder soberano que governa o mundo. (HARDT e NEGRI, 2001, p. 13).

Essa é uma das interpretações para pensar a geopolítica mundial, é lógico que não é a única, mas, segundo Hardt e Negri (2001), o “Império” é a forma de soberania que se configura na realização universal dos interesses do capitalismo contemporâneo, e uma espécie de poder que é gestor da exploração produzida por esse capital.

Segundo Dussel (2016, p. 61), Negri e Hardt tendem a sustentar uma concepção pós-moderna da estrutura globalizada do sistema-mundo. Nesse sentido é necessário antepor a essa visão uma interpretação que permita compreender com mais profundidade a conjuntura atual da história mundial, sob a hegemonia militar do Estado norte-americano.

Mesmo com as divergências de concepções, os intelectuais citados compreendem que ainda temos uma conjuntura política de muita exploração e concentração de poder nas mãos de poucos grupos e países que determinam o *Modus Vivendi* contemporâneo, ou seja, o capitalismo continua se impondo e excluindo os mais pobres do “sistema-mundo”.

¹⁶³. “O presidente da Argentina, Mauricio Macri, assumiu o posto em dezembro de 2015 prometendo trazer o liberalismo de volta à Argentina, e cumpriu. A crise está de volta e o FMI também. A eleição de Macri veio em reação aos 12 anos dos governos peronistas de Néstor e Cristina Kirchner, defensores de políticas nacionalistas e desenvolvimentistas com protagonismo do Estado argentino entre 2003 e 2015”. (CARDIA, 2019, p.01).

A vitória de Maurício Macri em 2015 na Argentina, apontava para o fortalecimento dessa agenda de exclusão a partir das reformas propostas pelo neoliberalismo. Esse contexto tornava duvidoso o futuro do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo. Veremos a seguir qual tipo de postura política o governo Macri estabeleceu em relação às Madres e ao Instituto.

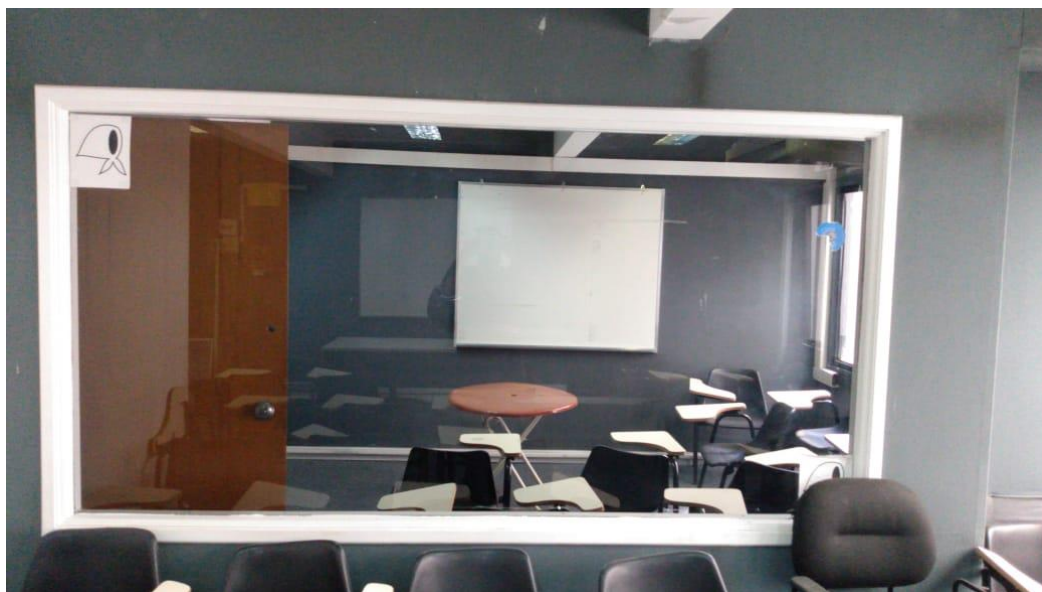


FOTO 16: Sede IUNMa. 25 de Mayo 552 Piso 5, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. (Pesquisa de campo/arquivo pessoal: 19/01/2019)

5.3. A apropriação do Instituto das Madres pelo governo Macri: O fim ou o começo de uma outra história?

O governo Macri foi danoso para a educação. A política neoliberal de ajuste nas contas públicas, e cortes no ensino básico e nas universidades públicas, vai produzir greves e manifestações contra o governo em todo o país e desde o começo do seu mandato.

Milhares de professores voltaram às ruas de Buenos Aires nesta quarta-feira (22/03) em uma nova manifestação por melhores salários e condições para docentes da rede pública na Argentina. A Marcha Federal Educativa em direção à Praça de Maio, diante da sede do governo de Mauricio Macri, acontece no quarto dia de paralisação nacional dos professores da rede pública e um dia depois de o presidente dizer que lamentava pela “terrível desigualdade entre aquele [estudante] que pode ir a uma escola particular e aquele que tem que cair na escola pública”. (OPERA MUNDI, 2017, p.01)

Os professores, sindicatos e diversos movimentos sociais vão repudiar a declaração de Macri, comprovando que o mesmo, além de desconhecer a educação pública, não tinha projeto para valorização e reconhecimento desse espaço. As manifestações contra a política neoliberal de educação do governo serão constantes e, em novembro de 2018, um grande movimento de universidades, colégios, sindicatos, tomou as ruas de Buenos Aires para reivindicar aumento salarial, maior orçamento e obras para as universidades e, também, bolsas de estudo. (RBA, 2018).

A atitude do governo de Mauricio Macri não seria deferente com o Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo e, em 2017, consolida sua investida contra o Instituto, promovendo uma intervenção político pedagógica que culmina com a saída do reitor.

La toma comenzó en la noche del 12 de junio, horas después de que el Ministerio de Justicia notificara al entonces rector organizador del IUNMA, Germán Ibañez, que sería reemplazado por un rector normalizador, el juez de faltas Javier Buján, quien debió abandonar la intervención del Inadi, donde había impuesto un severo ajuste presupuestario que incluyó despidos y cierre de programas. (DIAZ, 2017, p.01)¹⁶⁴

¹⁶⁴ . A tomada começou na noite de 12 de junho, horas depois que o Ministério da Justiça notificou o então reitor da IUNMA, Germán Ibañez, que seria substituído por um reitor normalizador, o juiz contra-ordenador Javier

Desde então, a situação no IUNMA foi se complicando, as aulas sendo ministradas em salas improvisadas em espaços doados por organizações sociais e sindicatos, impondo-se uma política de cortes salariais e de orçamento pelo governo nacional, acrescentou o oficial. (Ibidem).

Esse tipo de política compromete o trabalho do Instituto e o legado das Mães da Praça de Maio, que viabilizou essa ideia de uma educação pública, de qualidade e comprometida com o desenvolvimento social. O Instituto é uma experiência inovadora de educação para a América Latina e precisa ser preservado e potencializado. Esse modelo de universidade popular enche de esperança aqueles que acreditam numa produção científica vinculada aos interesses sociais.

Para os estudantes e ex-estudantes que estão na luta do movimento estudantil, mesmo com as mudanças promovidas pelo governo, os professores e educandos devem lutar para manter o legado das Madres de Plaza de Mayo.

Antes del cambio de gobierno no notamos ningún cambio en la vida universitaria, porque teníamos los mismos profesores, empleados, pero las madres en ese momento se habían ido en el momento de la universidad, pero la presidenta honoraria sigue siendo Hebe de Bonafini, para nosotras que somos estudiantes, sigue siendo Hebe de Bonafini, seguimos conectadas a las Madres, es parte de nuestra formación básica. Lo que ha sucedido es que en este momento la universidad ha cobrado vida propia como cualquier otra universidad autónoma, pero con las Madres como rectoras morales y políticas y aún para los estudiantes, no tiene nada que ver con el hecho de que el actual rector de la universidad opera la política de los Macri que persiguen políticamente a las Madres, incluso activando la Justicia. Ahora bien, ¿qué es lo que estudiamos los que estamos en el Instituto? Elegimos seguir luchando, seguir luchando. (DUBINSKY, entrevista gravada, 2019).¹⁶⁵

Para o movimento estudantil, as Madres continuam sendo a referência moral e política do Instituto, mesmo com o seu afastamento. A luta por dentro da instituição é a ação política concreta dos estudantes os quais acreditam que não devem perder de vista os princípios

Buján, que teve que abandonar a intervenção do Inadi, onde havia imposto um severo ajuste orçamentário que incluía demissões e encerramentos de programas. (DIAZ, 2017, p.01)

¹⁶⁵. Antes da troca do governo, não percebemos nenhuma mudança na vida universitária, pois tínhamos os mesmos professores, funcionários, mas as Mães nesse momento tinham se afastado da universidade, mas a presidenta honorária continua sendo Hebe de Bonafini, pra gente que é estudante, continua sendo Hebe de Bonafini, a gente continua ligado às Madres, faz parte da nossa formação de base, nossa formação além de acadêmica, formação moral. O que aconteceu é que nesse momento a universidade já ganhou vida própria como qualquer universidade autônoma, mas tendo como reitora moral e política as Madres e ainda para os estudantes continua sendo assim, não tem nada a ver com o fato de que, o atual reitor da universidade opera a política dos Macri que perseguem politicamente às Madres, inclusive acionando a Justiça. Agora, o que fazemos nós que estudamos, que estamos lá no Instituto? Nós escolhemos continuar brigando, continuar lutando. . (DUBINSKY, entrevista gravada, 2019).

históricos das Madres que são: luta por direitos humanos e democratização da sociedade argentina.

Es necesario pensar en los derechos humanos, desde la historia de resistencia de las Madres y la idea de crear una universidad de gran resistencia. La lucha de las Madres se desarrolla desde hace más de cuarenta años y en un momento muy difícil de la historia argentina, durante el período de la dictadura militar. Hoy en día, estamos viviendo un período de transición en Argentina y también en Brasil, los que llegamos a la universidad somos parte del tejido social y popular de Argentina y por lo tanto la universidad debe ser un espacio de lucha y resistencia. Luchamos por preservar el espíritu de la universidad, su propuesta pedagógica, porque en la actualidad están haciendo intervenciones en todos los cursos, especialmente en el curso del Trabajo Social, tratando de quitar la perspectiva crítica de nuestra formación, pero tenemos que resistir. (GASTÓN, entrevista gravada, 2019)¹⁶⁶

A luta pela preservação do legado político-pedagógico das Madres é reiterada por Dubinsky e Gastón, que estão na militância do Centro de Estudantes do Instituto Universitário Nacional de DD. HH Madres de Plaza de Mayo (Ceipunma). Mas, enquanto os estudantes defendem essa posição de disputar posição por dentro do Instituto, as Madres defendem outra posição política, e entendem que a melhor ação seria o afastamento do Instituto.

Bonafini entende que não há mais nada a fazer, pois o Instituto foi completamente tomado pelas forças opressoras de Mauricio Macri. As Madres ficaram muito machucadas com tudo que foi feito no Instituto, no projeto que elas pensavam ser uma proposta de Universidade Nacional que disputaria uma concepção de ensino superior em todo país. Bonafini apresenta a seguir, opinião sobre a saída do Instituto:

Dejamos el Instituto, no importa, no queremos más. Hay muy poca gente, pocos profesores, no queremos estar allí, hay pocos profesores, pocos estudiantes, pocas inscripciones, seguimos por otros caminos porque nos amamos. (BONAFINI, entrevista filmada, 2019).

Para Bonafini não há mais possibilidade de atuação no Instituto e, diferentemente dos militantes do movimento estudantil, resolvem seguir por outros caminhos. As Madres estão desenvolvendo outros trabalhos de educação na própria Associação com apoio de intelectuais

¹⁶⁶ . É preciso pensar os direitos humanos, a partir da história de resistência das Madres e da ideia de criar uma universidade de grande resistência. A luta das Madres é de mais de quarenta anos e num momento muito difícil da história argentina, no período da ditadura militar. Hoje, estamos vivendo um período de transição na Argentina e também no Brasil, nós que chegamos na universidade, somos parte do tecido social e popular da Argentina e, por isso, a universidade deve ser um espaço de luta e resistência. Lutamos para conservar o espírito da universidade, sua proposta pedagógica, pois no atual momento estão fazendo intervenções em todas os cursos, sobretudo no curso de Trabalho Social, tentando retirar a perspectiva crítica da nossa formação, mas temos que resistir. (GASTÓN, entrevista gravada, 2019)

e políticos próximos. A ação das Madres, mesmo com a apropriação do Instituto pelo governo Macri, não parou de acontecer.

Hoy estamos haciendo cursos de filosofía y postgrado en el área de la medicina y los medicamentos con el ex ministro de Cristina. Hacemos pequeños cursos de educación popular, hacemos muchos libros, revistas también y trabajamos siempre con la comunicación, en la plaza tenemos un programa de televisión que ya tiene once años los sábados por la mañana. Estamos luchando allí. (Ibidem)¹⁶⁷

As Madres seguem na luta, mas desistiram do Instituto e, de acordo com Paz (2019), a percepção sobre essa posição política está tão bem definida que *“las actividades educativas en Madres se estan organizando todavia despues de haber perdido la Universidad por el manejo del gobierno de Macri que practicamente la desbato”*¹⁶⁸.

Para Paz (2019), que fala a partir de uma concepção desenvolvida na Associação das Madres de Plaza de Mayo, a universidade foi destruída pelo governo de Mauricio Macri e por isso, era preciso buscar e construir outras ações.

Dubinsky (2019) reclama que a atual gestão do Instituto Universitário Nacional tem interferido bastante nas “carreiras”, ou seja, nos cursos, e isso é muito ruim para a formação dos estudantes que terão que se inserir na sociedade e no mercado de trabalho.

Hay que pensar en las carreras, yo soy del área de la Historia, él es del Trabajo Social, y esta carrera tiene un trabajo práctico en las comunidades, tiene una carga de trabajo que tiene que tener mucho tiempo con la gente, nosotros venimos de la gente y no podemos estar en otro lugar y estamos tratando de cambiar eso. Los chicos ricos tienen tristeza y van al psicólogo privado, somos pobres que tenemos hambre, tenemos necesidades integrales, necesidades que el Estado deja de lado, pero creo que es hora de dar respuestas al Estado para cubrir los vacíos que están dejando en la universidad popular, seguimos llamándola la universidad popular. (DUBINSKY, entrevista gravada, 2019)¹⁶⁹

¹⁶⁷ . Hoje estamos fazendo cursos de filosofia e cursos de pós-graduação em torno da área de medicina e medicamentos, com o ex-ministro de Cristina. Fazemos pequenos cursos de educação popular, fazemos muitos livros, revistas também, e sempre trabalhamos com a comunicação, na praça temos um programa de televisão que tem onze anos já aos sábados pela manhã. Estamos aí lutando. (Ibidem)

¹⁶⁸ . “As atividades educacionais em Madres ainda estão sendo organizadas após a perda da Universidade devido à administração do governo Macri, que praticamente a quebrou” (PAZ, 2019).

¹⁶⁹ . E preciso pensar nos cursos, eu sou da área de História, ele de Trabalho Social, e essa carreira tem um trabalho prático nas comunidades, tem uma carga horária que tem que ter muito tempo com o povo, a gente veio do povo e não podemos estar em outro lugar, e estão tentando mudar isso. Os meninos ricos têm tristeza e vão para o psicólogo privado, nós somos pobres que têm fome, têm necessidades integrais, necessidades que o Estado deixa de lado, mas acho que é o momento de dar respostas ao Estado para cobrir os hiatos que estão deixando na universidade popular, a gente continua a chamar de universidade popular. (DUBINSKY, entrevista gravada, 2019)

De acordo com Dubinsky (2019), existe um processo no Instituto com duas dimensões. A primeira seria a financeira, pois, no primeiro ano do governo de Macri, a universidade teve um corte de 80%, então, muito pouco dinheiro foi destinado para um projeto educativo e o Instituto acabou tendo dinheiro apenas para subsistir. Outra questão que foi tentada pelo macrismo era tornar as Madres peça de museu, mumificando-as:

haciendo de las madres un Nelson Mandela blanco, haciendo de las madres un monumento en el museo, de lo que las madres se aburren, odian ser parte de un museo, están vivas, trabajan en las calles, luchan día a día, no están allí para la adoración, para las flores, no, es otra cosa. Un proceso de blanqueo, de intentar hacer de las Madres un Nelson Mandela blanco, que nunca aceptaremos. (DUBINSKY, entrevista gravada, 2019)

É óbvio que a tentativa do governo de mumificação da luta das Madres tem interesses nítidos de anular a luta dessas mulheres que são referências, assim como Nelson Mandela, que se notabilizou por resistir ao apartheid na África do Sul. A diferença entre as Madres e Mandela é que as primeiras continuam vivas, resistindo bravamente aos ditames do neoliberalismo e de qualquer política que negligencie o humano e os mais pobres; o segundo (Mandela) deixou um lindo legado de luta e respeito aos direitos humanos e de combate ao racismo. Mandela deixou uma história que inspira muitos, as Madres ainda são a própria história pela democratização e respeito incondicional aos direitos. Ambos têm seu valor e estão em lugares geo-histórico-políticos bem distintos. Musealizar as Madres de Plaza de Mayo é paralisar no tempo sua luta.

Sobre a presença da classe trabalhadora no Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo, Dubinsky (2019) ressalta que:

No tengo ninguna estadística, pero creo que la mayoría de los estudiantes están en la clase trabajadora. Aquí en Argentina, hay lo que llamamos el artículo 7 de la ley de educación. Garantiza que si no terminaste la escuela secundaria, puedes (con más de 25 años) ir a la universidad dando una equivalencia. Antes de que las Madres se esforzaran por integrar a las personas que no tenían estudios secundarios, porque tenían personas que no podían terminar la escuela secundaria pero podían ir a la universidad, porque tenían el conocimiento para hacerlo y tenían la oportunidad, lo que tenían que hacer era algo para emparejar con los otros estudiantes, así que tenían que hacer un curso de entrada. Esto garantizó que el estudiante siguiera las actividades y demostró que en la universidad popular la idea es que la gente se gradúe poco a poco, pero que al final del curso tenga la misma carrera y capacidad académica que los estudiantes de otras universidades. Cuando

llega el nuevo gobierno, hacen que este curso de entrada sea rígido, creando dificultades para los estudiantes. (DUBINSKY, entrevista gravada, 2019)¹⁷⁰

A Universidade Popular, na fala de Dubinsky, tem uma presença grande de pessoas da classe trabalhadora ou trabalhadores, isso reforça o caráter popular da instituição. Outro elemento é a forma que as Madres criaram para integrar pessoas na Universidade que não tinham o ensino secundário e como o governo Macri começa a alterar essa política, quando promove uma série de intervenções no Instituto, como: a) nomeação de um outro reitor; b) corte de gastos; c) atraso de salários e demissão de professores; d) revisão do currículo baseado (desde a sua fundação em 1999) nos direitos humanos.

Além de todas essas ações, o governo Macri autorizou invasão na Fundação das Madres com o intuito de processar e prender Hebe de Bonafini, e o Secretário de Direitos Humanos (à época) Claudio Avruj, disse que não havia 30.000 pessoas desaparecidas durante a ditadura civil-militar de 1976-83. Esse governo tentou negar a história e buscou uma mudança na política de direitos humanos.

A Argentina do governo de Mauricio Macri (2015-2019), tem muitas semelhanças com o governo brasileiro atual, o bolsonarismo que também, imprime essa política de negação da história, de cortes na educação, de perseguição às universidades e professores, de absoluta mudança na concepção de direitos humanos.

Marcado pelo alto grau de improvisação em muitas áreas, o atual governo se notabiliza por demonstrar que não tem nenhum projeto específico para a educação e se algo há em relação às universidades, é a sua declarada disposição de destruir a produção intelectual e científica que põe o país numa posição de destaque no mundo, um desempenho que vinha melhorando ano a ano. Obviamente que a produção científica do Brasil não pode ser comparada à dos países da ponta do sistema educacional, mas a universidade brasileira vinha se beneficiando do gradual aumento de recursos que mesmo distante dos países que mais investem, permitiu algum nível de internacionalização aos pesquisadores brasileiros. Também ampliação do número de vagas e a extensão do sistema de cotas pode ser incluído entre as boas políticas públicas dos governos anteriores e que

¹⁷⁰ . Não tenho estatísticas, mas acho que a maioria dos estudantes pertence à classe trabalhadora. Aqui na Argentina, existe o que nós chamamos de artigo 7, da lei da educação. Ele garante que, se você não terminou o ensino secundário, você pode (com mais de 25 anos) ir para a universidade, dando uma equivalência. Antes as Madres se esforçavam para integrar pessoas que não tinham o secundário, pois tinham pessoas que não conseguiam terminar o secundário, mas podiam ingressar na universidade, pois havia o conhecimento para fazê-lo e tinham a oportunidade, o que tinham que fazer era algo para igualar com os demais estudantes, por isso tinham que fazer um curso de ingresso. Isso garantia que o estudante acompanhasse as atividades e demonstrava que na universidade popular, a ideia é que as pessoas vão se formando aos poucos, mas, ao final do curso, têm a mesma carreira e capacidade acadêmica que estudantes de outras universidades. Quando chega o novo governo, eles tornam esse curso de ingresso rígido, criando dificuldades para os estudantes. (DUBINSKY, entrevista gravada, 2019).

Bolsonaro vem se empenhando em destruir, uma demonstração de como o bolsonarismo pensa o tema. (ZACARIAS, 2019, p.02)

“Resistência” é a palavra de ordem no Brasil e na Argentina. Terminado o processo eleitoral que culminou com a vitória de Alberto Fernández, é interessante discutir com professores, estudantes e as próprias Madres sobre a retomada da influência no Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos. A tese do Centro de Estudantes (CEIUNMa), de resistir por dentro do Instituto e não abrir mão do legado das Madres de Plaza de Mayo, surtiu efeito, pois o primeiro obstáculo, o governo Macri, foi derrotado. Agora, é discutir, em conjunto com o governo Fernández, a recomposição de uma política de melhorias para educação na Argentina e a valorização do trabalho do Instituto enquanto universidade nacional.

Sobre a retomada do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos pelas Madres de Plaza de Mayo, Catropi (2019) informa que:

Es una posibilidad que las Madres vuelvan a amadrinar el Instituto políticamente, quizá es más un deseo del estudiantado que esto vuelva a ser así, ya que en realidad ellas no tienen mucho interés de que esto suceda, ellas manifestaron su intención de no volver al instituto luego de lo que pasó en estos últimos años. Pero estamos a la expectativa de que nuestros compañeros que hoy son funcionarios puedan persuadir-las y convencerlas. (CATROPPI, entrevista via e-mail, 2020)¹⁷¹

As Madres ficaram muito magoadas com tudo que foi feito com elas durante a gestão Macri. Em entrevista, Paz (2019), uma das colaboradoras da Associação, disse que as Madres foram desrespeitadas e que seria muito difícil retornar para o Instituto. Essa posição reforça a informação apresentada por Catropi, que as Madres praticamente perderam o interesse pelo Instituto e que os professores, estudantes e funcionários da instituição terão um papel importante para convencê-las da necessidade histórica de retomada da relação entre mães e filhos.

Catropi (2020), também informa que a vitória e a posse de Alberto Fernández na presidência argentina, podem modificar o cenário político pedagógico do Instituto Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo.

¹⁷¹. É possível que as Mães voltem a patrocinar politicamente o Instituto, talvez seja mais um desejo dos alunos que isso ocorra novamente, uma vez que, na realidade, elas não têm muito interesse em que isso aconteça, elas expressaram sua intenção de não voltar ao instituto depois do que aconteceu nos últimos anos. Mas estamos na expectativa de que nossos companheiros, que agora são funcionários públicos, possam persuadi-las e convencê-las. (CATROPPI, entrevista via e-mail, 2020)

Aún no hay modificaciones estructurales. Estamos a la espera del desplazamiento del rector y la designación de nuevas autoridades, es inminente esta modificación, ya que el actual rector vino a modificar el proyecto político académico que nace con la Universidad Popular de Madres de Plaza de Mayo. Estamos a la espera de las decisiones, acuerdos y movimientos políticos, pero tenemos esperanzas y certezas de que ese momento pronto llegará. (CATROPPI, entrevista via e-mail, 2020)¹⁷²

Estão em curso boas notícias. A mudança política na Argentina, com reestabelecimento do Peronismo, barrou o projeto da direita neoliberal que estava deteriorando as políticas públicas do país e comprometendo, principalmente, a educação. Esse cenário anima para possíveis transformações e alterações na política que vinha sendo encaminhada pelo macrismo.

Se a Associação das Madres de Plaza de Mayo resolveu não retomar a influência do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos, a prática estabelecida pelo Ministério da Justiça e pela reitoria do Instituto, em relação às Madres, será de respeito e admiração pelo lindo e combativo trabalho desenvolvido por estas mães que pariram uma universidade com muitos filhos e filhas, uma universidade popular, dos movimentos sociais, da democracia, contra a ditadura civil-militar (1976-83), uma universidade para o povo.

É chegada a hora de refazer o caminho de volta...

**Acorda América, chegou a hora de levantar.
O sague dos mártires, fez a semente se espalhar.**

**Nestes campos, nestas planícies, nestes vales e caatingas;
Nestas raízes entrelaçadas de etnias tão misturadas:
É assim meu povo, a nossa América Latina.**

**Meu irmão índio, meu irmão afro,
Meus latinos companheiros,
Nós somos vítimas das dependências
De um império estrangeiro:
É assim o meu povo, a nossa América Latina.**

**Eu me pergunto a todos nós: Até que dia nós aguentamos
Essa violência tão assassina? Nos tomam as terras, matam os índios,
Nos deixam os restos da nossa América Latina.
(Augusto Brito, Música da Pastoral de Juventude do
Meio Popular, anos 1980/90)**

¹⁷² . Ainda não há modificações estruturais. Estamos aguardando a deposição do reitor e a nomeação de novas autoridades, essa modificação é iminente, uma vez que o atual reitor passou a modificar o projeto político académico que nasceu com a Universidade Popular de Madres de Plaza de Mayo. Estamos aguardando decisões políticas, acordos e movimentos, mas temos esperanças e certeza de que esse momento chegará em breve. (CATROPPI, entrevista via e-mail, 2020)

(In)Conclusões: A urgência das Universidades Populares no Brasil

O exemplo da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) nos estimula a pensar a criação de Universidades Populares no Brasil. A Escola Nacional Florestan Fernandes, idealizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), é uma instituição de ensino voltada para formação acadêmica, técnica e política dos trabalhadores do campo, daqueles que nasceram nas terras que cultivam, que amam, que têm uma ligação profunda de amor ao seu povo e seu lugar.

Essa escola, criada em 2005, é uma das grandes referências para se pensar a proliferação de Universidades Populares no Brasil. É preciso converter espaços de formação técnica, acadêmica, artística, esportiva, cultural, em Universidades Populares, em lugares de valorização da experiência, do sentido da vida do povo. Esses espaços estão espalhados pelo país e são muitos e de muita qualidade pedagógica, política e moral.

Durante décadas, os movimentos sociais, aqueles diretamente ligados à educação, se organizaram através da criação de escolas comunitárias, cursos técnicos e, na década de 1990, chegaram os cursos pré-vestibulares que eficazmente promoveram a entrada de estudantes de escolas públicas em diversas universidades brasileiras e estrangeiras. Os cursos pré-vestibulares comunitários vão pressionar positivamente para a consolidação da política de cotas que enegrece lindamente as universidades e faculdades desse país.

Sem os cursinhos pré-vestibulares e a política de cotas, não teríamos hoje uma transformação étnico-racial-social e política do ensino superior. A universidade começa a ser diversa, pois houve um aumento significativo da presença dos afrodescendentes, indígenas, mulheres, gays, lésbicas, travestis, transexuais e assexuais. Enfim, a universidade do século XXI é mais diversa e plural do que no passado, e a luta dos movimentos sociais foi decisiva para mudar esse quadro.

Estamos falando de uma política que começa no início dos anos 1990 do século XX e, depois de trinta anos, percebemos as transformações desse processo para a classe popular.

Agora chegou a hora das Universidades Populares! As experiências, saberes e fazeres dos movimentos sociais, culturais, religiosos, artísticos desse país, precisam subir o “sarrafo”, ou seja, elevar o patamar das suas experiências e reconhecer a importância das suas ações históricas que contribuem, sobremaneira, para a construção de valores e práticas humanitárias nas periferias do Brasil.

Se não fossem as ações dos trabalhos de educação popular nas diversas comunidades e bairros populares, esse país estaria bem pior.

As Universidades Populares já estão por aí e fazem a diferença com música, poesia, teatro, artes plásticas, cursos técnicos, de artesanato, escolinhas de futebol, educação ambiental, cursos pré-vestibulares, quilombos educacionais (exclusividade da Bahia esta nomenclatura, motivada pela relação com a história de nossas comunidades advindas de quilombos históricos), escolas comunitárias, museus de arte popular, entre outras iniciativas, que tornam a periferia um espaço privilegiado de produção de conhecimento e socialização de saberes, o que Boaventura de Souza Santos (2010) chama de Ecologia dos Saberes¹⁷³ e o mestre Paulo Freire intitulou de Educação Popular, Pedagogia do Oprimido (2015) que, aos poucos se transforma em Pedagogia da Esperança (1992), Pedagogia da Autonomia (1996) e que podemos “re-nomear” como Universidade dos Saberes e Experiências Populares, universidade viva que lida com o sentido da existência das pessoas, universidade da práxis de Marx¹⁷⁴ (2004) e Vásquez (2011), da luta por hegemonia em Gramsci (2002) ou contra hegemonia¹⁷⁵/outra hegemonia¹⁷⁶/hegemonia alternativa¹⁷⁷, conceitos citados por Rebuá (2015) em sua tese.

Universidade que globaliza a cultura, globaliza humanidade (SANTOS,2002), universidade transmoderna (DUSSEL, 2016), aliás, uma Pluriversidade, o lugar da interculturalidade, entre o povo e a academia, das relações entre o que se convencionou chamar de “clássico” e o que convencionalmente chamamos de “popular.”

Esse popular é o lugar do saber profundo, fecundo, citado por Luciano Santos (2013), o lugar dos movimentos sociais e não do banditismo social, nas palavras de Antônio Dias Nascimento (2019), o lugar da experiência no sentido mais benjaminiano (REBUÁ, 2020), o lugar das narrativas, da memória, da autobiografia de Elizeu Souza (2016), o lugar, também,

¹⁷³. “Para se redesenhar uma outra concepção de universidade menos conectada aos desígnios de mercado e mais voltada para a emancipação social dos cidadãos, é necessário trazer a ecologia de saberes para dentro das universidades. Isto significa reinstrumentalizar a prática universitária, ou seja, apreender novas maneiras de construção de conhecimento, menos pautadas pelas medidas padronizadas pela racionalidade cognitivo-instrumental.” (MOASSAB, 2008, p.03)

¹⁷⁴. Marx entende a práxis como uma atividade eminentemente humana, essa atividade é prático-crítica, pois é sensível, subjetiva e consciente para o ser humano. “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; mas o que importa é transformá-lo.” (Marx, 2004, p. 120).

¹⁷⁵. O conceito de contra-hegemonia não foi formulado por Gramsci, mas tem sido, segundo Rebuá (2015, p.42) usado por diversos intelectuais como: “os brasileiros Carlos Nelson Coutinho (2007), Gaudêncio Frigotto (2010a), Virgínia Fontes (2008), Lúcia Neves (2005), José Paulo Netto (2008), Dênis de Moraes (2008), Emir Sader (2004) e os britânicos Raymond Williams (1979) e Terry Eagleton (1997), objetivando traduzir/demarcá-lo, em termos de luta ideológica e material, um projeto antagônico de classe, em relação à hegemonia burguesa.”

¹⁷⁶. Expressão usada por Semeraro (2009, p. 175) conforme citado por Rebuá (2015, p.43), que representa “interpretações diferentes sobre o conceito de hegemonia em Gramsci”.

¹⁷⁷. Daniel Campione (2003, p. 53), citado por Rebuá (2015, p.43), utiliza a expressão “hegemonia alternativa” como sinônimo de contra-hegemonia.

do Barroco de Stella Rodrigues (2019), pois todas as concepções, escolas, correntes artísticas/literárias/existenciais precisam ser conhecidas.

A Universidade dos Saberes e Experiências Populares é a transição necessária que muitos movimentos sociais precisam fazer para ampliar suas lutas no século XXI. É preciso fazer esses valores chegar com mais intensidade e intimidade às pessoas da periferia.

Converter e reconhecer experiências educativas, culturais, ambientais, que estão presentes nas comunidades, em universidades populares, talvez seja, no momento contemporâneo das lutas dos povos, das classes trabalhadoras ou que vivem do trabalho (ANTUNES, 2020), uma reoxigenação das mobilizações populares por melhores condições de vida.

Como exemplo desses espaços que são potenciais universidades populares, temos o Acervo da Laje, o Quilombo do Orobu e o Sarau da Onça. Essas três instituições, cada uma com sua atividade específica, fazem um trabalho que recupera o sentido do popular, a história do povo e do seu lugar.

O Acervo da Laje é um espaço de memória artística, cultural e de pesquisa sobre o Subúrbio Ferroviário de Salvador, que surgiu em 2010, fruto de pesquisas sobre a arte invisível dos trabalhadores da beleza nas periferias de Salvador, realizadas pelo professor José Eduardo Ferreira Santos em parceria com o fotógrafo Marco Illuminati. A partir dessa experiência, José Eduardo e sua companheira Wilma Santos fundam o Acervo da Laje, que se caracteriza por ser uma casa-museu-escola.

O Acervo possibilita arte e educação para a comunidade do Subúrbio Ferroviário de Salvador, uma das regiões mais populosas da cidade. O espaço de arte popular, atrai artistas, intelectuais, instituições educacionais públicas e privadas, e promove um trabalho de formação de público com crianças, jovens, adultos da comunidade e de outras localidades, para a percepção estética, para compreender a importância dos bens culturais para a vida.

O espaço é composto por bibliotecas (Geral, Coleções, Livros Raros, Futebol, Baiana, Poesia, Autografados, Arte), hemeroteca, coleções de CDs, discos, manuscritos, croquis, conchas, tijolos, azulejos e porcelanas antigas, artefatos históricos, quadros, esculturas em madeira e alumínio, fotografias e objetos que contam a história do Subúrbio Ferroviário de Salvador, dialogando com toda a cidade, mostrando que também há beleza e elaborações estéticas neste território. (PORTAL ACERVO, 2020)

O Acervo é um lugar impressionante de vida cultural, artística, educacional, lúdica, vida no sentido mais humano do termo, é lugar da experiência profunda, do respeito ao que se produz e se torna arte na periferia, respeito ao passado, presente e futuro da criação criativa.

O curso Pré-Vestibular Quilombo do Orobu (localizado no bairro de Cajazeiras V) foi fundado em 1999. Os jovens daquela região que protagonizam essa ação, eram oriundos da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), uma pastoral ligada aos valores da Teologia da Libertação, às Comunidades Eclesiais de Bases (CEB'S), e tinham tido experiência no movimento estudantil, a exemplo de um dos seus fundadores, o professor/historiador Jailton Aleluia. Outra influência foi a presença de alguns membros desse grupo que foram estudantes do Steve Biko¹⁷⁸, uma cooperativa educacional (hoje Instituto) que surge em 1992, sendo o primeiro curso pré-vestibular comunitário em Salvador e considerado, também, o primeiro de quilombo educacional da cidade.

Que tem como objetivo favorecer o ingresso da juventude nas universidades e ao mesmo tempo desenvolver um processo de organização popular comprometido com o fortalecimento da identidade étnico racial e com a efetivação da cidadania da comunidade negra local. (RODRIGUES, 2008, p.06)

O Quilombo Educacional do Orobu se baseia numa pedagogia que busca a inserção desses jovens na universidade, sobretudo pública e fortalece os princípios da educação popular, do acesso a cidadania e da valorização da consciência negra. (SANTOS, 2018).

O Sarau da Onça surgiu em maio de 2011, desenvolvendo atividades culturais no bairro de Sussuarana (também a partir da experiência de jovens advindos da PJMP). Inicialmente com o objetivo de desestigmatizar o bairro, retirando-o das páginas policiais para ascende-los nas páginas culturais. O nome Sussuarana é de uma espécie de onça, por isso o nome deste sarau.

Desde o início o Sarau acontece no CENPAH - Centro de Pastoral Afro Padre Heitor Frisotti, a cada 15 dias, e todos os sábados durante os meses de maio e novembro. Embora essa parceria garanta o espaço físico, eles enfrentam muitos desafios, segundo Sandro Sussuarana, poeta, produtor e um dos idealizadores do Sarau. (ARAÚJO, 2019, p.01)

O Sarau da Onça é um espaço de encontro e formação crítica dos jovens, a partir da poesia. Uma das palavras de ordem do Sarau é “a poesia cria asas”. Essa mensagem prevalece

¹⁷⁸ . Maria José Pacheco e Gilmar dos Santos Rodrigues (2008), sendo pioneiros em protagonizar o reconhecimento acadêmico da experiência do Pré-Vestibular Quilombo do Orobu em seu TCC, justificam a relevância de sua pesquisa, tendo como orientador justamente o fundador do Steve Biko e atual vereador da cidade de Salvador pelo PSB, Silvio Humberto.

e ressignifica a ação dos jovens na periferia. O Sarau da Onça, também incentiva a criação de Saraus em outros bairros, realiza oficinas de escrita, dança e teatro e, recentemente, tem promovido debates com temas como Feminismo Negro, Extermínio da Juventude Negra, Depressão e Suicídio.

Esses exemplos apresentados demonstram que a força transformadora dessas instituições e a presença delas na periferia, são um contraponto para a realidade que o poder hegemônico tenta impor para essas localidades. Tenta a todo momento impor, sobretudo, através da mídia sensacionalista, uma percepção negativa da periferia, onde a de violência seria a carteira de identidade desses locais.

O trabalho dos movimentos sociais nas comunidades e favelas desse país constrói uma consciência crítica em torno da realidade sócio-político-econômica que cerca a região.

Por isso, é preciso se apropriar do termo Universidade, dando-lhe um caráter popular, temperando esse conceito e trazendo as práticas de aprendizagem e formação historicamente desenvolvidas na periferia, para essa concepção de conhecimento. A universidade é nossa, somos saberes e fazeres e, nesse sentido é urgente converter e reconhecer essas experiências que contribuem para o fortalecimento da cidadania e da identidade de classe nas comunidades.

Universidades Populares são possíveis instrumentos de luta que contribuem para enfrentar essa conjuntura complexa que tenta descartar por completo o saber das periferias, tenta impor a fragmentação, o superficial, o interesse exagerado pelo consumo, o ultraindividualismo, a ditadura do capital.

Universidades Populares são alternativas de resistência a esses ditames, lugares de trocas coletivas de experiências, espaços de memória, de histórias de vida, núcleos de encontros críticos e autocríticos, comunidades de interação solidária e fraterna com o saber, instituto de valorização da democracia e de respeito aos valores humanos.

É preciso acreditar em saídas para confrontar o sistema, não basta apenas sonhar com a derrocada do capitalismo, temos que agir e consolidar estratégias e táticas que sejam viáveis para a luta. A criação de Universidades Populares na sociedade brasileira, tendo os movimentos sociais como aliados, pode e deve ser uma grande conquista para recuperar o potencial de organização dessas instituições.

A Universidade das Madres de Plaza de Mayo, hoje Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos, a Escola Nacional Florestan Fernandes, a Universidade da Terra, a

UNIperiferias¹⁷⁹ e várias outras iniciativas citadas neste trabalho, comprovam que o caminho para reestruturar a capacidade política dos movimentos sociais na América Latina, passa por atitudes ousadas como essas.

Sejamos todas e todos Universidade Popular.

(In) Conclusões II: Perspectivas Brasil/Argentina

Quando iniciava a pesquisa em 2016, a conjuntura não era nada favorável para os movimentos sociais na Argentina. O governo de Mauricio Macri começava a impor sua agenda de ajuste fiscal e redução do papel do Estado, e emplacava uma perseguição política contra as Madres de Plaza de Mayo. A pesquisa começava com muitas dúvidas.

De 2016 até 2020, o mundo deu voltas esquisitas, difíceis, ultraconservadoras, parece que voltamos à Idade Média em alguns momentos, em outros parece que estamos em plena Ditadura civil-militar de 1964-85, parece que a contemporaneidade quer evidenciar ou viver aquilo que de pior habitou alguns desses tempos históricos.

Sucederam-se, nesse período, o golpe no Governo Dilma, o começo do governo de direita de Mauricio Macri na Argentina, a vitória de Donald Trump em 2016, a vitória do neofascismo no Brasil e os Coletes Amarelos na França (2018) a queda de Tereza May e ascensão de Boris Johnson, o Golpe na Bolívia, destituindo Evo Morales, a Crise Política na Venezuela e a caricata autoproclamação de Juan Guaidó, a Crise Política no Chile, a derrota do ciclo progressista no Uruguai e a derrota de Mauricio Macri na Argentina, todos esses últimos eventos em 2019 e a continuidade da Crise Migratória, também conhecida como crise de refugiados na Europa, que se impõe desde 2015.

Em 2020, os socialistas espanhóis conseguem montar o governo com a liderança de Pedro Sánchez, do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), os EUA e o Irã ensaiam uma guerra, que não se consolidou ainda, e instala-se a crise mundial de caráter político-econômico e, principalmente, humanitário por conta do Coronavírus (Covid-19), recentemente identificado na China o qual ameaça boa parte das nações, sobretudo as mais pobres, que tem uma péssima política sanitária.

Retrocedemos mais do que avançamos, pode ser prenúncio de algo positivo que deve apontar por aí, mas também, pode não ser nada. Não arrisco nenhum palpite, pois, em

¹⁷⁹ . Ao término desse texto, recebo por e-mail uma Carta Convite da Rede Internacional de Periferias, responsável pela UNIperiferias/IMJA (Universidade das Periferias/ Instituto Maria e João Aleixo) para ser um colaborador na condição de pesquisador docente e tornam-se integrante da Rede Internacional de Pesquisadores. Uma notícia muito boa. Veja carta na íntegra em anexo.

Ciências Humanas, não usamos “bola de cristal” para falar do futuro, mesmo com os dados e uma análise crítica precisa da conjuntura, não arriscamos palpites, pois projetamos cenários que podem mudar a qualquer momento. A realidade é dialética e depende do movimento das coisas, das idas e vindas do cotidiano, a história humana é, assim, imprecisa e contraditória.

Quando a pesquisa se iniciou, o cenário político na Argentina era desfavorável para os movimentos sociais, sobretudo para as Madres. O Peronismo/kirchnerista perdia as eleições e espaço institucional na política nacional.

Felizmente, a tese se encerra com uma notícia boa, pois a direita que ocupava a Casa Rosada (Palácio do governo), nesse período não renovou sua estadia e teve que “arrumar suas trouxas” e dar o fora do governo. A vitória de Alberto Fernández nos anima para discutir a retomada do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo, que foi bastante prejudicado nesse governo.

Também é preciso promover uma reaproximação das Madres de Plaza de Mayo com o Instituto que foi criado a partir da ação transgressora dessas mães, que perderam seus filhos durante a ditadura e acabaram parindo outros filhos na Universidade Popular. É importantíssima essa reconciliação, pois o momento histórico-político vivido hoje na Argentina, possibilita e precisa desse encontro entre Madres e Hijos. A América Latina militante e progressista agradece essa reaproximação.

Termino essa tese com a alegria de ter conhecido as Madres de Plaza de Mayo, a Argentina e os Hermanos do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos tendo percebido que o Brasil é parte importante da América Latina, da América do Sul e precisamos entender a importância dessa condição. Nós não estamos fora da América Latina, mas as vezes parece que não fazemos parte dela.

É preciso fortalecer esses vínculos de irmandade com nossos Hermanos e Hermanas. Nesse sentido, proponho que a Universidade do Estado da Bahia, através do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), promova um processo de intercambiação político-pedagógica com o Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo, e também com a Associação das Madres, para a construção de atividades de pesquisa e de formação entre estudantes, professores, militantes, artistas, sobre: Educação Popular na América Latina; Pensamento Latino Americano; Compreensão Histórica da América Latina; Fazer Artístico Latino-americano; Histórias de vida, memória e autobiografia na América Latina; Movimentos Sociais na América Latina; Educação, Gênero e Diversidade na América Latina; Educação e “Juventudes” Latino-americanas, Educação Inclusiva na América Latina; Educação e Políticas Afirmativas na

América Latina; Educação e Políticas Culturais na América Latina, entre outras temáticas que podem promover essa relação Brasil-Argentina e, futuramente, com mais países e universidades, e outras instituições.

Outra sugestão é a criação, no Programa, da cadeira Educação e América Latina: Outros Mundos Possíveis, assim teremos um momento para discutir questões de interesse sobre o tema proposto, mantendo-o sempre em evidência na Universidade.

Esta tese buscou conhecer a experiência da Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo, hoje Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos e esse objetivo foi alcançado. Essa experiência, assim como as demais apresentadas nessa pesquisa sobre Universidade Populares, comprova que são espaços de educação popular necessários para a contemporaneidade.

A forma como cada universidade se desenvolve, cria seus espaços, constrói seu currículo, busca financiamento, atrai estudantes, é muito particular e específica. Cada instituição tem sua dinâmica própria, e isso demonstra a riqueza político-pedagógica das universidades populares.

A pesquisa não encerra o assunto e nem poderia. Esta tese tem, com sua conclusão, o interesse de estimular mais estudos sobre o tema e apoiar todas as iniciativas de construção de universidades populares na América Latina. Essas experiências são viáveis, ambientalmente saudáveis, politicamente possíveis.

Esperamos que os movimentos sociais e aqueles que sonham com um outro mundo mais solidário, mais humano, possam “arregaçar as mangas” e acreditar na viabilização desses espaços, desses encontros, dessa alternativa de educação popular para encarar o futuro, para fazer frente a esse tempo de avanço do ódio, da intolerância, de posições neofascistas em várias partes do mundo.

As Universidades Populares são possibilidades para se pensar e fazer uma outra universidade, uma educação do encontro, da partilha, do aconselhamento, das trocas de experiências, da avaliação e autoavaliação, da democracia e da ética como princípios, do respeito incondicional às escolhas e opções do outro.

A Universidade Popular é a potência necessária para organizar as lutas dos excluídos na cidade e no campo, dos afrodescendentes, indígenas, mulheres, comunidades LGBTQ+, das pessoas com deficiências, dos idosos, dos “Condenados da Terra”, como discute Fanon (1968) em sua obra fundamental para entender os efeitos devastadores da colonização.

Para Fanon (1979, p. 172), "cada geração deve, numa relativa opacidade, descobrir sua missão, executá-la ou traí-la." Digo que, nesse momento histórico tão difuso, híbrido difícil,

nossa missão é criar e estimular o surgimento de Universidades Populares. Façamos, então, o que o tempo histórico exige e: “atenção, tudo é perigoso, tudo é divino maravilhoso, atenção para o refrão: é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte”. (VELOSO, 1969).

Sejamos resistência sempre! Salve as Madres de Plaza de Mayo, salve a Universidade Popular, salve a América Latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

ACOSTA, Yamandú. **Pensamiento uruguayo**. Estudios latinoamericanos de história de las ideas y filosofía de la práctica, Nordan, Montevideo, 2010.

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Paz e Terra: São Paulo, 2006.

AGUAYO, Enrique. **Agustín Basave Fernández Del Valle**. Enciclopedia de la filosofía mexicana. Siglo XX. Centro de documentación en filosofía latinoamericana e Ibérica” (CEFILIBE) Departamento de Filosofía de la Universidad Autónoma Metropolitana-Unidad Iztapalapa, México, 2014.

ALESSI, Gil e BEDINELLI, Talita. **O movimento fragmentado que uniu direita, esquerda e a insatisfação contra Temer**. Jornal El País, São Pulo-SP, 2018.

AMATUZZI, M. M. **Pesquisa fenomenológica**: uma aproximação teórico humanista. Estudos de Psicologia (Campinas), vol.26 no.1, Campinas, jan.mar. 2009.

ANDRÉ, Marli. **O Que é um Estudo de Caso Qualitativo em Educação?** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.22, n.40, p.95-103, jul/dez.2013.

ANTUNES, Celso. **“Uberização” do trabalho**: caminhamos para a servidão, e isso ainda será um privilégio. Revista Unisinos (Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, RS, 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591102-uberizacao-nos-leva-para-a-servidao-diz-pesquisador>, acesso: 04/02/2020.

ARAÚJO, Jamile. **Dos contos às poesias de quebrada**: oito anos de Sarau da Onça em Salvador, Brasil de Fato, Salvador, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/09/dos-contos-as-poesias-de-quebrada-oito-anos-de-sarau-da-onca/>, acesso: 31/01/2020.

ARAÚJO, Renata Miranda de. **A Liberdade Como Princípio Para uma Educação Transformadora**. Dissertação mestrado, Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2015.

ARGOTE, Germán Marquínez. **¿QUÉ ES ESO DE “FILOSOFÍA AMERICANA”? EL GRUPO DE BOGOTÁ**. Universidad Pontificia de Salamanca, Cuadernos Salmantinos de Filosofía Vol. 42, 2015, 131-147.

ARGUELO, Roberto Sáenz. **Algumas reflexões à vigência e aos desafios da educação popular, no contexto da VI Assembléia Geral do CEAAL**. In: PONTUAL, Pedro; IRELAND, Timothy. (Org.). Educação popular na América Latina. Brasília, DF: SECAD/UNESCO, 2006.

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de e BERTOLLETTI, Vanessa Alves. **Anísio Teixeira e a Construção da Universidade Brasileira**. Seminário de Pesquisa do PPE, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2010.

BAHL, Santiago. **Osvaldo Adelmo Ardiles (1942-2010): Perfil bio-bibliográfico en perspectiva latinoamericana**. CUADERNOS DEL CEL, 2018, Vol. III, nº6 Págs.144-155.

BASILE, Teresa. **La Universidad Popular de las Madres de Plaza de Mayo: emergencia de nuevas prácticas en cultura y poder en la Argentina de la posdictadura**. In: Daniel Mato, coord.: Estudios y Otras Prácticas Intelectuales Latinoamericanas en Cultura y Poder. Caracas: CLACSO, CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela, 2002. p. 67-78. Disponível em: <http://globalcult.org.ve/pdf/Basile.pdf>. Acesso em: ago. 2015.

BAPTISTA, William José. **O dever da verdade: fundações da filosofia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAYER, Osvaldo. **Prólogo: Dar a Luz.** In: GORINI, Ulises. *La Rebelión de las Madres: História de las Madres de Plaza de Mayo.* Tomo I, 1ª ed.- Biblioteca Nacional, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2015.

BELL, Daniel. **The End of Ideology; On the Exhaustion of Political Ideas in the Fifties.** Glencoe: Free Press, 1960.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza.** In: *Magia e técnica, arte e política.* 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENZAQUEN, Júlia Figueredo. **Contribuições da Teoria Descolonial Para a Sociologia Crítica.** XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

_____. **Universidades dos Movimentos Sociais:** apostas em saberes, práticas e sujeitos descoloniais. Tese de Doutorado (Programa de Doutorado em Pós-colonialismos e Cidadania Global), Departamento de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal, dezembro de 2011.

BEORLEGUI, Carlos. **Historia del pensamiento filosófico latinoamericano:** Una búsqueda incesante de la identidad. Serie Filosofía, vol. 34, 3 Ed, Universidad de Deusto Bilbao, 2010.

BERNARDES, Cleide e CABRERA, Júlio. **A Ética da Libertação de Enrique Dussel:** Entre as éticas europeias e o principialismo na bioética. Revista BIOETHIKOS- Centro Universitário São Camilo – 2014, p. 385-394.

BOCCA, Pedro P. **O Impeachment e o Realinhamento Neoliberal na América Latina.** Carta Capital, Blog do GR-RI. São Paulo-SP, PLURAL Editora e Gráfica, 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-grri/o-impeachment-e-o-realinhamento-neoliberal-na-america-latina>. Acessado em 24 de abril 2017.

BOHÓRQUEZ, Carmen, DUSSEL Enrique e MENDIETA, Eduardo. **El Pensamiento Filosófico Latinoamericano, Del Caribe y “Latino” (1300-2000)**: historia, corrientes, temas y filósofos, México: Siglo XXI: Centro de Cooperación Regional para la Educación de Adultos en América Latina y el Caribe, 2009.

BONAFINI, Hebe de. **Seguir Pariendo**: Discursos de Hebe de Bonafini 1983-2012. 1ª ed. Ediciones Madres, de Plaza de Mayo, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2013.

_____. **¿Como macio lá Universidade?**, Universidade Popular das Madres de Plaza de Maio, Buenos Aires, 2005. Disponível em: <http://www.madres.org/navegar/nav.php?idsitio=2&idcat=237&idindex=73>, acesso: 19/01/2020.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ., Abr 2002, no.19, p.20-28.

BOUVARD, Marguerite Guzman. **Revolutionizing Motherhood**: The Mothers of the Plaza De Mayo. Wilmington: Scholarly Resources Inc., 1994.

BRANDÃO, C. R.; FAGUNDES, M. C. V. **Cultura Popular e Educação Popular**: expressões da proposta freireana para um sistema de educação Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 89-106, jul. /Set. 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Método Paulo Freire**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRONNER, Luc e MALINGRE, Virginie, **Sede de Saber Amplia Universidades Alternativas**. Le Monde, Paris/ França, 2005. Trad. Jean-Yves de Neufville.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **EDUCAÇÃO POPULAR FRENTE A RISCOS DE DESFIGURAÇÃO**: algumas balizas de insurgência. FREPOP - Fórum de Educação Popular. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2016. Disponível em: <http://frepop.org.br/educacao-popular-frente-a-riscos-de-desfiguracao-algumas-balizas-de-insurgencia/>, Acessado em: 20 de abril de 2017.

CAMILO, Rodrigo Augusto Leão. **A Teologia da Libertação No Brasil: Das Formulações Iniciais de Sua Doutrina aos Novos Desafios da Atualidade.** II Seminário de Pesquisa Diálogos Entre Graduação e Pós-graduação da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiânia (UFG), Goiânia, 2011.

CARVALHO, De Soraia. **Do fim da ditadura Argentina ao movimento piqueteiro: origens e desafios da organização dos desempregados.** Serviço. Social. Revista, Londrina, v. 12, n.2, p. 18-32, Jan./Jun. 2010.

CARVALHO, Eugênio Rezende de. **A Polêmica Entre Leopoldo Zea e Augusto Salazar Bondy Sobre a Existência de Uma Filosofia Americana (1968-1969).** Revista Ideias, Campinas (SP), n.7, nova série, 2º semestre (2013), p. 181-202. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649389/15944>, Acesso: 09/01/2019.

_____. **Arturo Andrés Roig: Precursor da História Intelectual latino-americana.** Tempos Históricos, Volume 19, 1º Semestre de 2015, p.48-62. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/download/12759/8819>, Acesso em: 09/01/2019.

CAVALCANTE, Laís Siqueira Ribeiro. **MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA ARGENTINA: O caso das Madres de Plaza de Mayo.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo – SP, 2017.

CERVEIRA, Neusah. **Rumo à Operação Condor - Ditadura, Tortura e Outros Crimes.** Projeto História, São Paulo, n.38, p. 97-118, jun. 2009.

CONTRERAS DOMINGOS, José. **El saber de la experiencia en la formación inicial del profesorado.** Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado, 78 (27,3) (2013), 125-136. Disponível em: <file:///C:/Users/FAMILIA/Downloads/Dialnet-ElSaberDeLaExperienciaEnLaFormacionInicialDelProfe-4688508.pdf>, Acesso: 28-11-2018.

———. **Experiencia, escritura y deliberación:** explorando caminos de libertad en la formación didáctica del profesorado. *Inter-Ação, Goiânia*, v. 38, n. 1, p. 1-35, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v38i1.25126>, Acesso: 30-11-2018.

CORDEIRO, Betânia dos Santos. **Educação Popular e Estado:** Abordagens em Teses de Doutorado nos Anos 2000. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CORDEIRO, Jaqueline. **Netflix: ‘Privacidade Hackeada’ expõe a guerra perversa da Internet**, Catraca Livre, São Paulo, SP, 2019.

COUTINHO, Suzana Costa. **A Práxis Educativa Popular.** *Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre*, Volume 04 - Número 10 - Ano 2012, p. 127-149.

CUÉ, E Carlos. **Responsáveis por “voos da morte” na ditadura argentina pegam prisão perpétua.** *Jornal El País*, Buenos Aires, Argentina, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/29/internacional/1511961825_111897.html, acesso em: 01/08/2019.

DARTIGUES, André. **O Que é Fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2008.

DIAZ, Adrian Figueroa. Em Defesa da Educação Popular. *Jornal Página 12*, Edição Impressa, 16 ago 2017, Buenos Aires-Argentina. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/46672-en-defensa-de-la-educacion-popular>, Acessado em 02 de agosto de 2017.

DINATALE, Martín. **Ricardo Sidicaro:** "O peronismo hoje não está em vigor e deixou de ter sentido". *Jornal Infobae*, Buenos Aires, 1º de julho de 2017. Disponível em: <https://www.infobae.com/politica/2017/07/01/ricardo-sidicaro-el-peronismo-hoy-no-esta-vigente-y-ya-dejo-de-tener-significado/>, acesso 19 de abril, 2019.

DOCKÈS, Emmanuel et CORCUFF, Philippe. **Pourquoi et comment une Université Populaire?**, Université Populaire de LYON (UNIPOP), França, 2019.

DOS ANJOS, José Edemilson Pereira. **O Pensamento Educacional de Anísio Teixeira e De Paulo Freire: A Educação no Brasil e os Desafios da Contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade– PPGEduc, Universidade do Estado da Bahia. Faculdade de Educação. Salvador, Ba, 2015.

DUSSEL, Enrique. **Para una ética de la liberación latinoamericana** – v. I-II. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 1973.

———. **Filosofia na América Latina: filosofia da libertação**. São Paulo: Loyola, 1977.

———. **La pedagogia latinoamericana**. Bogotá: Nueva America, 1980.

———. **Hacia un Marx desconocido: un comentario de los manuscritos del 61-63**. México: Siglo Veintiuno, 1988.

———. **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação**. São Paulo: Paulinas, 1997.

———. **Seminário de ética**. México: Unam, 2001.

———. **Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão**. São Paulo: Vozes; 2002.

———. **20 Teses de Política**. São Paulo, Expressão Popular/Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2007, 184 p.

———. **“Vivemos uma primavera política”**. Tradução de Elaine Tavares. Em: Captura críptica: direito, política, atualidade. Florianópolis: CPGD/UFSC, n. 2, vol. 1, julho-dezembro de 2009, p. 611-628.

———. **Cinco Teses Sobre o “Populismo”**. In: Paulo de Tarso na Filosofia Política e Outros Ensaios. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi, São Paulo, Paulus (Coleção Novos Caminhos da Teologia) 2016, p. 119-234.

———. **Transmodernidade e interculturalidade:** interpretação a partir da filosofia da libertação. Dossiê: Decolonialidade E Perspectiva Negra, Soc. estado. vol.31 no.1 Brasília Jan./Apr. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922016000100004>, acesso: 22/01/2020.

DUSSEL, E.- MENDIETA, E.,-BOHÓRQUEZ, C. (orgs), **El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe y 'latino'** [1300-2000], México, Siglo XXI, 2011, p. 18

DUTRA, Euza. **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica.** Revista Estudos Psicológicos. vol.7 no.2 Natal, July/Dec. 2002, p. 371-378 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>, acesso em: 10-08-2018.

ESCOBAR, Roberto, **La Utopia como Constante Filosofica En America.** Revista de Filosofia Faculdade de Filosofia e Humanidades Universidade do Chile, Vol. 16 No. 1-2 (1978).

ESPINHEIRA, Carlos Geraldo D'Andréa e SOARES, Antônio Mateus de Carvalho. **Conjuntos habitacionais em Salvador-Ba e a transitória inserção social.** Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo programa de pós-graduação do departamento de arquitetura e urbanismo EESC-USP, São Paulo, 2006, p. 57-65.

ESTEVA, Gustavo. **"De Volta para o Futuro"** - Notas para a apresentação em "Escaridade e Educação: Um Simpósio com Amigos de Ivan Illich", organizado por TALC New Vision, Milwaukee, 9 de outubro de 2004. Disponível em: https://translate.google.com/translate?hl=ptBR&sl=en&u=https://en.wikipedia.org/wiki/Gustavo_Esteva&prev=search, acesso 08/01/2020.

ETULAIN, Carlos R. **Peronismo e Origem dos Operários na Argentina.** Revista de Estudos de Sociologia, Araraquara, Departamento de Economia, Universidade São Francisco (USF), v. 10, n. 18/19, Bragança Paulista, 2005, p. 163-176.

FABRIS, Annateresa. **Memória dos desaparecidos**: algumas estratégias visuais. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.25. n.1. p. 261-278. jan.-abril 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v25n1/1982-0267-anaismp-25-01-00261.pdf>, acesso 02/08/2019.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1979.

FARIZA, Ignacio. **Dilma Rousseff**: “A América Latina Está Voltando ao Neoliberalismo”. El País. México, 2017.

Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/24/politica/1493063306_539413.html
Acessado em 24 de abril 2017.

FERNANDES, Fabiana Silva e GENTILINI, João Augusto. **Planejamento, Políticas Públicas e Educação**. CADERNOS DE PESQUISA, v.44 n.153 p.486-492 jul./set. 2014

FIGUEIREDO, Marina. **Do ideal ao real**: Madres de Plaza de Mayo e a ressignificação dos direitos humanos através da prática política. XXX Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia. San José, Costa Rica, 2016. Disponível em: <http://sociologia-alas.org/congreso-xxx/ponencias/>, acesso em 03/08/2019.

_____. **“¿Aparición con vida!”**: a importância da trajetória das Madres de Plaza de Mayo para os direitos humanos. Dissertação mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de São Paulo, SP, 2016.

FIRMINO, Gustavo Casasanta. **Conservadorismo liberal e classes médias**: uma análise do “Vem Pra Rua” e do “Movimento Brasil Livre”. Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, SP, 2015.

FORNAZIERI, Aldo. **A Crise da Esquerda e o Fim da Luta Sistêmica**. GGN: O Jornal de Todos os Brasis, 2013. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/comment/297884>, Acessado em 30 de maio de 2017.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Transformação Intercultural da Filosofia**, Entrevista de Marisa Di Martino com Raúl Fornet-Betancourt. Topologik.net, Rivista Internazionale Di Scienze Filosofiche, Pedagogiche e Sociali, Número 5, Itália, 2009.

Disponível em: http://www.topologik.net/Numero_5.htm, Acessado em 12-12-2018.

FREIRE ARAÚJO, Ana Maria de. **Paulo Freire: Uma História de Vida**. 2ª ed. rev. atualizada, Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 59ª ed. 2015.

_____. **Considerações em torno do ato de estudar**. In: Ação Cultural Para a Liberdade. 3. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Ação Cultural Para a Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 7ª ed. 1984.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um Reencontro Com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 3ª ed. 1992.

_____. **Educação Como Prática da Liberdade**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Política e Educação: Ensaios**. 5. Ed. São Paulo, Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo e NOGUEIRA, Adriano. **Que Fazer: Teoria e Prática em Educação Popular**. 7. ed. Petrópolis. Vozes, 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a Crise do Capitalismo Real**. São Paulo: Cortez, 2010.

FUKUYAMA, Francis. **O Fim da História e o Último Homem**. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GASPAR, María del Carmen Rovira. **Cerutti y la filosofía de la liberación latino-americana**. Rev. hist. (São Paulo), n. 116 (1984), p. 193-198 Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i116p193-198>, Acesso 23 de setembro de 2018.

GATTI, B. A.; ANDRÉ, M. **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil**. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 29-38.

GAUNA, Christian. **Alberto Parisí: Perfil bio-bibliográfico em perspectiva latinoamericana**. CUADERNOS DEL CEL, 2018, Vol. III, Nº 6 Págs. 223-239.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GONÇALVES, Renata. **De antigas e novas loucas: Madres e Mães de Maio contra a violência de Estado**. Lutas Sociais, São Paulo, n.29, p.130-143, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/neils-revista-29-port/renata-goncalves.pdf>, acesso: 24/07/2019.

GOMES. Marcus Alan de Melo. **Crítica à Cobertura Midiática da Operação Lava Jato**. Revista Brasileira de Ciências Criminais. São Paulo – SP, Vol. 122, agosto 2016. Disponível em <https://www.ibccrim.org.br/rbccrim/131-Revista-IBCCRIM-No-122-2016>. Acessado em 27 de março 2017.

GOMES, Vitor Luiz Menezes. **Lula sairá ainda maior da prisão**. Revista Carta Capital, Editora Confiança Ltda, São Paulo-SP, 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/lula-saira-ainda-maior-da-prisao/>, Acesso: 20/12/2019

GONH, Maria da Glória. **Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e Praças dos Indignados no Mundo**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2014.

GORINI, Ulises. **La Rebelión de las Madres: História de las Madres de Plaza de Mayo**. Tomo I, 1ª ed.- Biblioteca Nacional, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2015.

_____. **La Otra Lucha:** História de las Madres de Plaza de Mayo. Tomo II, 1ª ed.- Biblioteca Nacional, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2015.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere** - Os Intelectuais. O Princípio Educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 334 p. v. 2.

_____. **Cadernos do cárcere.** 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v.1

GUADARRAMA, González, Pablo. "**Filosofia latino-americana:** momentos de seu desenvolvimento". Em: Refletindo a partir de nossos contornos, os Diálogos Ibero-americanos. Querétaro: Universidade Autônoma de Querétaro. 2009. páginas. pp. 115-155.

_____. **Que história de filosofia é necessária na América Latina?** Anuário Hispano Cubano de Filosofia. Santa Clara, Cuba, 1996. Disponível em: <http://www.filosofia.org/mon/cub/dt015.htm>, acesso em: 15 de janeiro de 2019.

GUERIN, Mariângela. **Memória e conformação da identidade nos integrantes dos movimentos de "Madres y Abuelas de Plaza de Mayo".** Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, Brasília, DF, 2009.

GULDBERG, Horacio Cerrutti. **Filosofía de la liberación latinoamericana.** Prefacio a la tercera edición, Fondo de Cultura Económica, México, 2006.

_____. **Configuraciones de un filosofar sureador.** Orizaba (México), Ediciones del Ayuntamiento de Orizaba, 2006, 168 p.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Império,** Rio Janeiro, Record, 2001.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna:** Uma Pesquisa Sobre as Origens da Mudança Cultural. 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. **Bandidos.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 4ª Edição, 2010.

HORTA, José Luiz Borges, FREIRE, Thales Monteiro e SIQUEIRA, Vinicius de. **A Era Pós-Ideologias e suas Ameaças à Política e ao Estado de Direito**. Confluências, vol. 14, n. 2. Niterói: PPGSD-UFF, dezembro de 2012, páginas 120 a 133.

HUSSERL, E. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica, introdução geral à fenomenologia pura**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006. Tradução de Márcio Suzuki.

IBAÑEZ, Germán. **Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos Madres de Plaza de Mayo**, "La Uni" - Boletín Digital UPMPM N° 240, Buenos Aires, Octubre de 2014. Disponível em:
http://www.madres.org/documentos/boletines_upmpm/240/240_24OCT_2014.html,
 19/01/2020.

JAKOBSEN, Kjeld. **A Direita Retoma Espaço na América do Sul**. Revista Teoria e Debate. edição 143, Fundação Perseu Abramo. Dezembro 2015. Disponível em
<http://www.teoriaedebate.org.br/index.php?q=colunas/mundo/direita-retoma-espaco-na-america-do-sul>, acessado em 20 de março 2017.

Jay, Martin. **Cantos de experiência**: Variaciones modernas sobre un tema universal, Buenos Aires: Paidós, 2009.

LARAIA, Roque Barros. **Cultura**: Um Conceito Antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LIMA, Antônio Balbino Marçal. **O Que é Fenomenologia?** In: LIMA, Antônio Balbino Marçal (Org.). Ensaio Sobre Fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Ilhéus, Ba, Editus, 2014, p. 9-14.

LIPOVETSKY, Gilles e CHARLES, Sébastien. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

LOPES, Raissa. **Da mídia alternativa à resistência popular**: conheça 4 faces da luta contra os golpes. Revista Brasil de Fato. Belo Horizonte (MG), 2017
Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/04/01/da-midia-alternativa-a-resistencia-popular-conheca-4-faces-da-luta-contr-os-golpes/>. Acessado em 15 de maio de 2017.

LÖWY, Michael. **Qual Esquerda?** Os dois tipos de esquerda na Europa. Revista Digital Carta Maior, São Paulo, SP, 2013. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Qual-esquerda-Os-dois-tipos-de-esquerda-na-Europa/4/29878> Acessado em 30 de abril de 2017.

MANCIE, Euclides André. **Arturo Andrés Roig e a Filosofia da Libertação na Década de Setenta**. Curitiba, dezembro de 1994.

_____. **Uma Introdução Conceitual às Filosofias de Libertação**, Curitiba, 2000.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845 – 1846). São Paulo: Boitempo, 2007

MENDES JÚNIOR, Jaime Nogueira e FERREIRA, Marcos César. **Análise Compreensiva: Conceito e Método**. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 21-35, jan./abr. 2010.

MERLEAU- PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MESQUITA, Rui G. M., NERY, Rodrigo, OLIVEIRA Gustavo Gilson. **Análise da Carta ao Povo Brasileiro de 2002**. GT-08 EMANCIPAÇÃO, CIDADANIA E RECONHECIMENTO: EXPERIÊNCIA, MEMÓRIA E PROJETO. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, UFPE, Recife (PE), 29 de maio a 1 de junho de 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MISSAGGIA, J. **A Noção Husserliana de Mundo da Vida (Lebenswelt)**: Em Defesa de Sua Unidade e Coerência. Trans/Form/Ação vol.41 no.1 Marília jan./mar. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v41n1/0101-3173-trans-41-01-0191.pdf>. Acesso em: 08 de julho de 2018.

MOASSAB, Andréia. **A prática da ecologia de saberes**: reflexões sobre a hipermídia educativa a invenção do outro na mídia semanal. e-cadernos CES [Online], 02/2008, Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1367>, DOI : 10.4000/eces.1367, acesso: 31/01/2020.

MOVIMENTO BARRIOS DE PIE, **Se hace camino al andar: presentación de nuestra Universidad Popular**, Buenos Aires, 2019. Disponível em: [http://www.universidadepopular.org/site/media/destaques/Universidad Popular Barrios de Pie.pdf](http://www.universidadepopular.org/site/media/destaques/Universidad_Popular_Barrios_de_Pie.pdf), acesso: 06/01/2020.

MOURA, Tatiana Matias de. **Políticas afirmativas nos governos Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff**. Intercom –Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste –Vitória – ES, 2019. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0197-1.pdf>, acesso: 11/01/2020.

NASCIMENTO, A. **Universidade e Cidadania**: o movimento dos cursos pré-vestibulares populares. Lugar Comum (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 17, p. 45-60, 2002.

NASCIMENTO, Alexandre do. *et al.* **Para uma Universidade Nômade**. Home Universidade Nômade, 2003. Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120819Para%20uma%20Universidade%20N%C3%B4made.pdf, acesso: 09/01/2020.

NASCIMENTO, A. D. **Algumas notas sobre Educação Popular e Organização de Base no Brasil entre as décadas de 1950 e 1980**. In: NUNES, Eduardo José Fernandes; BARRETO,

Maria Raidalva Nery; Marcos Santos (Org.). (Org.). **A GESTÃO SOCIAL DA EJA E SUAS INTERFACES COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A EDUCAÇÃO POPULAR NO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO SISAL – BAHIA**. 1ed. Curitiba: CRV, 2015, v. 1, p. 49-64.

_____. Sobre o Banditismo Social: Comentários Críticos. II Qualificação Doutoral sob o título: “ **La Calle, La Plaza, La Palabra**”: Educação Popular, Contemporaneidade e Experiência da Universidade das Madres de La Plaza de Mayo, doutorando Ivandilson Miranda Silva, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), Universidade do Estado da Bahia, 2019.

NEIVA, Álvaro. **As Mães da Praça de Maio**. Fórum Social Mundial.org. br/notícias, 2004.

NETTO, Fábio Prudente e VASCONCELOS, Vitor Jorge Gonçalves. **A jurisprudência do erro**: a prisão de Lula na suprema corte brasileira. Le Monde Diplomatique Brasil, Plural Indústria Gráfica Ltda, Santana de Parnaíba – SP, 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-jurisprudencia-do-erro-a-prisao-de-lula-na-suprema-corte-brasileira/>, Acesso: 20/12/2019.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. **A Nova Pedagogia da Hegemonia**: Estratégias do Capital Para Educar o Consenso. São Paulo: Xamã, 2005.

OPERAMUNDI, **Milhares de professores voltam às ruas de Buenos Aires em defesa da educação pública argentina**, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/46730/milhares-de-professores-voltam-as-ruas-de-buenos-aires-em-defesa-da-educacao-publica-argentina>, Acesso: 20/01/2020.

PALACIOS, Leopoldo Morini. **Las Universidades Populares**, Edição Digital, Fundación Municipal de Cultura de Gijón, España, 2002.
Disponível em: <http://www.filosofia.org/aut/lpm/index.htm>, acesso: 07/01/2020.

PALUDO, Conceição. **Educação Popular e Movimentos Sociais na Atualidade**. Revista América Latina em movimento on-line, 2010. Disponível em: <http://www.alainet.org>, Acessado em: 15 de maio de 2017.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima e PEREIRA, Eduardo Tadeu. **Revisitando a História da Educação Popular no Brasil: Em Busca de Um Outro Mundo Possível**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.40, p. 72-89, dez.2010.

Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/40/art05_40.pdf, Acessado em 30 de abril de 2017.

PÉREZ, Alberto Julián. **Rodolfo Kush y su crítica ala Razón Occidental**. Mitológicas [On-line] 2010, XXV, Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/146/14615247002.pdf>, Acesso em 10/01/2019.

PESCE, Lucila e ABREU, Claudia Barcelos de Moura. **Pesquisa Qualitativa: Considerações Sobre as Bases Filosóficas e os Princípios Norteadores**. Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 205-213, jul./dez. 2013.

Picotti. Dina V., **América en la Historia**. Cuyo. Anuario de Filosofía Argentina y Americana, nº 21/22, años 2004-2005, p. 45 a 57.

_____, **Os Desaparecidos da História: Uma entrevista com Dina Picotti**. REVISTA IHU (Institutos Humanitas Unisinos) ON-LINE, São Leopoldo – RS, 2013. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/171-noticias/noticias-2013/526809-os-desaparecidos-da-historia-uma-entrevista-com-a-doutora-em-filosofia-dina-picotti>, Acesso: 30/04/2019.

PINTO, Simone Rodrigues. **O Pensamento Social e Político Latino-Americano: etapas de seu desenvolvimento**. Revista Sociedade e Estado - Volume 27 Número 2 - Maio/Agosto 2012, p. 332-359.

PIOVESAN, Flávia. **Ações afirmativas no Brasil: desafios e perspectivas**. Rev. Estud. Fem. vol.16 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2008. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300010>, acesso: 11/01/2020.

PORTAL ACERVO. **O Acervo**. Acervo da Laje, Salvador, 2020. Disponível em: <https://acervodalaje.com.br/apresentacao>, acesso: 20/01/2020.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y Modernidad-racionalidad**. In: BONILLO, Heraclio (comp.). Los conquistados. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento, FLACSO, 1992, p. 437-449.

RBA, **Professores argentinos marcham contra crise na educação**, Rede Brasil Atual, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/2018/09/professores-argentinos-realizam-marcha-contr-a-crise-na-educacao/>, Acesso: 20/01/2020

REBUÁ, Eduardo. **DA PRACA AO SOLO: UM NOVO CHAO PARA A UNIVERSIDADE** As experiências das universidades populares de Madres de Plaza de Mayo [UPMPM] e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra [ENFF] em tempos de crise neoliberal na América Latina [2000-2010]. Tese Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Educação [PPGE], Niterói, RJ, 2015.

_____. **MÃES DA PRAÇA E FILHOS DA TERRA: As Universidades Populares de Madres de Plaza de Mayo e o MST na Década de Crise do Neoliberalismo na América latina**. Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente, Organização: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx), Niterói (RJ), agosto de 2015.

_____. **Sociedade Civil e Sociedade Política na América Latina do Século XXI**. Experiências de resistência ao ciclo neoliberal: pedagogia do campo e pedagogia da memória na práxis transformadora de MST e Madres de Plaza de Mayo. Anais do XI Encontro Internacional da ANPHLAC 2014 – Niterói – Rio de Janeiro.

_____. **Movimentos Sociais e Educação Popular na América Latina: Madres e MST**. 36ª Reunião Nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt03_3166_texto.pdf Acessado em 20 de abril de 2017.

_____. **Insólito Benjamin**. Editora NAU, Rio de Janeiro, RJ, 2020.

REYES, Blanca Flor Trujillo. **Experiencia y Educación:** Una relectura de temas clásicos. Reseña temática, Contreras D., José y Nuria Pérez de Lara (comps.) (2010). Investigar la experiencia educativa, Madrid: Morata. Consejo Mexicano de Investigación Educativa, RMIE, 2014, VOL. 19, NÚM. 62, PP. 885-892.

RIBEIRO, Darcy. **A Universidade Necessária.** 2ª ed. Rio: Paz e Terra, 1975.

RICO, Danghelly Catherine Rodríguez. **Conceptos Fundamentales en el Pensamiento de Dina Picotti:** Informe de Asistencia de Investigación, Universidad Santo Tomás Facultad de Filosofía y Letras Bogotá, d. C. 2018.

ROCHA, Ronald. **“Revolução democrática” ou revolução socialista.** Crítica Marxista, São Paulo, Xamã, v.1, n.8, 1999, p.135-144.

RODRIGUES, Gilmar dos Santos. **QUILOMBO DO OROBU:** Experiência de Organização Popular, Formação Política e Mobilização Social promovida pela Juventude Negra na Periferia de Salvador – BA. Programa Democracia Participativa, do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais em parceria com a Cáritas Brasileira, Belo Horizonte, MG, 2008.

RODRIGUES, Stella. **Comentários Sobre Ser Barroco no Mundo Contemporâneo.** II Qualificação Doutoral sob o título: “ La Calle, La Plaza, La Palabra”: Educação Popular, Contemporaneidade e Experiência da Universidade das Madres de La Plaza de Mayo, doutorando Ivandilson Miranda Silva, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), Universidade do Estado da Bahia, 2019.

ROIG, Arturo Andrés (Comp.). **Filosofía, universidad y filósofos en América Latina.** México: Universidad Nacional Autónoma de México: CCyDEL, 1981.

ROJAS, Gonzalo Adrián. **A ditadura militar na Argentina (1976-1983):** retomando algumas hipóteses frente aos relatos oficiais. Lutas Sociais, São Paulo, vol.18 n.32, p.163-176, jan./jun. 2014.

ROMÃO, José Eustáquio. '**Brasil Nunca Aplicou Paulo Freire**', diz pesquisador. Jornal BBC Brasil, São Paulo, SP, 2015. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_entrevista_romao_paulofreire_cc Acessado em 28 de abril de 2017.

ROSA, Luís Carlos Dalla. **A Alteridade e a Relação Pedagógica no Pensamento de Enrique Dussel**. Diálogo Canoas, n. 19 jul-dez, 2011, p. 131, 144.

ROUANET, Sergio Paulo. **A democracia cosmopolita**. Caderno Mais! Folha de S. Paulo, 1999.

SÁ, Cristina Isabel Abreu Campolina de. **A Palavra de Perón: análise do discurso e da política trabalhista argentina 1943-1949**. Tese Doutorado, Departamento de História Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, MG, 2007, p.187.

SADALA, M.L.A. **A fenomenologia como método para investigar a experiência vivida: uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. Anais... Bauru: Universidade do Sagrado Coração de Jesus e Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa, 2004. 1 cd-rom.

SADER, E. **A Nova Toupeira: Os Caminhos da Esquerda Latino-Americana**. São Paulo: Boitempo, 2009.

SALAZAR BONDY, Augusto. **¿Existe una filosofía en nuestra América?** 16a. ed. México: Siglo XXI, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade do Século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade**. 3ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, 237-280, 2002.

_____. **Pela Mão de Alice – O Social e o Político na Pós-modernidade**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Novos Alagados: histórias do povo e do lugar**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005.

SANTOS, Luciano Costa. **O Pensamento Fecundo: Elementos Para Uma Racionalidade Transmoderna**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 39, p. 205-213, jan./jun. 2013.

SANTOS, Luciano Costa. **Universidade e projeto nacional-popular**, Aula Magna na Universidade do Estado da Bahia, Salvador-Ba, 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Paulo Roberto de Souza. **História e ousadia, resistência na periferia: o caso do Quilombo educacional do Orobu**. Dissertação (Mestrado) -Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade -PPGEDUC, 2018.

SCANNONE, Juan Carlos. **Para uma Filosofia Inculturada na América Latina**. (Universidade de Salvador — Buenos Aires) Revista Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 20, n. 63, 1993, pg. 807- 820.

SEZYSHTA, Arivaldo José. **CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO PARA UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA**. Revista Lugares de Educação, Bananeiras/PB, v. 1, n. 2, p. 276-287, jul.-dez. 2011.

Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rle>, acesso em: 05 de maio de 2018.

SGUISSARDI, Valdemar (Org.). **Universidade Brasileira no Século XXI**. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **A Interpretação Hermenêutica em Paul Ricoeur: Uma Possível Contribuição Para a Educação**. Comunicações, Piracicaba, Ano 18, n. 2, p. 19-36, jul.-dez. 2011.

SOFISTE, Juarez Sofiste. **Filosofia Latino-americana: filosofia da libertação ou libertação da filosofia?** Revista Ética & Filosofia Política, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), vol. 8, número 1, junho/2005, p.1-22.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Loyola. 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino de. C. **Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido**. Educação, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de; OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. **Pesquisa (auto)biográfica, cultura e cotidiano escolar: diálogos teórico-metodológicos**. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 2 N. Especial – pag 182-203 (jun - out 2016).

SOUZA e SILVA, Beatriz Bandeira de Mello. **Perón: entre o Partido Justicialista e o movimento sindical (1943-1955)**. II-Simpósio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-América-Latina, Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP), 2016, p. 1-11.

SOUZA, Jessé. **Prisão de Lula: “Não tem nada a ver com corrupção”**. Portal Vermelho, Joana Rozowykwiat (Org.), São Paulo, SP, 2018. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2018/04/06/prisao-de-lula-nao-tem-nada-a-ver-com-corrupcao-diz-jesse-souza/>, Acesso: 20/12/2020.

_____. **A elite do atraso** [recurso eletrônico] / Jessé Souza. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SOUZA, Silvio Claudio. **O Pensamento-Ação de Darcy Ribeiro e a Universidade Brasileira**: Repensando a Universidade Necessária. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

STEINKE, Sabrina. **A Ditadura e a Transição Para a Democracia na Argentina Recente**: Desaparecimento de Cidadãos e Cidadania. IV Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História PUC/UNB/UFG, Goiania (GO), 2011. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/p/6795-iv-seminario?locale=en>, acesso: 12/08/2019.

STRECK, Danilo R. **Entre Emancipação e Regulação**: (Des)encontros Entre a Educação Popular e os Movimentos Sociais. 32. Reunião anual da ANPED, de 4 a 7 de outubro, sob o tema Sociedade, Cultura e Educação: Novas Regulações? Caxambu/MG, 2009.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. **EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS: ALGUMAS NOTAS PARA REFLEXÃO**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 24, n. 43, p. 49-61, jan./jun. 2015.

TEIXEIRA, Anísio S. **Educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Nacional; Brasília:INL, 1976, 384p. Atualidades Pedagógicas, v.132.

_____. **A Universidade de Ontem e de Hoje**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.42, n.95, jun./ set. 1964. p. 27-47.

TERRA, Ricardo Ribeiro. **Humboldt e a formação do modelo de universidade de pesquisa alemã**, Cadernos de Filosofia Alemã, v. 24; n. 1, pp.133-150, jan.-jun.2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/154074/154201>, Acesso: 30/12/2019

Universidade Popular de Movimentos Sociais Será Apresentada Hoje, Fórum Social Mundial.org. br/notícias,2005.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Tradução Maria Encarnación Moya. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VÁZQUEZ, Inés. **"10 años de la UPMPM"**. Universidade Popular das Madres de Plaza de Maio, Buenos Aires, 2010.

Disponível em: <http://www.madres.org/navegar/nav.php?idsitio=2&idcat=336&idindex=73>, acesso: 19/01/2020.

VELAZCO, Sirio López. **Entrevista com o professor Dr. Sirio Lopez Velasco**. REVISTA DIAPHONÍA (Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE) – v. 3, n. 1 – 2017.

Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/17195/11426>

Acesso: 30 de novembro de 2018.

VIANA, Nildo. **Breve Histórico do Neoliberalismo**. Revista Enfrentamento. no- 5, jul./dez. 2008. Disponível em <http://movaut.ning.com/page/revistaenfrentamento>. Acessado em 12 de fevereiro 2017.

WEBER, M. A **"Objetividade" do Conhecimento nas Ciências Sociais**. In: COHN, G. (Org.) **Weber**. São Paulo: Ática, 2005. p. 79-127

YIN, R. K. **Case Study Research: Design and Methods**. London: Sage, 1984.

ZACARIAS, Carlos. **A educação segundo o bolsonarismo: um ano de ataque e resistência**. Portal Esquerda On Line, 2019. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2019/12/20/a-educacao-segundo-o-bolsonarismo-um-ano-de-ataque-e-resistencia/>, acesso: 20/01/2020.

ZEÁ, Leopoldo. **"En torno a una filosofía americana"**. Cuadernos Americanos 3, mayo-junio 1942, p. 63-78.

_____, **Autopercepción intelectual de un proceso histórico: autobiografía intelectual – bibliografía de y sobre Leopoldo Zea**. Anthropos: Revista de Documentación Científica de la Cultura, n. 89, 1988, pp. 11-33

_____, **A filosofia americana como filosofia**. São Paulo: Pensieri. 1993.

DISCOGRAFIA

Alagados. Os Paralamas do Sucesso, Álbum Selvagem, EMI Music Ltda., Rio de Janeiro, 1986.

Conta. Nando Reis, Álbum Drês, Gravadora Universal Music, 2009.

Deus Há De Ser. Pedro Luiz, Álbum Deus é Mulher (Elza Soares), Gravadora Deckdisc Polysom, Rio de Janeiro, 2018.

Divino Maravilhoso. Caetano Veloso, IN: Gal Costa. São Paulo: Philips, 1969.

Dona Cila. Maria Gadú, Gravadora Som Livre/Polysom, Rio de Janeiro, 2009.

Mama África. Chico César, Álbum: Aos Vivos, Gravadora Velas, São Paulo, 1995.

Mamãe Coragem. Caetano Veloso, Torquato Neto, Álbum Tropicalia ou Panis et Circencis, Gravadora Philips Records, Brasil, 1968.

Metamorfose Ambulante. Raul Seixas, Álbum Krig-ha, Bandolo! Gravadora: Philips Records, Brasil, 1973.

Minha Mãe. César Lacerda, Jorge Mautner (Composição), Gal e Bethânia (interpretação) Álbum A Pele do Futuro, Gravadora Biscoito Fino, Rio de Janeiro, 2018.

Prelúdio. Raul Seixas, Álbum Gita, Gravadora Philips Records, Brasil, 1974.

Tempos Modernos. Lulu Santos, Álbum Tempos Modernos, Gravadora WEA, EUA, 1982.

Titãs. Álbum, Tudo ao Mesmo Tempo Agora, Gravadora WEA, EUA, 1991.

Todo Homem. Zeca Veloso, Álbum Ofertório Ao Vivo, Gravadora Universal Music International Ltda, 2018.

FILMOGRAFIA

A História Oficial. Drama. Dir.: Luis Puenzo, Distribuição Europa Filmes, 1985, 1h 52 min

Encontro com Milton Santos ou O Mundo Global Visto do Lado de Cá. Documentário de Silvio Tandler, Caliban Produções, Rio de Janeiro, 2006.

Democracia em Vertigem. Documentário de Petra Costa, Busca Vida Filmes/ Netflix, Brasil, 2018.

Privacidade Hackeada. Documentário. Direção: Karim Amer, Jehane Noujaim, Produção e Distribuição Netflix, 2019, 1h 50 min.

APÊNDICE

APÊNDICE 1: TABELA ESTADO DA ARTE

AUTORIA	TÍTULO	ANO E LOCAL	TIPO DE PUBLICAÇÃO	PALAVRAS CHAVE
TEMA 1- EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS SOCIAIS				
ARRUDA, ELISMAR BEZERRA.	Uma Tentativa de Reinvenção da Escola Pública Como Instrumento de Emancipação dos Trabalhadores - O Caso do Nep de Colider.	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá 2011.	Dissertação (Mestrado em Educação).	Reinvenção, Escola Pública, Emancipação.
BATISTA, Maria do Socorro Xavier..	Educação Popular Em Movimentos Sociais: Construção Coletiva de Concepções e Práticas Educativas Emancipatórias	28ª Reunião anual da Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Vila Isabel, Rio de Janeiro – RJ. 2005	Artigo	Educação Popular, Movimentos sociais, Práticas Educativas Emancipatórias
BAUTISTA, Mauricio Guillen, GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias.	La construcción de la ciudadanía y los movimientos sociales brasileños y argentinos: aproximaciones, debates y realidades	Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 38-45, jan./jun. 2015	Artigo	Movimientos Sociales. Educación. Ciudadanía.
BARBOZA, Brenno Costa.	Vida Coletiva: Reflexões Sobre a Relação Entre Comunidade e Educação na Contemporaneidade.	Universidade do Estado da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Salvador: 2007.	Dissertação mestrado	Vida Coletiva, relações comunitárias, Educação contemporânea.
BRANDÃO, Carlos Rodrigues, FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória.	Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação	Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 89-106, jul./set. 2016. Scielo	Artigo	Educação popular; cultura popular; sistema freireano de educação.
COUTINHO, Suzana Costa.	A Práxis Educativa Popular	Theoria, Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre, Volume 04 - Número 10 - Ano 2012. Faculdade Católica de Pouso Alegre, MG, Ano 2012.	Artigo	Educativa Popular, práxis educativas

CANDAU, Vera Maria Ferrão, SACAVINO Susana Beatriz	CONTRIBUIÇÃO S DO GT DE EDUCAÇÃO POPULAR DA ANPED PARA A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	GT DE EDUCAÇÃO POPULAR DA ANPED 2003-2008.	Artigo	Educação intercultural; interculturalidade crítica; educação popular.
CORREIA, Mailza da Silva.	A Educação Popular no Brasil Império: As Primeiras Iniciativas de Escolas Noturnas Em Alagoas (1870-1889).	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CORREIA MACEIÓ/AL 2011.	Dissertação (Mestrado)	Educação Popular, Brasil Império, Escolas Noturnas.
DOS ANJOS, José Edemilson Pereira.	O Pensamento Educativo de Anísio Teixeira e De Paulo Freire: A Educação no Brasil e os Desafios da Contemporaneidade.	Universidade do Estado da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade— PPGEduC. Salvador: 2015.	Dissertação (Mestrado)	Pensamento educacional, Anísio Teixeira, Paulo Freire.
DOS SANTOS, Leandro Machado.	Os Desafios da Educação Popular no Contexto de Guerra Cosmopolita.	UFRRJ INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINA R PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNE OS E DEMANDAS POPULARES, 2011.	Dissertação de mestrado.	Educação Popular, Guerra Cosmopolita, Desafios.
EGGER, Edla.	MAIS INDÍCIOS DA COLONIALIDADE LATINOAMERICANA: INDICAÇÕES TEÓRICO- METODOLÓGICAS INACABADAS PARA A PESQUISA NA EDUCAÇÃO POPULAR	Trabalhos GT06 - Educação Popular 35reuniao.an ped.org.br/trabalhos/1 03-gr06, 2012.	Artigo	Educação popular, colonialidade latino-americana, pesquisa e indicações Teórico- metodológicas
FEITOSA Débora Alves.	A educação popular como um saber de experiência	Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 44-55, jan./jun. 2016. Universidade Federal de Uberlândia	Artigo	Educação Popular. Cotidiano. Experiência. Saber de Experiência.
FONSECA, SIMONE FARIAS	Formação Sócio Política da Universidade Popular (Unipop): Fundamentos e Contribuições da Educação Popular Na	Programa de Pós-Graduação Stritu Sensu Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará,	Dissertação (Mestrado em Educação).	Formação Sócio Política, Universidade Popul ar, Lideranças sociais.

	Formação de Lideranças Sociais.	Belém 2011.		
GADOTTI, Moacir.	Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum.	Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico, v.18, n.1, dez, 2012. Universidade Católica de Brasília, dez, 2012.	Artigo	Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas.
LAPADULA, María Carmelita, María e LAPADULA Florentina.	Toda educación no formal es educación popular? Una visión desde Argentina	Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 15, n. 2, p. 10-18, jul./dez. 2016.	Artigo	Educación No Formal. Educación Popular. Emancipación.
LEMES, Marilene Alves, MORETTI, Cheron Zanini	EDUCAÇÃO POPULAR: BREVE HISTÓRIA DE UMA PRÁXIS CONTRA-HEGEMÔNICA	Didática e Prática de Ensino na relação com a Sociedade. E-book (Livro 3) do XVII Encontro Nacional de Prática de Ensino – ENDIPE, 2014.	Artigo	educação popular; educação libertadora; história.
GADOTTI, Moacir.	50 Anos Depois – Como Reverter O Golpe Na Educação Popular.	Revista UniFREIRE - Universitas Paulo Freire, ano 2, edição 2, p. 198-213. São Paulo, ano 2014.	Artigo	50 anos, Golpe, Educação Popular
LEITE, Ivonaldo.	Educação popular, ontem e hoje: perspectivas e desafios	Revista Espaço Acadêmico, n. 176-Rio de Janeiro, 2016	Artigo	Educação Popular; reprodução; drogas; meio ambiente; ações sócio-educativas.
LORD, Lucio Jose Dutra...	Educação, política e periferia: estudo sobre o movimento de educadores populares em Porto Alegre.	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, CAMPINAS 2011.	Tese Doutorado.	Educação, Política, Periferia.
MACIEL, Karen de Fátima.	O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular.	Universidad e Federal de Viçosa, Revista Educação em Perspectiva, v. 2, n. 2, p. 326-344, 2011.	Artigo	Pensament o, Paulo Freire, educação popular.
MARTINS, Nilza da Silva.	UNIVERSIDADE E MOVIMENTOS SOCIAIS: Espaços de	Universidad e do Estado da Bahia. Faculdade de	Dissertação (Mestrado)	Universida de, movimentos sociais, cidadania.

	Educação e Cidadania.	Educação. Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade–PPGEduC. Salvador: 2015.		
MELO NETO, José Francisco de.	Educação Popular – Sistema De Teorias Intercomunicantes.	28ª Reunião anual da Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Vila Isabel, Rio de Janeiro – RJ.2005.	Artigo	Educação Popular Teorias Intercomunicantes
MODONESI, Massimo y IGESIAS Mónica	Perspectivas teóricas para el estudio de los movimientos sociopolíticos en América Latina: ¿cambio de época o década perdida?	Revista De Raíz Diversa vol. 3, núm. 5, enero-junio, pp. 95-124, 2016. Biblioteca da CLACSO.	Artigo	Movimentos sociales, acción colectiva, sociología política, teoría social.
MORENO, Elizandra.	Educação Popular: A Presença de Paulo Freire na Unimep.	Faculdade de Ciências Humanas / Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Metodista de Piracicaba, SP, 2012.	Dissertação (Mestrado em Educação)	Educação popular, Paulo Freire, UNIMEP.
NETO, João Colares da Mota.	EDUCAÇÃO POPULAR E PENSAMENTO DECOLONIAL LATINO-AMERICANO EM PAULO FREIRE E ORLANDO FALS BORDA.	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, 2015	Tese Doutorado.	Educação Popular. Decolonialidade. América Latina. Paulo Freire. Orlando Fals Borda.
OLIVEIRA, Breno L.C.	Educação Popular: Os Sentidos do Termo.	Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Atas do VI Seminário Luso-Brasileiro Educação, Trabalho e Movimentos Sociais – das políticas às lógicas de ação, p.672-681.12,13 de setembro, 2013.	Artigo	Educação Popular, Sentidos do Termo.
PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de e SANTOS, Karine.	A TEORIA DE PAULO FREIRE COMO FUNDAMENTO DA PEDAGOGIA SOCIAL	Revista Interfaces Científicas - Educação • Aracaju • V.3 • N.1 • p. 33 - 44 • Out. 2014. UNIVERSIDADE TIRADENTES – UNIT – SERGIPE	Artigo	Educação Popular. Pedagogia Social. Vulnerabilidade Social. Emancipação Social
PEREIRA, Ana	Educação popular na	Rev. Ed.	Artigo	Educação Popular.

Lúcia Nunes, Marina e FELDMANN Graziela.	contemporaneidade: outras possibilidades	Popular, v. 14, n. 2, p. 10-20, jul./dez. 2015. Universidade Federal de Uberlândia		Contemporaneidad e. Episteme do Popular.
PEREIRA, Fabíola Andrade & ANDRADE, Vivian Galdino de	Alguns apontamentos da ‘Educação Popular’ frente à construção de uma escola cidadã.	Revista Espaço Acadêmico nº 82, Universidade Estadual de Maringá, PR, março de 2008.	Artigo	Alguns Apontamentos, ‘Educação Popular, Escola Cidadã.
PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira, PEREIRA, Eduardo Tadeu.	REVISITANDO A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL: EM BUSCA DE UM OUTRO MUNDO POSSÍVEL	Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.40, p. 72-89, dez.2010 - ISSN: 1676-2584. Universidade Estadual de Campinas	Artigo	Popular Education, history of Education, Paulo Freire, Boaventura de Sousa Santos.
REZENDE, Maria Aparecida, PASSOS, Luiz Augusto.	HÁ PERSPECTIVAS POTENCIALIZADORAS DE UMA EDUCAÇÃO POPULAR MERLEAUFREIREANA?	Grupo de Trabalho: GT06 - Educação Popular Reunião: 37ª Reunião Nacional da Anped, 2015.	Artigo	Educação popular. Ecologia de saberes. Fenomenologia merleaufreireana.
SILVA, Silvânia Lúcia de Araújo	Angicos e a gnosiologia Freireana no advento histórico e político da educação popular no Brasil	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, 2015	Tese de doutorado	Angicos, Gnosiologia Freireana, Educação Popular, História e Política.
SILVA, Luís Santos da.	Ser Favela: Educação e Cultura no Subúrbio Ferroviário de Salvador Práticas Educativas do Movimento de Cultura Popular do Subúrbio – Salvador – Bahia.	Programa de Pós-Graduação e contemporaneidade, PPGEduC. Salvador – BA, 2014.	Dissertação Mestrado	Educação, Cultura Popular, Subúrbio Ferroviário.
SILVA, Pedro Henrique Prado da.	Francisco Ferrer y Guardia: um nome para a educação popular	Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 10-25, jan./jun. 2016. Universidade Federal de Uberlândia	Artigo	Educação Popular. Escola Moderna de Barcelona. Pedagogia Libertária. Francisco Ferrer y Guardia. História da Educação.
SIMÕES, Sérgio Lourenço.	O Discurso Político- Ideológico de Freire e Sua Relação Com O Oprimido.	Revista UniFREIRE - Universitas Paulo Freire, ano 2, edição 2, p. 259-269 São Paulo, ano 2014.	Artigo	Discurso Político- Ideológico, Freire, Oprimido.
SIQUEIRA, CAMILA ZUCON RAMOS DE.	Os Cursinhos Populares: Estudo Comparado Entre MSU E Educafro-MG.	Universidade Federal De Viçosa, MG, Programa de Pós-Graduação em	Dissertação de mestrado.	Cursinhos Populares, Estudo Comparado, MSU e EDUCAFRO-

		Educação, 2011.		MG.
SOARES, Alleila Andrius de Moraes.	A EDUCAÇÃO POPULAR NAS PÓS-GRADUAÇÕES EM EDUCAÇÃO: análises das dissertações e teses produzidas entre 2000 e 2014 na Região Nordeste	Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Paraíba, 2016	Dissertação de mestrado	Educação Popular. Pós-graduação. Estado da Arte.
SANTOS, Robson Ruter Mendonça.	CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO: cidadania e identidade na educação básica	Universidade Federal do Maranhão. Centro de Ciências Sociais, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. São Luís 2011.	Dissertação de mestrado.	Educação Popular, Cidadania, Educação Básica.
STRECK, Danilo R.	ENTRE EMANCIPAÇÃO E REGULAÇÃO: (DES) ENCONTROS ENTRE A EDUCAÇÃO POPULAR E OS MOVIMENTOS SOCIAIS	Painel sobre Educação popular e movimentos sociais: tensões e desafios na América Latina, na 32. Reunião anual da ANPED, de 4 a 7 de outubro, sob o tema Sociedade, Cultura e Educação: Novas Regulações? 2009	Artigo	Educação popular; movimentos sociais; Paulo Freire; América Latina
STRECK, Danilo R. PAULO, Fernanda dos Santos	APROXIMAÇÕES TEÓRICAS EM EDUCAÇÃO POPULAR	Didática e Prática de Ensino na relação com a Sociedade. E-book (Livro 3) do XVII Encontro Nacional de Prática de Ensino – ENDIPE, 2014.	Artigo	Educação popular; articulações teóricas; pedagogia
PONTUAL, Pedro e IRELAND, Timothy (org).	Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas	Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006.	Livro	Educação Popular. Educação Universal. Democratização da Educação.
TEMA 2- UNIVERSIDADE E UNIVERSIDADE POPULAR				
FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque.	A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968.	Revista Educar, Editora UFPR, n. 28, p. 17-36, Curitiba, 2006. Scielo	Artigo	Universidade no Brasil, Reforma Universitária de 1968
<u>FERREIRA, Suely.</u>	A universidade do século XXI: concepções, finalidades e contradições.	Universidade e Federal de Goiás (UFG), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2009.	Tese (Doutorado)	Universidade, Século XX, Concepções.
FLEURI, Reinaldo Matias.	Conversidade: conhecimento construído na relação entre educação popular e universidade.	27ª. Reunião Anual da Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em	Artigo	Conversidade, Educação Popular, Universidade.

		Educação, Vila Isabel, Rio de Janeiro – RJ. 21-24.nov. 2004		
MAGALHÃES, Antônio M.	A Identidade do Ensino Superior: a Educação Superior e a Universidade.	Revista Lusófona de Educação, v 7, 13-40. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Portugal, 2006. Scielo Portugal	Artigo.	Práxis, Educação Popular.
MATTOS, Antônio Marcos Passos de.	Universidade Popular Comunitária: É Possível Uma Outra Educação?	Universidade Federal de Mato Grosso Instituto de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá-Mt 2007.	Dissertação de mestrado,	Universidade Popular, Comunitária, Outra Educação.
NERY, Ana Clara Bortoleto e VIEIRA, Cesar Romero Amaral.	Universidade Popular de Piracicaba: a vulgarização do ensino.	São Paulo, 2014.	Artigo	Universidade Popular, Piracicaba, Vulgarização do Ensino
PAULO, Fernanda dos Santos.	NOTAS PRELIMINARES: UNIVERSIDADE POPULAR OU EXPERIÊNCIAS POPULARES NA UNIVERSIDADE?	Porto Alegre (RS), 2015.	Artigo	Notas Preliminares, Universidade Popular, Experiências Populares.
Romão, J. E., Loss, A. S. (2014).	A Universidade Popular no Brasil.	<i>Revista Fórum de Educação</i> , v. 12, n. 16, pp. 141-168, Salamanca, Espanha, 2014.	Artigo	Universidade Popular, Brasil.
ROSA, Maria Geralda Oliver e LOSS, Adriana Salete.	UNIVERSIDADE POPULAR: um modelo de gestão democrática.	5ª Conferência FORGES Associação Fórum da Gestão do Ensino Superior nos Países e Regiões de Língua Portuguesa Universidade de Campinas, Portugal, 18, 19 e 20 de novembro de 2015.	Artigo	Universidade Popular, Modelo de Gestão, Democracia.
SOBRINHO, José Dias.	Educação superior, globalização e democratização. Qual universidade?	Revista Brasileira de Educação, n. 28, Rio de Janeiro RJ, 2005. Scielo	Artigo	Educação Superior, Globalização, Democratização, Universidade.
	Universidade Popular no Brasil e Construção do Socialismo	1º Seminário Nacional de Universidade Popular (SENUP). Agosto de 2011.	Artigo	Universidade Popular no Brasil e Construção do Socialismo

TEMA 3- MÃES DA PRAÇA DE MAIO, EDUCAÇÃO.				
CAVALCANT E, Laís Siqueira Ribeiro.	MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA ARGENTINA: O caso das Madres de Plaza de Mayo. São Bernardo do Campo – SP 2017	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo – SP 2017. (Capes banco de teses)	Dissertação de mestrado	Madres de Plaza de Mayo, Políticas Públicas, Movimentos Sociais, Argentina.
CASTELLI, Natasha Dias	CONHECENDO AS MÃES DA PRAÇA DE MAIO: ENSAIO DO PERFIL DA ASSOCIAÇÃO.	XI Encontro Estadual de História. (ANPUH-RS) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.	Anais eletrônicos	Argentina - Ditadura civil militar - Madres de Plaza de Mayo
CASTELLI, Natasha Dias	Redesenhando o papel paterno: memórias e atuação dos pais da Plaza de Mayo: da invisibilidade à confrontação do papel materno	Universidad e do Vale dos Sinos-Unisinos, Programa de Pós-Graduação em História. RDBU Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos, 2015	Dissertação de mestrado	Ditadura civil-militar Argentina Paternidade Maternidade
FIGUEIREDO, Marina	Do ideal ao real: Madres de Plaza de Mayo e a resignificação dos direitos humanos através da prática política	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). 2015	Artigo	Madres de Plaza de Mayo, resignificação dos direitos humanos, prática política
GONÇALVES, R.	De antigas e novas loucas: Madres e Mães de Maio contra a violência de Estado.	Revista Lutas Sociais, n.29, p.130-143, São Paulo, 2012.	Artigo	Madres, Mães de Maio, violência de Estado.
GUERIN, Mariângelos	Memória e conformação da identidade nos integrantes dos movimentos de "Madres y Abuelas de Plaza de Mayo"	Universidad e de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, 2009. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. BDTD	Dissertação de mestrado	Movimentos sociais Características nacionais - Argentina Identidade
MACHADO, Charliton José dos Santos e NUNES, Maria Lúcia da Silva e VASCONCELLOS, Larissa Meira de.	O presidente Castro Pinto e a Universidade Popular: ideais da educação na Parahyba do Norte publicados no jornal A União (1912-1915).	Revista Educação Unisinos, volume 19, número 2, maio, Agosto 2015.	Artigo	Presidente Castro Pinto, Universidade Popular, Educação na Parahyba do Norte.
MARCOS, Natalia Carolina.	La memoria insurgente de las Madres de Plaza de Mayo.	Programa Andino de Derechos Humanos, PADH . Universidad Andina	Artigo	La memoria insurgente, Madres de Plaza de Mayo.

		Simón Bolívar. Quito, Equador, 2014.		
PAULA, Adriana das Graças de.	Pensar a democracia: o movimento feminino pela anistia e as Mães da Praça de Maio (1977-1985).	Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós- Graduação em História Social, São Paulo, 2014	Dissertação de Mestrado. .	
PONZIO, Maria Fernanda Garbero de Aragão.	A Voz Dos Lenços Branços: O Corpo Testemunhal das Madres De Plaza De Mayo	Texto livre. (UERJ) http://www.lettras.ufrj.br/neolatina/s/media/publicacoes/cadernos/a9n6/maria_ponzio.pdf	Artigo	Voz Dos Lenços Brancos, Madres de Plaza de Mayo
PONZIO, Maria Fernanda Garbero de Aragão	Memórias insepultas: a escritura palimpsêstica das Madres de Plaza de Mayo.	REVISTA LITTERIS, n. 2 Maio 2009.	Artigo	Memórias insepultas, escritura, <i>Madres de Plaza de Mayo.</i>
PONZIO, Maria Fernanda Garbero de Aragão	Las Madres de Plaza de Mayo: à memória do sangue, o legado ao revés	Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Rio de Janeiro, 2009. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. BDTD	Tese Doutorado	Madres de Plaza de Mayo, Memória, trauma, narrativa, Argentina

Tabela 3: Principais informações das produções encontradas.

APÊNDICE 2: QUESTIONÁRIOS DAS ENTREVISTAS [AMPM E IUNMa]

Direção [AMPM]:

- 1) Fala um pouco sobre sua história e sua participação na Associação das Madres de Plaza de Mayo?
- 2) E os estudantes da universidade e o mercado de trabalho, como ficava essa relação?
- 3) Fala da influência das Madres de Plaza de Mayo no Instituto Nacional de Direitos Humanos hoje?
- 4) Como Paulo Freire se torna importante para as Madres e para a Universidade Popular?

Colaboradora [AMPM]:

- 1) Fala sobre você e sua participação na Associação das Madres de Plaza de Mayo
- 2) Após a saída do Instituto, as Madres promovem atividades de educação?
- 3) Como as mães pensam sobre a luta pela democracia e pelos direitos humanos na Argentina hoje?

Estudantes [IUNMa]

- 1) Fala um pouco sobre sua história dentro e fora do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo?
- 2) Em sua opinião, a institucionalização da Universidade Popular pelo Estado argentino, fez o sentido do popular dessa universidade começar a se perder?
- 3) Como vocês participaram desse processo de transição da universidade Popular para Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo?

4) Fale sobre a relação do Centro Universitário com a Associação das Madres de Plaza de Mayo?

APÊNDICE 3: CARTA AO AMIGO¹⁸⁰

TODO HOMEM PRECISA DE UMA MÃE

Tive o prazer de ouvir essa linda música da banda “Os Velosos”, grupo criado por Caetano Veloso para algumas apresentações com seus filhos. A música “Todo homem” toca profundamente por sua relevância melódica, pela voz de Zeca Veloso e pelo refrão: “todo homem, precisa de uma mãe, todo homem, precisa de uma mãe”.

Esse refrão, essa obra lembra-me uma grande mãe que hoje completa um ano de sua ida deste plano, desta vida, deste mundo. Dona Maria Edina, mulher de uma grande espiritualidade, que foi e continua sendo importante para minha vida, deixou uma história bonita, deixou desafios para seus filhos, os de parto natural e os de parto de alma, aqueles que se tornaram suas filhas e filhos por amor e amizade a essa mãe.

Um dos desafios deixados por essa mãe para seus filhos foi o de continuar vivendo com a sua ausência, com a falta dos seus carinhos e dos seus conselhos, das suas preocupações de matriarca. Viver sem a sua presença e tendo a saudade como o horizonte possível, tem sido algo difícil.

Por isso, ao ouvir a música e relacionar com essa saudade, fiquei comovido e certamente lembrarei desta mãe, da mãe Maria Edina sempre que tiver ouvindo essa canção. Em um dos trechos da música temos uma estrofe muito significativa: “Eu sou cordão umbilical, pra mim nunca tá bom”. Os filhos sempre querem mais das mães e o impressionante é que elas sempre dão mais e mais e só percebemos depois, sobretudo quando elas se vão.

Neste dia de lembranças, confirmo o refrão da linda música, ampliando sua compreensão e digo: Todo ser humano, toda pessoa, precisa de uma mãe, elas são a base para a nossa existência e “o céu (que-grifo meu) se abre de manhã”, um “abrigo em colo, em chão”.

¹⁸⁰ . Texto feito para o amigo Erivelton Nonato por conta da passagem de um ano da morte de sua mãe D. Maria Edina em junho de 2018.

Saudades dona Edina, sempre serei grato por tudo, por todo amor e por toda atenção. “Todo homem precisa de uma mãe”.

Ivandilson Miranda Silva

ANEXOS

ANEXO 1: DECRETO DE FUNDAÇÃO DA UPMPM¹⁸¹

UNIVERSIDADES NACIONALES

Decreto 751/2010

Créase la Universidad Popular Madres de Plaza de Mayo.

Bs. As., 1/6/2010

VISTO el Expediente N° 16.858/07 en DIEZ (10) cuerpos del Registro del entonces MINISTERIO DE EDUCACION, CIENCIA Y TECNOLOGIA, la Ley N° 24.521 y el Decreto Reglamentario N° 576 del 30 de mayo de 1996, y

CONSIDERANDO:

Que en el citado expediente, la FUNDACION MADRES DE PLAZA DE MAYO, con domicilio legal en calle HIPOLITO YRIGOYEN N° 1584 de la CIUDAD AUTONOMA DE BUENOS AIRES, solicita autorización provisoria para crear y poner en funcionamiento la UNIVERSIDAD POPULAR MADRES DE PLAZA DE MAYO en los términos del artículo 62 de la Ley N° 24.521.

Que la institución solicitante, señera en la promoción y defensa de los derechos humanos, tiene entre sus objetivos, el de crear una universidad que desarrolle actividades en el marco del ideario de las Madres de Plaza de Mayo, en defensa de la vida y para la emancipación de todos los seres humanos.

Que la propuesta referida, que acredita el respaldo económico y patrocinio de la entidad peticionante, se adecua a lo establecido en el artículo 27 de la mencionada ley, cumple con los criterios determinados por el artículo 63 de

¹⁸¹. Disponible em: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/165000-169999/168053/norma.htm>, Acceso em: 10/01/2020.

dicha norma y se ajusta a las pautas y requisitos establecidos por el artículo 3° del Decreto N° 576/96, modificado por su similar N° 1047 del 23 de septiembre de 1999 y por el artículo 4° del Decreto N° 576/96.

Que la COMISION NACIONAL DE EVALUACION Y ACREDITACION UNIVERSITARIA ha intervenido conforme lo previsto en los artículos 62 y 63 de la Ley N° 24.521 y producido el informe correspondiente, recomendando otorgar la autorización provisoria para la creación y el funcionamiento de la UNIVERSIDAD POPULAR MADRES DE PLAZA DE MAYO, considerando que el proyecto cuenta con elementos suficientes que permiten prever su consistencia y sustentabilidad; que la misión y objetivos propuestos promueven la excelencia, aseguran la libertad académica, plantean la igualdad de oportunidades y los principios exigibles por el artículo 33 de la Ley N° 24.521.

Que, asimismo, el nivel académico del cuerpo de profesores, los planes para el desarrollo de las funciones de investigación y de extensión, los medios económicos, el equipamiento y la infraestructura previstos resultan adecuados y suficientes para la etapa inicial de desarrollo institucional.

Que conforme al perfil de la Universidad propuesta, la oferta académica proyectada se desarrollará en una variedad disciplinar orgánicamente estructurada en departamentos, orientada a la sólida formación disciplinar de profesionales, con profundo conocimiento de la realidad social, la tradición cultural e histórica argentina y latinoamericana y una cultivada sensibilidad hacia situaciones de injusticia, exclusión, discriminación y violencia.

Que la oferta académica inicial se desarrollará a través de las carreras de grado de: LICENCIATURA EN TRABAJO SOCIAL, ABOGACIA, LICENCIATURA EN HISTORIA y PROFESORADO EN HISTORIA conducentes respectivamente a los títulos de LICENCIADO EN TRABAJO SOCIAL, ABOGADO, LICENCIADO EN HISTORIA y PROFESOR EN HISTORIA.

Que en virtud de los antecedentes expuestos y habiéndose cumplido además con el requisito establecido en el artículo 27, inciso a) del Decreto N° 576/96, el Ministro de Educación aconseja conceder la autorización provisoria para el funcionamiento de la UNIVERSIDAD POPULAR MADRES DE PLAZA DE MAYO.

Que la DIRECCION GENERAL DE ASUNTOS JURIDICOS del MINISTERIO DE EDUCACION ha tomado la intervención de su competencia.

Que la presente medida se dicta en uso de las atribuciones conferidas por el artículo 62 de la Ley N° 24.521.

Por ello,

LA PRESIDENTA DE LA NACION ARGENTINA
DECRETA:

Artículo 1º — Autorízase en forma provisoria la creación y funcionamiento de la UNIVERSIDAD POPULAR MADRES DE PLAZA DE MAYO, con sede principal en Calle HIPOLITO YRIGOYEN N° 1584 y N° 1432 de la CIUDAD AUTONOMA DE BUENOS AIRES, en la que se desarrollarán las carreras de grado de: LICENCIATURA EN TRABAJO SOCIAL, ABOGACIA, LICENCIATURA EN HISTORIA y PROFESORADO EN HISTORIA conducentes respectivamente a los títulos de LICENCIADO EN TRABAJO SOCIAL, ABOGADO, LICENCIADO EN HISTORIA y PROFESOR EN HISTORIA.

Art. 2º — Establécese que antes de dar comienzo a las actividades académicas correspondientes a las carreras indicadas en el artículo anterior, la Universidad deberá obtener la aprobación del MINISTERIO DE EDUCACION, de su Estatuto Académico, de las carreras y los planes de estudio respectivos, conforme a la propuesta del proyecto institucional, objetivos y plan de acción para su desarrollo por SEIS (6) AÑOS, así como la verificación por parte de dicho Ministerio, de haber acreditado el cumplimiento de todas las exigencias, de los compromisos asumidos y de la habilitación de los edificios por los organismos pertinentes, conforme lo establecido en el artículo 8º del Decreto N° 576/96.

Art. 3º — Comuníquese, publíquese, dése a la DIRECCION NACIONAL DEL REGISTRO OFICIAL y archívese. — FERNANDEZ DE KIRCHNER. — Aníbal D. Fernández. — Alberto E. Sileoni.

ANEXO 2: DECRETO DE FUNDAÇÃO DO IUNMA [INSTITUTO UNIEVRSITARIO NACIONAL DE DERECHOS HUMANOS “MADRES DE PLAZA DE MAYO”¹⁸²

INSTITUTOS UNIVERSITARIOS

Ley 26.995

Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos “Madres de Plaza de Mayo”. Creación.

Sancionada: Octubre 22 de 2014

Promulgada de Hecho: Noviembre 7 de 2014

El Senado y Cámara de Diputados de la Nación Argentina reunidos en Congreso, etc. sancionan con fuerza de

Ley:

ARTICULO 1º — Créase el Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos “Madres de Plaza de Mayo” como unidad funcional dependiente del Ministerio de Justicia y Derechos Humanos, el que tendrá su sede en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, y se constituirá sobre la base de la actual Universidad Popular “Madres de Plaza de Mayo”.

ARTICULO 2º — En todo lo atinente a su constitución, organización y funcionamiento, el Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos “Madres de Plaza de Mayo” estará sujeto al régimen jurídico aplicable a las instituciones universitarias nacionales.

ARTICULO 3º — El Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos “Madres de Plaza de Mayo” brindará formación en el área disciplinar de los derechos humanos pudiendo implementar ofertas educativas directamente relacionadas con dicha área disciplinar o cuyos planes de estudios posean una orientación que permita lograr un perfil de egresados altamente formados en materia de derechos humanos. Realizará sus actividades de manera cooperativa, articulada e integrada con el

¹⁸² . Disponible em: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/235000-239999/238031/norma.htm>, acceso: 20/01/2020.

sistema universitario nacional, sin generar duplicidad de esfuerzos y procurando en todo momento el aprovechamiento de la experiencia universitaria nacional.

ARTICULO 4° — Se faculta al Poder Ejecutivo nacional a instar los cursos de acción que resulten accesorios para instrumentar la transferencia de las carreras y programas educativos de la Universidad Popular “Madres de Plaza de Mayo”, así como de los alumnos, personal docente, no docente, directivos, bienes muebles e inmuebles y derechos al Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos “Madres de Plaza de Mayo”. La transferencia deberá realizarse asegurando a los alumnos la continuidad académica de los estudios, sin perjuicio de las modificaciones en planes y regímenes educativos a los que hubiere lugar en la nueva institución.

ARTICULO 5° — Para llevar a cabo la transferencia indicada en el artículo precedente el Ministerio de Justicia y Derechos Humanos y el Ministerio de Educación conformarán una comisión integrada por un (1) representante de cada ministerio más un (1) representante de la Universidad Popular “Madres de Plaza de Mayo”. Esta Comisión será coordinada por el rector organizador del Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos “Madres de Plaza de Mayo” que será designado por Resolución conjunta de los Ministros de Educación y de Justicia y Derechos Humanos y tendrá las atribuciones, obligaciones y responsabilidades previstas en el artículo 49 de la ley 24.521, de Educación Superior.

ARTICULO 6° — El Estatuto del Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos “Madres de Plaza de Mayo” podrá prever la conformación de un (1) Consejo Consultivo integrado por personalidades destacadas en el campo de la Defensa de los Derechos Humanos, los que serán designados por el Poder Ejecutivo nacional, y cuyas funciones serán:

- 1) Definir el marco filosófico y conceptual dentro del cual la Institución desarrollará sus actividades;
- 2) Supervisar y garantizar la concepción democrática y republicana en los planes y programas de estudio, la calidad, la pluralidad de ideas y diversidad de criterios en el diseño e implementación de las funciones sustantivas y la pertinencia y relevancia en la formación;
- 3) Supervisar la implementación, desarrollo y seguimiento de las funciones universitarias de docencia, investigación y extensión;
- 4) Opinar sobre los temas que los órganos y autoridades universitarias le consulten; y
- 5) Formular las recomendaciones que considere convenientes.

ARTICULO 7° — Las partidas presupuestarias para la creación y funcionamiento del Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos “Madres de Plaza de Mayo” surgirán de las reasignaciones correspondientes que realice el Poder Ejecutivo nacional en el Presupuesto Nacional del año 2013, o en su defecto, de las partidas que se asignen en el ejercicio fiscal siguiente a la sanción de la presente ley.

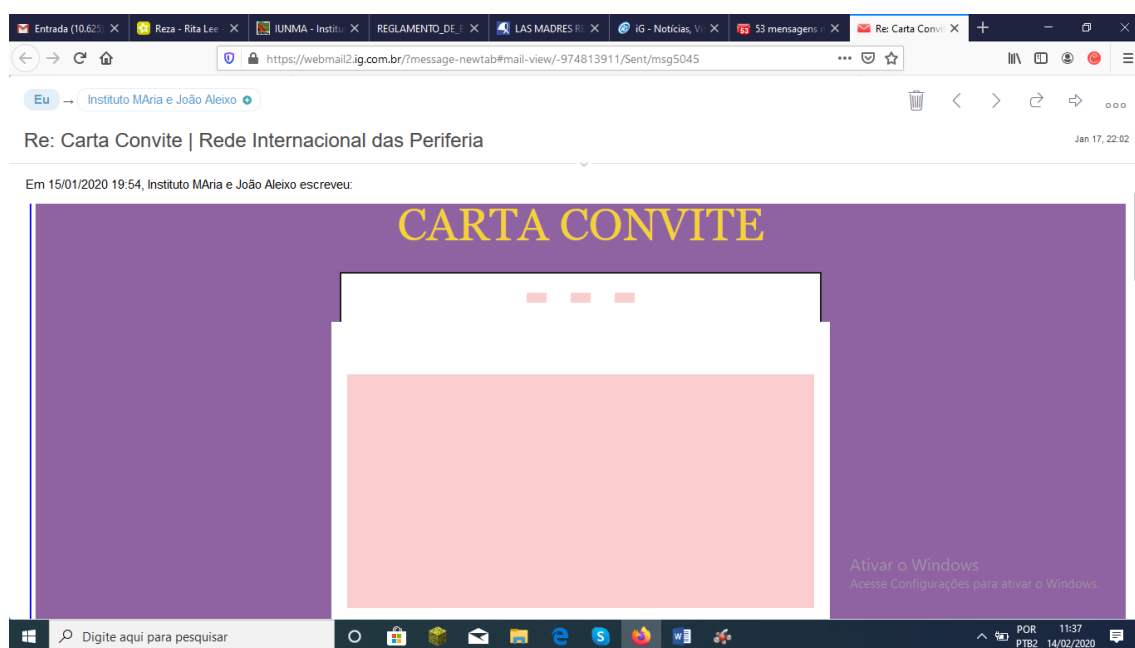
ARTICULO 8° — El Poder Ejecutivo nacional asignará, por única vez, una partida presupuestaria para atender los gastos emergentes de la implementación del Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos “Madres de Plaza de Mayo”.

ARTICULO 9° Comuníquese al Poder Ejecutivo nacional.

DADA EN LA SALA DE SESIONES DEL CONGRESO ARGENTINO, EN BUENOS AIRES, A LOS VEINTIDOS DIAS DEL MES DE OCTUBRE DEL AÑO DOS MIL CATORCE.

— REGISTRADO BAJO EL N° 26.995 —
AMADO BOUDOU. — NORMA A. ABDALA DE MATARAZZO. — Lucas Chedrese. — Juan H. Estrada.

ANEXO 3: CARTA CONVITE REDE INTERNACIONAL DAS PERIFERIAS



Caríssimo Ivandilson,

O desafio de criar uma universidade internacional da sociedade civil dedicada a formar especialistas nas periferias, especialmente pessoas delas oriundas, assim como disseminar o seu reconhecimento como territórios e sujeitos potentes é uma utopia só possível se sonhada e realizada coletivamente. Por isso, temos o prazer de te convidar para ser um dos nossos colaboradores na condição de pesquisador docente. Como sabemos que você tem uma vida tomada por muitas atividades e tempo restrito, tomamos o cuidado de definir um escopo mínimo de atividades colaborativas. De acordo com o processo e sua disponibilidade, você poderá se envolver mais em nosso leque amplo de iniciativas.

Assim, esperamos de você, como pesquisador docente:

1. Que se disponha a participar de uma atividade formativa por ano (pode ser uma palestra, um minicurso, uma oficina, uma disciplina etc);

2. Que se disponha a orientar a até dois educandos por ano em sua área de interesse ou atuação, com uma carga horária de 12 horas anuais, distribuída em comum acordo com os educandos;
3. Que concorde em partilhar sua produção no campo de estudo ou pesquisa, no formato que a desenvolve, em nossa plataforma.

Como contrapartida, você terá:

- a) A perspectiva de participar de uma rede, nacional e internacional, de pesquisadores(as) em temáticas dedicadas às periferias, ampliando sua compreensão do Paradigma da Potência e a capacidade de sua utilização em seus estudos;
- b) A possibilidade de participar de editais restrito a nossos(as) colaboradores(as);
- c) A possibilidade de atuar em nossos cursos – livres, de especialização e, futuramente, mestrado profissional;
4. A possibilidade de publicar seus livros pela Eduniperiferia – nosso selo editorial;
5. Ter prioridade na participação em eventos a serem realizados por nós;
6. A possibilidade de apresentar solicitação de apoio para participação em eventos nacionais ou internacionais que contribuam para o desenvolvimento da missão da UNIperiferias/IMJA;
7. Ter prioridade na seleção para nossos programas de residência, intercâmbio etc;
8. Receber descontos na aquisição de nossas publicações eventualmente vendidas.

Para tornar-se integrante da Rede Internacional de Pesquisadores clique aqui

Evidencia-se, então, que temos muito a ganhar se seguirmos juntos na caminhada. Sem você, bem sabemos, será muito mais difícil nela seguir. Logo, contamos muito com você. Não deixe de estar conosco e vamos juntos construir uma democracia que atenda de forma plena às demandas das populações periféricas.

Conselho Diretor da UNIperiferias/IMJA

Telefone para contato: + 55 21 3105-4599

ANEXO 4: FOTOS



**FOTO 17: Com Hebe de Bonafini, Associação das Madres de Plaza de Mayo
(Arquivo pessoal/pesquisa de campo, 18/01/2019)**



**FOTO 18: Com as Madres de Plaza de Mayo, Marcha 2128.
(Arquivo pessoal/pesquisa de campo, 21/01/2019)**



**FOTO 19: Marcha 2128, Madres de Plaza de Mayo
(Arquivo pessoal/pesquisa de campo, 21/01/2019)**



**FOTO 20: Marcha 2128, Madres de Plaza de Mayo
(Arquivo pessoal/pesquisa de campo, 21/01/2019)**



FOTO 21: Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos Madres de Plaza de Mayo, Buenos Aires (Arquivo pessoal/pesquisa de campo, 20/01/2019)



**FOTO 22: Marcha 2128, Madres de Plaza de Mayo, Buenos Aires
(Arquivo pessoal/pesquisa de campo, 21/01/2019)**



FOTO 23: Marcha 2128, Plaza de Mayo, Buenos Aires
(Arquivo pessoal/pesquisa de campo, 21/01/2019)



FOTO 24: Maradona e as Madres Plaza de Mayo, Foto no mural da Associação
(Arquivo pessoal/pesquisa de campo, 21/01/2019)



FOTO 25: Plaza de Mayo
(Arquivo pessoal/pesquisa de campo, 21/01/2019)



FOTO 26: Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos Madres de Plaza de Mayo (Arquivo pessoal/pesquisa de campo, 21/01/2019)